

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

JANAÍNA FERREIRA SILVA

MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE PROFESSORES E ESTUDANTES DA ESCOLA
ESTADUAL DE UBERLÂNDIA.
UBERLÂNDIA/MG.

UBERLÂNDIA
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

JANAÍNA FERREIRA SILVA

MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE PROFESSORES E ESTUDANTES DA ESCOLA
ESTADUAL DE UBERLÂNDIA.
UBERLÂNDIA/MG.

Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em
História Social, a Universidade Federal de Uberlândia,
como exigência parcial para obtenção do Título de
Doutora em História Social.

Área de Concentração: História
Social

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Célia
Rocha Calvo

UBERLÂNDIA
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S586m Silva, Janaína Ferreira, 1981-
2016 Memórias e histórias de professores e estudantes da Escola Estadual
de Uberlândia. Uberlândia/MG. / Janaína Ferreira Silva. - 2016
225 f. : il.

Orientadora: Célia Rocha Calvo.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa
de Pós-Graduação em História.
Inclui bibliografia.

1. História - Teses. 2. História social - Teses. 3. Escolas públicas -
Uberlândia (MG) - História - Teses. 4. Escola Estadual de Uberlândia -
Teses. I. Calvo, Célia Rocha. II. Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 930

MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE PROFESSORES E ESTUDANTES DA ESCOLA
ESTADUAL DE UBERLÂNDIA. UBERLÂNDIA/MG.

Tese aprovada para obtenção do título de Doutora no
Programa de Pós-Graduação em História Social da
Universidade Federal de Uberlândia (MG) pela banca
examinadora formada por:

Uberlândia, 04 de março de 2016

Prof.^a Dr.^a Célia Rocha Calvo, UFU (orientadora)

Prof.^a Dr.^a Heloisa Helena Pacheco Cardoso, UFU/MG

Prof.^a Dr.^a Giselda Costa da Silva, UFU/MG

Prof.^a Dr.^a Leandra Domingues Silvério, UFTM/MG

Prof. Dr. Jiani Fernando Langaro, UFGD/MS

*Aos que foram
que são e que virão a ser professores e
estudantes da Escola Estadual de
Uberlândia, que acreditam na Escola
Pública enquanto um Direito Social.*

Agradecimentos

Esse trabalho só foi construído com a colaboração de muitas pessoas. Sinto uma imensa gratidão a todas elas e não é possível mensurar com palavras a importância que cada uma delas teve para a realização dessa tese.

Os meus agradecimentos a tantos trabalhadores que geram, através de seu trabalho, os recursos que possibilitam a existência dessa universidade pública, os professores que aqui trabalham, os cursos de graduação e pós-graduação que temos e as bolsas de estudos (no caso a CAPES) que nos possibilitam usufruir desse momento único de dedicação de estudos em nossas vidas. Conforme as colocações do historiador E. P. Thompson em “Educação e Experiência”, que possamos caminhar com práticas no social que proporcionem uma maior relação de igualdade entre a universidade, os trabalhadores e suas experiências de vida. Os centros acadêmicos só têm a ganhar quando reconhecerem o mundo extramuros que os constituem.

Agradeço à professora e orientadora Célia Rocha por ter acreditado no projeto inicial de onde se originou essa tese, e por nunca deixar de acreditar que esse trabalho fosse possível. Por todo o seu empenho e comprometimento ao longo desses quatro anos. Por ensinar sobre a importância de assumirmos nossos posicionamentos políticos em nossas pesquisas e na vida como um todo. Sou muito grata pela paciência frente ao meu jeito teimosa de ser, que tenho certeza que pode ter extrapolado em muitas situações, pela compreensão frente aos meus tempos de reflexão. Apreendi o significado da escola pública enquanto um direito social e espero ainda crescer mais com essa relação após a finalização desse trabalho, enquanto professoras que estão a pensar e refletir sobre os espaços sociais da nossa cidade.

Agradeço também à professora Heloísa Helena Pacheco Cardoso, que esteve sempre presente no caminho dessa pesquisa, nas disciplinas durante o Curso de Doutorado, ainda quando esse trabalho estava muito indefinido, na banca de qualificação auxiliando muito em esclarecimentos e no desenvolvimento de várias questões ao longo do trabalho. Professora que também foi uma presença marcante ao longo da minha formação como historiadora nos Cursos de Graduação e Mestrado e com a qual tive a oportunidade de aprender algumas primeiras noções sobre a pesquisa em História. A sua competência, sabedoria e postura de professora-pesquisadora me inspiram, foi um grande privilégio ser sua aluna e orientanda durante o mestrado e a graduação.

Sinto também imensa gratidão ao professor Paulo Roberto de Almeida. Admirável professor que também esteve presente ao longo da minha vida acadêmica, por mostrar sempre um comprometimento e uma preocupação com as pesquisas desenvolvidas na linha de pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais. A sua colaboração ao longo das disciplinas do Curso de Doutorado, mesmo quando ainda acompanhava como ouvinte disciplinas na pós-graduação, foi fundamental para o desenvolvimento dessa pesquisa. Espero ainda aprender a partir de diálogos gerais sobre “os mundos dos trabalhadores”, e também sobre os caminhos e rumos que esse trabalho ganhou e que poderia ter ganhado.

Ao professor Jiani Fernando Langaro pelos vários momentos em eventos que podemos conversar sobre essa pesquisa e as indicações de leituras, sem contar a importância da sua participação na banca de qualificação com esclarecimentos, considerações e apontamentos em pontos antes não notados. Sou muito grata pela sua colaboração que foi imprescindível para a finalização desse trabalho, espero, pelo menos em parte, ter chegado e contemplado as suas colocações.

Às professoras Giselda e Leandra por se disponibilizarem a leitura do resultado final desse texto para a banca de defesa, os apontamentos e críticas são bem vindos nesse processo de formação.

À professora Dilma Andrade de Paula pela seriedade com que ministrou disciplinas, pelas sugestões de leituras e ideias ao longo do curso.

Aos professores da UNIOESTE, Antônio de Pádua e Rinaldo Varussa, que, como professores visitantes, auxiliaram nos debates durante as disciplinas, apontando possíveis caminhos. O curso foi mais rico com a presença de suas idéias e perspectivas de pesquisas.

À professora Marta Emísia pelas provocações e questões e que merecem ser refletidas por toda a vida.

Aos professores da Linha de Trabalho e Movimentos Sociais por proporcionarem eventos e momentos de discussões que contribuíram a realização dessa pesquisa.

Aos professores do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, principalmente aqueles em que estive como aluna em disciplinas oferecidas ao decorrer do Curso de Doutorado, onde suas contribuições estiveram presentes com debates e indicações de leituras.

Aos colegas da Linha Trabalho e Movimentos Sociais, Cíntia, Elias, Iraneide, Rodrigo, Rosana, Artur, Késia e Auricharme, pelos debates calorosos em disciplinas e eventos, por termos dividido as aflições da realização de nossas pesquisas.

À Rosane por, dentro de nossas possibilidades e correrias de escrita e pesquisa, dividíamos nossas preocupações. Espero ainda compartilhar ideias, debates e usufruir mais tempo juntas, que ainda não pudermos ter, uma amizade que surgiu em um tempo da vida de intenso trabalho. Desejo boa sorte na sua caminhada.

À Valéria pelos risos e por dividir sua presença sempre alegre e bem humorada. Espero ainda também compartilhar de muitos outros momentos descontraídos.

Às amigas Gisele e Juliana. Uma amizade de longa data e que dentro desse momento da vida de estudo sempre estiveram presente, dividindo as angústias, as alegrias e sonhos. A presença de vocês como ombro amigo foram importantes ao longo desse caminho, sem vocês com certeza esses anos teriam sido mais duros. E a Renata também, que não deixou de expressar palavras de incentivo e apoio.

À Pâmela pela amizade construída ao longo desses anos. O seu apoio, a sua solidariedade foi importante na realização desse trabalho, principalmente nos momentos mais difíceis, suas palavras me incentivaram. Sou muito grata pela sua presença amiga e estou na torcida, e a disposição em ajudar, em seus próprios quatro anos de estudo e desespero!

Aos meus pais, Divina e Edivandro e a minha irmã Josy, que sempre me apoiaram em meus planos e minhas escolhas e que me ajudaram como puderam na realização dessa tese. Por nunca deixarem de compreender minha ausência em muitos momentos nesses anos.

À Maísa, minha pequena, que foi crescendo junto com essa tese, ainda tão criança precisou conhecer os difíceis compromissos que assumimos quando adultos. Uma criança com a compreensão de gente grande. Acredite você me contagiou com sua alegria e entusiasmo pela vida e por esse trabalho. A mamãe finalmente terminou a tese, agora, se ainda der, temos todo o tempo do mundo para brincar!

Ao Fabrício, meu companheiro de todos os últimos 16 anos, que acompanhou nos últimos quatro anos, todos os meses, dias e minutos as minhas aflições e as minhas incertezas frente a essa tese, que não deixou de me ouvir, de me apoiar e de ler esse trabalho, mesmo diante as nossas as diferenças! (Fabrício, definitivamente, existe sim lutas de classes!) Eu não teria chegado até aqui sem o seu incentivo. Você acompanhou como ninguém o trabalho em torno da construção dessa tese. Obrigado pelas caminhadas de reflexão e debates, por aflorar em mim o gosto pelo estudo, pelo trabalho do professor e a pela pesquisa. Espero ainda construirmos e realizar muitos sonhos juntos.

À todos os meus entrevistados. Sem vocês esse trabalho não seria possível. Vocês abriram suas casas, seus sentimentos, suas expectativas, o passado que viveram ou que gostariam de ter vivido. Sou muito grata por terem aceitado participar dessa pesquisa, com

vocês eu pude romper muitas dificuldades e acredito que passei a compreender, pelo menos um pouquinho, o que é ser estudante e professor nessa escola pública da cidade.

À Eleusa, professora da Escola Estadual de Uberlândia, e Maria Antônia, assistente administrativo, que me ajudaram como puderam na realização dessa tese. Eleusa com fotografias e palavras de incentivo, Maria Antônia abrindo por várias vezes o arquivo da escola, é admirável o carinho de vocês pela escola e pelo trabalho que realizam nela.

Às amigadas construídas na Escola Estadual de Uberlândia pelo bom convívio quando lá estive como professora e as palavras de incentivo que tive ainda na elaboração do projeto inicial dessa pesquisa.

Aos funcionários do Arquivo Público Municipal de Uberlândia, que sempre me atenderam com presteza, ajudando a encontrar documentação, e pelas conversas descontraídas durante os cafezinhos, que foram bem vindas em meio ao cansaço e a rotina ao longo dos dois anos em que estive lá fazendo o levantamento para a pesquisa.

E aqueles todos que de alguma forma compartilharam ou acompanharam os momentos de realização desse trabalho.

Resumo

Esta pesquisa aborda experiências e memórias de professores e estudantes da Escola Estadual de Uberlândia/MG. O período de delimitação desse estudo é de 1954 a 2011. Procurei tratar de uma instituição escolar pública através das histórias de seus principais sujeitos sociais, procurando alcançar uma relação entre a escola e os sentidos de ser estudante e professor. O foco da problemática é a multiplicidade de sentidos e significados elaborados por professores e estudantes dentro das relações vividas naquele espaço social da cidade de Uberlândia-MG. Analiso as relações entre as memórias existentes em torno dessa escola pública, que existe na cidade há mais de oitenta anos. Entre as várias memórias que professores e estudantes trouxeram através das entrevistas realizadas foi perceptível a existência de uma memória dominante, que, inclusive, justifica o fato da escola ter se tornado Patrimônio Histórico Municipal de Uberlândia. A utilização de entrevistas orais com professores e ex-estudantes apontou uma diversidade conflituosa entre memórias. Essa pesquisa tratou ainda de algumas trajetórias sociais de ex-estudantes-trabalhadores da cidade e da escola, mostrando os significados do estudar e, ainda, o processo vivido de mudanças ocorridas na educação brasileira durante a Ditadura Militar, quando a Escola Estadual de Uberlândia passou a ser uma instituição ainda mais frequentada por estudantes das classes trabalhadoras. O trabalho tratou ainda do processo de constituição da escola enquanto um direito social, o que ficou mais evidente durante os anos de 1980, momento em que professores vão imprimir outro sentido aquela que chamamos de memória dominante.

Palavras-Chave: Escola Pública em Uberlândia - Professores – Estudantes.

Abstract

This research addresses experiences and memories of teachers and students of the Escola Estadual de Uberlândia / MG. The delimitation of the study is from 1954 to 2011. I tried to deal with a public educational institution through the histories of its main social subjects, seeking to achieve a relationship between the school and the sense of being a student and professor there. The focus of the problem was the multiplicity of meanings produced by teachers and students within the relationships in that social space of the city of Uberlândia-MG. Analyze the relationship between memories around this public school, which exists in the city for more than eighty years. Among the many memories that teachers and students brought through the interviews was noticeable that there is a dominant memory, which also justifies the fact that the school has become municipal heritage of Uberlândia. The use of oral interviews with teachers and former students pointed to a conflict between diversity memories of this school. This survey also addressed some social trajectories of former student-city workers and school, showing the significance of the study, and still lived process of changes in Brazilian education during the military dictatorship. The work also dealt with the school process being made while a social law, which became more evident during the 1980s, at which teachers will print another sense that we call dominant memory.

Keywords: Public school in Uberlândia - Teachers - Students.

LISTA DE IMAGENS

Mapa 1: A cidade de Uberlândia-MG com destaque para a E.E de Uberlândia	17
Mapa 2: Cidade de Uberlândia com a localização de escolas criadas após o ano de 1971	128
Mapa 3: A cidade com a localização dos prédios anexos a E.E de Uberlândia	139
Imagem 4: Apresentação de ginástica no pátio da escola	161
Imagem 5: Apresentação de dança de estudantes	162
Imagem 6: Apresentação de ginástica	162
Imagem 7: Professora durante discurso	170
Imagem 8: Alunos e professores no pátio da escola	171
Imagem 9: Baile de estudantes na escola	172
Imagem 10: Banda durante baile	173
Imagem 11: Estudantes em dança	173
Imagem 12: Desfile de estudantes na cidade	178
Imagem 13: Fachada da escola	188

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1: UMA ESCOLA PÚBLICA, MUITAS MEMÓRIAS: PATRIMÔNIO DE MUITOS	40
CAPÍTULO 2: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES DA ESCOLA ESTADUAL DE UBERLÂNDIA.....	94
CAPÍTULO 3: ESTUDANTES, PROFESSORES E A EXPANSÃO DA ESCOLA PÚBLICA.....	127
CAPÍTULO 4: ESCOLA ESTADUAL DE UBERLÂNDIA: PROFESSORES E ESTUDANTES NA CONSTRUÇÃO DE UM DIREITO.....	167
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	204
ARQUIVOS, ACERVOS E FONTES.....	209
REFERÊNCIAS.....	218

INTRODUÇÃO

Ao pensarmos em uma escola pública, logo a relacionamos a um lugar social formado por professores e estudantes. Trata-se de um espaço de estudo e trabalho de muitas pessoas, que compõem, com seus modos de viver, a cidade em sua totalidade. Nesse sentido, pensar uma destas escolas públicas, a Escola Estadual de Uberlândia, é considerá-la uma instituição constituída por diferentes práticas sociais de sujeitos históricos e, em consonância com Raymond Willians, levar em conta que

(...) ainda não se pode supor que a soma de todas essas instituições [sociais] seja uma hegemonia orgânica. Pelo contrário, exatamente por não ser uma “socialização”, mas um processo hegemônico complexo, é na prática cheio de contradições e conflitos não solucionados. É por isso que não deve ser reduzido às atividades de “um aparato ideológico”. Esse aparato existe, embora de maneira variável, mas todo o processo é muito mais amplo, sendo autogerador sob muitos aspectos importantes.(...)¹

Quando compreendemos a escola como uma instituição formada por pessoas que alimentam sonhos, projetam expectativas e carregam interesses, ultrapassamos os limites do reducionismo apontado por Willians. Avançamos para a reflexão sobre uma realidade histórica repleta de contradições e conflitos vividos pelos sujeitos sociais.

Sob essa perspectiva, pensar a escola pública significa compreendê-la como um local em que os sujeitos sociais – estudantes e professores, mas não só eles – produzem significados para a realidade vivida por eles na cidade a partir desta instituição, vice e versa. Não há como desvincular a escola do restante da vida em sociedade. Sua constituição significa a formação de um espaço social referenciado em uma multiplicidade de memórias de pessoas em suas práticas de estudo e trabalho, ao longo de todo seu tempo de existência na cidade.

Nesta tese procuro compreender as experiências de estudantes e professores da Escola Estadual de Uberlândia, na cidade de Uberlândia-MG, em relação a um amplo processo de mudanças pelos quais passou essa escola pública.²

¹ WILLIANS, Raymond. Tradições, Instituições e Formações. In: **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar. 1977. p. 122.

² Atualmente a Escola Estadual de Uberlândia tem turmas do 6º ao 3º Ano do Ensino Médio. Funciona nos três turnos com um número de estudantes entre mil quinhentos e mil oitocentos. No turno noturno oferece Ensino de Jovens e Adultos e Ensino Técnico em parceria com a Universidade Federal de Uberlândia. Ao longo da sua existência teve várias denominações, que obedeciam as legislações de cada época: Gymnásio de Uberabinha, Ginásio Mineiro de Uberlândia, Colégio Estadual de Uberlândia e, por fim, Escola Estadual de Uberlândia. Ela é conhecida informalmente na cidade pelo apelido “Museu”.

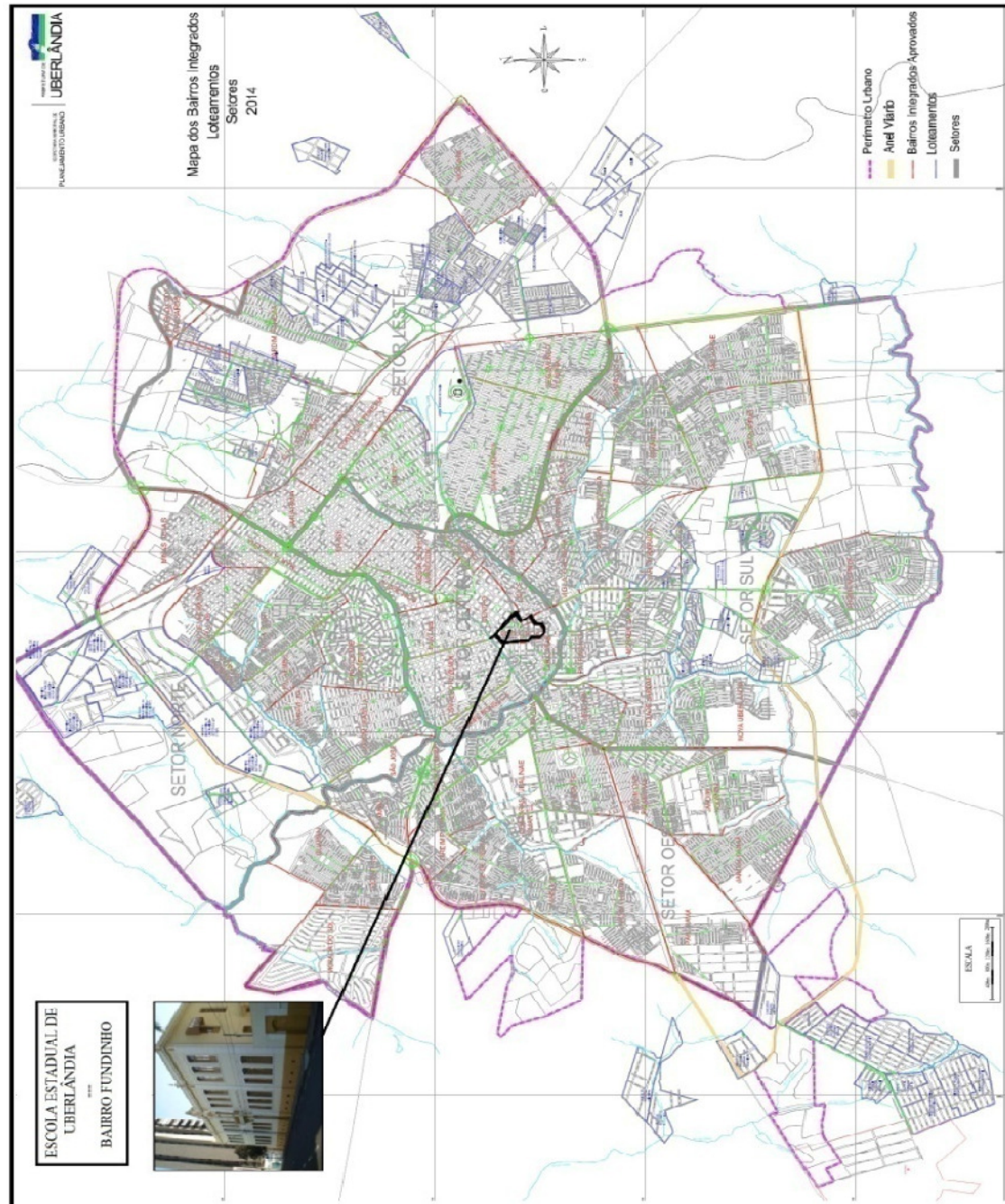
A Escola Estadual de Uberlândia foi tombada como Patrimônio Histórico-Cultural do município em 2005. Seu prédio foi erguido no ano de 1921 e em 1929 a escola foi estadualizada; dessa forma completa, neste ano de 2016, 87 anos de funcionamento como escola pública. Está localizada no bairro Fundinho, uma região da cidade onde se constituíram os primeiros traços de vida urbana de Uberlândia e onde se encontram outras edificações tombadas pelo poder municipal.³

Seu prédio tem dois andares, com grandes janelas voltadas diretamente para a rua e uma porta de madeira de duas folhas. Interessante notar que não há a seu redor um extenso muro de tijolos, como é comum em diversas outras escolas na cidade. A Escola Estadual de Uberlândia se expõe à primeira vista e de forma impactante através de, seu prédio, que conjuga-se com a Praça Adolfo Fonseca, localizada bem a sua frente. É sem dúvida, um lugar construído com intenções de “embelezar” a cidade em outros tempos.

Déa Fenelon nos chama atenção para as marcas que são impressas concretamente no espaço urbano através das relações de embates entre classes sociais; marcas que não deixam de indicar-nos algumas dimensões do passado. A Escola Estadual de Uberlândia, através de seu prédio, expressa uma materialidade de sentidos e significados sobre as escolas e a educação vividos na cidade em tempos passados.⁴

³ São eles: o Conjunto da Praça Clarimundo Carneiro (Edifício da Câmara Municipal e o Coreto), a Casa da Cultura, o prédio da Oficina Cultural, a Residência Chacur, o Prédio da Biblioteca Municipal e a Igreja Nossa Senhora das Dores. Informações retiradas do livro: **Patrimônio Cultural**: que bicho é esse? Secretaria Municipal de Cultura. Uberlândia: Aline Editora e Artes Gráficas. Ltda. 2010. 52 p. Ver também: GOULART, Maurício Guimarães. **Apenas uma fotografia na parede**: caminhos de preservação em Uberlândia. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

⁴ FENELON, Déa. Introdução. In: **Cidades**. Pesquisa em História. Programa de Estudos Pós-Graduados em História PUC-SP, São Paulo. Olho d' água. p. 5-14, dez. 2000 .



Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia. Em destaque a localização na cidade do bairro Fundinho.

O mapa acima destaca a localização do bairro Fundinho em Uberlândia e a escola que se tornou patrimônio. Lá trabalhei como professora de história em turmas de Ensino Fundamental e Médio entre os anos de 2008 a 2011. Foi atuando nessa instituição que, aos poucos, foram surgindo para mim algumas inquietações: o que significa trabalhar em uma escola pública? Acreditar na falência institucional desses espaços de estudo e trabalho?

Estar nessa escola pública parecia trazer a mim aspectos de sua história que, em um primeiro momento, levavam-me a compreender que as escolas públicas estariam em condições negativamente irreversíveis em suas funções sociais. A partir dessa inquietação, voltei-me ao passado de professores e estudantes na intenção de aprender sobre suas experiências, buscando os significados de estudar e trabalhar nessa escola pública ao longo do tempo.

Assim, formula-se o seguinte problema para essa tese de doutoramento em História: como professores e estudantes construíram significados para suas práticas em uma escola pública na cidade? Quais são os sentidos elaborados por esses sujeitos à Escola Estadual de Uberlândia? Como e por que produzem esses determinados sentidos e significados? No caminho da investigação as evidências foram me indicando um processo de intensas mudanças na vivência, organização e atribuição de sentidos à Escola Estadual de Uberlândia (e às escolas públicas de forma mais geral), levando-me a delimitar uma temporalidade de estudos partindo-se dessa época até tempos mais contemporâneos.

Também ao longo da realização da pesquisa sobre o passado das vivências sociais de professores e estudantes nessa escola pública, surgiu de maneira muito forte uma forma de memória que parece ter conseguido centralidade, ou pelo menos grande representação, na sociedade em Uberlândia. Essa memória conduzia-me, em minhas primeiras inquietações, a uma ideia de que as escolas públicas estariam vivendo uma imensa “crise”, elas não estariam conseguindo cumprir suas funções sociais básicas de ensino e formação. Um passado “glorioso” da Escola Estadual de Uberlândia, segundo aquela construção de memória, seria a “prova” irrefutável que estariam mesmo as escolas públicas a caminho de sucumbirem.

Várias narrativas, tanto em relatos orais quanto em documentação escrita, formulam de forma mais ou menos convergente, uma memória que afirma essa escola como “a melhor da cidade”, com professores de grande conhecimento e estudantes que conseguiam resultados em aprovações de vestibulares e concursos até mesmo nas capitais. Uma escola que colocava Uberlândia como uma cidade de destaque na região, e mesmo no país. Essa mesma memória, que, como tal, é elaborada em intrincadas relações de presente, passado e futuro pelos sujeitos

sociais, acaba por reforçar um sentido de que professores e estudantes fazem e vivem hoje as escolas públicas em uma situação de calamidade educacional.

Um trecho da entrevista concedida a Luiz Claudio de Oliveira, de um dos diretores da Escola Estadual de Uberlândia, Osvaldo Vieira Gonçalves, colabora na compreensão dos aspectos apontados acima:

Luiz Claudio Oliveira: Dando prosseguimento à nossa entrevista, professor Osvaldo Vieira Gonçalves, nós perguntaríamos o seguinte: em seu tempo como diretor, como educador (...) quais eram as principais preocupações quanto à instrução e a formação dos alunos e da juventude de um modo geral?

Osvaldo Vieira Gonçalves: Havia muito menos preocupação que hoje. Principalmente porque havia mais dedicação ao estudo. Os alunos eram mais atenciosos, mais obedientes e mais estudiosos também. E notava-se uma coisa muito importante. Todos aqueles que quando, eu era Reitor, como se dizia, do Colégio Estadual de Uberlândia, conseguiam passar em seus exames vestibulares, nas escolas superiores de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, sem necessidade de concurso, porque já saiam preparados pra isso. Hoje, há muito menos interesse, nessa parte, menos cuidado, e proliferaram naturalmente essas instituições que buscam complementar aquilo que os alunos não trazem em seus estudos regulamentares. (...)

Luiz Claudio Oliveira: Prof.º, há notícias de que o Colégio Estadual de Uberlândia era um dos melhores do interior. O Estadual de Uberlândia. Que o corpo de professores era um dos mais brilhantes. Como é que era ser professor aqui em Uberlândia? A sociedade valorizava o trabalho do professor? Como era o seu relacionamento com outros diretores de escolas também tão importantes como o professor Milton Porto, José Ignácio e também como era o seu relacionamento com os poderes públicos, com a classe política, com a classe empresarial?

Osvaldo Vieira Gonçalves: Bom, nunca deixei que a classe política de Uberlândia interferisse dentro do Colégio. Nunca aceitei interferência, viu? Depois eu vou citar um fato também pra vocês viu? E... o corpo docente não era escolhido a não ser por contrato, por chamado nosso, porque não havia concurso pra isso naquela época. De modo que era... não havia também, não havia também curso, ouviu de Pedagogia no Brasil. De modo que os professores eram engenheiros, médicos, farmacêuticos, advogados, compreendeu? Cada um que às vezes se especializava numa coisa e que naturalmente era chamado e nós tínhamos excelentes professores. Excelentes professores. Prof. de Desenho Eurico Silva, prof. de português, prof. de matemática. Gente, gente notável nós tivemos lá dentro, né? Agora sempre dessa maneira. Não havia concurso, tanto que não havia escola de pedagogia no Brasil. A 1ª escola que se fundou no Brasil foi em São Paulo, se não me engano em 1935, 1936. Pois é a pouco tempo? De lá pra cá então é que começava a aparecer os professores formados em Pedagogia e em outra carreira qualquer de ensino, sabe? Mais antes não havia. Em toda parte era assim: eram professores liberais e que pela sua competência, ensinavam, né, viu? Nós tínhamos um bom corpo docente, viu?⁵

⁵ Osvaldo Vieira Gonçalves. Uberlândia, 25 de jan. de 1990. Entrevista concedida a Creuza Rezende, Luiz Cláudio Oliveira e Maria José Mamede. Essa entrevista foi realizada dentro do Projeto Depoimentos da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Disponível no Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Em 1990, Sr. Osvaldo Vieira Gonçalves tinha 85 anos. Ele foi primeiramente Professor, Reitor e, depois da mudança de nomenclatura, Diretor do Colégio Estadual de Uberlândia, hoje Escola Estadual de Uberlândia, de 1939 a 1966. Apesar de ser Farmacêutico de formação, o Sr. Osvaldo Vieira Gonçalves lecionava Língua Portuguesa e finalizou a sua carreira profissional como professor na Universidade Federal de Uberlândia no Curso de Letras.

O Sr. Osvaldo Vieira Gonçalves atuou como diretor na instituição entre 1939 e 1966, residindo, inclusive, no segundo andar do prédio da escola por vários anos, quando ela tinha ainda a denominação de Colégio Estadual de Uberlândia. O trecho da entrevista realizada em 1990 permite contato com uma construção do passado, pela elaboração de memórias, de práticas de professores e estudantes dessa escola pública. As características evocadas em várias referências desse passado – não só por Sr. Osvaldo, ao longo dos capítulos essa questão será melhor discutida - “de melhor escola da cidade”, “excelentes professores” e “alunos aprovados em escolas superiores” levaram-me a compreensão de que uma “memória de excelência” sobre a Escola Estadual de Uberlândia teve uma construção e possui ainda uma existência muito forte na cidade.

Entretanto, essa memória não é única na sociedade e tampouco monolítica em si mesma. Há uma multiplicidade de memórias elaboradas e histórias vivenciadas e experimentadas a partir das mais diferentes práticas sociais no estudar e trabalhar que não são contempladas naquela memória ou mencionadas por muitas das narrativas que as dão corpo.

O destaque da “excelência” desta memória, exemplificada nessa Introdução através da entrevista do ex-diretor Osvaldo Vieira Gonçalves, possui como uma de suas bases de sustentação mais aclamadas a aprovação de alunos da escola em faculdades de diferentes capitais do país, em um momento que Uberlândia ainda não possuía instituições de ensino superior. Ao valorizar essa questão, alguns indivíduos e grupos sociais atribuem um sentido de destaque nacional para a cidade. O grande número de aprovações de estudantes da Escola Estadual naqueles exames permitia igualar Uberlândia às capitais do país, consideradas “centros culturais”. Dessa forma, as pessoas que trabalhavam e estudavam naquela escola pública faziam dela, ainda segundo aquela memória, um dos lugares de referência cultural da cidade.

A presença ativa dessa memória nas relações existentes na escola, que adjetiva o passado com um conjunto de elementos eminentemente positivos da instituição que, em termos analíticos e narrativos chamarei de “excelência”, acaba por criar uma compreensão que o presente da Escola Estadual de Uberlândia (e demais escolas públicas, discutiremos mais adiante nessa tese) perdeu sua qualidade educacional. Daquele passado restaria apenas a arquitetura “histórica” do prédio da escola, que deve ser preservado devido a valores sociais que também merecem nossa reflexão.

Acontece, no meu entender, que há nessas relações de memória entre o presente e o passado da Escola Estadual a construção de um sentido de desvalorização sobre nossas práticas enquanto professores e estudantes. O processo de democratização, por exemplo,

através do qual a escola, ao longo de décadas, foi se concretizando como um bem público, a serviço de todos, não é referenciado naquela memória.

Os fundamentos para nossa reflexão historiográfica sobre tal “memória de excelência” foram construídos em diálogo com os estudos do Grupo de Memória Popular.⁶ Suas noções e concepções compreendem a existência de um campo de produções sociais de memórias, podendo alguma delas ganhar centralidade, e, com isso, fazer perder foco outras tantas memórias presentes na sociedade. Essa memória corresponde às experiências de professores e estudantes dessa escola? Se sim, como e em quais circunstâncias isso acontece?

É importante destacar que no projeto inicial de pesquisa esses elementos não estavam suficientemente esclarecidos. Ao tornar-me professora da Escola Estadual de Uberlândia envolvi-me com o passado construído por aquela memória dominante, acreditando que em tempos anteriores a educação, a escola, os estudantes e os professores eram de fato melhores que em nosso próprio tempo. A leitura que realizei naquele momento foi a de que a educação e a escola pública estavam vivendo uma profunda *crise* e que o passado vivido ali, naquela escola por outros professores e alunos, era a “referência perdida” de um ideal educacional.

No meu entender, naquele momento, tínhamos, nós trabalhadores da escola, que procurar resolver nossos problemas buscando aquele passado como uma âncora. Foram com essas intenções que o projeto inicial para a tese foi construído: discutir a crise educacional nas escolas públicas da cidade de Uberlândia, tendo como referência aquele suposto passado de “excelência” da Escola Estadual de Uberlândia.

Por outro lado, essa primeira hipótese possibilitou minha compreensão sobre a existência de projetos políticos que levam direta ou indiretamente à degradação de nossas escolas públicas. Mais do que isso, tais projetos não deixam de expressar a existência de conflitos entre classes sociais por esses espaços de nossa cidade (as escolas); os conflitos de classe podem ganhar forma ou expressão através de interpretações conjunturais de uma “crise”.

Espero que as reflexões dessa tese contribuam para a produção de um olhar mais cuidadoso sobre as práticas de professores e estudantes, valorizando esses sujeitos e o espaço público que lhes pertence. Que favoreçam a compreensão da importância de nossas escolas públicas, para os trabalhadores e estudantes que experimentam cotidianamente condições já

⁶ GRUPO DE MEMÓRIA POPULAR. Memória Popular: Teoria, Política, Método. In: FENELON, Déa; MACIEL, Laura; ALMEIDA, Paulo; KHOURY, Yara (orgs) **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d'água. p. 282-295.

tão desiguais de existência. A igualdade social passa pela defesa da educação como direito universal e o espaço para isso é a escola pública.

Ao longo da minha formação nos cursos de graduação e mestrado em História as questões relacionadas às experiências de trabalhadores na cidade de Uberlândia me despertavam interesse. Ainda nos estudos realizados para a pesquisa de monografia, os trabalhadores, frente à necessidade em utilizar o transporte público urbano na cidade de Uberlândia, estiveram no foco das minhas intenções e, posteriormente, na dissertação que analisou a vida e trabalho de motoristas e cobradores do transporte coletivo urbano de Uberlândia.⁷

Mas foi com a minha condição de professora de História em escolas públicas da cidade, mais especialmente na Escola Estadual de Uberlândia, que passei consolidar propósitos de pesquisa em torno de professores, estudantes e a escola pública, pensando suas relações sociais de vida e trabalho na cidade de Uberlândia.

A partir dessa trajetória, que conjugou o processo de minha formação como professora/pesquisadora em História, no curso de graduação e mestrado, e minha condição de trabalho em escolas públicas da cidade elaborei o projeto inicial, com aquelas primeiras hipóteses apresentadas aqui, redefinições foram acontecendo para o caminho da pesquisa através de várias circunstâncias. A disciplina em Estágio em Docência na Graduação com turmas de Estágio Supervisionado V, cuja proposta era ser realizado na Educação de Jovens e Adultos, foi uma dessas primeiras circunstâncias.

Ao acompanhar e participar com proximidade dessa disciplina, a definição de minha problemática de pesquisa foi sendo direcionando para a trajetória de vida dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos. Para tanto, realizei várias entrevistas com estudantes da EJA de algumas escolas da cidade (inclusive da Escola Estadual de Uberlândia) e iniciei uma pesquisa na imprensa relacionada àquele tema.

Naquele momento da pesquisa, meu objetivo era entender as experiências de trabalhadores quando retornavam à escola pública após um maior ou menor período sem estudar formalmente, buscando compreender se esses sujeitos estavam atendendo a política de profissionalização para o mercado de trabalho ao fazê-lo.

Mesmo tendo revisto minhas problematizações e focos de pesquisa, aquele direcionamento inicial não deixou de trazer contribuições importantes para a formação de

⁷ SILVA, Janaina Ferreira. *“Estamos transportando vida”*: Trajetórias e Experiências de motoristas e cobradores do transporte coletivo urbano de Uberlândia. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia. 2007. Uberlândia.

uma reflexão mais ampla sobre as nossas escolas públicas. Naquele momento tornou-se nítido para mim como as escolas públicas estão no centro de conflitos de classes sociais, pois há projetos de ação de grupos que almejam imprimir sobre elas determinadas funções que venham a atender seus próprios interesses, no caso de minha preocupação específica, a chamada “qualificação para o mercado”.

No diálogo realizado nas primeiras entrevistas, sobretudo com as realizadas com estudantes-trabalhadores do ensino noturno da Escola Estadual de Uberlândia, percebi que elaboravam um sentido de satisfação e importância à escola e ao fato de estarem retornando aos estudos (com as mais variadas expectativas). Ao entrevistar esses estudantes percebi que não seria possível deslocá-los do espaço social escolar em que constroem suas práticas. A análise e interpretação sobre essas evidências apontavam outros caminhos.

Entretanto, a própria pesquisa, orientações, leituras e discussões em disciplinas na pós-graduação direcionaram-me mais especificamente para as experiências sociais de professores e estudantes em torno da escola em que trabalhava, a Escola Estadual de Uberlândia. Não fazia mais sentido partir de uma possível “crise” da escola pública, pois isso significava preconcebê-la como algo “falido”, de forma até irreversível, e, com isso, talvez aderir ao projeto classista de desvalorização desses espaços na cidade.

Dentro daquele processo de reformulações, destaco duas leituras que me auxiliaram no pensamento e concepção da escola pública ao longo dessa pesquisa: “Imagens Quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres”⁸ e “Cabezas Rapadas y Cintas Argentinas”⁹. Através desses textos pude definir o que é uma escola pública dentro de minha problemática, articulando essa compreensão ao longo da pesquisa.

Pude entender que o espaço social de uma escola se faz com seres humanos nas suas mais complexas trajetórias sociais; não há como separá-lo do restante da vida social, pois estão em uma constante relação. As reflexões Miguel Arroyo colaboram nesse sentido ao afirmar que os percursos escolares dos estudantes estão conjugados com as suas trajetórias sociais, que são singulares e, ao mesmo tempo, coletivas. Torna-se necessário compreender as escolas públicas como lugares sociais que não estão fora do emaranhado das relações de classes vividas em nossa sociedade.

Professores e estudantes devem ser pensados como sujeitos sociais dentro dos espaços da cidade, que levam modos de vida, valores, sentidos de mundo e expectativas para o interior

⁸ ARROYO, Miguel. **Imagens Quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. 8ª Edição. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2014.

⁹ SARLO, Beatriz. Cabezas Rapadas y Cintas Argentinas. In:_____. **La Máquina Cultural: maestras, Traductores y vanguardistas**. 3ª Edição. Buenos Aires, Editora Seix Barral. 2007. p.13-74.

da instituição escolar. Devemos compreender currículos, organização do tempo escolar, avaliações e tantos outros elementos do universo de uma escola não como neutros, mas com a clareza de seus sentidos políticos.

Ao trazer essas questões, e tantas outras, Arroyo inspirou-me a pensar o processo em que a Escola Estadual de Uberlândia foi sendo ocupada por crianças, jovens e adultos das classes trabalhadoras, pois esse espaço social da cidade era uma escola que nem sempre esteve a serviço dessas pessoas. A escola, mesmo pública, atendia, em sua maioria, filhos das classes dominantes da cidade, e um dos instrumentos utilizado para isso eram os chamados “exames de admissão” realizado por muitos anos ao longo da existência dessa (e outras) instituição.

Ao longo da pesquisa, foi possível perceber o processo de inserção de estudantes-trabalhadores, e estudantes filhos de trabalhadores, na Escola Estadual de Uberlândia, que foram constituindo-se em sujeitos ativos na construção dessa escola. Nesse processo, cabe ressaltar a importância do professor na escola pública, pois ele passa a ser um dos profissionais que devem garantir o direito à educação aos trabalhadores no difícil campo da garantia dos direitos humanos.¹⁰

No caminho da construção do conhecimento histórico, como entender as relações entre professores e estudantes, na instituição e na cidade, para além das questões pedagógicas de sala de aula? Como compreendê-los como sujeitos históricos dentro de um espaço social de direito? Poder-se-ia buscar em suas narrativas significados mais amplos e profundos sobre ensinar e aprender na escola pública?

A possibilidade de melhores reflexões sobre essas questões foi surgindo ao entrar em contato com um estudo da pesquisadora argentina Beatriz Sarlo. Foi uma leitura que provocou profundas modificações na forma como eu estava entendendo a escola e as pessoas - professores e estudantes - que a constroem como espaço social nas relações vividas na cidade. As reflexões de Sarlo acontecem acerca de uma professora de uma escola na Argentina da década de 1930.¹¹

Ao analisar o depoimento da professora e diretora Rosa Del Rio, Sarlo não teve como propósito construir uma descrição de sua história de vida individual. Pelo contrário, ela articula um conjunto de relações contraditórias e ambíguas da sociedade argentina que

¹⁰ Outro texto que auxiliou na pesquisa dentro dessa perspectiva dos direitos sociais foi: TELLES, Vera da Silva. *Direitos Sociais: afinal do que se trata?* In:_____. **Direitos Sociais: Afinal do que se trata?** Belo Horizonte Editora UFMG. 1999. p.171-193

¹¹ SARLO, Beatriz. *Cabezas Rapadas y Cintas Argentinas*. In:_____. **La Máquina Cultural: maestras, Traductores y vanguardistas**. 3º Edição. Buenos Aires, Editora Seix Barral. 2007. p.13-74.

envolvia professores e estudantes. A pesquisadora relaciona as práticas da professora em um âmbito socialmente compartilhado, tentando compreender na conjuntura, as pressões e limites de uma mulher no começo do século passado, filha de imigrantes, que depois de aluna torna-se professora e diretora.

As provocações do texto da Beatriz Sarlo permitiram-me refletir melhor sobre as práticas dos sujeitos sociais em suas nuances, percebendo as contradições que cercam os valores elaborados por si mesmos em suas vidas. Pensar uma instituição social, como a Escola Estadual de Uberlândia, implica considerar as pessoas que ali trabalham e estudam e os conflitos gerados próprios das relações travadas entre classes sociais. Igualmente importante é levar em consideração os sentidos e significados particulares elaborados por elas para suas vidas em determinado processo histórico. Voltar-nos aos viveres de professores e ex-estudantes em torno de uma escola, dessa forma, significa lidar com modos e concepções que vão se constituindo como *culturas* na vida em sociedade, não se restringindo ao âmbito escolar.

Sob essa concepção, pensar uma instituição escolar como a Escola Estadual de Uberlândia exige não simplesmente inventariar modos de trabalhar e viver como se fossem fixos e imutáveis ao longo de um tempo, mas buscar “(...) as formas e atividades cujas raízes se situam em condições sociais e materiais de classes específicas.”¹² Stuart Hall, no texto “Notas sobre a desconstrução do popular” trouxe considerável apoio às minhas reflexões sobre “cultura”.

Hall entende o campo social como as relações construídas por diferentes grupos às quais determinadas formas culturais estão incorporadas. Ele afirma que não nos interessa “(...) os objetos culturais intrínseca ou historicamente determinados, mas o estado do jogo das relações culturais: cruamente falando e de uma forma bem simplificada, o que conta é a luta de classes na cultura ou em torno dela.”¹³

Nesse esteio, minha pesquisa deu destaque à existência de interesses opostos sobre o trabalho e estudo de professores e estudantes da Escola Estadual de Uberlândia. Parto do acúmulo de discussões que pesquisadores da renovação historiográfica marxista inglesa, entre os quais Stuart Hall está incluso, construíram ao longo de vários estudos.¹⁴

¹² HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do Popular. In:_____. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte, Editora UFMG. 2003. p. 247-264.

¹³ Ibid., p. 259.

¹⁴ Entre esses estudos destaco: THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa: A árvore da liberdade**. V.1, V. 2 e V. 3. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra. 4º ed. 1987; THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros**. 1981. Rio de Janeiro; Zahar Editores. WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar. 1977. WILLIAMS, Raymond. **Base e Superestrutura. Cultura e**

Minha proposta foi analisar como professores e ex-estudantes trabalhadores, e filhos de trabalhadores, constituíram-se como sujeitos sociais – professores, funcionários da escola de um modo geral e estudantes – dentro das condições vividas nessa escola pública da cidade. Suas experiências da vida em sociedade, nas relações com a educação em uma escola pública da cidade de Uberlândia, são os elementos aos quais tentamos nos aproximar.

É importante ainda apontar as análises do historiador E.P Thompson em “Educação e Experiência”¹⁵ como inspiradoras para minha pesquisa, especialmente suas discussões acerca das tensões vividas quando as culturas do povo, constituídas pelas experiências dos trabalhadores, não são consideradas pelas instituições e sistemas de ensino, o que gera o aprofundamento da desigualdade. O autor compreende que a educação, através das escolas públicas, muitas vezes foi encarada como “esmola” aos trabalhadores ou ainda como difusora de conhecimentos aos “desinformados”, não considerando, com isso, as experiências de sujeitos originadas nos mais diferentes âmbitos da vida em sociedade.

Não deveria existir uma classificação de importância entre as experiências e conhecimento de trabalhadores e aquele apresentado nas escolas. Contudo, sabemos que diferenciações pejorativas entre as experiências dos trabalhadores e uma “cultura letrada” são experimentadas frequentemente – esse ponto teve grande interesse para minha pesquisa, abordado através das memórias de professores e ex-estudantes da Escola Estadual de Uberlândia.

Nesse ponto, cabe esclarecer que “memórias” foram entendidas em suas formas, sentidos e significações como produções sociais, elencadas como evidências fundamentais para a pesquisa, e compreendidas em sua pluralidade social.¹⁶ A pluralidade de memórias existe por estas provirem de uma realidade social múltipla e conflituosa, assim, a escrita

Materialismo. Tradução André Glaser. 2011. São Paulo; Editora Unesp. HOGGART, Richard. **As utilizações da Cultura 1:** aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. 1957. Lisboa; Editorial Presença.

¹⁵ THOMPSON, E. P. Educação e Experiência. In:_____. **Os Românticos:** A Inglaterra na era revolucionária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 12-47.

¹⁶ A memória tem sido importante para pesquisas em diferentes campos de análise das ciências humanas, como a filosofia, a história e a sociologia. Sobre essa noção, que transita em diversos campos, muito foi escrito e discutido. As produções do sociólogo Maurice Halbwachs têm suscitado muitas discussões de pesquisadores que se propuseram a pensar memória. Halbwachs nasceu em 1877, era um sociólogo francês que foi assassinado em 1945 pelos nazistas. Entre suas obras mais importantes está “Os quadros sociais da memória” e “A Memória Coletiva”. Reconhece-se a importância das colocações do sociólogo, mas não ao ponto de compartilhar seus fundamentos nessa investigação. O coletivo aparece como um ponto chave para se chegar a algum passado. Quando alguns pontos comuns localizam-se nos indivíduos que formam o grupo é que podemos chegar a uma “massa” de lembranças, através de um sistema de conexões que interligam o coletivo e o indivíduo. Dessa forma, entende que são raras as lembranças que reapareçam sem estar ligada a um grupo. Mais detalhes ver: HALBWACHS, Maurice. Memória Coletiva e Memória individual; Memória e Memória Histórica In: **A Memória Coletiva**. 1990. São Paulo; Editora Vértice; Revista dos Tribunais. p. 25-47. E ainda outra referência bibliográfica importante é: SEIXAS, Jacy Alves. Halbwachs e a memória – reconstrução do passado – memória coletiva e História. In: **História**. São Paulo, n.º 20: 93-108, ano 2001.

historiográfica sobre o passado que parte de um campo de memórias implica assumir uma produção acadêmica que ajude a caminhar rumo à construção de uma “cidadania cultural”, tal como nos apontou Maria Célia Paoli.¹⁷ Nessa perspectiva, minha intenção foi agir em prol da construção do direito ao passado, frequentemente negado a muitos sujeitos sociais, no que se diz respeito a seu papel de co-autores das escolas públicas em suas cidades.

Compreender as memórias acerca da Escola Estadual de Uberlândia significa mergulhar nas contradições do processo histórico presentes nas práticas educativas-escolares na cidade de Uberlândia. A intenção não é pensar memórias como algo desvinculado dos sujeitos históricos, nem desligá-las das relações vividas na sociedade e, muito menos, como um depositário de dados a serem recolhidos pelo historiador.¹⁸

Com tudo isso, entender que “a memória é um produto social” significa compreendê-la a partir das vivências nas relações de uma sociedade dividida, onde existem condições de vida nem um pouco igualitárias. Quando direcionamos nossas pesquisas sobre as relações humanas no capitalismo ao longo do tempo, nas suas mais diversas formas, se faz necessário nos voltarmos aos indivíduos, não isoladamente, mas na dinâmica social. É nesse sentido que pesquisador Alessandro Portelli entende que por mais que a memória:

¹⁷ PAOLI, Maria Célia. MEMÓRIA, HISTÓRIA E CIDADANIA: o Direito ao Passado. In: **O Direito à Memória**: patrimônio histórico e cidadania. Departamento de Patrimônio Histórico. Secretaria Municipal de Cultura. Prefeitura Municipal de São Paulo. São Paulo 1992. p. 25-28

¹⁸ Muito se avançou nesse ponto. Existem outras referências bibliográficas de estudos sobre memória que são respeitadas e que foram consultados ao longo dessa pesquisa, dentro dos debates dos suportes teóricos. São eles: GOFF, Jacques Le. Memória. In: **História e Memória**. 5ª Edição. Campinas-SP. Editora UNICAMP. 2005. p.419-476. Le Goff, como historiador tornou-se uma referência ao também discutir o termo, problematizando a possibilidade da memória ser manipulada na sociedade, gerando os silêncios e o esquecimento. O historiador usa em sua discussão também o termo “memória coletiva” e constrói um histórico discutindo-a a sua relação com a sociedade, e como ela foi se transformando. NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo. N.º 10. Dez. 1993. p.7-29. Pierre Nora tornou-se uma referência em termos de investigação histórica quando se dedicou a reflexão sobre a memória e os lugares, que são produzidos em nossa sociedade de modo a tentar aprisioná-la, institucionalizando, consagrando a espaços físicos que acabam por se tornarem simbólicos nesse processo. O autor entende que essas manifestações tornaram-se suportes para que as memórias produzidas possam sustentar-se ao longo do tempo. Para Nora a sociedade perde ao denegar a esses lugares o ato de guardar essas memórias, por ser algo que está exterior ao sujeito social. Ver também: POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. Vol. 2. N.º 3. 1989. p. 3-15. Michel Pollack abriu um maior campo para refletirmos as tensões e os conflitos no campo das memórias, entendendo que existem aquelas “confinadas” frente aos discursos oficiais. Ele entende que a preponderância de determinadas memórias na sociedade, que acabam por causar o silêncio de outras, têm motivações políticas. A perspectiva do autor coloca uma dinâmica diferenciada nas relações construídas na sociedade. Ao considerar a existência de interesses antagônicos, mas dicotômicos que não se interagem e nem cruzam no social, Pollack entende que há uma pluralidade no campo da memória, trabalhando sutilmente com as concepções de “dominante” e “dominado”. Esse último estaria com suas memórias em um plano abaixo e por isso em condição de silêncio, mas nem por isso “mortas” ou simplesmente acabadas.

(...) seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças. Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados.¹⁹

Nessa tese, o processo de constituição das memórias, principalmente através das narrativas orais, significou lidar com uma relação presente-passado. As entrevistas que apontam as condições vividas no presente tendem a influenciar as elaborações sobre o passado; elementos de sua vida atual, elaborados em suas experiências, levam professores e ex-estudantes entrevistados, escolheram o quê narrar e o quê lembrar. Tentei, dentro de minhas possibilidades, compreender as motivações das seleções realizadas por esses sujeitos.²⁰

Após destacar alguns pontos da realização dessa pesquisa, direcionemos agora nossa atenção para as produções acadêmicas com temas e problemáticas correlatas.

O campo de estudos da Educação foi um interlocutor constante ao longo de minha investigação, pois os estudos realizados na História relacionados à educação mostram-se em maior quantidade em temas relativos ao ensino de história. Esse fato me deixou quase constrangida ao abordar uma temática que os educadores tratam com tanta propriedade. Esse obstáculo foi, no entanto, sendo aos poucos deixado de lado ao longo da escrita, ao compreender meu trabalho de pesquisa enquanto historiadora denota preocupações muito diferentes do que me apresentavam a leitura das dissertações e teses dos estudos da Educação.

Frente a uma grande quantidade de trabalhos acadêmicos no campo da Educação foram priorizadas dissertações e teses que acompanharam algum desencadeamento histórico, construindo, assim, uma relação com a História. As pesquisas selecionadas para esse debate são entendidas como expoentes de linhas de pesquisas de diferentes cursos de Programas de Pós-Graduação.

¹⁹ PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Projeto História**. São Paulo. PUC/SP. N.º 15. Abr. 1997. p. 13-50.

²⁰ Referências importantes que proporcionou suporte nesse aspecto foram: THOMSON, Alistair. Reconstituindo a Memória: Questões sobre a História oral e as Memórias. **Projeto História**. São Paulo. N.º 15. Abr. 1997. p. 51-84 SARLO, Beatriz. Tempo e a Memória. In: **Tempo Presente**: Notas sobre a mudança de uma cultura. Rio de Janeiro; Editora José Olímpio, 2005. p. 93-96. SARLO, Beatriz. Tempo Passado. In: **Tempo Passado**: cultura da memória e a guinada subjetiva. São Paulo; Companhia das Letras; Belo Horizonte; UFMG. 2007. p. 9-22.

A Tese de Valéria Milena Robrich Ferreira, “Tecendo uma cidade modelar: relações entre currículo, educação escolar e projeto da cidade de Curitiba na década de 1990”²¹ está situada na linha de pesquisa “História, Política e Sociedade” do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-SP. A escolha dessa tese aconteceu pela mesma abordar a temática da “cidade” aliada a “educação”, tendo como propósito analisar um processo histórico permeado por conflitos e interesses classistas da idealização de Curitiba como cidade modelo.

Valéria Ferreira tem como objetivo desconstruir a produção da imagem de Curitiba como espaço urbano modelo, quando as políticas públicas para educação na cidade foram utilizadas para reforçar tal imagem. A pesquisadora, partindo de supostos marxistas, preocupou-se em entender os projetos de classe para a cidade, utilizando como referência Pierre Bourdieu, sociólogo francês, para explicar como esses projetos ganharam força e se instauraram na cidade. A autora chega à conclusão que os materiais didáticos foram essenciais para a construção da imagem de uma Curitiba “cidade modelo”; para ela, a classe dominante conseguiu atingir os seus propósitos.

Contudo há, perante a argumentação coerentemente estruturada da tese de Valéria Ferreira, diferenças frente às minhas próprias concepções historiográficas, mesmo partindo do pressuposto básico comum da existência da luta de classes. A pesquisadora, ao tomar Bourdieu como referência, deixa explícito que naquelas relações sociais, os trabalhadores são definitivamente dominados por estratégias de interesses, no caso, envolvendo as escolas e os livros didáticos, muito bem articulados por agentes políticos e capitalistas.

Ferreira compreende que os trabalhadores são sujeitos passivos no processo histórico “(...) eles [os curitibanos] não agem contra tudo isso por não terem tempo, não terem um capital cultural”.²² Apesar desse ponto, a meu ver problemático, essa tese constrói interligações importantes entre cidade e escola, que se aproximam do tema e problemas de minha própria pesquisa: o espaço social da escola foi trazido para o interior das relações de classe vividas na cidade.

Uma área de concentração em Educação que tem mostrado crescimento em pesquisas em alguns cursos de pós-graduação pelo país é “História e Historiografia da Educação”. Dentro deste campo, podemos encontrar a subárea “História das Instituições Escolares”. O trabalho selecionado como um expoente desses estudos foi a dissertação: “Grupo Escolar

²¹ FERREIRA, Valéria Milena Rohrich. **Tecendo uma cidade modelar: relações entre currículo, educação escolar e projeto da cidade de Curitiba na década de 1990**. 271 f. Tese (Doutorado em Educação). PUC/SP. São Paulo. 2008.

²² FERREIRA, Valéria Milena Rohrich. **Tecendo uma cidade modelar: relações entre currículo, educação escolar e projeto da cidade de Curitiba na década de 1990**. 271 f. Tese (Doutorado em Educação). PUC/SP. São Paulo. 2008. p. 173.

Prof.^a Alice Paes: Trajetória dos egressos e currículo escolar (Uberlândia 1965-1971)”, de autoria de Angélica Pinho Martins Rocha.²³

O objetivo do trabalho foi tratar da criação de uma escola pública na cidade de Uberlândia-MG, enfocando o contexto político e econômico do momento, destacando aí o bairro onde a escola foi edificada, que era, em sua maior parte, moradia de trabalhadores. Na pesquisa, a relação entre escola e sociedade possui várias intersecções e isso pode ser notado através da importância dada à trajetória de vida dos egressos da escola.

A concepção teórico-metodológica de Rocha se fundamenta na análise de relações entre uma história política nacional a história local, em que a escola aparece inserida na estrutura legislativa do país.²⁴ A conclusão da autora é a de que essa instituição pública cumpriu a função para a qual foi criada: civilizar os moradores/trabalhadores do bairro onde estava situada. Impunham-se através da escola hábitos de asseio e padrões de comportamentos conforme um novo ideal de modernidade vivenciado na cidade.

Ao acompanhar essa linha de análise do passado, chegarmos à conclusão de que os interesses dominantes se efetivaram, logo estaríamos vivendo a plenitude desse projeto engendrado de cidade: trabalhadores com novos padrões de comportamentos, totalmente inseridos em um modo de viver adaptado a uma Uberlândia repleta de prosperidade. A escola teria cumprido, assim, seu papel de criadora dessas novas maneiras de viver.

Angélica Rocha reserva ainda um capítulo para aprofundar-se no sentido social da escola para seus ex-alunos. Ela utiliza depoimentos orais e, a partir das condições econômicas e sociais dos depoentes, constrói a sua interpretação. Nesse momento de sua reflexão é perceptível o juízo de valor da pesquisadora sobre o papel da escola em nossa sociedade, que a meu ver se distancia de projetos que buscam relações humanas mais justas e igualitárias. Para a autora, a história da instituição escolar primária Alice Paes, no bairro Bom Jesus, Uberlândia, teria um papel social relevante por revelar expectativas de escolarização dos

²³ ROCHA, Angélica Martins Pinho. **Grupo Escolar Prof.^a Alice Paes: Trajetória dos egressos e currículo escolar (Uberlândia 1965-1971)**. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2012.

²⁴ Uma referência que reuni e esclarece os aspectos teórico-metodológicos que algumas produções acadêmicas da Educação vêm utilizando em suas pesquisas que, de alguma forma, se aproximam da História é: GATTI JÚNIOR, Décio e INÁCIO FILHO, Geraldo (orgs.). **História da Educação em Perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Ed. Autores Associados e EDUFU. Coleção Memória da Educação. Uberlândia. 2005.

filhos de “famílias de origem social baixa”, pois, afirma: “O conhecimento constituiu a principal ‘alavanca’ para ascensão social.”²⁵

Sobre esse ponto específico, discorda do filósofo Pierre Bordieu, que defende que as instituições escolares acabam mantendo e aprofundo a divisão de classes sociais. A pesquisadora afirma que, em seu entendimento, “(...) a escola é também capaz de produzir sujeitos que podem ter ascensão social em seu percurso mediante o acesso ao conteúdo da escolar transmitido pela escola.”²⁶

O papel da escola seria, então, abrir suas portas à comunidade do bairro e oferecer aos estudantes chances de escalar estratos sociais. Àquele que souber aproveitar essas oportunidades, caberá o justo merecimento de estar mais bem posicionado socialmente. Acredito ser com esse valor que a pesquisadora interpreta, analisa e pesquisa a Escola Estadual Prof.^a Alice Paes, do antigo bairro Tabocas, hoje Bom Jesus.

É através de sentidos utilitaristas como esse que as relações capitalistas tentam imprimir-se sobre os mais diferentes espaços sociais, inclusive na escola pública. Com uma superficial leitura e noções básicas sobre o capitalismo, qualquer pesquisador, que se propõe a pensar a sociedade, chegaria à rápida conclusão que não é possível a chamada “ascensão social” para todos os indivíduos; a desigualdade é um elemento que sempre estará presente. Mais ainda, aqueles que não alcançaram tal ascensão social terminam classificados como “derrotados”, não tendo aproveitado as oportunidades da vida.

Uma perspectiva de análise e pesquisa, também parte dos estudos da Educação, que se aproxima à área de concentração das pesquisas discutidas até aqui é compartilhada na linha “Trabalho, Sociedade e Educação”, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Nela também notamos supostos teóricos marxistas, mas, através de um trabalho selecionado para debate, notam-se algumas formas de abordagens teóricas e metodológicas distintas.

A tese “Entre o Ideal e o Real: a construção do pensamento empresarial uberlandense e seus projetos educacionais para a formação dos trabalhadores”²⁷, de Luciene Maria de Souza, analisou a história econômica, política e social de Uberlândia-MG entre os anos de

²⁵ ROCHA, Angélica Martins Pinho. **Grupo Escolar Prof.^a Alice Paes**: Trajetória dos egressos e currículo escolar (Uberlândia 1965-1971). 168f. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2012.

²⁵ ROCHA, Angélica Martins Pinho. 2012, p.82

²⁶ Ibid. p.82.

²⁷ SOUZA, Luciene Maria de. **Entre o Ideal e o Real**: a construção do pensamento empresarial uberlandense e seus projetos educacionais para a formação dos trabalhadores. 225f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia. 2012. Uberlândia.

1940 e 1960. Seu tema central e problematizações envolvem as ações da Associação Comercial, Agricultura e Pecuária de Uberlândia (ACIAPU), hoje Associação Comercial e Industrial de Uberlândia (ACIUB), que esteve presente nos debates educacionais na cidade, como, por exemplo, na construção da Escola Vocacional, atual Escola Estadual Américo Reneé Giannetti. A pesquisadora anunciou como objetivo “(...) recuperar as mediações e contradições do capital e trabalho e seus impactos na formação da classe trabalhadora em Uberlândia.”²⁸

Com uma intensa pesquisa na imprensa e nas atas da instituição empresarial, Luciene Souza chegou à conclusão que o discurso da classe empresarial era forte e projetava uma imagem de desenvolvimento de Uberlândia presente somente em um plano ideal. Sua argumentação sustenta-se no cruzamento de diversos dados do município entre os anos de 1940 a 1960, percebendo que a cidade não tinha um porte industrial e empresarial significativo, como aclamado por integrantes da ACIAPU.

Luciene Souza aponta que a Escola Vocacional tinha o papel de moralizar e incumbir valores mais adequados ao “desenvolvimento” da cidade às classes menos favorecidas, o que acaba se assemelhando às considerações de Angélica Rocha sobre o Grupo Escolar Prof.^a Alice Paes.

Levando em consideração as colocações das pesquisadoras, cabe a questão: toda e qualquer escola pública carregaria sempre esses mesmos sentidos, objetivos e expectativas para seus estudantes e professores? Quer sejam, incumbir hábitos e comportamentos conforme os interesses das relações capitalistas? Tal forma de compreender a história e as relações sociais não parece levar à consideração de estudantes e professores como meros reprodutores de projetos “maiores”, ou seja, como elementos passivos no processo social e em suas próprias vidas?

Em uma forma de análise um tanto diferenciada das duas linhas de pesquisa em Educação mencionadas, tive a oportunidade de conhecer uma tese, também em Educação, mas realizada por um historiador. Ela encontra-se na subárea “Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte”, da Universidade de Campinas-SP. Diferente das pesquisas anteriores, que tratam das *instituições* escolares e seus currículos, esta buscou refletir sobre os professores, entendidos mais diretamente como sujeitos sociais.

²⁸ SOUZA, Luciene Maria de. **Entre o Ideal e o Real**: a construção do pensamento empresarial uberlandense e seus projetos educacionais para a formação dos trabalhadores. 225f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia. 2012. Uberlândia. p. 15.

O autor de “Memórias e experiências do fazer-se professor”, Elisom Paim, buscou as experiências de professores, constituindo-se como tais, através de suas memórias.²⁹ Para isso, delimitou seus estudos com professores de história, que haviam sido seus alunos no curso de graduação, entrevistando-os com objetivos de compreender desde suas escolhas pelo curso de História à consolidação de suas carreiras como professores. O período em que realizou as entrevistas foi entre os anos 1998 e 1999.

Os professores participantes são de diferentes cidades do interior do estado de Santa Catarina – todos cursaram História na Universidade Estadual de Santa Catarina, no campus de Chapecó, local em que Elisom Paim trabalhava como professor da disciplina de Práticas de Ensino. A proposta dessa perspectiva chamou minha atenção por voltar-se a professores, suas experiências e o seu fazer-se, compreensões caras ao pesquisador que inspira-se nas obras do historiador inglês E. P. Thompson.

Ao elencar os professores para o centro de seu trabalho, Paim realizou uma ligação entre os campos de estudos da História e da Educação. Entretanto, os professores em seu “fazer-se” não são levados em conta na pesquisa como trabalhadores, em suas lutas e conflitos em sociedade, mas apenas como um “fazer-se pedagógico”, desconectados de um processo social maior. Na minha leitura, essa opção de análise termina quase unicamente elaborando um inventário de práticas pedagógicas de pessoas que estão se formando enquanto profissionais da área da educação, não como sujeitos sociais pertencentes à classe trabalhadora.

(...) ao trabalhar com as experiências Edward Palmer Thompson também nos propõe a pensarmos a sociedade através das experiências. Considerar essas questões é fundamental para que possamos discutir a formação dos professores, junto com os professores, levando-se em consideração o que o professor pensa, como vive, quais experiências têm para contar, que metodologias desenvolve, quais as relações que fazem entre teorias e práticas cotidianas, como constroem sua autonomia como profissionais do ensino.³⁰

Como falar em experiências sem falar em classe social? A experiência a que Paim se refere ao longo de sua tese se dá no campo quase individual, o que, em minha visão, afasta-se de uma compreensão mais profunda dessa importante noção que provocou uma reviravolta na historiografia marxista. A experiência que Thompson se ocupa é aquela elaborada pelos sujeitos em sua consciência e cultura. Uma experimentação das próprias condições vividas e

²⁹ PAIM, Elison Antônio. **Memórias e Experiências do fazer-se professor**. 538f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. UNICAMP. 2005.

³⁰ PAIM, Elison Antônio. 2005. p. 397.

elaboração, como dito, em sua consciência e cultura, de todas as dimensões da vida em forma concreta de comportamentos, normas, sentimentos e valores.

Para minha investigação sobre as experiências de professores e estudantes da Escola Estadual de Uberlândia, procurei realizar um levantamento diversificado de evidências. No processo de escrita, elegi alguns materiais para a construção de um diálogo que me auxiliasse na compreensão dos sentidos e significados dessa instituição escolar para seus estudantes e professores.

O levantamento iniciou-se através da imprensa da cidade, em sua grande parte acessível no acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Nos jornais, a Escola Estadual de Uberlândia é noticiada em diferentes momentos e por diferentes temas, como pelo grande número de matrículas ou pela atuação de seus professores e diretores. As formas como estes são tratados na imprensa, por outro lado, sofrem importantes variações ao longo do tempo.

Ao elencar os sujeitos sociais de alguma forma ligada à construção social da escola, e às relações desta com a cidade, os jornais foram um material importante por apresentar narrativas muitas vezes ligadas a projetos que articulam interesses dominantes na cidade frente à educação escolar. Ao mesmo tempo, essa mesma imprensa explicita em vários momentos contradições da realidade e dos conflitos sociais que não devem ser desconsiderados.

Ao longo da pesquisa considerei a imprensa não como meio de informação, mas sim como uma ferramenta de agente sociais, que expressam e defendem posições e concepções sobre os processos históricos vividos. O levantamento de reportagens em alguns órgãos que existem e existiram em circulação na cidade de Uberlândia abarcou um período muito maior que o recorte cronológico utilizado na escrita final. A definição sobre o quê trazer para a operação de pesquisa propriamente dita foi acontecendo ao longo do aprofundamento das problemáticas.

Nesse sentido, construir uma reflexão sobre a imprensa na escrita da história significa entendê-la como linguagem, que se constitui e ajuda a constituir as relações vividas em sociedade. As colocações das pesquisadoras Heloisa Cruz e Maria do Rosário Peixoto nos revelam importantes procedimentos ao lidar com a imprensa:

Convém lembrar que não adianta simplesmente apontar que a imprensa e as mídias “tem uma opinião”, mas que em sua atuação delimitam espaços, demarcam temas, mobilizam opiniões, constituem adesões e consensos. Mais ainda trata-se também de entender que em diferentes conjunturas a imprensa não só assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais, mas muito frequentemente é, ela mesma, espaço privilegiado da articulação desses projetos.³¹

A meu ver, o historiador não deve simplesmente ignorar ou esquivar-se dos órgãos de imprensa. Concordo que existem evidências, como as narrativas orais, que nos permitem acesso a um universo social mais rico, contraditório, ambíguo e plural, mas não entendo que “fechar os olhos” à imprensa seja o procedimento metodológico mais correto.

Gostaria de destacar ainda alguns materiais que elegi como evidências mais relevantes para minha pesquisa. Existe um número considerável de produções acadêmicas sobre a Escola Estadual de Uberlândia, que foram tratadas aqui como fontes históricas, por materializarem e organizarem memórias que podem estar ligadas a diferentes valores e interesses de classe sobre escola pública. Entendo que não caberia trazer outras pesquisas como simples “bibliografia”; elas também constroem sentidos sobre a cidade, escola e educação e, assim, precisam ser postas no lugar de evidências, submetidas a problematizações.

Em uma perspectiva semelhante a das produções acadêmicas, outro documento de destaque é o Dossiê de Tombamento da Escola Estadual de Uberlândia, ou seja, o registro do poder público municipal que oficializa a preservação do prédio. Essa fonte carrega uma ligação importante entre a escola e a cidade, pois fundamenta a ação daquele espaço social como patrimônio público municipal. Dessa maneira, é um registro que entendo portar significados e sentidos para a escola e para a cidade que mereceram reflexão na tese.

No levantamento das fontes, algumas fotografias que compõe álbuns pertencentes ao acervo da escola foram trazidas ao diálogo metodológico. A escola possui ainda um grande número de fotografias isoladas, muitas sem identificação ou data, que registram festas, feiras de ciências e apresentações artísticas de estudantes. Dentro desse conjunto de evidências, existem também alguns álbuns montados por fotógrafos profissionais, organizados, encadernados e em tamanho maior do que o convencional.

O álbum mais antigo arquivado na escola data de 1973 e registra uma festa de inauguração de novas instalações do prédio, ocorrida no mesmo ano. De 1979 há um álbum de comemoração pelos 50 anos da instituição, e, de 1989, um registro de uma festa pelos 60 anos. Desses álbuns, selecionei algumas fotografias para a construção do diálogo de pesquisa.

³¹ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre a história e a imprensa. **Projeto História**. São Paulo. N.º 35, p. 253-270, dez. 2007. p. 253-270.

Trabalhar na pesquisa histórica com fotografias quase sempre representa um grande desafio para o pesquisador, pois tratá-las como meras imagens ilustrativas é algo fácil de acontecer. Minha intenção foi construir pontes entre estas fotografias e outros tipos de documentação, entendendo-as também como uma forma de produção de sentidos, sendo, portanto, uma forma de materialização da memória. Há intenções e interesses na confecção desses álbuns, que precisam ser pensados.³²

Somadas à imprensa, fotografias e dossiê de tombamento, foram importantes algumas correspondências da sociedade em geral (a autoria de cada uma será discutida no momento oportuno) enviadas à Câmara Municipal de Uberlândia, por conterem elementos que colaboraram no conjunto da análise. Há grande número dessas cartas preservadas no Arquivo Público Municipal e elas abarcam os mais diversos assuntos, embora em sua maioria contenham pedidos aos vereadores.

É um material relevante, mas aparentemente pouco consultado por pesquisadores – pelo que se nota em outras pesquisas sobre a cidade. Elas, de alguma forma, expressam como a população compreendia o papel da Casa Legislativa Municipal nas decisões e interferências nas relações da cidade. Através das cartas é possível perceber, mesmo que parcialmente, conflitos e as discussões que estavam acontecendo em Uberlândia em diferentes momentos de sua história.

Busquei, ao longo da escrita da pesquisa, construir uma rede dialógica entre todos esses registros sociais, pois compartilho das colocações do historiador inglês Thompson ao afirmar que cada evidência “(...) tem as suas propriedades determinadas, mas isso não implica, de certo, uma noção de que esses fatos revelam seus significados e relações por si mesmo (...)”³³ Ao longo do caminho de pesquisa existiram outros tantos materiais que compuseram o levantamento geral, mas não aparecem em seu registro escrito final; mesmo assim também colaboraram com as reflexões gerais sobre a escola, seus professores e alunos, e suas relações na cidade.³⁴

³² Podemos destacar duas produções acadêmicas que inspiram maneiras de abordagem de trabalhos históricos com a utilização de fotografias como evidências: SANTOS, Carlos J. Ferreira. **Nem tudo era italiano: São Paulo e Pobreza (1890-1915)**. 3ª Edição. Ed. Annablume/Fapesp. 2008. E: BARBOSA, Marta Emília Jacinto. **Famintos do Ceará: imprensa e fotografia entre o final do século XIX e início do século XX**. Tese (Doutorado em História). PUC-SP. São Paulo. 2004.

³³ THOMPSON, E. P. Os filósofos e a história. In: _____. **A miséria da teoria: ou um planetário de erros**. 1981. Rio de Janeiro; Zahar Editores. p. 34-46.

³⁴ Realizei um levantamento nos inventários das Coleções “João Quituba”, “Tito Teixeira”, “Uberlândia”, “Milton Porto”, “Licydio Paes”, “Centro de Documentação Popular” e “Associação dos moradores do Bairro Santa Mônica”. Todas essas coleções fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em Histórica (CDHIS) da Universidade Federal de Uberlândia.

Ao compreender que a Escola Estadual de Uberlândia é constituída por *pessoas*, seus professores e estudantes tornam-se fundamentais para o processo de elaboração dessa pesquisa, pois, mais uma vez, o centro da problemática está na busca dos sentidos e significados elaborados por esses sujeitos ao longo de um processo de mudanças vivido junto àquela escola pública da cidade de Uberlândia. Para isso, foram realizadas ao longo dessa pesquisa um total de 24 entrevistas orais, buscando a formação de um universo múltiplo de professores e estudantes que são compreendidos também como trabalhadores. Procurei realizar entrevistas que me permitissem perceber a diversidade e a pluralidade social de expectativas e memórias que os sujeitos tenham elaborado sobre suas experiências na escola, enquanto professores ou estudantes da instituição.

Os ex-estudantes da Escola Estadual de Uberlândia constituem um conjunto de narrativas mais diverso que as dos professores. Entre os ex-estudantes foram entrevistadas pessoas que exercem os mais diferentes trabalhos na cidade: costureira, vendedora, locutor de rádio, publicitário, arquivista, assistente social, secretária, advogado, bancária e professora. Muitos desses encontram-se aposentados e nem todos concluíram os seus estudos, por precisarem deixar a escola para trabalhar; outros ainda só os terminaram depois de muitas interrupções e retornos.

As entrevistas dos professores não deixam de apresentar certa diversidade, apesar de muitos já estarem aposentados: lecionaram diferentes disciplinas, alguns se aposentaram trabalhando na escola, outros finalizaram suas carreiras em outras instituições escolares; a maioria trabalhava em turnos diferentes na escola. Esse último fator foi importante ao longo da análise e escrita da pesquisa, pois me permitiu construir algumas considerações sobre os estudantes/trabalhadores que podiam freqüentar a escola somente no turno da noite.

Poucas pessoas entrevistadas se conheciam e com a intenção de perceber a materialidade das relações existentes entre a cidade e a escola, a maioria dos entrevistados não foram buscados nos arquivos da instituição, mas nas ruas, na vizinhança, através de relações de amizade e em um clube de mães de uma instituição religiosa. Alguns deles, interceptei nas ruas do bairro onde moro (Martins), localizado próximo à Escola Estadual de Uberlândia, outros eu conhecia como colegas de trabalho; houveram ainda aqueles que consegui contato na própria escola, principalmente professores.

Realizar entrevistas sempre foi algo difícil para mim. Não entendo ser a relação entre entrevistado e entrevistador tranquila de ser construída e abordada na escrita. Alessandro Portelli afirma que nessa relação ambos se observam, e, chama a atenção de nós

pesquisadores, é preciso assumir nossas crenças e valores. Essa necessidade talvez tenha sido meu maior problema na produção dessas entrevistas.³⁵

Contudo, acredito que essas amarras foram sendo desfeitas, pois com cada uma daquelas pessoas aprendi um pouco sobre suas vidas e memórias. Perceber esses sujeitos e suas relações com a escola tornou-se para mim algo de grande riqueza, que, talvez, eu tenha tido dificuldades em expressar e organizar na escrita.

Refletir a narrativa do entrevistado dentro de suas relações com a sociedade é um processo complicado, pois é muito fácil colocá-los como indivíduos isolados e autônomos frente à vida social. Contudo, face esse desafio, fui me inspirando em outras colocações de Portelli, que afirma: “(...) que cada pessoa tende a representar a realidade como um mosaico, formando um todo (...)”³⁶

Ao longo da pesquisa, deparei-me com a possibilidade de investigação de outras escolas públicas que existiram na cidade entre os anos de 1930 a 1950, embora este não fosse o objetivo central ou o maior foco das problematizações dessa tese. Essas escolas eram poucas, muitas funcionavam no turno da noite e cumpriam a função principal de alfabetizar as crianças e adultos da cidade. Existem um número razoável de atas escolares e outros registros no Fundo da Prefeitura Municipal de Uberlândia, na série “Educação Pública”, pertencente ao acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia, que indica essas outras escolas e que poderiam proporcionar outro trabalho que relacionasse o estudo e a classe trabalhadora na cidade daqueles anos.

No primeiro capítulo **“Uma Escola Pública, Muitas Memórias: Patrimônio de Muitos”** busquei delinear um campo de memórias sobre a Escola Estadual de Uberlândia, quando uma foi se tornando dominante e acabando por ocultar outras tantas memórias existentes na sociedade. Através do tombamento do prédio da escola como patrimônio histórico municipal essa memória ganhou força. Indícios dessa memória são discutidos através de algumas pesquisas acadêmicas realizadas sobre a escola, de seu Dossiê de Tombamento, da imprensa, no caso, o jornal “Fundinho Cultural” (um pequeno jornal do bairro, que se chama Fundinho). Para a pluralidade de memórias sobre a escola, busquei os valores e os sentidos produzidos por professores, estudantes e comunidade, que não aparecem no seu processo de tombamento ou nas demais fontes; para isso as entrevistas foram importantes.

³⁵ PORTELLI, Alessandro. Forma e Significado na História Oral: A pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História**. São Paulo. N.º 14. p. 7-24. Abr. 1997.

³⁶ PORTELLI, Alessandro. Tentando apreender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética na história oral. **Projeto História**. São Paulo. N.º 15. p. 13-49. Abr. 1997.

No segundo capítulo **“Memórias e Experiências de Estudantes da Escola Estadual de Uberlândia”** busquei as trajetórias de trabalhadores que foram estudantes da Escola Estadual de Uberlândia, procurando analisar as diversas experiências entre o estudar e a necessidade de trabalhar vivida por muitos deles. O período em que estudaram refere-se ao momento da Ditadura Militar no Brasil, época marcada por mudanças organizacionais na educação formal brasileira e que “abriram as portas” das escolas públicas para as crianças, jovens e adultos trabalhadores.

No terceiro capítulo, **“Estudantes, Professores e a Expansão da Escola Pública”** procurei refletir sobre as experiências de professores e estudantes frente ao processo de expansão das escolas públicas dirigidas pelas políticas educacionais do regime militar. O Colégio Estadual de Uberlândia passou a ser denominado Escola Estadual de Uberlândia e outras tantas mudanças foram vivenciadas, ganhando força nas memórias daqueles sujeitos. As entrevistas orais, reportagens do Correio de Uberlândia, único jornal de ampla circulação da cidade nos tempos da ditadura, e algumas fotografias são pensadas dentro desse processo de expansão, engendrado pelo governo militar.

O quarto capítulo, **“Escola Estadual de Uberlândia: Professores e Estudantes na construção de um Direito”** trata desse momento após a expansão da rede pública. Busquei pensar como estudantes e professores elaboraram sentidos e significados para a Escola Estadual de Uberlândia nos anos de 1980, agora plenamente ocupada pelas classes trabalhadoras. A narrativa de uma professora forneceu-me elementos iniciais de que na época a “memória de excelência” existente sobre a Escola Estadual de Uberlândia assumiu maior importância. Narrativas orais, fotografias e algumas reportagens da imprensa foram utilizadas para a construção de algumas considerações sobre a realidade vivida por aqueles sujeitos históricos.

CAPÍTULO 1

UMA ESCOLA PÚBLICA, MUITAS MEMÓRIAS: PATRIMÔNIO DE MUITOS.

A Escola Estadual de Uberlândia³⁷ é uma das escolas públicas mais antigas da cidade e foi tombada como Patrimônio Histórico Municipal no ano de 2005. Essa escola, assim como todas as outras, não se constitui apenas como um prédio, com salas de aulas, carteiras, lousas e quadras esportivas, mas institui-se, sobretudo, por histórias e memórias vividas por seus professores, estudantes e comunidade ao longo do tempo.

Como a Escola Estadual de Uberlândia surge nas múltiplas memórias existentes na cidade? Quais valores de professores e estudantes constituíram-se junto à sua transformação em patrimônio histórico da cidade? De forma mais geral, como esses valores, produzidos em sociedade, referem-se a essa escola pública?

Para construir uma reflexão sobre essas questões, não somente as entrevistas orais com professores e estudantes foram importantes, mas também relatos de outros trabalhadores da cidade. Entendo que essa instituição escolar pública pertence à sociedade como um todo.

Em um universo amplo de entrevistados, direciono o início de nossa discussão às narrativas dos ex-estudantes Rogério Raniedo e Durval Teixeira e da professora Carmem Bernardes. Elas podem nos auxiliar na compreensão dos significados de algumas histórias e memórias da escola na cidade, e, assim, compreender alguns dos sentidos que a levaram a se tornar patrimônio histórico municipal.

O tombamento da escola significou o reconhecimento do poder público da existência de certos valores de diferentes grupos sociais da cidade sobre essa instituição. Isso pode ser notado através da narrativa da professora Carmem Bernardes, quando afirma:

Janaina: Sempre se falava em tombamento na escola?

Carmem: Assim levado a sério não! Mas todos os administradores daqui tinham uma noção da importância da importância do prédio não só pela arquitetura mais por todo o valor que a escola tinha pra cidade. Então o cuidado com a preservação sempre foi prioridade assim em todas as direções. Eu acho que tinha vontade que fosse...Quando o prédio foi tombado algumas residências alguns imóveis foram tombados pelo patrimônio municipal.

Janaína: Além da escola?

³⁷ É importante destacar que até o ano de 1973, essa escola pública chamava-se Colégio Estadual de Uberlândia. A reforma nacional de 1º e 2º graus de 1971 levou o Estado de Minas Gerais a criar um decreto que mudava a denominação de todas as instituições escolares públicas para Escolas Estaduais de 1º ou 2º graus. Ao longo desse capítulo em alguns momentos é utilizada a denominação de Colégio Estadual de Uberlândia, a referência diz respeito à Escola Estadual de Uberlândia, mais conhecida entre a população da cidade como “Museu”.

Carmem: Além da escola, então a gente acreditava que um dia iria vir a ser tombado.

Janaína: E como que aconteceu como que foi recebido isso pelos funcionários em geral pessoas?

Carmem: Sempre existem duas correntes! Porque há os que são ligados assim mais a modernidade, eu acredito que não dêem tanta importância, porque tudo a partir de agora em termos de fachada da escola tem que ser preservado, nenhuma mudança pode acontecer. Inclusive a vontade era de restaurar a cor original da escola, a pintura porque ali na entrada se você observar tem uma pintura no teto e aquilo lá não foi restaurado era o ponto de restaurar que talvez fosse o caso então o que se manteve o tipo de janela, de porta né a fachada toda da escola.

Janaína: Então sempre foi tida como uma coisa muito importante?

Carmem: Sempre.

Janaína: No geral pra todo mundo?

Carmem: Todos tinham essa noção.³⁸

A professora Carmem Bernardes foi estudante da escola durante os anos 1970 e, mais tarde, tornou-se professora de Língua Portuguesa na mesma instituição, em 1982. Acompanhou, como trabalhadora da escola, seu processo de tombamento – na ocasião da entrevista, realizada em 2013, exercia o cargo de vice-diretora do turno da noite.

Nossa entrevista aconteceu na própria escola, fato que muito provavelmente delimitou o tempo de respostas da professora, mas mesmo assim, considero que sua narrativa ainda nos permite algumas importantes reflexões.

Carmem aponta que, por mais que houvesse divergências entre os trabalhadores da instituição sobre o caráter e forma de seu tombamento, era consentimento entre eles que aquela escola precisava tornar-se patrimônio histórico. A professora destaca ainda que o valor da escola existia para além de sua arquitetura; ele residia em seus significados para a cidade de forma mais ampla. Em outras palavras, a Escola Estadual de Uberlândia já era patrimônio de muitos. Ela já fora apropriada socialmente, mesmo antes de ter ganhado uma legislação oficial de proteção arquitetônica.

Quando comecei a trabalhar nessa “escola-patrimônio” da cidade fui aos poucos, através de conversas com outros professores como Carmem Bernardes, conhecendo a história da escola. Ou melhor, uma pequena parte do extenso, diverso e conflituoso campo de histórias e memórias que me depararia mais tarde, com as investigações para essa pesquisa.

Yara Khoury em “Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história”³⁹ aponta as peculiaridades e desafios que encontramos quando nossas investigações envolvem memórias, pois:

³⁸ Professora Carmem Bernardes. Entrevista realizada em 30 de outubro de 2013. Trabalha na Escola Estadual de Uberlândia desde o ano de 1982, lecionando Língua Portuguesa. Foi estudante na escola também durante os anos de 1970. No momento da entrevista ocupava o cargo de Vice-Diretora do noturno.

Ao lidarmos com a memória como campo de disputas e instrumento de poder, ao explorarmos modos como memória e história se cruzam e interagem nas problemáticas sociais sobre as quais nos debruçamos vamos observando como memórias se instituem e circulam, como são apropriadas e se transformam na experiência social vivida.⁴⁰

Ao considerar esses elementos na investigação das relações entre memórias e histórias, tornou-se imprescindível a busca de narrativas orais que permitissem compreender o campo de significações que envolvem interesses e valores elaborados nos processos históricos experimentados.

A entrevista com o ex-estudante Rogério Raniedo apontou algumas semelhanças de sentidos contidos no relato da professora Carmem para a história da Escola Estadual de Uberlândia e seu tombamento. Rogério foi idealizador e produtor do espetáculo natalino “Janelas Encantadas”, que em 2015 estava em sua 11ª edição, realizado no prédio da Escola Estadual de Uberlândia. Para o evento é utilizada unicamente sua fachada e suas amplas janelas, voltadas para a Praça Adolfo Fonseca.⁴¹

Conheci Sr. Rogério durante a produção do evento na escola em 2014. Expliquei-lhe sobre a pesquisa e ele colocou-se a disposição para a entrevista; nela interessava-me, sobretudo, conhecer os motivos para a realização desse evento exatamente naquela escola, mas vários outros elementos para minha problemática surgiram em seu relato.

Durante a entrevista, Rogério explicou sua ligação afetiva com a escola – seu pai também havia sido aluno da Escola Estadual de Uberlândia, ainda quando se chamava Ginásio Mineiro de Uberlândia, destacou. Informou-me ainda que todos seus outros quatro irmãos igualmente estudaram naquela escola.

A Escola Estadual de Uberlândia, o Colégio Estadual de Uberlândia, naquela época era Colégio Estadual de Uberlândia, ele era um Colégio referência na minha época também, se não era a melhor, era uma das melhores escolas da cidade. Depois é que veio os cursinhos... Os colégios particulares que vieram, se bem que naquela época já existiam colégios como o Nossa Senhora, um dos mais antigos colégios aqui de Uberlândia, já existia e era um colégio particular, mas tirando esse todos os colégios estaduais e municipais eram referência. As melhores escolas quais eram o Colégio Estadual de Uberlândia, o Colégio Bueno Brandão e o Colégio José Ignácio de Souza. Eram esses os colégios referências na época, aqui em Uberlândia e eram todos colégios estaduais.

³⁹ KOUHRY, Yara A. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa; MACIEL, Laura; ALMEIDA, Paulo; KHOURY, Yara (orgs) **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d'água. **Muitas memórias, outras histórias**. Ed. Olho d'água. 2000. São Paulo. p. 116-138.

⁴⁰ KOUHRY, Yara A. 2000. p.118.

⁴¹ A escola tem a fachada e suas janelas iluminadas para espetáculo natalino, que consiste em apresentações musicais, danças e um show pirotécnico de encerramento. O público assiste ao espetáculo da mencionada praça, que fica em frente à escola. Sr. Rogério afirmou que se inspirou nas festas natalinas que acontecem em Curitiba, PR. Durante a nossa entrevista, Sr. Rogério disse que conta com o apoio do poder público municipal, assim como recursos de gabinetes de deputados estaduais e outros patrocinadores para a realização do evento.

Janaína: Públicas!

Rogério: É eram escolas públicas. E eram escolas muito boas! Tanto é que eu sempre digo quem é uberlandense passou pela Escola Estadual de Uberlândia e nós temos grandes nomes aqui! Pra citar alguns: Rondon Pacheco, nosso ex-deputado federal Francisco Humberto, o atual deputado estadual Luiz Humberto Carneiro também estudou aqui, Adib Jatene, Moacir Franco, e entre tantos. Se pegar a lista tem vários alunos ilustres da escola que se fizeram aqui e se destacaram em âmbito nacional e até internacional. O Adib Jatene que é internacionalmente, mundialmente conhecido. Então a escola sempre foi uma referência muito diferente dos dias atuais. E até o número de alunos era bem maior eu não entendo como que diminui tanto. (...)

Quando a gente é criança a gente não é ligado a história! Não é? A história da cidade... Depois de adulto e tal aí sim! Meu pai contava, por exemplo... Eu sei que aqui o Colégio chamava Colégio Mineiro, graças a meu pai porque ele estudou aqui na época dele o nome do Colégio era Colégio Mineiro de Uberlândia, então ele já jogava então eu via as fotos... Com o uniforme do Colégio eu fiquei sabendo mais histórias da escola depois de adulto mesmo... Que por curiosidade ele me contava algumas passagens, os jogos que eles disputavam já pelo Colégio... Como que foi construído isso daqui... Entendeu? Qual que era a finalidade? Entendeu?

Janaína: O quê ele dizia assim?

Rogério: O prédio, eu não sei o nome da pessoa que construiu me foge agora a memória, mas era um prédio, eram pessoas que se uniram pra construir essa escola. E pra virar uma escola. E que um Diretor da escola morava no segundo andar. (...)

Rogério: É e era uma escola particular! Quando o prédio foi construído foi pra funcionar uma escola particular de ensino. E que funcionava como internato! Depois é que virou pro Estado, Estadual, aí eu não sei se o Estado comprou. O prédio como é que foi a transação tudo aí! E se chamava Ginásio Mineiro, aí sim já era do Estado. Mas quando o prédio foi construído foi pra funcionar uma escola particular. Não era do Estado! (...) Porque quem foi contemporâneo do meu pai foi o Renato de Freitas, ex-prefeito de Uberlândia, aquele, enfim o pessoal mais antigo é o que eu digo quem é de Uberlândia, ou mesmo que não nasceu aqui, mas que veio morar aqui desde pequeno passou pela Escola Estadual de Uberlândia, todo mundo passou por aqui, porque era uma escola boa e tinha um ensino bom e porque naquela época não tinha muitas escolas, depois é que começou a vir o Lyceu de Uberlândia, e outros tantos... Mas não tinham tantas escolas.⁴²

A entrevista com o Sr. Rogério trouxe muitos dos detalhes correlatos às histórias que ouvia dos colegas de trabalho quando me tornei professora da Escola Estadual de Uberlândia em 2008. As várias denominações pelas quais passou a instituição, o período em que era uma escola particular da cidade, em que o estado de Minas Gerais a havia adquirido, tornando-se, a partir de então, uma escola pública, além dos vários ex-estudantes que se tornaram reconhecidos nos campos profissional e político.

O destaque na narrativa do Sr. Rogério é de elementos socialmente positivos relacionados à escola na cidade, significando-a como um espaço social “querido” pelas ligações com seu passado familiar. Foi por construções de memória próximas a esta que profissionais da instituição apresentaram-me a existência social da escola em sua

⁴² Ex-estudante Rogério Raniedo. Entrevista realizada no dia 04 de janeiro de 2014. Tem 57 anos trabalha com como Publicitário foi estudante da Escola Estadual de Uberlândia entre os anos de 1968 até provavelmente ao ano de 1974. Ele é o produtor do espetáculo natalino ‘Janelas Encantadas’.

historicidade, sintetizadas aqui em uma frase de Sr. Rogério: “(...) Então a escola sempre foi uma referência muito diferente dos dias atuais. (...)”⁴³

Essa pequena passagem na narrativa do Sr. Rogério, presente em seus sentidos gerais nas falas informais de colegas, constrói uma relação de comparação que nos faz refletir sobre a grande complexidade de significados sociais acerca dessa escola pública da cidade. A Escola Estadual de Uberlândia é necessariamente uma referência? Para quem? E que tipo de referência? Seus estudantes sempre se “destacam” na sociedade e, mais importante, quais os sentidos sociais desse “destaque”? O seu passado expressa uma qualidade da escola pública que não existe mais?

Ao levantar essas questões acredito avaliarmos o que significa uma escola pública e sua função social na cidade. Trata-se de uma questão constantemente recolocada em nossa sociedade por diferentes sujeitos e está envolta em conflitos e disputas de interesses.

Pensar em escola pública significa exigir qualidade e seriedade nos trabalhos realizados por seus trabalhadores e resultados positivos na formação dos estudantes. Por trás dessa asserção aparentemente consensual estão diferentes e antagônicos interesses sobre os sentidos dessa “qualidade”, “resultados” e “formação”. Não é possível afirmar de modo tão direto como esses elementos, sob certas construções de memória, existentes de forma aparentemente “clara” no passado da escola, servem ao presente e muito menos ao futuro que almejamos aos estudantes.

O passado da escola construído na narrativa de Sr. Rogério ganha contornos semelhantes na entrevista do Sr. Durval Teixeira, também ex-estudante, porém durante os anos de 1940:

O Estadual era um dos melhores colégios do Estado de Minas Gerais! O Ginásio Mineiro de Uberlândia, depois mesmo que ele se tornou Colégio Estadual de 44 pra frente com a mudança pra quatro anos, ele passou a ser chamado de Colégio Estadual de Uberlândia. Ele era disputadíssimo, por causa disso... Porque ele tinha uma fama e porque tinha um corpo docente que era os melhores do Estado de Minas, pessoas simplesmente, totalmente preparadas, intelectualizadas, pessoas que tinham um conhecimento fantástico! Era extremamente disputado! Então por isso que o Corpo Docente do Colégio Estadual era de primeira linha e produziu gente como Rondon Pacheco, produziu gente com Adib Domingo Jatene, Carmo Domingo Jatene Procurador do Estado de São Paulo. O Dr. Adib foi inclusive Ministro da Saúde, produziu Homero Santos Deputado Federal e Deputado Estadual, o Virgílio Galassi que foi prefeito da cidade então todos foram tiveram a formação ali... Esses nomes que citei fizeram projeção do nome da cidade de Uberlândia no país inteiro. Aquele Colégio na época, ele tem assim um carisma... Então ele tem uma radiação muito boa, ao contrário a de todo mundo achar que ele seja um museu...Ele tem o nome de

⁴³ Ex-estudante Rogério Raniedo, 57 anos trabalha com como Publicitário. Entrevista realizada no dia 04 de janeiro de 2014.

Museu por causa da antiguidade dele.... Eu até hoje acredito muito no Colégio Estadual de Uberlândia, se eu tivesse filho pra estudar eu colocaria lá! Hoje em dia!⁴⁴

Sr. Durval tornou-se aluno do Ginásio aos 12 anos de idade após realizar o exame de admissão, exigido na época para o curso ginásial de cinco anos, e enquanto estudante acompanhou as mudanças legislativas educacionais de 1944. Uma dessas transformações reduziu o tempo do ginásio para quatro anos e instalou a divisão entre os cursos Clássico e Científico. A instituição deixou de ser o Ginásio Mineiro de Uberlândia para se chamar Colégio Estadual de Uberlândia. Sr. Durval finalizou seus estudos no colégio em 1951.

A narrativa de Sr. Durval expressa certo saudosismo sobre o Colégio Estadual de Uberlândia e, em meio a esse sentimento, tenta destacar os elementos que justificam a importância da escola para a cidade. O Colégio, em sua fala, aparece intimamente identificado ao corpo docente; fica claro em sua narrativa que a instituição somente tinha destaque social devido a seus professores.

As narrativas dos ex-estudantes têm suas semelhanças, apesar de apontarem significados diferentes à escola no presente. Sr. Durval, por exemplo, acredita na sua eficiência e qualidade por entender que a escola ainda carrega muito do que foi naquele passado, diferente do que conota Sr. Rogério, para quem a Escola Estadual “(...) era uma escola boa e tinha um ensino bom”.⁴⁵

Através dessas entrevistas de ex-estudantes vislumbramos uma memória que afirma a Escola Estadual de Uberlândia, pelo menos em parte, responsável pela formação de pessoas que ganharam destaque profissional ou se tornaram autoridades políticas, elevando a notoriedade de Uberlândia no país. Uma cidade que, através da excelência de sua instituição escolar, soube educar e formar profissionais e políticos de renome nacional.

Contudo, acredito que essa investigação permitiu-me esboçar um conhecimento histórico sobre a escola para além dessa memória, procurando conhecer a experiência vivida pelos sujeitos e, com isso, compreendendo as memórias – no plural – que a compõe. A Escola Estadual de Uberlândia, e demais instituições públicas, não deixa de colocar-se na cidade como um patrimônio de muitos; isso significa pensar em seus vários significados sociais e nos conflitos de valores gerados pelos sujeitos que os elaboram.

⁴⁴ Ex-estudante Durval Teixeira. Entrevista realizada agosto de 2013. Tem 85 anos, advogado aposentado. Foi estudante do Ginásio Mineiro de Uberlândia de 1940 a 1944. Realizou o Curso Científico já no então Colégio Estadual de Uberlândia de 1948 a 1951. Estudou advocacia na cidade de Uberaba-MG. Conheci Sr. Durval Teixeira no Arquivo Público Municipal de Uberlândia fazendo um levantamento de fotografias sobre o Aeroclube de Uberlândia, o qual faz parte dizendo que sempre gostou de pilotar aeronaves.

⁴⁵ Ex-estudante Rogério Raniedo. Entrevista realizada no dia 04 de janeiro de 2014. Tem 57 anos trabalha como publicitário. Foi estudante da Escola Estadual de Uberlândia entre os anos de 1968 e, provavelmente, 1974.

Foi com esse intuito, de destacar a multiplicidade e os embates sociais das construções de sentido para a escola, que realizei também algumas entrevistas com trabalhadores da cidade que não foram professores e/ou estudantes dessa escola. Meu objetivo é ampliar a reflexão sobre essa instituição ser considerada, para além de um patrimônio histórico tombado pelo poder municipal, um patrimônio social de muitos. Ela seria também compreendida com algum sentido de importância por essas outras pessoas?

Das quatro entrevistas que realizei, pensando especificamente essa questão, duas foram feitas com senhores que trabalham na Praça Adolfo Fonseca, localizada em frente à escola, no bairro Fundinho. Trata-se de Antônio Alves e Joaquim da Silva.

O Sr. Antônio, 67 anos, trabalha em um quiosque instalado na mencionada praça vendendo bolsas, mochilas, cintos, carteiras, itens de material escolar e outros artigos. Ele contou-me que trabalha nesse mesmo local há 27 anos.

Janaína: Então Sr. Antônio eu queria saber se o Senhor acha que essa escola é importante?

Sr. Antônio: Ela é importante, só que ela está muito mal organizada e administrada. Mal organizada assim que... pra começar... começa lá do nosso comando a Prefeitura Municipal de Uberlândia aí que devia ter uma guarda, ou ter aqui por exemplo nessa praça ter uma cabine da polícia pra evita... porque droga hoje que tem em todo canto, mas não só nela, mas em todas elas...

Janaína: E porque que o Senhor acha que ela é importante?

Sr. Antônio: Pra poder.... Eu como eu não estudei colocar tantos homens quanto mulheres mais sabedoria, né? Aprender mais, o ser humano porque a vida tá muito difícil, não é mesmo? Isso... na vida gente, estudar é bom faz parte da vida!

Janaína: E o senhor já ouviu alguma história sobre essa escola? o Senhor sabe de alguma história? De alguém que estudou lá? Você conhece?

Sr. Antônio: Eu já ouvi dizer que o homem que foi... eu não sei o nome dele... que foi governador de Minas ele estudou aí... parece que o prefeito que tá aí agora, o prefeito que tá aí como prefeito o Gilmar ele estudou aí também. Teve gente de gabarito! Quer dizer de inteligência que estudou aí...

Janaína: Que história mais positiva o senhor já ouviu falar dessa escola?

Sr. Antônio: A história mais positiva que eu te falo é que tem aluno que estudou aí e que hoje é bancária... que é amiga minha...que vem aqui me ver e fala o tio como que tá o senhor? Tem pessoa que é médico... e estudou aí...E passa aqui! Vem aqui me ver, me dá um abraço...tem psicóloga... que estudou aí... que foi eu minha... eu ajudei a formar igual uma dentista... lá de João Pinheiro... entendeu? Então tem história... Eu nesse local aqui tenho história! Não de um dia, mas de 27 anos... Aqui nessa redondeza aqui... Viu?⁴⁶

A escola tem importância para o Sr. Antônio por ser um lugar que possibilita homens e mulheres estudarem, gerando a possibilidade de uma vida menos difícil, na qual os trabalhadores possam ser mais respeitados por ocuparem postos de trabalhos como dentistas,

⁴⁶ Trabalhador do setor do comércio Sr. Antônio Alves de Oliveira. Entrevista realizada em 10 de outubro de 2015. Tem 67 anos e trabalha com vendas em um quiosque de mercadorias variadas na Praça Adolfo Fonseca, que fica em frente à Escola Estadual de Uberlândia, no bairro Fundinho.

psicólogas, médicos, bancárias e outros. Contudo, a narrativa do Sr. Antônio indica que a maior importância da escola estaria no fato de, através dela, ter construído relações de amizades, principalmente com ex-estudantes, que mesmo passado o tempo, entre idas e vindas, ainda vêm o cumprimentar e conversar.

É possível notar através da entrevista de Sr. Antônio uma impressão recorrente em nossa sociedade atual sobre as escolas públicas e seu entorno: a noção dessas instituições como desorganizadas, desleixadas ou mesmo abandonadas. A praça e a escola, como espaços públicos, na percepção do Sr. Antônio enfrentam problemas com entorpecentes – e em sua condição de vendedor, ele mesmo torna-se vulnerável a roubos ou outros crimes a eles relacionados. O local social no qual se expressa é a de um trabalhador do comércio que se sente indefeso frente a tais problemas e a Escola Estadual de Uberlândia liga-se, de alguma forma, ao surgimento de sua insegurança.

Mais uma vez, com Sr. Antônio, é destacada a relação existente entre personalidades políticas “de gabarito” da cidade e o fato de terem sido estudantes da Escola Estadual de Uberlândia. Vincular o prefeito municipal com a escola apresenta-se como um forte elemento na memória de Sr. Antônio, mesmo que o atual prefeito de Uberlândia, Gilmar Machado, não tenha sido de fato estudante dessa instituição.⁴⁷

Talvez, na memória construída pelo entrevistado, personalidades do poder político municipal estejam quase “naturalmente” ligados à escola, por “ouvir dizer”, em sua palavras, que certo governador e outras pessoas “importantes” terem estudado ali, indicando a maneira como foi elaborada e compartilhada essa memória na cidade.

Sr. Joaquim, 64 anos, cujo apelido é “Goiano”, também trabalha na Praça Adolfo Fonseca, mas com uma banca de jornais e revistas. Diferente de Sr. Antônio, ele não ouvira falar e nem conhecia nenhuma pessoa que tenha sido estudante daquela escola, mas também colocou a escola como importante na cidade:

⁴⁷ Alguns prefeitos anteriores foram estudantes da Escola Estadual de Uberlândia, como Odelmo Leão Carneiro - PP (1º 2005/2008, 2º 2009/2012), Zaire Resende - PMDB (1º 1983/1988, 2º 2001/2004), Virgílio Galassi - PPB (1º 1971/1973, 2º 1977/1983, 3º 1989/1982, 4º 1997/2000) e Paulo Ferola - PTB (1º 1993/1996). Informações apresentadas em: GATTI, Giseli. **Tempo de Cidade, Lugar de Escola:** dimensões do ensino secundário no Ginásio Mineiro de Uberlândia (1929-1950). 286f. Tese de Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Uberlândia. 2010. O prefeito Gilmar Machado (1º 2013/2016) é natural de Cascalho Rico - MG e, segundo informações, cursou o seu ensino fundamental e médio na sua cidade natal, mudando-se para Uberlândia para cursar o ensino superior. Informações em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gilmar_Machado. Acesso em 06 de janeiro de 2016.

Janaína: Que o senhor acha dessa escola? O senhor acha que ela é importante?

Sr. Joaquim: É muito importante!!! Muito importante! Tem uma grande utilidade!

Porque isso aí é um patrimônio histórico! Já vem de muito tempo! Então eu no meu ver, eu apoio, ela deve continuar... você entendeu isso aí? O ensino! Tem uma utilidade pelo ensino, pela educação. É a gente não vê reclamação do professor e nem do diretor, dali porque aqui é um ponto em que todo santo dia tendo eles passam pra lá e pra cá, então a gente não vê reclamação porque hoje, o que aluno mais faz é reclamar do professor, reclamar do professor, e do diretor e pronto e acabou... e outra coisa graças a Deus pelo menos bagunça não tem, tem na praça, mas lá dentro, agente não vê bagunça! A gente não vê um policial entrar lá pra fazer uma ocorrência nem nada.. porque não há necessidade...então quer dizer que a diretoria cuidando direito...

Janaína: O senhor é o primeiro aqui na praça que estou entrevistando que sabe que ela é patrimônio histórico? Como que o senhor soube que ela é patrimônio?

Sr. Joaquim: Isso... A gente já tem uma idade avançada e pelo hoje a revolução que ta acontecendo, então essas coisas antigas... são separadas... então a gente tem que dar valor... então é aonde a gente considera ela histórica! Foi umas das primeiras... dentro de Uberlândia...⁴⁸

A narrativa de Sr. Joaquim diferencia-se de Sr. Antônio, principalmente no que se refere à noção do público como algo desorganizado, mostrando que existe um conflito social de valores nesse aspecto. Além disso, ele ainda não deixa de apontar, em sua visão, o porquê da escola possuir grande importância para Uberlândia.

O jornalista fundamentou sua colocação em parte no próprio tempo de existência da escola, entendendo que seu caráter “histórico” justifica seu valor para a cidade. Mais do que isso, é uma instituição que oferece educação, algo que tem servindo a vida em sociedade. Mesmo, sem saber muitas informações sobre a escola há um reconhecimento de seu valor por parte de Sr. Joaquim.

Buscando a Escola Estadual de Uberlândia no campo múltiplo e diverso de memórias de trabalhadores da cidade que não foram seus estudantes e nem professores, é possível perceber ainda a existência de sentidos, digamos, de “excelência” sobre a escola. Destaco dentro do campo de trabalhadores entrevistados da cidade, duas outras narrativas de pessoas que não trabalharam ou estudaram na Escola Estadual, mas que mesmo assim relacionaram seu passado às aprovações em vestibulares e a um “ensino forte”, produto da atuação brilhante de seus alunos e professores.

As narrativas da professora aposentada da Escola Estadual Bueno Brandão Adimair Guedes e da ex-estudante, também da Escola Bueno Brandão, Zuleika Martins nos indicam uma escola importante quase somente pelo que teria sido no passado. A Sr.^a Adimair

⁴⁸ Jornaleiro Joaquim da Silva Andrade. Entrevista realizada dia 10 de outubro de 2015. Tem 64 anos e a sua banca de revista fica na Praça Adolfo Fonseca, que fica em frente a Escola Estadual de Uberlândia.

trabalhou como professora de Ciências na cidade desde 1968, na Escola Bueno Brandão; começou em 1971 e lá mesmo se aposentou no ano de 2001.⁴⁹

Apesar destas entrevistadas não terem freqüentado diretamente a Escola Estadual de Uberlândia – seja como trabalhadoras ou estudantes –, ambas afirmaram ter parentes que lá estudaram. Dona Adimair, professora de Ciências na Escola Estadual Bueno Brandão, teve uma de suas filhas como estudante, nos anos 80, na Escola Estadual de Uberlândia. A irmã de Dona Zuleika, Dalva, também estudou na escola, mas no início dos anos 70. Em um trecho da entrevista, Dona Adimair diz:

Janaína: Hoje você aposentada há algum tempo; como que você vê as escolas públicas? Em especial o Museu? Como uma pessoa que não esteve lá e não está lá?

Adimair: Então os alunos tinham mais compromisso, os alunos saiam do Museu naquela época com uma base... Eles entravam em qualquer universidade pública e federal sem fazer cursinho e sem fazer nada, um exemplo disso é a minha filha e as amigas dela. As amigas dela... Tem amigas que fizeram medicina... Tem Direito, Engenharia tudo... Sem precisar fazer um cursinho ou coisa assim, e não tinha esse negócio de cotas que tem hoje era concorrido assim com pessoas normais como de qualquer outro colégio... Então eu agora vejo que eles não conseguem nada! Eu vejo que tem gente, que pelo que a gente lê e tudo, assim tem aluno que sai da escola e não sabe nem escrever direito! A Gisele teve dois colegas que entraram no ITA que é uma escola difícil naquela época, era agora... Agora não sei se deve ser mais ainda... Então eu acho assim que o ensino não é ruim, o jeito que tá sendo levado, os valores que eles tão dando, por exemplo, passar todo mundo! De qualquer jeito passar todo aluno! Então isso aí é ruim para o aluno, ele é que fica prejudicado...⁵⁰

Esse trecho da narrativa de Dona Adimair expressa contradições de valores sobre a escola pública de maneira geral. O sentido de uma escola de excelência emerge na construção do passado da professora aposentada, servindo para ela como referência para hoje. Entretanto, sua narrativa mostra dissenso sobre a importância da escola ao longo do tempo: em sua avaliação as escolas públicas têm grande valor, desde que exista discernimento das escolhas que a sociedade faz nos processos de ensino e aprendizagem. Na memória elaborada pela professora, as escolas do passado parecem conseguir realizar melhor esses processos e sua

⁴⁹ Professora aposentada da Escola Estadual Bueno Brandão Adimair Guedes. Entrevista realizada em 17 de julho de 2015. Ela tem 70 anos, lecionava ciências e mudou-se para Uberlândia em 1968 quando se casou. O seu esposo trabalhava em Uberlândia e por isso passou a residir nessa cidade. Até aquele ano morava em Araguari-MG, cidade a 30 km de Uberlândia, onde cursou o Magistério habilitando-se como professora das séries iniciais. Quando chegou em Uberlândia, cursou a Faculdade de Ciências, Filosofia e Letras do Colégio Nossa Senhora, mais conhecido como “Colégio das Irmãs”, especializando-se em Ciências. Em 1971 tornou-se professora efetiva da Escola Estadual Bueno Brandão. Aposentou-se nesta mesma escola no ano 2001. Segundo ela poderia ter trabalhado no Colégio Estadual de Uberlândia, mas este ficava mais distante de sua casa. Ela conta também que por oito anos foi professora na Escola Estadual Dr. Duarte Pimentel de Ulhôa, no bairro Martins. Eu já conhecia Dona Adimair por alguns laços parentescos bem distantes e, a meu pedido, ela se dispôs em participar da pesquisa.

⁵⁰ Professora aposentada Adimair Guedes. Entrevista realizada em 17 de julho de 2015.

referência de efetividade do cumprimento de seu papel é “dar base” aos estudantes, permitir-lhes a aprovação em vestibulares.

A vendedora aposentada Dona Zuleika foi estudante da Escola Estadual Bueno Brandão e ao falar sobre as escolas públicas na cidade, destaca a Escola Estadual de Uberlândia nos seguintes termos:

Zuleika: Era assim muito bem classificado quem conseguia estudar no Estadual, que era o colégio principal, colégio muito seguro, porque as pessoas eram reconhecidas que era um colégio muito bem classificado. É porque também era o colégio mais potente. (...) Quem conseguia estudar na UFU era bem classificado, hoje tem várias faculdade que são também excelentes, agora o Estadual era tipo assim uma coisa bem classificada como a UFU, o Estadual era o de melhor... De conhecimento que as pessoas achavam porque o estudo de lá era mais firme, era mais aperfeiçoado, mais valorizado.⁵¹

Narrativas como as das Donas Adimair e Zuleika abrem um caminho de análise que nos leva a considerar como para esses sujeitos sociais, remeter a um passado positivo da escola pública da cidade estaria, implicitamente, afirmando sua importância no presente. Mesmo ao lamentar a queda da qualidade do ensino na atualidade, como fez professora aposentada Adimair, conota-se aí o valor da educação escolar – e das instituições públicas em questão – para a sociedade presente. Em outras palavras: usa-se o passado, compreendido como “melhor”, possuidor de algo hoje perdido, como expressão narrativa da força de um valor presente, a importância da escola pública para os estudantes da cidade.

Assim, nesses relatos, passado e presente fundem-se através de um valor socialmente compartilhado, como sugere o historiador Eric Hobsbawm em “O Sentido do Passado”.⁵² Dessa forma, frente às narrativas de Dona Adimair e Dona Zuleika, podemos entender que há forte presença de um sentido de passado da Escola Estadual de Uberlândia fundado em uma “excelência” de suas metas e atuação educacional, não como padrão, mas sim como modelo.⁵³

Isso implica uma transformação fundamental do próprio passado. Ele agora se torna, e deve se tornar, uma máscara para a inovação, pois já não expressa a repetição daquilo que ocorreu antes, mas ações que são, por definição, diferentes das anteriores. Mesmo quando se tenta realmente

⁵¹ Vendedora aposentada Zuleika Martins. Entrevista realizada em junho de 2013. Ela tem 60 anos, trabalhou no comércio da cidade, como vendedora. Seus pais eram agricultores e ela nasceu em uma fazenda próxima a Uberlândia. Cursou o ensino primário em escola rural. Ao se mudar para Uberlândia, estudou da 5ª a 8ª série (durante os anos de 1970) na Escola Estadual Bueno Brandão em turmas noturnas, mas não de maneira contínua, as interrupções foram várias ao longo daqueles anos.

⁵² HOBBSAWM, Eric. O Sentido do Passado. In: _____. **Sobre a História**. São Paulo. Ed. Companhia das Letras. 1998. p. 22-35.

⁵³ HOBBSAWM, 1998, p. 25.

retroceder o relógio, isso não restabelece de fato velhos tempos, mas meramente certas partes do sistema formal do passado consciente, que agora são funcionalmente diferentes.⁵⁴

O sentido do passado construído nesses trechos pelas entrevistadas torna-se a expressão de uma prática social que tem como propósito acionar uma inovação. O passado aparece apenas como uma referência, usando o termo do historiador inglês, ele vem como uma “máscara”. Para as entrevistadas, aquela escola mantém sua importância social hoje desde que – o condicional é fundamental aqui – consiga manter algumas semelhanças com seu passado (como elaborado em suas memórias), mesmo que os sentidos e formas do que e como manter, a “excelência”, não sejam os mesmos para ambas.

Pensar a importância da escola pública significa, a meu ver, referenciá-la como um espaço através do qual podemos refletir e compreender nossa realidade social em suas complexidades de relações, valores e anseios de cada sujeito ou grupo social. Entendo-a em nosso tempo como um lugar privilegiado para que grande parcela de nossas crianças, jovens e também adultos tenham mais possibilidades de se entenderem junto ao mundo. É um direito social, mas que sozinha não pode carregar a tarefa de mudar o mundo.⁵⁵

É nessa perspectiva que compartilho as considerações do Grupo de Memória Popular em suas pesquisas de história social e trago-as como auxílio para minhas próprias problematizações.⁵⁶ Não é possível considerar a existência de uma memória única e harmônica sobre o passado da escola, mas devemos admitir, dentro das relações sociais, conflitos e disputas nos quais determinadas construções de memória (imbuídas de valores e interesses específicos) pretendem-se firmar como único sentido para o passado. Segundo o Grupo, quando pensamos sobre as maneiras que

(...) as representações públicas da história afetam concepções individuais ou de grupos, podemos falar em “memória dominante”. Este termo aponta para o poder e a universalidade das representações históricas, suas conexões com instituições dominantes e o papel que desempenham na obtenção de consenso e na construção de alianças nos processos de políticas formais. Mas não queremos insinuar que concepções do passado que se tornam dominantes no campo das representações públicas são monoliticamente instaladas, nem que possuem credibilidade em todo lugar. Nem todas as representações que alcançam domínio público são “dominantes”. O campo está impregnado de construções do

⁵⁴ HOBBSAWM, Eric. O Sentido do Passado. In: _____. **Sobre a História**. São Paulo. Ed. Companhia das Letras. 1998. p. 22-35. p. 26

⁵⁵ A referência para pensar as nossas escolas públicas assim como nossas práticas enquanto professores e as imagens sobre nossos estudantes estão na seguinte obra: ARROYO, Miguel G. **Imagens Quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis-RJ. Editora Vozes. 8ª Edição. 2014.

⁵⁶ POPULAR, Grupo de Memória. Memória Popular: teoria, política e método. In: FENELON, Déa; MACIEL, Laura; ALMEIDA, Paulo; KHOURY, Yara (orgs) **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Ed. Olho d'Água. 2004. p. 282-295.

passado que muitas vezes estão em guerra entre si. A memória dominante é produzida no transcorrer dessas lutas e sempre está exposta a contestação. Queremos insistir, entretanto, que existem processos reais de dominação do campo histórico. Certas representações conseguem centralidade e se vangloriam enormemente; outras são marginalizadas, ou excluídas ou reformuladas. Mas os critérios de sucesso aqui não são os de verdade: representações dominantes podem ser aquelas que são as mais ideológicas, as que mais obviamente correspondem aos estereótipos homogêneos do mito.⁵⁷

Avancemos, levando em conta essas considerações, com nossa discussão sobre a Escola Estadual de Uberlândia.

Ao expressarem essa escola como referência de ensino na cidade, os ex-estudantes Sr. Durval e Sr. Rogério não fazem em suas narrativas alusão ao fato de que trabalhadores, ou filhos de trabalhadores, estudaram na instituição.

Na memória de excelência, elaborada sobre o passado por alguns dos entrevistados, não se destacam figuras de trabalhadores como alunos da escola, apenas aqueles que tiveram “sucesso profissional” compreendido como prestígio político ou econômico. O fato da Escola Estadual de Uberlândia ter estudantes trabalhadores surge em conflito com essa memória, que ganhou maior alcance social em relação a outras memórias sobre a escola. Pela força dessa memória, no princípio da pesquisa cheguei a acreditar que a instituição realmente tinha como estudantes apenas os filhos das classes privilegiadas, já que, usufruindo de melhores condições sociais, teriam maiores chances de serem aprovados nos exames de admissão, pré-requisitos para a realização da matrícula.

À medida que a pesquisa foi avançando, a compreensão de que a Escola Estadual de Uberlândia também teve trabalhadores como estudantes foi surgindo em minhas análises. Dessa maneira, pude buscar outras memórias que também compõe esse campo de construções sobre o passado.

As entrevistas com professores, a maioria aposentados, da escola abriram possibilidades para entender a elaboração desses outros sentidos presentes na vida em sociedade. Contudo, elas são narrativas marcadas pela ambigüidade e complexidade das significações dessas outras memórias. Não temos a pretensão de esgotá-las, muito menos acreditar que conseguimos compreendê-las em sua profundidade, no entanto, os esforços nesse sentido não foram pequenos.

⁵⁷ POPULAR, Grupo de Memória. Memória Popular: teoria, política e método. In: FENELON, Déa; MACIEL, Laura; ALMEIDA, Paulo; KHOURY, Yara (orgs) **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Ed. Olho d'Água. 2004.p. 284.

Quando questionados sobre os estudantes da escola, os professores falaram-me da existência não só dos mais ricos, mas também daqueles em grande precariedade financeira. Interessou-me saber sobre esses estudantes/trabalhadores que não estão presente na memória de excelência, ou seja, alunos que não eram considerados da “elite” – termo muito utilizado pelos professores em suas narrativas.

A professora de Língua Inglesa Maria Amélia, quando perguntada sobre as diferenças entre ministrar aulas nos turnos da manhã, tarde e noite, refere-se ao respeito em sala e remete-se aos estudantes-trabalhadores na escola:

(...) Mas eu sempre fui positiva. Sabe? Então eu chegava na sala no primeiro dia de aula eu já explicava o meu jeito, a minha maneira que eu exigia respeito e respeitaria eles. Então nessa questão de disciplina a nunca tive problema nem cedo, nem a tarde nem a noite, sabe? Quando começava a querer pintar comigo eu já podava as asas. E mais eu acho assim que questão de matéria a tarde e de manhã rendia mais que a noite. Porque de manhã, o nível dos alunos era muito diferente dentro do colégio, hoje já não é mais assim, acho que não é mais assim, mas no meu tempo a elite geralmente estudava no Museu. Entendeu? Tinha o colégio Nossa Senhora, tudo, tinha lá as riquinhas, mas a elite mesmo intelectual tava praticamente dentro do Museu. Entende? Então eles tinham tempo pra estudar, tinham condições, se tivesse algum problema com a matéria, onde o papai paga alguma coisa, tinham condições de fazer cursos que os de noite não tinham. Então tinham gente assim.⁵⁸

A partir da colocação da professora é possível perceber que a memória que retrata a escola como modelo de excelência, em termos de formação de seus estudantes, se fundamenta, sobretudo, em condições de estudo de alunos que estavam no turno da manhã. Contudo, os estudantes-trabalhadores que estavam na Escola Estadual de Uberlândia estão, na memória da professora de Inglês, em maior número no turno da noite. Os horários de estudos aparentemente estavam marcados pela distinção entre os estudantes de condições sociais diferentes.

Com a narrativa da professora aposentada, podemos destacar ainda outro aspecto: a memória sobre a escola que ganhou maior amplitude social é, sobretudo, excludente. Não há nela dimensão dos vários estudantes que existiam na escola não se atribuindo ao passado a presença dessas pessoas, e, com isso, não se insere nas relações sociais esse espaço como lugar de possibilidades democráticas e de direitos. As narrativas dos ex-estudantes Sr. Durval e Sr. Rogério colocam a escola como referência em termos de formação e ensino e isso acaba por seleccionar e produzir um passado, elegendo valores que aparentemente não sofriam com as contraposições ou divergências vindas das relações sociais.

⁵⁸ Professora aposentada da Escola Estadual de Uberlândia Maria Amélia de Castro Alves. Entrevista realizada em 13 de novembro de 2013. Ela tem 73 anos, lecionava inglês e começou a trabalhar na escola no ano de 1964 e aposentou-se em 1987.

A amplitude social ganha por essa memória permitiu construir para ela um status quase de unicidade. Porém, percebem-se através da existência persistente de outras memórias, relações de conflito sobre o passado, pois, como afirma Portelli, toda “memória é um produto social”. Elas são produzidas em relações tecidas entre o meio social e os seus sujeitos, assim não há como não pensar em uma memória dominante sem aquelas “outras” memórias, que não assumem a mesma força social. Por esse motivo não podemos isolar essa memória que estamos chamando “memória de excelência”.⁵⁹

A narrativa da professora Maria Amélia destaca que o tempo livre para o estudo, a possibilidade de realizar cursos e pagar aulas particulares eram aspectos que não faziam parte da vida dos estudantes trabalhadores, ou filho de trabalhadores. Contudo, eles estavam presentes nessa instituição da cidade; não era porque tinham menores condições financeiras que não poderiam ter a vontade de estudar e se manterem como estudantes, dentro de suas possibilidades.

Outra professora aposentada, Marlene Dalti, que lecionava Matemática, também chama a atenção para as diferenças entre os turnos e as condições sociais dos estudantes da escola:

Naquela época conviviam os mais ricos com os mais pobres. De manhã, por exemplo, tinha pessoal de família mais abastada não precisava trabalhar e a noite você tinha os meninos que tinham que trabalhar então eram pessoas mais sofridas e você tinha que ter esse discernimento igual o aluno da noite, por exemplo, você não podia dar aquele tanto de tarefa que eu dava para os meninos da manhã. Quando eu dava era final de semana, e teve uma época que a gente dava aulas aos sábados, então era assim nós passamos por várias provas e todas elas foram resolvidas à contento, maravilhosamente bem? Não, porque que a gente lutava sempre com contra a dificuldade...⁶⁰

Professora Marlene parte de uma comparação entre o passado e o presente ao dizer que em tempos passados “pobres” e “ricos” tinham certo convívio nesta escola pública. Ela

⁵⁹ A reflexão sobre Memória que fundamenta essa pesquisa tem no italiano Alessandro Portelli a sua maior referência, além também de alguns estudos do historiador Alistair Thomson. Entre os muitos artigos destaco: PORTELLI, Alessandro. História Oral e Memórias. Entrevista com Alessandro Portelli. In: **História e Perspectivas**. Uberlândia. N.º 25 e 26 jul/dez. 2001. jan/jun. 2002. p. 27-54. PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Projeto História**. São Paulo. PUC/SP. N.º 15. Abril/1997. p.13-50. Um texto importante do historiador Alistair Thomson é THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: Questões sobre a História Oral e Memórias. **Projeto História**. São Paulo. N.º 15. Abr. 1997. p. 51-84.

⁶⁰ Professora aposentada Marlene Dalti. Entrevista realizada em 30 de outubro de 2014. Ela tem 73 anos, lecionava matemática e começou a trabalhar como professora na Escola Estadual de Uberlândia em 1965, quando ainda se chamava Colégio Estadual de Uberlândia; deixou a escola em 1980 para lecionar na recém-criada Universidade Federal de Uberlândia. Quando se aposentou na Universidade, 1992, decidiu retomar seu cargo efetivo na rede pública estadual e procurou a Escola Estadual de Uberlândia, contudo nesta escola não havia nenhum cargo de matemática vago, ela então conseguiu vincular seu cargo na Escola Estadual Honório Guimarães, aposentado-se em 1997.

demonstra, com isso, a percepção de uma mudança, onde a escola pública, como um espaço social, sofreu um esvaziamento daqueles estudantes considerados “ricos”.

Mesmo se tratando de uma afirmação de transformações, a colocação da professora pode ser relacionada às considerações da pesquisadora Beatriz Sarlo ao tratar das relações de memórias: “Não se prescinde do passado pelo exercício da inteligência; tampouco ele é convocado por um simples ato de vontade. O retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente.”⁶¹

Sarlo trata das relações complexas que conjugam a temporalidade das construções de memórias, afirmando que impossível o tempo passado não se fazer no presente, mesmo quando há a percepção de outra conjuntura, como expôs Dona Marlene. Mesmo diante de uma análise em que ocorrera uma mudança “(...) o passado sempre chega ao presente.”⁶²

A professora Marlene expõe a necessidade de saber lidar e perceber as condições de vida, e, portanto, de estudo dos estudantes. Ela expressa o sentido de que existiam alunos que eram pessoas “mais sofridas”; para ela a escola e o estudo não poderiam ser mais um peso em suas vidas, ou enfrentar mais dificuldades poderia afastá-los desse espaço social.

Dessa forma, as aulas e as turmas no turno da manhã e tarde pareciam ter maiores condições de avançar o conteúdo trabalhado do que as do noturno, como colocam as professoras Marlene e Maria Amélia. Para os alunos que estavam no turno da noite, o que os marcava não eram diferenças de capacidade cognitiva, por exemplo, mas a questão social, a necessidade de trabalhar para se sustentarem na vida, na escola e na cidade.

Eu me lembro perfeitamente que quando eu era solteira eu morava ali na Rua Vigário Dantas n.º 82, hoje eles vendem material elétrico essas coisas, eu morei ali, ali era nossa casa. E muitas vezes eu chegava no Museu pra dar aula e tinha aluno assim que tava assim quase doido de fome que não tinha o que comer e tinha vindo do trabalho direto e não tinha comido nada eu levava, eu falava mãe você sempre deixa uma sopa uma coisa separada, eu quase, as vezes, não era sempre, as vezes eu levava um na hora do recreio pra ir lá em casa jantar. Porque na época ainda não tinha lanchinho, não é?...Então assim na época era difícil! Sabe? Era difícil! Sabe? Era difícil! Eram pessoas mais pobres, de poder aquisitivo bem pior. Entendeu? Então assim era mais sacrificado. Então existia assim uma diferença de tudo! Existia essa diferença sim! Mas assim...⁶³

⁶¹ SARLO, Beatriz. Tempo Passado. In:_____. **Tempo Passado: cultura da memória e a guinada subjetiva.** São Paulo; Companhia das Letras; Belo Horizonte; UFMG. 2007. p. 9-22.

⁶² SARLO, Beatriz. 2007, p. 10.

⁶³ Professora aposentada da Escola Estadual de Uberlândia Maria Amélia de Castro Alves. Entrevista realizada em 13 de novembro de 2013. Ela tem 73 anos, lecionava inglês e começou a trabalhar na escola no ano de 1964 e aposentou-se em 1987.

“Mais sacrificado” ou “mais sofrido”, como expôs Dona Marlene, foram termos que professora Maria Amélia também utilizou para descrever essa situação do passado da escola, quando estudantes trabalhadores buscavam estudar. A dificuldade em se manter durante as aulas com fome era algo que parecia ser comum entre alguns alunos, pois, como ela se lembra, ainda não havia distribuição de lanche gratuito, logo era com mais dificuldades que essas pessoas se mantinham nesse espaço da cidade, que conjugava intensas relações de desigualdades. A falta de um lanche aos estudantes indica o distanciamento da escola pública com a realidade da vida dos trabalhadores da cidade.

O fato de trabalhar a noite permitiu à professora Maria Amélia a construção dessa memória sobre as desigualdades sociais presentes na escola. Eram várias as escolas – dentro de um mesmo prédio – que compunham a Estadual de Uberlândia, mas somente uma delas é referenciada naquela memória que ressalta a sua “excelência”.

A professora aposentada de Matemática Maura de Fátima, que trabalhou na escola apenas no turno da tarde, elabora um sentido bem diferenciado em relação à professora de Língua Inglesa Maria Amélia e a Dona Marlene. A professora Maura se remete ao assunto quando realiza a seguinte pergunta:

Janaína: E ser professor nessa escola da cidade era diferente? Eu sei que você não dava aula em outras escolas...

Maura: Não dava, mais não sei se era tão diferente eu acho que era mais ou menos a mesma coisa com os alunos da mesma forma, só que é assim lugares longe de onde eu morava, alunos às vezes mais carentes, porque o Museu sempre foi uma escola de alunos mais arrumadinhos, aqueles assim daquela forma bem mais arrumadinho, aqueles meninos bonitos sabe? Uns meninos bem tratados, sabe? Agradáveis, então se sentia bem.

Janaína: Agora nessas outras...

Maura: Agora nas outras eu não tenho noção das coisas porque eu nunca trabalhei mais eu tenho noção pelas coisas que diziam os colegas parece ser meninos mais carentes que talvez a professora precisava até auxiliá-los quanto a materiais e tudo, agora Museu nunca teve isso o que você pedisse os meninos tava ali com tudo arrumadinho, tudo encapadinho os cadernos, muito organizado.⁶⁴

A carência material, na narrativa da professora, concretiza-se como sinônimo de desorganização de livros e cadernos. Ela indica que no “Museu” (a Escola Estadual de Uberlândia) não precisava enfrentar a necessidade de auxiliar seus estudantes com a organização e menos ainda com a compra de materiais para o estudo.

⁶⁴ Professora aposentada na Escola Estadual de Uberlândia Maura de Fátima Rezende Siceroli. Entrevista realizada em 24 de janeiro de 2014. Ela tem 77 anos, lecionava Matemática e começou a trabalhar na Escola Estadual de Uberlândia no ano de 1973 e aposentou-se em 1997. Ministrou ao longo desse tempo aulas no turno da tarde.

A professora Maura, ao narrar sobre o seu trabalho com estudantes no turno da tarde, fez referência a se “sentir bem”, sentimento ligado às boas condições dos alunos, o que se expressavam de maneira marcante na aparência física. Ao remeter-se ao passado ela reconhece que existiam outros alunos que podiam causar incômodos aos professores pelas várias carências que cercavam seus viveres, o que acabava por refletir no ambiente escolar.

Fazem parte da sua memória as práticas que cabiam ao professor, como um dever moral talvez, de auxiliar seus alunos naquilo que fosse necessário, no entanto, ela se sentia bem por não precisar agir de tal maneira no turno da tarde do “Museu”, Deixa a entender, porém, que caso algum aluno demonstrasse necessidades, ela poderia/deveria auxiliar de alguma forma. Trata-se de valores que faziam parte da conduta da professora Maria Amélia, que chegou a oferecer alimento para estudantes, tal como ela relata.

Especificamente nos trechos citados das narrativas das professoras Maria Amélia e Maura, não compreendo o sentido do dever moral de amenizar a influência das difíceis condições de vida de seus estudantes em seus estudos, como um simples “assistencialismo”. Entendo que em suas memórias essas práticas tinham o objetivo de diminuir as dificuldades enfrentadas de permanecerem no espaço social da Escola Estadual de Uberlândia. Contudo, na vastidão do campo das memórias e dos sentidos elaborados para suas práticas no tempo passado, há divergências face àquele dever moral, entre professores. Há contradições de valores e sentidos sobre a realidade que fazem parte da vida dos sujeitos históricos.

Contando sobre sua trajetória, a professora aposentada Jerônima Augusta constrói uma narrativa para a sua prática social em que se diferenciam valores face, por exemplo, aos demonstrados pelas professoras Maura e Maria Amélia.

Janaína: Me fale um pouquinho assim da sua trajetória de vida...

Jerônima: Eu sempre assim gostei muito de estudar, embora eu tenha feito assim o primário, na época assim chamava primário, hoje que é assim o ensino fundamental, foi muito ruim. Eu tinha muita dificuldade e pra sanar essa minha dificuldade, meus pais foram muito importantes! Meu pai me fazia ler muito pra ajudar na escola então com isso eu aprendi a ler, a ler muita coisa, até bula de remédio! Tudo, tudo, tudo assim que caísse em minhas mãos tinha a princípio que ler, tinha que ler agora eu leio é por prazer. E dada a essa minha dificuldade de aprendizagem, eu acho que eu decidi a ser professora quando ainda estava no primário. Aí eu decidi que queria ser professora e queria ajudar assim! Ligada assim com meninos com deficiência de aprendizagem. Aí eu trabalhei alguns anos no curso primário, fiz curso normal no Colégio das Irmãs. Tive que sair porque arranjei aula no museu em 1976. Então desde 1976 eu estive lá!⁶⁵

⁶⁵ Professora aposentada Jerônima Augusta de Paula Meneses. Entrevista realizada no dia 28 de outubro de 2013. Ela tem 55 anos, lecionava história e começou a trabalhar na Escola Estadual de Uberlândia de 1976 até os primeiros meses de 2013.

Refletindo sobre suas práticas ao elaborarem narrativas sobre o passado, ou seja, ao construir memórias, os professores nas escolas públicas entrevistados revelam diferentes sentidos para suas experiências de vida e trabalho. Destacaram-se até aqui, pelo menos dois sentidos (entre inúmeras outras possibilidades) quanto aos valores frente aos estudantes: o primeiro ligar-se-ia a um dever moral que procurava viabilizar a permanência de estudantes-trabalhadores na escola, o segundo seria também um dever moral, mas direcionado a ajudar nas “deficiências de aprendizado” dos alunos. Este último sentido poderia imprimir à escola pública o caráter de entidade assistencialista, de “tirar o atraso” de estudantes com dificuldades de aprendizado um tanto genéricas, vistas, talvez, como inerentes a cada um daqueles indivíduos.

As contradições são uma constante nas práticas dos trabalhadores, incluindo os professores entrevistados. O historiador E. P. Thompson ao fazer referência ao “termo ausente” (a “experiência” como categoria compreensiva ao pesquisador) afirma “(...) que toda contradição é um conflito de valor, tanto quanto um conflito de interesse; que em cada ‘necessidade’ há um afeto, ou ‘vontade’ a caminho de se transformar em um ‘dever’(...)”⁶⁶ Pensar essas contradições significa compreender a vida desses professores em suas relações com a escola e os seus estudantes(-trabalhadores).

Uma contribuição importante nesse caminho é o texto de Beatriz Sarlo, “Cabezas Rapadas y Cinitas Argentinas”.⁶⁷ A pesquisadora analisa a prática de Rosa del Río, professora argentina, desde quando era estudante até sua atuação docente. Sarlo busca o que era a escola pública na qual Rosa estudou, o papel que desempenhava enquanto instituição e ela significou na vida da estudante, e, depois, professora.

Beatriz Sarlo analisa as contradições geradas e vividas nessa conjuntura, lançando a seguinte questão: Rosa del Río seria um “robô estatal”? Apenas cumpria os desígnios da instituição quando era professora e diretora? Em sua concepção não seria possível afirmar isso de maneira positiva, pois ao mesmo tempo em que a escola pública argentina era uma “máquina de imposição” de identidades, ela também servia como um meio de produção de melhores condições de existência, como foi para Rosa del Río.

A pesquisadora avalia que a professora e diretora trazia em sua prática social uma grande diversidade de valores: “ela era laica, as vezes cientificista, outra espiritualista, patriótica, democrática e igualitária, e ao mesmo tempo autoritária frente a qualquer

⁶⁶ THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria**: ou um planetário de erros. Ed. Zahar. Rio de Janeiro. 1981. p. 189 e 190.

⁶⁷ SARLO, Beatriz. Cabezas Rapadas y Cintas Argentinas. In:_____. **La Máquina Cultural**: maestras, Traductores y vanguardistas. 3º Edição. Buenos Aires, Editora Seix Barral. 2007. p.13-74

manifestação de diferença cultural (...)”. Entretanto, a escola enquanto espaço social possibilitava a emancipação da mulher, além da geração de um respeito devido a condição de existência que vinha Rosa del Río e sua família.⁶⁸

Sarlo constrói uma análise que vai ao encontro das colocações do historiador E. P. Thompson, buscando os valores e os conflitos gerados em nossas práticas enquanto sujeitos sociais, mas com um olhar atento às escolas públicas, seus estudantes e professores. Percebemos, de forma correlata, que as narrativas dos entrevistados constroem uma memória sobre o passado em que as ambiguidades cercavam as práticas de algumas das professoras aposentadas da Escola Estadual de Uberlândia.

Entendo que mesmo em meio à complexidade de sentidos expressa nessas memórias, essas narrativas também nos mostram a existência de noções de dever entre essas professoras. Valores que indicam a existência de desejos da promoção, em vários sentidos, de uma humanização das relações no interior desse espaço social da cidade.

As práticas sociais que devem prevalecer no espaço da escola pública, segundo minha visão, vão ao encontro das colocações das professoras Maura e Maria Amélia. A escola pública, através de seus trabalhadores, precisa ser um lugar humanizado, de expressão e socialização de valores de respeito, dignidade e humanidade. Agir em prol de um espaço com essas características passa pela necessidade de investigar, e com isso conhecer, os estudantes, suas trajetórias, seus modos de viver e pensar, ou seja, suas culturas.⁶⁹

A presença de estudantes-trabalhadores na Escola Estadual de Uberlândia também é marcante na memória do professor de matemática aposentado Sandoval Martins. Ele mesmo se identifica como trabalhador na cidade, mas não constrói elaborações que expressam um dever de contribuir ou auxiliar na manutenção dos estudantes na escola, como as professoras Maria Amélia e Maura.

A trajetória do Sr. Sandoval se distingue daquelas professoras. Ele não se aposentou como funcionário da escola, mas como professor do curso de graduação em Matemática da Universidade Federal de Uberlândia. Sr. Sandoval foi convidado a ministrar aulas na

⁶⁸ SARLO, Beatriz. Cabezas Rapadas y Cintas Argentinas. In: _____. **La Máquina Cultural**: maestras, Traductores y vanguardistas. 3º Edição. Buenos Aires, Editora Seix Barral. 2007.p. 53.

⁶⁹ A forma que temos defendido e pensado a escola pública tem tido influência do seguinte livro: ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. 8º edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Nesta ob, o autor traz como centro de discussão a constatação de que as imagens de professores e alunos estão “quebradas”, ou seja, elas já não são mais as mesmas que no passado. Com isso, cabe aos professores construir novas imagens para si mesmo e conseqüentemente, para seus alunos, pois uma não está desconectada da outra. Não é possível mais entender que somos “jardineiros a cultivar flores”, ou profissionais que estão prontos a moldar uma massa disforme (os estudantes).

Universidade em 1976, antes mesmo de ser federalizada, e, a partir de então, deixou de lecionar na Escola Estadual de Uberlândia.

Em sua lembrança, Sandoval Martins destaca uma vida com muita precariedade na cidade, tendo a necessidade de dividir estudos e trabalho quando ainda muito jovem. Ele fez o primário na cidade de Buriti Alegre, interior de Goiás, e resolveu-se mudar quando jovem para Uberlândia para trabalhar, pois dizia não querer ficar na fazenda onde seus pais viviam como trabalhadores. Em Uberlândia trabalhou como vendedor em várias lojas e completou os estudos ginasiais (que hoje corresponde ao período de 6º ao 9º anos), realizando provas conhecidas como “curso de madureza”.

Sr. Sandoval explica que o curso de madureza se assemelhava ao que conhecemos hoje como “supletivo”. O candidato estuda em sua residência, sem frequentar aulas presenciais em uma instituição educacional, e em determinada época do ano realiza provas para constatar e certificar seus conhecimentos.⁷⁰

Com o ginasial certificado por um exame de madureza, Sr. Sandoval tornou-se aluno do curso científico do Colégio Estadual de Uberlândia (correlatos hoje aos três anos do ensino médio) após realização de exames de admissão. Em seguida, tornou-se aluno do curso de Filosofia do Colégio Nossa Senhora, mais conhecida na cidade como “Colégio das Irmãs”, realizando uma opção de aprofundamento no ensino de Matemática.

Com expressão de orgulho, Sr. Sandoval lembra que ainda no primeiro ano do curso superior foi indicado por uma de suas ex-professoras do Colégio Estadual de Uberlândia, Dona Ione Vicentino, para ministrar aulas de matemática no colégio.

Mesmo trabalhando por apenas sete anos no Colégio Estadual de Uberlândia, as memórias do Sr. Sandoval, constituídas em um meio social dinâmico, nos permitem pensar algumas relações sobre esse passado. Ao se colocar como um dos estudantes-trabalhadores do Colégio Estadual de Uberlândia e que mais tarde se tornaria um de seus professores, o Sr. Sandoval elaborou sobre a sua trajetória um marcante sentido de “esforço”:

Janaína: E aqui no Museu era mesmo uma escola de gente rica? Muitos me falam que era uma escola de elite.

Sandoval: Deixa eu te fala uma coisa se já viu pobre consegui alguma coisa com facilidade?

Janaína: Não.

Sandoval: É o pobre tinha condição de estudar pra concorrer com o filhinho do rico que punha professor particular? Também não. Então era de elite? Era de elite como é até hoje, a universidade

⁷⁰ Sobre os exames de madureza foram vistas durante a pesquisa realizada na imprensa, principalmente no jornal Correio de Uberlândia, durante os anos 50 e 60 do século XX, várias notas divulgando a realização dessas provas, com informações sobre o dia, o local e o horário a serem realizadas.

é de elite. Ainda é quem vai estudar lá é quem fez um cursinho é quem garro mais os pais ofereceram condições entendeu? Pobre igual eu foram poucos.

Janaína: Pois é o senhor foi guerreiro!

Sandoval: Porque... Nossa Senhora, eu comi o pão que o diabo amassou com o rabo, entendeu? Eu tava no Instituto e ali tinha o UESU o restaurante estudantil lá eu só podia comer lá não tinha dinheiro.⁷¹

A narrativa do Sr. Sandoval abriu um caminho para analisar as significações que relacionam o estudante-trabalhador com a sua prática do estudo. O sentido do *esforço* aparece em algumas outras construções sobre o passado, assim como a do professor aposentado ao retomar a sua trajetória.

Sr. Sandoval se coloca como uma pessoa que passou por muitas dificuldades enquanto estudante na cidade e na escola, e lembra que a condição do estudar era para alguns poucos. Para usufruir de facilidades no caminho do estudo era necessário um “pai rico”, meios de pagar um professor particular, ou simplesmente oferecer condições para que o estudante não precisasse trabalhar. Ele insiste que as diferenças em níveis de ensino e educação presentes na sociedade provêm das condições materiais de existência que marcam as trajetórias das pessoas: ao voltar sua reflexão sobre sua trajetória de estudante na cidade e ao seu trabalho como professor de matemática na escola e em cursos da área exatas da Universidade, o Sr. Sandoval entende que sua condição de estudante era diferente de seus próprios alunos, principalmente os universitários.

Entendo que essa seja uma das outras memórias sobre a Escola Estadual de Uberlândia, diversa da memória de excelência. O “esforço”, sintetizado pelo trabalho paralelo aos estudos, parece ser um elemento que compunha a vida de alguns trabalhadores-estudantes. Esse sentido está presente na memória dos ex-estudantes assim como na dos professores.

Ao construir essa análise, é possível entender que o professor de Matemática aposentado valoriza seu esforço enquanto trabalhador e estudante na escola e na cidade. Diferenciando-se daqueles que não precisavam se esforçar por terem condições facilitadas enquanto estudantes, Sr. Sandoval quer nos dizer em sua narrativa que para alguns era fácil ser estudante, pois como ele mesmo diz: “Nossa Senhora, eu comi o pão que o diabo amassou com o rabo, entendeu?”⁷²

⁷¹ Professor de matemática aposentado Sandoval Martins da Silva. Entrevista realizada em janeiro de 2014. Ele tem 73 anos e completou o antigo curso científico no Colégio Estadual de Uberlândia em 1969. Cursou Filosofia com habilitação em matemática no Instituto de Ciências Humanas, Letras e Filosofia do Colégio Nossa Senhora, ‘Colégio das Irmãs’. Desde 1969 começou a trabalhar como professor no Colégio Estadual de Uberlândia, deixando-o em 1976 para dedicar-se exclusivamente a Universidade Federal de Uberlândia, onde se aposentou em 1992. Após a sua aposentadoria continuou a trabalhar como professor na rede particular da cidade.

⁷² Professor de matemática aposentado Sandoval Martins da Silva. Entrevista realizada em janeiro de 2014.

Quando voltamos para o passado dessa escola na cidade considerando as muitas memórias, é possível afirmar que assim como o estudante-trabalhador não está na memória de excelência, também não estará aquele sentido de “esforço” como necessidade para o estudo na escola pública.

Além do Sr, Sandoval, a professora aposentada de História Ilza também relaciona o estudante-trabalhador com o esforço.

Ilza: Quanto ao nível financeiro dos alunos eu acho que era de todo nível.

Janaína: Não era só de pessoas ricas não?

Ilza: Não de maneira nenhuma Museu assim, por exemplo, não sei se você conhece é um médico otorrino tem um consultório pertinho do Museu ele chama Augusto Sérgio Borges.

Janaína: Não, não conheço.

Ilza: Ele foi meu aluno lá no Museu e ele para estudar, o pai dele trabalhava na feira sabe? Então assim veio de um nível pobre, ele queria estudar inglês, então para estudar inglês ele imprimia material lá no cursinho e trabalhava como mimeógrafo. Então ele imprimia o material pra pagar o cursinho porque não tinha condições de pagar mais assim é coisa que hoje... Então assim eu vejo eu lembro de alunos que moravam longe e que a gente via que era gente bem pobre.

Janaína: E que estava lá estudando?

Ilza: Estudava lá no Museu.

Janaína: Que a gente já ouviu muito que lá era escola pra pessoas ricas, né?

Ilza: Não, não, mas de jeito nenhum.⁷³

Dona Ilza, assim como alguns dos outros entrevistados, me recebeu com receio em sua casa, tanto que não quis me dizer o seu sobrenome. A nossa entrevista foi marcada por frases incompletas, com muitas dificuldades de concretizar, pela fala, elementos de sua memória.

Dona Ilza lembrou-se com insatisfação o fato de ter sido professora, dizendo sempre que era “doida para aposentar”, tanto que o momento em que completou o tempo necessário, logo deixou o trabalho. Esse sentido expressou-se em sua narrativa por ter sido breve e nítida pouca vontade em colaborar com a pesquisa, porém o modo como participou indica, em si, uma elaboração para esse passado da escola.

Apesar de uma fala não muito clara, Dona Ilza destaca a trajetória de um ex-aluno que era filho de um trabalhador da feira e que sonhava em avançar nos estudos, e, com isso, relaciona o passado da escola com o esforço e dificuldades que encontravam alguns alunos.

⁷³ Professora aposentada Ilza. Entrevista realizada em 16 de dezembro de 2013. Ela aposentou-se como professora em meados dos anos 90 na Escola Estadual Antônio Thomaz de Resende. Em sua entrevista afirma que chegou a Uberlândia no ano de 1967 e dava aulas para o primário, hoje conhecido como séries iniciais do ensino fundamental. Estudou na Universidade de Uberlândia, antes de ser federalizada e quando terminou o seu curso superior, por ser já concursada, pediu um aproveitamento para o cargo de 2º grau. Dona Ilza não se recordava muito bem os anos em que trabalhou na Escola Estadual de Uberlândia, mas segundo suas colocações ao longo da entrevista, chegamos à idéia de que ela começou a trabalhar na escola em 1976 e pediu mudança de lotação para a Escola Antônio Thomaz de Resende no início dos anos 90. É provável que ela tenha trabalhado na escola por mais ou menos 15 anos. No momento da entrevista Dona Ilza trabalhava com aluguel de um salão de festas na cidade.

Em sua narrativa, apenas o fato de seu ex-estudante ter se formado médico sendo filho de um feirante já é um elemento que ressalta a existência do esforço como marcante para a memória.

Suponho que a presença dessa noção no meio social possa ter relação com outra significação para o mesmo termo, diversa do sentido elaborado pelos trabalhadores estudantes para seu “esforço”.

Outro sentido do esforço presente na memória social, compartilhada pelo Sr. Sandoval, por exemplo, ganha forma em outras relações sociais como “mérito individual”. Através das narrativas orais, percebo que o esforço pode ter nos modos de viver desses trabalhadores um sentido de questionamento das condições materiais desfavoráveis. Em outras palavras, recordar as condições sociais desfavoráveis do passado e perceber que elas foram tensionadas por suas práticas paralelas na escola e trabalho – paralelismo involuntário, levado pelas circunstâncias sociais de classe – gera a valorização do ato de estudar.

Esses elementos surgidos no diálogo com as narrativas orais permitem-nos pensar na dialética da luta cultural, conforme apontada pelo historiador Stuart Hall no texto: “Notas Sobre a Desconstrução do Popular.”⁷⁴ Ao problematizar a expressão “cultura popular”, Hall defende que as contradições internas e sentimentos das classes dominadas são alvo das ações e valores dos grupos dominantes:

(...) A dominação cultural tem efeitos concretos – mesmo que estes não sejam todo- poderosos ou todo-abrangentes. Afirmar que essas formas impostas não nos influenciam equivale a dizer que a cultura do povo pode existir como um enclave isolado, fora do circuito de distribuição do poder cultural e das relações de força cultural. Creio que há uma luta contínua e necessariamente irregular e desigual, por parte da cultura dominante, no sentido de desorganizar e reorganizar constantemente a cultura popular; para cercá-la e confinar suas definições e formas dentro de uma gama mais abrangente de formas dominantes. Há pontos de resistência e também momentos de superação. (...) ⁷⁵

Dentro dessa percepção entendo que a noção de esforço que está nas memórias passa por essa desorganização/reorganização pelas classes dominantes, imprimindo sobre ele outros sentidos.

Em nossa sociedade existem valores sociais que ligam a questão do esforço ao da “meritocracia”. Relacionados à escola e aos estudos, o esforço, dentro da perspectiva da meritocracia, torna-se uma afirmação de que a instituição escolar pode proporcionar quase

⁷⁴ HALL, Stuart. Notas sobre a Desconstrução do Popular. In:_____. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte; Representação da UNESCO no Brasil, Brasília. 2003. p.248-264

⁷⁵ HALL, Stuart. 2003. p. 255.

ilimitada mobilidade social, desde quando não haja interrupções, problemas ou dificuldades no campo dos estudos por parte de qualquer indivíduo, independente da condição social.

As relações entre escola e meritocracia são aprofundadas no artigo “*O que é uma escola justa?*” de François Dubet.⁷⁶ A discussão do sociólogo francês problematiza a justiça social da escola pública, afirmando que através da meritocracia ela se afirmou como uma fonte de sucesso devido ao trabalho e as qualidades dos seus estudantes. Sua argumentação desconstrói essa noção, levando o leitor a questionar se de fato possuímos uma igualdade de acesso e condições de estudo, que permitem todos os alunos entrarem na competição que se define pelo mérito.

Para ele, a meritocracia é fundamentada em uma competição escolar que não é capaz de eliminar as desigualdades no interior da instituição, pois sobre essas há as marcas das desigualdades sociais. Nessa dinâmica, Dubet afirma que dentro do modelo meritocrático, os “vencidos” não são vistos como vítimas de uma injustiça social e sim como responsáveis pelo próprio fracasso, análise que se assemelha as considerações levantadas anteriormente pelo historiador E. P. Thompson, no texto “Educação e Experiência”.⁷⁷

A professora de Língua Portuguesa Sônia de Oliveira, que trabalhou por muitos anos na Escola Estadual de Uberlândia, elabora em sua memória um significado para o sentido do esforço ao se remeter ao tempo passado, que acredito, acompanham valores meritocráticos:

Me lembro que eu tive um aluno lá ele já não era novinho quando ele estava no colegial, eu trabalhava as vezes no colegial de manhã e no terceiro da noite fazia as duas coisas; eu me lembro de um aluno, o sonho dele era fazer veterinária em Alfenas ele era funcionário da fábrica de macarrão Reimassas trabalhava o dia inteiro, não sei se lá no Museu ainda tem uma mangueira ali na lateral parece que ainda tem, eu lembro direitinho ele chegava seis e pouco aí ele sentava debaixo daquela mangueira pra servir uma sopa pra quem chegava antes do primeiro horário, lembro direitinho, Osvaldo que ele chama. Ele sentava ali com o pratinho de sopa e o livro, ali ele ficava com aqueles livros até que dava o sinal pra começar o primeiro horário que era sete e dez, todo dia ele fazia isso. Como que um aluno da noite ia passar... Viçosa era famosíssima, ainda é! Gente, pois ele fez! Estudou em Viçosa e eu tive notícias dele, uma vez ele me mandou falar que ele estava fazendo mestrado e ele trabalhava na Universidade de Viçosa.⁷⁸

⁷⁶ DUBET, François. O que é uma escola justa? In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo. V. 34. Número 123. p. 539-555. Set/dez. 2004.

⁷⁷ François Dubet, além denunciar essa dinâmica da meritocracia, constrói propostas de ação. Frente aos alunos “vencidos” é preciso que preservemos melhor suas dignidades e auto-estima, valorizando seus gostos e talentos no interior das nossas escolas. Para o autor nenhuma escola é capaz de produzir sozinha uma sociedade justa, seria preciso que todos os grupos sociais fossem iguais frente à escola, sendo que a própria sociedade não dá as mesmas condições a todos. Maiores detalhes ver: DUBET, François. O que é uma escola justa? In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo. V. 34. Número 123. p. 539-555. Set/dez. 2004. Ver também: THOMPSON, Eduard Palmer. Educação e Experiência. In: _____. **Os Românticos: a Inglaterra na era revolucionária**. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 2002. p. 13-47.

⁷⁸ Professora aposentada Sônia Maria Guimarães de Oliveira. Entrevista realizada no dia 05 de novembro de 2013. Ela tem 70 anos, lecionou Língua Portuguesa, começou a trabalhar no Colégio Estadual de Uberlândia em

A memória da professora aposentada Sônia sobre os estudantes-trabalhadores do Colégio Estadual de Uberlândia assemelha-se à elaboração de Sr. Sandoval sobre as suas condições enquanto estudante na cidade. Ela percebe o sentido do esforço do trabalhador estudante, porém, acredito, imprimindo a essa prática um significado voltado para uma recompensa ganha pelo simples mérito individual: “(...) Como que um aluno da noite ia passar? Viçosa era famosíssima... (...)”. No caso, seu mérito revela-se na ação de chegar mais cedo e estudar antes das aulas, com isso conseguindo concretizar suas expectativas.

A valorização dos estudos, da escola pública, dos livros e da condição de trabalhador-estudante por um aluno do curso noturno na memória da professora não foi compreendido como produto e produtor de relações sociais mais abrangentes. O ponto inicial almejado era estudar Veterinária em Viçosa e o produto final alcançado, sendo um mérito de destaque “ainda mais por ser um aluno do noturno”, como colocou a professora.

Refletir sobre esses dois possíveis significados para o “esforço” na memória social é importante porque há o risco do pesquisador, nas análises sobre o passado vivido pelos sujeitos sociais, sem a devida atenção ou consciência, defender um esforço individual que culminaria na ascensão social dos “vitoriosos”. Os demais estudantes, devido unicamente a sua falta de esforço na escola, “mereceriam”, de alguma forma, perpetuar suas condições sociais e econômicas desfavoráveis.

A partir das várias memórias elaboradas por professores e estudantes sobre a Escola Estadual de Uberlândia, marcadas por sentidos e significados conflitantes, é que essa escola pública da cidade pode ser considerada um patrimônio de muitos; pode expressar as experiências sociais em suas complexidades.

Pensá-la como patrimônio de muitos é caminhar pelas considerações da pesquisadora Maria Célia Paoli, no texto: “Memória, História e Cidadania: o Direito ao Passado.”⁷⁹

Paoli abre seu trabalho expressando que não existe um único sentido para as palavras história, memória, passado e patrimônio. A diversidade de significados forma e institui as coisas e acontecimentos que merecem ser preservados; logo considerar a Escola Estadual de Uberlândia como patrimônio de muitos, significa buscar a compreensão dos vários sentidos ganhos por ela, dados pelas pessoas que se relacionam a esse espaço social.

1963 e aposentou com dois cargos em 1992. Estudou também no Instituto de Ciências Humanas, Letras e Filosofia do Colégio Nossa Senhora de Uberlândia, onde fez Pedagogia com habilitação em Português. Após aposentar-se trabalhou na rede privada da cidade em várias escolas, deixando definitivamente a sala de aula em 2010.

⁷⁹ PAOLI, Maria Célia. Memória, História e Cidadania: o Direito ao Passado. In: **O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. Departamento do Patrimônio Histórico. Secretaria Municipal de Cultura. Prefeitura Municipal de São Paulo. 1992. p.25-28

Dessa forma, compreendo que a Escola Estadual de Uberlândia, seus professores e estudantes, viveram em 2005 somente uma oficialização da sua condição de patrimônio da cidade. Em consonância com as considerações de Maria Célia Paoli, podemos considerar que essa escola pública já carregava vários e fortes laços (sentidos e valores) nas histórias e memórias na vida dos mais diferentes sujeitos.

A autora defende que a construção do passado, a preservação e a escrita da história devem explicitar seus significados coletivos e plurais. Concordo com as colocações de Paoli sobre a necessidade de implementar uma política de preservação que ofereça cidadania aos sujeitos históricos, por apontar as divergências, as oposições e os conflitos vivenciados em sociedade.⁸⁰

Ao compartilhar dessa concepção, considero a Escola Estadual de Uberlândia um patrimônio da cidade, mas a forma como é tratado tal patrimônio precisa ser problematizada e refletida dentro da complexidade e dos conflituosos viveres na cidade. É preciso explicitar de alguma forma as diversas e antagônicas práticas e experiências dos sujeitos que fizeram e fazem daquele espaço. O que queremos destacar é a importância, tal como Paoli destaca, sobre a necessidade do “direito ao passado”.⁸¹ Meu questionamento é que o tombamento histórico da Escola Estadual de Uberlândia pelo poder municipal tornou-se um instrumento facilitador para que uma determinada memória social – que se arroga única – ganhasse força.

Quando o diverso e a diferença são colocados no foco da discussão pelo historiador, a forma de compreensão da escola como patrimônio pode ser repensada. As narrativas orais abrem possibilidades para pesquisas que busquem a efetivação da cidadania, como apontada por Paoli.

A professora aposentada Jerônima, que trabalhou na Escola Estadual de Uberlândia por mais de 30 anos, problematizou durante a entrevista as dificuldades que o tombamento, apesar ter sido recebido de maneira positiva, trouxe na rotina de estudantes e professores:

A princípio foi muito bom! Recebermos o tombamento! A escola ser tombada! Mais apresentou, logo mais apresentou um, vários problemas, porque, por exemplo: você não pode fazer reformas, modificações... A quadra, aquela quadra você trabalhou lá, você sabe, aquela quadra descoberta, chegou a muito tempo a verba do Estado pra cobrir. E a Yolanda, diretora, ela teve um trabalho muito grande pra convencer o pessoal que não ia mudar a estrutura da escola que não ia prejudicar o prédio nem nada cobrindo a quadra, entendeu? Então quer dizer, outra coisa a escola, hoje precisa de modificações estruturais, por que por exemplo, quando ela foi construída até a década

⁸⁰ PAOLI, Maria Célia. Memória, História e Cidadania: o Direito ao Passado. In: **O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. Departamento do Patrimônio Histórico. Secretaria Municipal de Cultura. Prefeitura Municipal de São Paulo. 1992. p. 25.

⁸¹ PAOLI, Maria Célia. 1992. p. 27.

de 70, não existia tanta inclusão, os pais mesmos dos meninos que anda em cadeira de roda com alguma deficiência procurava uma escola que não tivesse escada, tivesse um projeto de acessibilidade, então num tem! Os bombeiros já foram lá na escola e falaram que precisa de uma saída de emergência que servia de 2º andar, desce aquela meninada. Você já pensou aquela meninada toda com uma escola pegando fogo como é que faria? Aquela escada muito estreita pra muito menino! Então seria necessário uma série de mudanças, rampa sabe tudo... Então isso é prejudicado pela questão do tombamento. Entendeu? Na minha opinião, a opinião da Jerônima, a escola poderia, fazer outra escola, que levava a meninada e lá ficaria um Museu mesmo! Certo! Um museu, sei lá de alguma coisa, mas que não tivesse menino porque onde tem aluno são necessários reparos frequentes. São é claro que são!⁸²

O conflito em torno da escola tornar-se um patrimônio histórico foi sendo gerado com o passar do tempo. A professora expressa as dificuldades do funcionamento de uma escola pública que foi tombada, apontando que as atividades escolares poderiam até ir para outro local de modo a garantir a segurança e os direitos de acessibilidade. Pensar o tombamento não significa destituir as suas significações como patrimônio da cidade.

Parece-me que é importante para parte da sociedade ter as atividades escolares ainda em funcionamento naquele prédio para que a escola seja reconhecida em suas memórias. Todavia, a oficialização da escola enquanto patrimônio tombado não levou em consideração as formas de uso do local, como nos indicou a professora Jerônima.

A política de tombamentos na cidade, na qual se incluiu a escola, deu-se naquela situação sob formas criticadas por Maria Célia Paoli, quer seja, construindo-se uma única versão do passado da cidade, que precisava ser preservada pelo risco que corria de deterioração. Segundo essa visão, a Escola Estadual de Uberlândia era uma obra de arte arquitetônica que expressava certa dimensão do passado da cidade.

No ano de 2000, em meio à implantação do Plano Diretor da Cidade, o poder municipal precisou reativar o Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural de Uberlândia (COMPACH). Esse órgão consultivo do poder executivo foi criado em 1985 e tinha apenas a incumbência de indicar e apontar bens da cidade que poderiam ser tombados como patrimônios históricos.⁸³

⁸² Professora Jerônima Augusta de Paula Menezes. Entrevista realizada no dia 28 de outubro de 2013. Ela tinha 55, lecionou história e trabalhou na Escola Estadual de Uberlândia de 1976 até os primeiros meses de 2013.

⁸³ Segundo Goulart, o Conselho atuou com rigor e debates até 1989. De 1989 a 1993, o pesquisador não encontrou suas Atas. Entre 1993 e 2000, o Conselho estava desativado. Em 2000, o Conselho retomou suas atividades para a viabilização do Plano Diretor da cidade e pelo anúncio de possíveis investimentos por parte do governo o Estado de Minas Gerais. Nesse momento, foi elaborado um novo Estatuto, passando o Conselho a ter poder deliberativo, o que antes ficava a encargo somente do Poder Executivo. Para mais informações: GOULART, Maurício Guimarães. **Apenas uma fotografia na parede:** caminhos de preservação em Uberlândia. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de Brasília, Brasília, 2006. E também: LIMA, Soene Ozana. **Visões e Concepções sobre Patrimônio Histórico em Uberlândia-MG (1950-1988).** Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

Quando o COMPACH deixa de apenas aconselhar, passando a deliberar processos de tombamentos, vários deles foram realizados na cidade.⁸⁴ Até o ano de 2003, alguns tombamentos já haviam acontecido: em outubro de 2002 o Mercado Municipal de Uberlândia, que está localizado no principal centro-comercial da cidade (sua construção é datada do ano de 1944); em junho de 2003, foi a vez da Residência Chacur, que fica no bairro Fundinho, (construído em início dos anos 1920); em novembro de 2004, a principal praça da cidade, a Tubal Vilela, foi tombada.

Em anos anteriores alguns tombamentos foram realizados: em 1968, a Igreja Nossa Senhora do Rosário de Miraporanga, que fica em um dos distritos de Uberlândia; em 1985, o Conjunto Praça Clarimundo Carneiro e Edifício da Câmara Municipal e Coreto; a Casa da Cultura e a Oficina Cultural. Esses três últimos todos localizados no bairro Fundinho, mesmo bairro em que está localizada a Escola Estadual de Uberlândia.⁸⁵

Nessa conjuntura de vários tombamentos na cidade e de ação do COMPACH, o bairro Fundinho ganhou certa notoriedade por ter em suas mediações alguns dos bens a serem preservados da cidade. Ao prescrever por lei prédios a submeterem-se a tombamento, o bairro Fundinho passou a ser reconhecido como um dos principais lugares onde estaria “o passado” da cidade.

Havia, dessa forma, uma política pública do poder municipal que estava elegendo alguns pontos da cidade considerados relevantes para a sua história e a Escola Estadual de Uberlândia foi um desses. Havia outros espaços escolares nas proximidades que poderiam ser tombados, como aquela que foi a primeira instituição escolar de Uberlândia, a Escola Estadual Bueno Brandão. Essa escola funciona na cidade desde 1915, embora seu primeiro prédio tenha sido destruído nos anos 60, dando lugar a uma grande construção com dois

⁸⁴ No ano de 2001, tivemos na cidade de Uberlândia o início do governo do Partido do Movimento Democrático do Brasil (PMDB) com o prefeito Zaire Rezende, seu segundo mandato na cidade (o primeiro aconteceu entre 1982 a 1986). As gestões do PMDB na cidade, ambas com Zaire Rezende à frente, se caracterizaram por uma forma de governar minimamente mais progressista do que as outras gestões que estiveram no Poder Público Municipal, quase todos políticos oriundos do Sindicato Rural de Uberlândia, órgão representativo dos interesses dos latifundiários e produtores rurais de Uberlândia.

⁸⁵ É importante destacar que em 2006 aconteceu o tombamento de outra escola da cidade, a Escola Estadual Dr. Duarte Pimentel de Ulhôa, que funciona no mesmo prédio desde 1932. Ainda foram tombados na cidade: Edifício Uberlândia Clube e Mobiliário, em 2006; a Estação Sobradinho, em 2006; o Palacete Ângelo Naghettini, em 2006; Imagem Nossa Senhora do Carmo, em 2007; a Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário, em 2008; o Prédio da Biblioteca Municipal, em 2009; a Igreja Nossa Senhora das Dores, em 2009. Entre esses bens tombados somente o prédio da Biblioteca Municipal de Uberlândia e a Igreja Nossa Senhora das Dores estão no bairro Fundinho. Informações extraídas de: MACHADO, Maria Clara; Ana Paula R. Macedo. *Patrimônio Cultural: que bicho é esse?* Prefeitura de Uberlândia – Secretaria Municipal de Cultura – Diretoria de Memória e Patrimônio Histórico. Edição Atualizada. 2010. p. 07. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Acervo: Biblioteca de Apoio.

pavimentos – e que, aliás, localiza-se em frente à Praça Tubal Vilela, um dos espaços tombados.

Durante essa atuação mais sistemática do COMPACH nos anos 2000 era confeccionado um pequeno jornal chamado “Fundinho Cultural”, cujo primeiro número foi publicado no ano 2002. Em 1982 constatamos a existência de um caderno especial do Jornal Primeira Hora⁸⁶ que pode ter influenciado na sua criação, dadas as muitas semelhanças entre um e outro.

O jornal Fundinho Cultural existiu por oito anos, de 2002 até 2010, com 20 números ao longo desse período. Caracteriza-se por matérias, artigos e fotografias que evocam constantemente o passado do bairro com saudosismo, buscando muitas pessoas que através de entrevistas colocam suas memórias sobre a região, seus moradores e seus hábitos. O tom geral de suas matérias deixa a entender que a cidade teria crescido rápida e vigorosamente e perdia suas próprias origens – uma vez que foi naquele local a construção do primeiro povoamento urbano de Uberlândia. Essa perspectiva surge nas páginas desse jornal sem abordar ou pelo menos indicar qualquer conflito em seu processo de crescimento.⁸⁷

Esse pequeno impresso, em seu considerável tempo de existência, poderia não ter apenas no bairro o seu campo de ação, mas construiu, através de seu conteúdo, um elo entre o bairro Fundinho, a cidade e as políticas públicas no campo cultural. Os autores do “Fundinho Cultural” colocavam-se como agentes ativos nas discussões sobre as políticas públicas de cultura da cidade.

A maioria dos anunciantes do jornal eram ateliês de artes e escritórios de arquitetos e indicavam que o bairro seria o lugar da cultura, da história e da memória da cidade. Através do “Fundinho Cultural”, faziam campanhas em torno de tombamentos históricos no bairro e em defesa da autonomia do Conselho Municipal de Patrimônio Cultural e Histórico. Ter no bairro prédios preservados perante a lei poderia criar um olhar diferenciado das autoridades e da sociedade em geral para aquele espaço social.

⁸⁶ O jornal Primeira Hora circulou na cidade de Uberlândia entre os anos de 1982 a 1988, mesmo período do primeiro mandato de Zaire Resende pelo PMDB na cidade. Esse jornal agia em favor do Governo do PMDB por meio de suas matérias e reportagens, tanto que os encerramentos de suas atividades coincidem com o fim do mandato do citado prefeito. Os exemplares desse jornal estão todos disponíveis no Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

⁸⁷ É interessante salientar que durante o tempo em que trabalhei na escola não vi nenhuma dessas edições disponíveis aos professores e muito menos aos estudantes. As edições do jornal “Fundinho Cultural” foram encontradas apenas no Arquivo Público Municipal de Uberlândia. No 1º número, de 2002, houve a tiragem de 2.500 exemplares. O jornal parece ter tido considerável receptividade já que o seu segundo número os exemplares chegaram ao total de 3.500. No editorial aparece o nome Hélivio Lima que é um artista plástico na cidade e mantém seu ateliê no bairro Fundinho, informações retiradas: <http://www.selmovasconcellos.com.br/colunas/entrevistas/helvio-lima-entrevista-no-451> Acesso em 19/11/2014.

Reivindicava-se para o bairro, através de políticas públicas, o lugar de uma cultura a partir da qual se originou as “condições prósperas do presente” e a Escola Estadual de Uberlândia tornou-se um elemento importante dentro dessa concepção, por criar uma relação entre passado de excelência e a modernidade presente da cidade. Foi com essa perspectiva que foi construída a justificativa para o seu tombamento em 2005, algo muito diferente do caminho que nos indica Maria Célia Paoli, quer dizer, da construção de uma sociedade em que a cidadania seja o seu fundamento, em uma relação de direito ao passado.

Ao remeter-me ao tombamento da escola em algumas das entrevistas realizadas, surgiu uma pluralidade de sentidos quanto à sua importância e significados sociais.

A narrativa da auxiliar administrativo Maria Antônia indica que o tombamento da escola poderia embasar-se no sentido que a instituição possui para os seus trabalhadores, como um local de trabalho e de dedicação. Diferente da professora Jerônima, Maria Antônia não observa problemas no funcionamento da escola em um prédio histórico, mas denuncia o descaso com a manutenção da preservação por parte da sociedade e dos órgãos públicos.

Maria Antônia dos Santos estava há 15 anos na escola, trabalhando em diferentes funções: na cantina, na limpeza, na organização do arquivo morto e na copiadora da escola. Sua narrativa é representativa daqueles que não viveram o passado “de excelência”, mas que expressa em sua prática uma valorização e um cuidado com o passado da escola. Em seu ponto de vista, entende que o tombamento sempre foi algo importante para a escola e para as pessoas que trabalham ali naquele local.

Maria Antônia conta que quando chegou ao “Museu”, assim como eu, não conhecia a escola. Diz que “(...) para chegar aqui, primeiro eu passei onze anos e meio em uma escola lá em Sacramento (...)”⁸⁸; ela avalia que trabalhou muito antes de chegar à Escola Estadual de Uberlândia, algo fundamental para ali, no “Museu”, desempenhar um bom trabalho. Ao retomar a sua trajetória, ela lembra que estava em um cargo efetivo em uma escola da rede municipal, a qual não se adaptou, preferindo ao trabalho na rede estadual como contrato na Escola Estadual de Uberlândia, pois segundo ela:

(...) A prefeitura... A chefia imediata é uma exigência fora do comum, fora do comum. Coisas que você não sabe, que tão tem um porque, que você não sabe o porque. Coisas que não tem fundamento! Na prefeitura eu não encontrei amizades, nenhuma, nenhuma! Enquanto tava na escola conversava com todo mundo, mais ali, no trabalho. Saia dali encontrava na rua, nem enxergava.... E não é isso que eu quero pra mim! Aí cheguei aqui no Museu, aí eu cheguei em

⁸⁸ Assistente geral Maria Antônia dos Santos. Entrevista realizada no dia 30 de outubro de 2014. Ela tem 60 anos e trabalha na Escola Estadual de Uberlândia há 15 anos.

casa! Eu me senti em casa! E aqui eu trabalho com muita garra e com muita vontade, mais é por isso! Pela liberdade, pela confiança que a diretora dá pra quem quer trabalhar realmente então aqui eu me sinto em casa! Vou sentir falta daqui? Vou. Já sei que vou! (risos) ⁸⁹

Um elemento apontado é o do “Museu” como casa, um local sentido com um valor para além do trabalho. Um lugar marcado pelas relações afetivas que produzem um espaço social e que vai se tornando um território, onde a persistência em trabalhar não se faz a não ser pelas amizades e práticas marcadas pelo companheirismo. Dentro desse território onde se dá a vida e conseqüentemente o trabalho de Maria Antônia, procurei aprender um pouco através de sua narrativa que sentidos que elaborava para a questão do tombamento do prédio da escola.

Quando pergunto à Maria Antônia sobre o momento em que a escola tornou-se patrimônio histórico, ela afirma o sentimento de alegria que teve:

Maria Antônia: (...) Acho que eu fiquei mais feliz que a Yolanda [diretora]!

Janaína: Ah é!? Por quê?

Maria Antônia: Não sei! Acho porque eu sempre via a escola como patrimônio! Um prédio bonito! Um prédio antigo! Eu queria e quero mais pra ela! Porque eu acho que ela tem que ser mais bem conservada.

Janaína: Por quê?

Maria Antônia: Faz parte da minha vida! (Risos) Porque eu quero o melhor pra ela!(risos) ⁹⁰

A Escola Estadual de Uberlândia, além de ser o local de trabalho é também um *bem*, algo em que ela expressa um grande valor. É assim que essa escola pública torna-se um patrimônio para Dona Maria Antônia, compreendendo que ser preservada não significa uma prática de conservação unicamente da fachada da escola.

Ela insere sua fala dentro das relações vividas na escola, mas que não a impedem de avaliar o tamanho e a intensidade de seus sentimentos ao compará-los aos daquela pessoa que ocupa a direção. Dona Maria Antônia se dá o direito de sonhar e projetar planos para a escola. Tornar-se patrimônio, em um primeiro momento, foi significado como um reconhecimento desse lugar na cidade, sobretudo, como um lugar dela, onde trabalha e mantém suas relações de amizade.

Contudo não há em sua narrativa a construção de um vínculo com um passado não vivido pessoalmente, sobre tal ou qual professor ou aluno célebre, por exemplo. A escola ao

⁸⁹ Assistente geral Maria Antônia dos Santos. Entrevista realizada no dia 30 de outubro de 2014. Ela tem 60 anos e trabalha na Escola Estadual de Uberlândia há 15 anos. No momento da entrevista aguardava a liberação da aposentadoria, pois isso dizia que ia sentir falta da escola.

⁹⁰ Maria Antonia dos Santos. Entrevista realizada em de 30 de outubro de 2014.

tornar-se patrimônio histórico não teve, na sua elaboração, qualquer ligação com outros tempos. A escola tem um prédio bonito, antigo, e, ainda mais, ao pensar em patrimônio Maria Antônia constrói é uma relação com o futuro por entender que deixa ali uma marca de uma vida de trabalho prazerosa.

Maria Antônia: Eu a acho bonita... E tenho prazer em trabalhar aqui e fiz dela a minha casa e eu quero o melhor pra ela! Hoje, amanhã e sempre!

Janaína: E ela tornar-se patrimônio...

Maria Antônia: Foi uma graça! Uma benção! Agora se tiver como é lutar mais pela conservação.

Janaína: Que você acha que já não tá....?

Maria Antônia: É não tá não! Patrimônio só por ser, se é um patrimônio tem que ser bem cuidado. E, no entanto não tá! Você não vê isso aqui! Você vê lá no papel é um patrimônio público, mas na realidade patrimônio público que tá deixando a desejar! Não tem cuidado e tudo que você pensa em fazer também, esbarra em alguma coisa que corta não deixa fazer. Não vai pra frente, não vinga. Tem quem quer vigiar, quer dá ordens, acha que tem que ser assim, não pode mudar, mas não tem quem te ajuda a por a escola numa visão bonita. Os próprios alunos já criticam que a estrutura do prédio que está muito defasada...

Janaína: Ah! É? Os meninos falam?

Maria Antônia: É porque prega aqueles papéis na parede que a Yolanda proíbe, aí quando vai tirar aí sai aquele cavaco de tinta junto, aí eles já fica criticando, que tá arrancando porque a pintura foi mal feita. Então o patrimônio público não pode ter isso! Tem que ter uma conservação de se tornar digno de um patrimônio público.

Janaína: E aqui você não vê que é isso?

Maria Antônia: E aqui eu não vejo que é! Esperava isso!

Janaína: E na época vocês esperavam por isso?

Maria Antônia: Esperava isso! Todo mundo esperava isso. Todo mundo esperou isso.

Não foi só eu não! Foi uma decepção. Porque a gente esperava que patrimônio público ia ser de encher os olhos. E fico no mesmo estilo, a mesma coisa. As dificuldades talvez até aumentou... Porque quando não era Patrimônio Público quando tinha um dinheirinho pra consertar uma parede que tava feia, ia lá e consertava e não tinha que dá satisfação pra ninguém, agora hoje pra consertar um estrago de uma parede ou de um banheiro tem que dá satisfação lá no patrimônio público, e que não tem nem conhecimento, nem aqui vem! E por ser patrimônio: "Estragou! Vamos lá vamos vê o que pode fazer! O que quê pode ser feito!" Tem que manter o estilo, tem que fica uma coisa bonita, não pode ser uma pintura de qualquer maneira tem que ser, não poder ser uma reforma de qualquer maneira..., mas não. Então eles nunca fizeram nada.⁹¹

A fala de Maria Antônia chega ao ponto da denúncia e do desabafo em torno das políticas públicas culturais e os enfrentamentos que elas propuseram no interior da escola. Tornar-se patrimônio histórico não trouxe tantas vantagens no dia a dia da escola, pelo contrário, afirmou-se mais como um problema por evidenciar o descaso com a manutenção e preservação do lugar. É nesse ponto que as elaborações das narrativas de Maria Antônia e Jerônima se assemelham na avaliação pós-tombamento.

O tombamento histórico para as pessoas que trabalhavam na escola significava a melhora de uma estrutura de trabalho e estudo, independente de ela estar ou não ligada a um

⁹¹ Assistente geral Maria Antônia dos Santos. Entrevista realizada no dia 30 de outubro de 2014. Ela tem 60 anos e trabalha na Escola Estadual de Uberlândia há 15 anos.

passado ou uma história da cidade, apesar desse elemento não aparecer nas narrativas de Maria Antônia e Jerônima. A exigência feita é sobre a manutenção dessa escola pública; seu tombamento representava um caminho de valorização desse espaço público, que na cultura dominante aparece sob uma óptica diferente do que é vivido por pessoas que estão lá trabalhando.

Maria Antônia: Na época todo mundo ficou feliz! Agora vamos ter a escola bonita de novo! Enganou! Janaína: Ela era feia?

Maria Antônia: Ah porque ela tava muito acabadinha!

Janaína: Antes de se tornar patrimônio?

Maria Antônia: Antes de se tornar patrimônio, ela estava bem destruída mesmo! Fez essa reformazinha deu uma aparência diferente, mas durou muito pouco porque foi mal feita!⁹²

Essas colocações são de pessoas que estavam na escola e vivenciaram seu tombamento. Elas indicam que as políticas públicas, aqui, no campo da cultura, poderiam, de alguma forma, investir na melhoria da educação. Contudo as motivações e ações do ato de tombamento não trilharam esses caminhos.

As circunstâncias sob as quais aconteceu o tombamento da Escola Estadual de Uberlândia, assim como de outras construções na cidade, foram abordadas na dissertação de mestrado em Arquitetura de Maurício Goulart.⁹³

Por volta do ano de 2003, iniciou-se a construção de uma estrutura para atender o transporte coletivo urbano na Praça Adolfo Fonseca, localizada em frente à escola. Como estava previsto no Plano Diretor da Cidade, ela deveria incluir a também a Praça Clarimundo Carneiro, localizada nas proximidades. Porém, como nos informa Maurício Goulart, o COMPACH conseguiu agir de forma a manter a integridade da praça e a visibilidade do prédio da escola, impedindo uma grande mudança em seu entorno. No ano de 2004, o tombamento da escola foi solicitado por meio de uma carta, cujo remetente não foi identificado na Ata do COMPACH, iniciando assim o processo de tombamento da escola.

Ao longo das discussões em torno dos tombamentos históricos na cidade, junto ao qual o jornal Fundinho Cultural era um canal de debate, a Escola Estadual de Uberlândia foi foco de duas de suas matérias. Uma delas foi escrita por uma de suas ex-professoras e que se remeteu ao passado da escola, destacando a excelência e o brilhantismo da instituição em relação com a cidade.

⁹² Assistente geral Maria Antônia dos Santos. Entrevista realizada no dia 30 de outubro de 2014.

⁹³ GOULART, Maurício Guimarães. **Apenas uma fotografia na parede**: caminhos de preservação em Uberlândia. Brasília. Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. 2006. p. 155.

A publicação desse texto no jornal, relaciona a escola a um passado de importância na cidade, afirmando que, como tudo ali no bairro, deveria ser valorizada e bem cuidada pelas autoridades municipais. Ela significaria, segundo a perspectiva desse periódico, o “berço da cultura uberlandense” e, ao mesmo tempo, a perpetuação da cultura da cidade, através dos artistas que mantinham naquela região as suas atividades.

A matéria é assinada por Mariú Cerchi Borges, professora que trabalhou na escola até o final dos anos 1970, mas que não se identifica como tal quando assina o texto publicado. Ela escreve em 2003, dois anos antes do tombamento da escola como Patrimônio Histórico Municipal, o que chamou “Tributo ao Colégio Estadual: uma página da história”:

A educação é feita de sonhos e os protagonistas desses sonhos são sonhadores também. Sonhadores capazes de reconhecer que o educador não pode ficar com os pés colados no chão e nem tão pouco próximos as estrelas. Educadores capazes de reconhecer que o limite suportável do sonho é a emoção que, quando muito intensa desperta o sonhador, levando-o a abrir bem os olhos para a realidade que o cerca e avaliá-la com determinação e obstinação e partir, sem desanimar, para a elaboração de novos sonhos. Muito se criticou e ainda se critica a ideologia do educador idealista, desprendido, sonhador. Passar para as novas gerações um conceito assim, tão romântico, protege os governantes dos seus compromissos com políticos com a educação. É sabido que o descaso dos governantes para as questões do ensino tem contribuído para com a falência do sistema educacional do país, além de favorecer o aumento da desigualdade social entre os homens, desnivelando-os naquilo que têm de mais sagrado que é a dignidade humana. Mas não estamos aqui para denunciar o descompromisso dos governantes para com a educação, e sim, para enaltecer o compromisso daqueles que, com fé e determinação, decidiram trabalhar pela construção do saber, investiram no potencial humano por depositarem nas ferramentas do saber a certeza de uma humanidade mais justa, fraterna e cristã. Enaltecer aqueles que mesmo reconhecendo a desvalorização do trabalho o educador na sociedade atual se engajaram na luta pelo saber de forma mais lúcida, crítica e determinada. Enaltecer aqueles que, conforme nos lembra Rubens Alves, compreendem que a ciência se constrói não pela prudência dos que marcham mas pela ousadia dos que sonham. Esse longo caminho de 74 anos, quase um século de chão batido desse Colégio, teve, no esforço, dedicação e amor de muitos que por ele passaram sua pela justificação. O Colégio Estadual de Uberlândia está aí, concreto e verdadeiro, para erguer com orgulho e gratidão, o troféu dos vencedores. Como explicar uma escola pública, que ao longo do tempo, se destacou como próprio Instituto de Saber? Como entender uma escola pública cujas vagas eram disputadas até por aqueles que poderiam frequentar as melhores escolas do país? Como entender o orgulho de pertencer a sua fanfarra? De usar seu uniforme? De vencer nas olimpíadas estudantis? De ocupar os primeiros lugares nos vestibulares da cidade e das boas universidades do país? De receber prêmios por trabalhos literários e científicos? Como entender a explosiva emoção presente nos corações de todos ao se entoar o hino oficial do colégio? Como entender uma escola pública que se torna referência na cidade e na região? Que cria o primeiro Curso Normal, destinado a formar professores para o ensino fundamental? Osvaldo Vieira Gonçalves (Seu Vadico) lutador, forte, dinâmico e empreendedor, de saudosa memória, Saint-Clair Neto, Celso Correia dos Santos, Gláucia Santos Monteiro, altiva, nobre e íntegra, determinada e amiga, também de saudosa memória, Lúcia Helena Borges, Sâmia Mameri Ferreira, Arlete Lopes Buiati, Dilma Segato, Yolanda de Leva, cada um desses diretores, a seu tempo, juntou estrofes, a esse belo poema pedagógico. Destacá-los em seus feitos colocaria em risco romper com harmonia de um trabalho iniciado desde os idos de 1908. Comemorar 74 anos do Colégio Estadual de Uberlândia nada mais é que prestar um tributo a esses educadores que cultivaram a esperança em seus corações. O Colégio Estadual de Uberlândia ainda é uma realidade, não há como negá-la. Sua existência real e concreta é a maior prova de que valeu a pena investir na esperança, pois aqueles que assim o

fizeram, tornaram-se capazes de voar, abrir horizontes, projetando-se na história. Hoje, nós saudosistas egressos dessa monumental casa de educação e que contribuímos com trabalho e esforço e dedicação por essa causa, elevamos, com todo o direito nossa voz em favor da continuidade desse sonho. O mundo capitalizado, mecanizado, informatizado, não pode apagar a chama que aqueceu esse ideal de educação. Com confiança, entregamos às atuais e próximas gerações, a redação dos próximos capítulos desse poema pedagógico. Que essas novas gerações continuem a crer na educação como geradora de uma humanidade melhor a ser construída, ainda que a duras penas, nessa oficina do saber, bastando para isso crer, amar e sonhar.⁹⁴

Se o “Fundinho era a herança dos antepassados”, como foi afirmado em um dos números do Fundinho Cultural, a ex-professora Mariú Cerchi Borges considera a Escola Estadual de Uberlândia uma de suas “grandes heranças”. Sua função seria servir como referência à conjuntura histórica vivida pelas escolas públicas seus professores e estudantes na cidade de Uberlândia naquele momento.

O texto não ganhou o caráter de reportagem e nem foi escrito por uma jornalista, mas por uma professora que trabalhou na escola e que expôs sua memória sobre um tempo em que mantinha vínculos com aquele espaço social. Ela exigia o reconhecimento desse espaço social para a história da cidade.

É possível perceber que os seus interlocutores não são apenas os leitores do jornal, mas, sobretudo, os professores que naquele momento trabalhavam na Escola Estadual de Uberlândia. Nesse diálogo, as contradições de valores sobre o processo histórico vivido por professores em escolas públicas estão vivas. Mariú Borges entende que a conjuntura em que escolas públicas vivem não é favorável e que há uma precarização dessas instituições, um problema sério as pessoas que trabalham nesses espaços sociais das cidades.

Ela reconhece que a Escola Estadual de Uberlândia está dentro desse processo e expressa que as escolas públicas são importantes para a nossa sociedade; são direitos sociais. Porém ao homenageá-la, a ex-professora tenta instituir e constituir na realidade social uma prática, principalmente entre esses professores, fundada em um significado particular para a escola. Ela elege em sua narrativa certa construção do passado dessa instituição, que utiliza como exemplo para os professores que lá trabalhavam naquele momento.

Entendemos que “O Tributo”, a homenagem, escrito pela ex-professora age no processo de construção de uma memória, elaborando sentidos sobre a escola como um lugar de excelência devido à atuação brilhante tanto de estudantes e professores. Entretanto essa excelência era real apenas em outros tempos, o que reforçaria a noção de que essa escola

⁹⁴ BORGES, Mariú Cerchi. Tributo Colégio Estadual: uma página da história. **Fundinho Cultural**. Uberlândia abr. de 2003. Ano 2, N.º 5. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

pública no presente não tem mais qualquer valor e sentido para a cidade. Ao mesmo tempo, porém, seu texto explicita uma preocupação com a qualidade e a necessidade de cuidar dessa escola pública.

A autora escreve enquanto professora aposentada pela Universidade Federal de Uberlândia, que ministrou aulas na Escola Estadual de Uberlândia durante o período da Ditadura Militar.⁹⁵

O “Tributo”, escrito em 2003, pode ser entendido em sua complexidade como uma justificativa para a escola ser colocada como patrimônio histórico, e, portanto, uma das referências culturais da cidade de Uberlândia. Uma de suas intenções é mostrar através do jornal Fundinho Cultural que a instituição teve uma história “importante”, sendo, além disso, localizada no bairro que tenta se consagrar como o “berço” de Uberlândia.

Podemos questionar porque a ex-professora em todo o seu texto usa a referência “Colégio Estadual de Uberlândia” e não “Escola Estadual de Uberlândia” ou mesmo o seu apelido, “Museu”. Lembrando que a instituição mudou sua denominação de “Colégio” para “Escola” em 1973, já passando 30 anos, no momento em que ela escrevia.

Ao primeiro termo, “colégio”, entendo que exista relação mais próxima com a memória da “instituição de saber” que tinha os melhores alunos, exames de admissão. De um tempo em que o aluno da escola era reconhecido nas ruas quando participava da fanfarra e usava o seu uniforme e que sua aprovação seria quase garantida em universidades. Sentido e valores talvez diferentes dados ao termo “escola”, o qual a ex-professora não faz qualquer menção. Ou seria apenas um equívoco sobre as denominações as quais a escola já teve?

Ao usar a denominação “colégio”, a ex-professora tinha como propósito identificar àquela memória um termo que socialmente era reconhecido, o Colégio Estadual de

⁹⁵ A professora Mariú Cerchi Borges foi reconhecida por alguns de meus entrevistados em fotografias que levava para as minhas entrevistas. Ela aparece no álbum de 1973 quando acontecia a reinauguração das instalações após a reforma da escola, e aparece também nas fotografias de 1999, como umas das professoras (res) homenageadas durante uma comemoração de aniversário da escola. A professora Mariú, e vários outros que trabalhavam na escola, deixaram-na para lecionarem na Universidade de Uberlândia e fixaram suas carreiras na instituição quando foi federalizada em 1978. Essas informações foram dadas pelo professor de matemática Sandoval Martins da Silva que trabalhou na Escola Estadual de Uberlândia até 1976 e depois, assim como a professora Mariú, passou a trabalhar somente na Universidade Federal de Uberlândia. Segundo informações do professor Sandoval, ela ministrava disciplinas pedagógicas nos mais diferentes cursos de licenciaturas oferecidas na universidade. Por isso que a homenagem deixa transparecer as suas preocupações com a formação e atuação os professores de uma maneira geral. Nessa conjuntura político e social em que esteve como professora na Escola Estadual de Uberlândia foi a da Ditadura Militar quando a escola teve Gláucia Santos Monteiro, na direção da instituição, cargo não ocupado por eleição naquele momento, mas sim por indicação. Ela era irmã do então Deputado Federal Homero Santos. Homero dos Santos exerceu o mandato de Deputado Federal durante a Ditadura Militar pela Arena no processo de democratização fixou sua carreira política no Partido Democrático Social. Gláucia Santos Monteiro ficou na direção da escola de 1973 até o início dos anos 80.

Uberlândia em sua sigla/apelido de “C.E.U” (como alguns entrevistados colocaram que existia no uniforme da escola).

A ex-professora traz para o texto a memória de uma prática educativa no passado dessa escola quase como uma receita de sucesso, sendo o “Colégio Estadual” um lugar social da cidade que deu certo, cumpriu a sua finalidade enquanto instituição de ensino. O C.E.U. oferecia a excelência em educação e ela mesma se coloca como uma das pessoas que trabalhou em favor desse “poema pedagógico”.

A partir dos elementos elencados por Mariú Cerchi Borges – que não deixam de representar um meio social mais amplo, mas não homogêneo e único –, compreende-se que falar em excelência de educação, escola, estudantes e professores no passado da cidade, significa quase exclusivamente se remeter à Escola Estadual de Uberlândia. Nesse sentido, os dizeres de Mariú Borges permitem uma problematização: essa escola pública só tem importância no campo das memórias sobre a cidade quando se relaciona a essa construção específica do passado?

O acompanhamento do processo de tombamento da escola através do seu Dossiê e da imprensa, que publicou e informou o acontecimento, indicaria, para os sujeitos envolvidos na construção de tais documentos, uma resposta positiva para essa questão. Se a escola é patrimônio de muitos, seu tombamento, em 2005, foi instituído apenas sobre um sentido do passado, aquele que relaciona a escola, seus professores e alunos a uma memória de excelência de ensino na cidade.

Ainda através das contribuições de Maria Célia Paoli, podemos identificar que o tombamento da escola aconteceu através de uma dissociação de significação coletiva, ao mesmo tempo em que o associava a um sentimento de perda: “(...) constitui uma forma de nostalgia de algo que não existe mais. (...)”⁹⁶ Não associar um patrimônio com significações múltiplas e diversas, segundo a pesquisadora, está ligado à noção de uma “história que se fechou”, ou seja, uma relação passado/presente ou presente/passado que não permite uma reflexão sobre a experiência vivida em sociedade.

O tombamento da escola ganhou uma matéria de capa no caderno “Revista” do jornal Correio, na qual a justificativa central para essa medida política deu-se pela relação daquela memória que imprime sentidos de excelência à escola com o desenvolvimento da cidade de

⁹⁶PAOLI, Maria Célia. Memória, História e Cidadania: o Direito ao Passado. In: **O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. Departamento do Patrimônio Histórico. Secretaria Municipal de Cultura. Prefeitura Municipal de São Paulo. 1992. p. 25-28.

Uberlândia no presente. A imprensa, por meio do jornal Correio, era mais um agente social que contribuía com o processo de construção e perpetuação dessa “memória única” que ganhava amplitude. A reportagem construiu laços de intersecção da escola com a cidade até mais evidentes do que o próprio Dossiê de Tombamento. Essa característica nos permite adentrar na construção de um significado social que se quer fazer predominar nas relações em torno da Escola Estadual de Uberlândia.

A imprensa possui, evidentemente, maior circulação que o Dossiê de Tombamento. A reportagem em questão ganhou o título: “De ‘Museu’ a patrimônio cultural”.

Reconhecida em seu estilo arquitetônico eclético, o prédio da Escola Estadual de Uberlândia, popularmente chamada de Museu, passa a ser um patrimônio histórico-cultural do município (...) que começou a ser seguida em setembro de 1919, obteve uma ratificação da sua importância real para o desenvolvimento e a transformação do distrito de Uberabinha à Uberlândia atual. A construção de 5 mil metros quadrados tem um valor histórico para a cidade só equiparado ao dos Palácios dos Leões na Praça Clarimundo Carneiro. Foi a Praça Adolfo Fonseca região que nas primeiras décadas do século 20 concentrou maior número de pessoas, mercadorias e comércio, o palco de todas as atividades políticas e culturais e sobretudo educacionais que se desenrolaram para a criação do Colégio Estadual de Uberlândia (...) A chamada Sociedade para o Progresso da Uberabinha acendeu a luz do conhecimento difundindo no Ginásio da Uberabinha, com suas aulas de línguas estrangeiras (inclusive latim) e música erudita de um piano que se encontra até hoje na biblioteca do Museu. Até aquele momento esta era uma iniciativa sem ligação governamental, mas havia necessidade de uma escola que formasse os jovens uberlandenses de forma compatível com suas aspirações. (...) Em 1943, o educador e diretor da escola, Osvaldo Vieira Gonçalves, conhecido por Vadico, foi até ao Rio de Janeiro solicitar a criação dos Cursos Científico e Clássico com o ensino do segundo ciclo (similar no Ensino Médio). Em 9 de março de 1944, o presidente Getúlio Vargas oficializou a alteração. O Museu passava de Ginásio Estadual para Colégio Estadual de Uberlândia. “Morávamos dentro do próprio prédio da escola. Meu pai deu credibilidade do corpo colegial que passou de cerca de 100 alunos para mais de 400. Existiam as olimpíadas (...) A história da escola se confunde com a da própria cidade e também e também com a vida de muitos desses personagens (...) Moacir Franco faz questão de dar crédito à sua bagagem artística e cultural aos anos em que esteve sentados em cadeira do Museu”. “Para mim que vinha da roça era mesma coisa que entrar Havard”, brinca o artista (...) “O processo de tombamento no Museu começo há um ano e tivemos que obter uma autorização da Secretaria de Estado da Educação que a proprietária do prédio”, informa a secretaria de cultura. A partir de agora o edifício não poderá ser demolido ou conjunto arquitetônico descaracterizando. Em paralelo integrantes da Secretaria de Cultura vão organizar oficinas na escola conscientizar os alunos sobre a memória do prédio desenhado pelo arquiteto J. Schate e da importância do tombamento. As oficinas com os estudantes vão servir para a difusão de conceitos de educação patrimonial. Esta é uma ação pertinente para dar valor às raízes históricas do Museu. Como é a 1ª escola a ser tombada em Uberlândia aproveitamos para envolver a juventude. “Esta é uma garantia da preservação das características do prédio, não só arquitetônica, mas também de valor histórico de um dos maiores símbolos de Uberlândia”, a presidente do Conselho Municipal de Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Cultural de Uberlândia (COMPACH) Maria de Lourdes Pereira Fonseca. Uma das fundadoras das Associação de Ex-alunos da Escola Estadual de Uberlândia, Isolina Guimarães Salles, credits ao ex-ministro Adib Jatene, a iniciativa de criar o grupo para manter viva a memória do espaço tombado na primeira quinzena deste mês. “Foi uma surpresa para mim o tombamento. Só lamento que a associação criada em 1996 foi completamente abandonada”, revela. Ela precisamos de gente mais nova com vibração para defender esta idéia de preservar a história do Colégio, observa. A diretora da escola Iolanda de Leva Bernardes, anseia

que o tombamento sirva para uma melhora nas condições do Museu. “Espero que a sociedade uberlandense volte sua atenção para a restauração do prédio. A fachada é maravilhosa e precisa ser preservada”, elogia. Os estudantes de hoje também tem a mesma opinião. “É preciso uma reforma e novas carteiras” reivindica o estudante do primeiro ano do ensino médio Bruno Danny da Silva. O aluno do terceiro ano Rafael Maradel conta que seu pai também estudou no Museu. “Este tombamento é um diferencial porque a escola é uma referência para a cidade”, define.⁹⁷

Trata-se de uma Uberlândia que foi se constituindo em meio a excelência dessa escola, tanto que precisava reconhecer a necessidade de torná-la patrimônio histórico. A reportagem do *Jornal Correio*⁹⁸ constrói uma relação entre a escola e a cidade de Uberlândia discutindo, implicitamente, a educação pública, proporcionando a ela determinados sentidos e valores para o passado.

A primeira razão para o tombamento apresentado pela reportagem estaria ligada à arquitetura do prédio, podendo ser identificado por qualquer leigo. Foram elaborados detalhes de ornamentos aparentemente difíceis de serem executados, quer dizer, que exigiram um saber qualificado por parte do arquiteto e dos construtores. Havia grupos sociais no momento da construção do prédio que estavam pensando educação, escola e para qual setor da sociedade deveriam ser endereçadas.

O caráter requintado da fachada, com um padrão estético-arquitetônico elevado em relação aos outros edifícios da cidade, surge também no Dossiê de Tombamento como uma justificativa que se quer convincente para a concretização do seu tombamento.

A Escola Estadual de Uberlândia pode ser considerada o melhor exemplar da arquitetura institucional eclética, com forte presença de estilemas neoclássicos, ainda batido, existente na cidade. (...) Possui dois pavimentos, com porão alto. Sua fachada é marcada pela presença da porta central com verga de arco pleno encimada por duas janelas no nível do segundo pavimento, também com verga em arco-pleno, que se abrem para um pequeno balcão. De cada lado das aberturas centrais, há seis janelas, de vergas de arco abatido, distribuídas em dois planos marcados por pilastras adoçadas.⁹⁹

Com uma linguagem técnica, as dificuldades de um leigo são grandes para conhecer as implicações sociais desses elementos, característicos da construção; a leitura de uma dissertação auxiliou nessa reflexão.¹⁰⁰

⁹⁷ FERNANDES, Arthur. De “Museu” a patrimônio cultural. **Jornal Correio**. Uberlândia, 22 de junho de 2005. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

⁹⁸ A utilização da imprensa não possui aqui lugar central para o entendimento e compreensão da história, pois ela é apenas um dos registros dos acontecimentos sociais, e, como qualquer outro, é marcado por posições e interesses específicos. Chamo a atenção desse fato pelos jornais diários muitas vezes criarem uma ilusão para o pesquisador de que eles poderiam se aproximar de versões representativas de “todo” o processo histórico.

⁹⁹ ESCOLA ESTADUAL DE UBERLÂNDIA. Inventário de Proteção ao Acervo Cultural (Minas Gerais – Brasil). Uberlândia. Prefeitura Municipal de Uberlândia. s/d.

¹⁰⁰ MORRETI, Rodrigo Camargo. **Fundinho, um novo antigo bairro**: sobre patrimônio e memória. . Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia. 2009.

Rodrigo Moretti, arquiteto, explica em sua dissertação de mestrado em História que os prédios mais comuns no bairro Fundinho, onde está localizado o prédio da escola, foram construídos com madeira, barro e cal, ou seja, com materiais menos onerosos, mais acessíveis e que não exigem um conhecimento qualificado.

Por outro lado, o autor esclarece que as chamadas “construções ecléticas”, na qual se insere o prédio da Escola Estadual de Uberlândia, são compostas de paredes espessas feitas de um tipo de tijolo chamado “adobe”, esquadrias de madeira, vidros coloridos, platibandas ornamentadas (detalhes que ficam ao alto da construção), escondendo as calhas de latão, varandas laterais, jardins frontais e laterais.¹⁰¹

Os investimentos realizados com certos materiais de construção e com o saber especializado indicam que o prédio dessa escola teve um planejamento cuidadoso, instituindo através de uma construção requintada um lugar social de destaque em Uberlândia. Foram realizadas escolhas ao se erguer, projetar e pensar essa estrutura na cidade enquanto escola.

Era um modo de pensar educação que se materializava não como uma simples estrutura de barro, cal e madeira, mas com grandes e altas paredes de tijolos, assentadas sobre profundas bases, para a sustentação de um prédio com dois andares, algo incomum para os anos de 1920. O prédio, em si, que conota imponência no espaço social, torna-se a primeira justificativa para o seu tombamento.

A partir da reportagem do jornal Correio, que, como dito, também deu grande destaque à importância arquitetônica da Escola Estadual de Uberlândia para seu tombamento, formula-se a ideia de que a grandeza que a cidade foi assumindo emergiu no passado por meio de algumas instituições e interesses específicos.

Com isso, pode-se ter melhor compreensão de como a relação entre escola pública e cidade é evidenciada na reportagem. O jornal não isola a instituição escolar no espaço urbano, aliás, é com muita propriedade que consegue entrelaçar seus pontos de intersecção. Ajuda a produzir, entretanto, uma memória que se relaciona a interesse de classes dominantes sobre a escola, em consonância com seus projetos de cidade.

Ao trazer esse movimento, algumas personalidades são citadas pela reportagem, atribuindo ao fato de terem estudado na escola à razão de suas notoriedades intelectual, artística, financeira ou política, representando Uberlândia no cenário nacional. A escola, na reportagem, é associada a uma versão do passado da cidade, onde as iniciativas de algumas

¹⁰¹ . MORRETI, Rodrigo C. 2009. p. 13, Segundo Rodrigo Moretti entre os prédios tombados no bairro Fundinho, as escolhas se deram sobre o grupo das construções chamadas “ecléticas”, sendo as que mais exemplificam essa tendência de construção.

peessoas são interpretadas como pioneiras, dando a entender que seriam características próprias de moradores que “faziam a história” da cidade. Estavam preocupados com o seu desenvolvimento e se sentiam responsáveis por sua evolução; na reportagem essas pessoas são identificadas como “sábios idealistas”.

Dessa maneira, observamos, tanto na reportagem do jornal Correio, quanto no Dossiê de Tombamento, a construção de uma versão do passado da cidade que envolve escolas públicas em que as relações são colocadas como fundadas sobre uma harmonia social. Em que se negligencia uma realidade onde desigualdades sociais passam pelos bancos dessa escola.

Como na imprensa, o histórico da escola apresentado no Dossiê de Tombamento elege alguns personagens de “grande visão”, que, sem medo de se aventurar e através de diferentes iniciativas, provocaram a “evolução” da cidade. Interessante perceber que nessa narrativa histórica, o centro da argumentação não está nas contribuições que a escola possa ter dado ao ensino e a educação na cidade.

Lendo o histórico da escola, tem-se a compreensão de que a importância da escola na cidade se faz primeiro pelo fato dela existir a muitos anos. Segundo, por seu prédio ter sido resultado de ações visionárias do progresso por algumas pessoas célebres que, acreditado na cidade, ao realizarem uma construção requintada, registrariam suas próprias ações no prédio. Haveria, dessa maneira, um processo de crescimento mútuo entre esses políticos, empresários e profissionais liberais e a cidade:

(...) A história da Escola Estadual de Uberlândia teve início em 1912, com a criação do Ginásio Uberabinha, instituição particular sob a direção Antônio Luis Silveira, funcionando em condições precárias e em local inadequado. Algumas pessoas de grande influência na cidade tais como Arlindo Teixeira, José Nonato Ribeiro, Antônio Resende, Custódio Pereira, Carmo Gifone e Clarimundo Carneiro uniram-se para criar a Sociedade Progresso de Uberabinha, com o objetivo de construir um prédio novo para a escola. A obra foi realizada pelo construtor Hemenegildo Ribas, entre 1818 e 1921, não há confirmação se a autoria do projeto é sua. O colégio funcionou até 1929 em regime particular nessa data o prédio foi doado ao Estado de Minas Gerais, sem ônus para o governo, para a instalação do Ginásio Mineiro de Uberabinha (...) O Ginásio Mineiro de Uberabinha oferecia internato para 120 alunos além dos externos. A instalação se deu em 30 de março de 1930. Ainda em 1930, durante a Revolução Constitucionalista do Triângulo Mineiro. Em 1944, a escola passou a se chamar Colégio Estadual de Uberlândia e finalmente em 1973, depois de uma grande reforma perdeu o nome atual, Escola Estadual de Uberlândia. Seu primeiro diretor, no regime estadual, foi Mário Guimarães Porto, seguido por Luis da Rocha e Silva, Aniceto Maccheroni e João Siqueira, Osvaldo Vieira Gonçalves (Prof.º Vadico), Sanit-Clair Netto, Celso Corrêa dos Santos, Gláucia Santos Monteiro, Sâmia Mameri Ferreira, Arlete Lopes Buiatti, Dilma de Paula Segatto e Yolanda de Leva Bernardes. Em 1999, foi comemorada a data de 70 anos de funcionamento da escola uma grande festa que atraiu a atenção da cidade para o evento visto sua importância cultural e histórica.¹⁰²

¹⁰² ESCOLA ESTADUAL DE UBERLÂNDIA. **Dossiê de Tombamento**. Uberlândia. Abril de 2005. p. 14. Acervo do Arquivo Público Municipal.

Constrói-se a noção de que a escola desenvolveu-se juntamente com a cidade, caracterizando a origem modesta e tímida enquanto instituição, mas, eis que surgiriam homens não só com poderes econômicos, mas também de visão e vontade. Inclusive teriam escolhido um nome representativo para a união de seus esforços: “Sociedade Progresso de Uberabinha”.

A sua estadualização é mostrada dentro da idéia de investimento cultural por parte do Estado, assim, também reconhecia as propensões de desenvolvimento que se tinha à cidade. A visão eleita pelo Dossiê como a história da escola tem os marcos que se ligam ao poder político e os feitos dos “grandes homens”, não se distanciando da discutida “memória de excelência”. Os conflitos e as tensões sociais não aparecem em nenhum momento. O único problema – mas que, em si, não denota caráter social – é a degradação do imóvel.

Mais uma vez, essa memória faz parte do campo diverso, plural e múltiplo de outras tantas memórias que existem sobre a escola na cidade. O destaque ao pioneirismo e o espírito de altruísmo de comerciantes, na construção de uma instituição escolar privada (que nomeia apenas seus diretores responsáveis pela escola), compõe apenas mais uma memória, que não consegue expressar a experiência vivida por outros sujeitos sociais.

Não podemos ignorar que dossiês como esse são elaborados com intuito de cumprir normas burocráticas, atendendo critérios e exigências do Instituto de Patrimônio Histórico de Minas Gerais (IPEHA-MG). No entanto, constroem ao mesmo tempo uma versão histórica do passado que atende não apenas aos anseios do órgão estadual, mas pode expandir-se em outras instâncias da sociedade.¹⁰³

Em uma rápida descrição é possível perceber que nos tópicos que tratam do município e da escola, os autores do Dossiê – que não são identificados – fizeram um compilado de

¹⁰³ Os Dossiês de Tombamento são elaborados e planejados seguindo as normas e exigências do Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IPHEA-MG, sendo uma documentação necessária para o processo de afirmação de determinado elemento como Patrimônio Histórico-Cultural. Os municípios interessados em algum tombamento preenchem um formulário basicamente com tópicos históricos e técnicos. Ao trazerem essas informações o Dossiê vai sendo pontuado por analistas do Instituto, ao atingir determinado número de pontos, o bem passa a ser considerado Patrimônio Histórico do Município, com isso passa a receber um investimento de fundo público, normalmente por um curto período. O Dossiê de Tombamento da Escola Estadual de Uberlândia encontra-se no Arquivo Público Municipal de Uberlândia para livre consulta. Constam ao todo 75 páginas com os seguintes itens: Histórico do Município de Uberlândia, Histórico da Escola Estadual de Uberlândia, Evolução da Ocupação do Espaço, Fontes de Pesquisa, Descrição da Análise da Escola Estadual de Uberlândia, Perímetro de Tombamento, Perímetro Entorno, Ficha de Inventário, Documentação Cartográfica, Levantamento Métrico Arquitetônico, Documentação Fotográfica, Diretrizes de Intervenção, Laudo Técnico de Avaliação das Condições Físicas do Imóvel, Ficha Técnica, Parecer de Tombamento elaborado por Conselheiro do COMPACH, Cópia da Ata da Reunião do COMPACH aprovando o tombamento, Cópia de Notificação e Recibo, Cópia de Inscrição no Livro de Tombo e Cópia da Publicação do Ato de Tombamento.

obras e pesquisas que já abordavam aqueles temas segundo critérios e descrições presumivelmente esperados pelo órgão estadual.¹⁰⁴

A existência e as formas adquiridas pelo Dossiê nos dão indícios para considerar órgãos do Estado que pensam questões relacionadas ao patrimônio histórico e cultural (de forma imediata o IPEHA-MG, mas não só ele), atribuem crédito, sustentabilidade e força a determinadas versões do conhecimento histórico. Tais interpretações parecem pouco desvelar as relações constituídas por tensões e conflitos na vida em sociedade; como consequência não levam em consideração as condições materiais de existência diversas (e adversas) em que se dão a vida dos diferentes sujeitos sociais.

Nessa perspectiva, o Dossiê de Tombamento da Escola Estadual de Uberlândia veicula a noção de patrimônio histórico pela qual se concede indicação oficial de preservação ao prédio da escola. Ele traduz-se como uma obra de arte, que carrega um sentido de passado monolítico, de uma instituição escolar que contribuiu com a formação da identidade da cidade – moderna e desenvolvida – devido ao seu caráter educacional de excelência.

A existência de mais uma evidência como essas me faz refletir como tais veículos de comunicação e documentos públicos teriam contribuído, direta ou indiretamente, para a construção dessa memória viva na sociedade, que a imprensa, através do jornal *Correio de Uberlândia*, e o Dossiê de Tombamento “oficializaram” como “a” história da escola. E mais, como se influenciam entre si.

Refiro-me a um folheto de seis páginas, escrito em 1954, que parece ter servido de referência para a construção da narrativa histórica sobre a Escola Estadual de Uberlândia compartilhada e divulgada pelo jornal, presente no Dossiê de Tombamento e, de maneira difusa, presente como memória social. Faço essa afirmação primeiramente porque durante o levantamento de fontes, percebi sua presença em diferentes espaços de pesquisa na cidade, inclusive na escola, onde ao solicitar possíveis fontes de pesquisa sobre a escola me foi oferecido de pronto tal material.¹⁰⁵

¹⁰⁴ Além de algumas produções acadêmicas, são utilizadas algumas obras de memorialistas conhecidas por historiadores e pesquisadores que pesquisam temas com relação à cidade tais como: TEIXERA, Tito. **Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central**. Uberlândia. Uberlândia Gráfica. 1970. Volume 1; PEZZUTTI, Pedro. **Município de Uberabinha: história, administração, finanças, economia**. Uberlândia: Livraria Kosmos, 1922.

¹⁰⁵ Foi possível encontrá-lo no Arquivo Público Municipal de Uberlândia (Acervo Jerônimo Arantes), no Centro de Documentação Histórica da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS) (Coleção Uberlândia) e na própria Escola Estadual de Uberlândia.

O folheto intitula-se “O Escorço Histórico de Colégio Estadual de Uberlândia” e foi escrito pelo Prof.^o Eurico Silva¹⁰⁶, que trabalhava no local desde o início da década de 30, a pedido do então diretor da instituição, Osvaldo Vieira Gonçalves. Conforme registra, “O Escorço Histórico” foi um discurso proferido na solenidade magna de comemoração do vigésimo quinto aniversário do Colégio Estadual de Uberlândia, em 1954.

Tratando-se do registro básico para uma História, deliberamos adotar um método simplista, destituindo-se de apreciações ou julgamento as ocorrências e os fatos relatados. Isso porque, agora, não nos permite o tempo e a extensão necessária, porque ao bom senso e a depreensão esclarecida, bastam os objetivos com os seus valores intrínsecos (...) Não obstante, a justiça e o reconhecimento hão de ressaltar, espontâneos, do espírito e dos corações da família uberlandense, capaz de discernimento, numa esplêndida e conscienciosa homenagem a todos quantos pugnaram pela existência dessa instituição, a todos quanto lutam pela sua condigna sobrevivência. Setenta e cinco anos mais tarde, em nascente e progressista cidade de Uberabinha, situada a mais de seiscentos quilômetros do litoral, sertão adentro, alguns cidadãos se convenceram da necessidade de um estabelecimento educacional daquele gênero e naqueles moldes, para maior eficácia do ensino e em amplitudes e facilidades de vida maiores. Também nesse setor precisava progredir Uberabinha. Também nesse setor precisava progredir Uberabinha. Deliberaram a agir. A chama viva do entusiasmo estava no espírito forte de Carmo Gifone, o incentivador incansável; mais o sonhador e realizador José Teófilo Carneiro e filhos, principalmente Clarimundo Carneiro, que foi, no caso em apreço, um dos suportes de maior resistência construtiva; João Severiano Rodrigues da Cunha, o conhecido Joanico, administrador de proa, Custódio Costa Pereira, com a sua característica de atividade constantes; Agenor Bino, o prestativo cidadão, assim como cidadão Lamartine Moreira; Antônio Resende, o cooperador esclarecido e circunspecto. Todos esses íncritos cidadãos da Uberabinha de antanho também coadjuvados por outros também de boa vontade, organizaram e dirigiram a “Sociedade Progresso de Uberabinha” (...) Ao construtor local Hermenegildo Ribas, foi confiada a obra. Mais um serviço feito, paralisaram-se os trabalhos a falta de numerário. Um empréstimo era o recurso. Homens fortes e teimosos aqueles. Prontificou-se o Banco de Crédito Real de Minas, com Agência aqui na Praça, a fornecer-lhes a importância de cento e vinte contos de réis, que era o que necessitavam. Trinta e três avalistas exigidos assinaram o compromisso em um livro adredemente preparado e a operação se realizou. Duas facções políticas que não se toleravam, cada qual mais disciplinada, apelidavam-se partidos “Coió” e “Cocão”. Entretanto, para a consecução de tal ideal coletivo e que era, na época, a construção de um prédio confortável, em que deveria funcionar o curso secundário – todos esses homens prestativos se deram as mãos (...) o prédio, que está em inscrita na fachada 1921, deles se serviram, instalando os seus cursos particulares, sucessivamente o respeitável educador Antônio Silveira e José Avelino. (...) Curso Secundário, de sete anos, freqüentado por enorme contingente da juventude uberlandense do Triângulo Mineiro até além de Paranaíba. Centenas de ex-alunos, já

¹⁰⁶ No levantamento realizado no Centro de Documentação Histórica da Universidade Federal de Uberlândia, na “Coleção Uberlândia” e no acervo do jornalista “Lycídio Paes”, existem publicações do e sobre o Professor Eurico Silva. Sobre o professor: CRUZ, Geraldo Dias da. **Eurico Silva: o educador**. Caderno n.º14. 1974. Discurso de Posse na Academia de Letras do Triângulo Mineiro. Essa publicação traz uma biografia do professor Eurico Silva, realizada por Geraldo Cruz na ocasião em que ocupava a cadeira na tal instituição antes pertencida ao professor já falecido. Outra é: PIRES, José Pereira. **Biografia de um dos arquitetos da cultura: Eurico Silva**. 2ª Edição de 1967. Indústria Gráfica Saraiva. São Paulo. Sobre essa publicação consta que José Pereira Pires era advogado e um dos redatores do jornal Correio de Uberlândia. As publicações de autoria do professor Eurico Silva que podem ser encontradas no CDHIS, dentro do acervo do jornalista Lycídio Paes, são: SILVA, Eurico. **Recortes**. Vol. 1. 1959. Uberlândia-MG. E outra é SILVA, Eurico. **Brincando de Poeta**. Uberlândia. 1954. SILVA, Eurico. **Discursos**. Uberlândia. Imprensa oficial, 1962. Na publicação do Sr. José Pereira Pires um dos redatores do Correio de Uberlândia, no qual o professor Eurico Silva teve textos publicados, consta informações sobre suas origens, que chegou a Uberlândia 1929 para trabalhar nomeado no Gymnásio Mineiro de Uberlândia.

diplomados em todas as modalidades de curso superior: industriais, comerciantes, professores, médicos, advogados, engenheiros, lavradores, parlamentares e outros passaram por esta casa e estão por aí trabalhando para o Brasil, lutando pelo Brasil. (...) Porque temos um dever a cumprir religiosamente na destinação dos vossos filhos; nós nos impusemos o mister de clarear-lhes novas sendas, desvendar-lhes novas horizontes, fornecer-lhes meios para a felicidade. Por isso e para isso cooperamos com a inteligência e com o coração, e um quarto de século já é decorrido nesse querer e nesse lutar (...) ¹⁰⁷

Acontecia nessa comemoração uma exaltação à instituição como o lugar da mais refinada cultura da cidade, como se resguardasse em seu seio as sementes de uma sociedade desenvolvida. O então Colégio, segundo esse discurso, tinha suas origens ainda nas intenções colonizadoras europeias e, por isso, representava a melhor raiz da “miscigenação cultural brasileira”. Um elo é construído com outros Ginásios existentes no Brasil, denominados “oficiais”: o de Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, e em Minas Gerais o Ginásio Mineiro de Barbacena. Juntos revelariam uma perspectiva de educação no Brasil, fundada em preceitos europeus.

Ao final desse longo discurso é possível perceber que a instituição era entendida como difusora de conhecimento e meios para iluminação sobre todos aqueles que nela foram estudantes, ou pelo menos era essa a concepção que se almejavam construir. Era a instituição que esbanjaria excelência na cidade em uma conjuntura histórica em que as relações sociais ganhavam novas configurações.

O momento de escrita de elaboração do discurso, e de seu registro no folheto, meados dos anos 1950, implica algumas relações mais amplas de um processo histórico em curso vividas e sentidas em Uberlândia e no então Colégio Estadual de Uberlândia, única instituição a ofertar o ginásio e os cursos clássicos e científicos na cidade.

Momento de ascensão do que historiadores denominam, de forma geral, “Desenvolvimentismo”. De modo sintético, uma movimentação de forças políticas e econômicas, que teve na autoridade de Getúlio Vargas a sua principal marca – porém, não se restringindo apenas a ele. Sônia Regina de Mendonça nos auxilia na compreensão destes projetos, ao mesmo tempo, político, econômico e social no Brasil. ¹⁰⁸

A pesquisadora explica que, economicamente, o projeto que se estabelecia no Brasil após 1929 era o de um início de industrialização mais sistematizada. O Desenvolvimentismo brasileiro fundamentava-se no incentivo à indústria, em detrimento do predomínio da

¹⁰⁷ SILVA, Eurico. **Escorço Histórico do Colégio Estadual de Uberlândia**. 1954. Acervo Prof. Jerônimo Arantes. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

¹⁰⁸ MENDONÇA, Sônia Regina de. **Estado e Economia no Brasil: opções de desenvolvimento**. Rio de Janeiro 3ª Edição. Editora Graal. 1986.

agroexportação – o que não quer dizer que essa atividade tenha, na prática, perdido seu papel fundamental no cenário econômico do país. Na tarefa de “desenvolver o país”, o nacionalismo torna-se peça-chave na criação de estratégias políticas que retirassem o Brasil da condição de subordinado aos países dominantes do capitalismo mundial.¹⁰⁹

Sônia Mendonça esclarece que o nacionalismo desenvolvimentista passou a ser uma constante nos discursos das autoridades, servindo como justificativa para as suas decisões e ações. Neste projeto, uma de suas funções “(...) seria o de mobilizar cada vez mais amplos setores sociais a fim engajá-los na tarefa de solucionar os problemas da sociedade como um todo.”¹¹⁰

Entre as frentes de intervenção do projeto Desenvolvimentista, um dos principais problemas a serem enfrentados envolveria a educação no país. O “(...) estar trabalhando pelo Brasil e lutando pelo Brasil (...)” nas palavras do Professor Eurico Silva no “Escorço Histórico” em Comemoração aos 25 anos de existência enquanto escola pública indica, se não um alinhamento ao projeto Desenvolvimentista, pelo menos uma convergência de sentidos na compreensão e anseios sociais.

No ano em que o “Escorço Histórico” foi escrito, 1954, o país vivia um período de redemocratização recente após o regime do Estado Novo e as discussões sobre a Educação e a escola pública ganharam nova força na sociedade. Sem dúvida, os anos 1950 foram marcados por importantes debates nesse tema, pautados pelas perspectivas do “Desenvolvimentismo”.¹¹¹

Em Uberlândia, certos segmentos sociais de maior influência econômica e política pareciam entender o Colégio Estadual como uma instituição caminhava junto a essas novas

¹⁰⁹ MENDONÇA, Sônia Regina de. **Estado e Economia no Brasil**: opções de desenvolvimento. Rio de Janeiro 3º Edição. Editora Graal. 1986.

¹¹⁰ MENDONÇA, Sônia Regina de. 1986. p.41.

¹¹¹ O período de 1930 até mais ou menos 1946 produziu diferentes marcas na legislação educacional brasileira, o que acarretou intensos debates até o ano de 1961, com a votação da Lei de Diretrizes e Base da Educação. O movimento conhecido como “Escola Nova” ganhou forças com o golpe de 1930, abrindo um campo de debates sobre a necessidade de mudanças nas escolas brasileiras. Como informação é importante destacar que durante o governo provisório de Vargas aconteceu a Reforma Francisco Campos, que promoveu algumas regularizações e reformas no ensino no Brasil. Com a instalação do Estado Novo entre 1937 e 1945, os debates e discussões sobre educação na sociedade ficaram paralisados, contudo foi implantada a Reforma Capanema, conhecida como “Leis Orgânicas do Ensino”. Elas imprimiram à educação um caráter maior de formação para o trabalho, principalmente para a indústria. Com o fim do Estado Novo, uma maior discussão sobre escola e educação foi retomada, materializando-se com a Constituição de 1946 que assegurava o direito à educação. De 1946 a 1961, muitas discussões e reveses aconteceram até a votação da Lei 4.024 em 1961. Segundo Romanelli, foi um período rico por aprofundar a discussão sobre a educação no Brasil, aglutinando um conjunto de pensadores que discutiam desde 1934 os problemas educacionais e que haviam sido interrompidos pelo período ditatorial. Informações e maiores detalhes ver: ROMANELLI, Otáíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. (1930/1973). 40ª Edição. Petrópolis/RJ Editora Vozes.

configurações que estavam sendo instaladas no país.¹¹² Junto ao que se discutia na sociedade brasileira, o Colégio Estadual de Uberlândia era colocado com um lugar social que auxiliava a cidade a promover a ruptura com o subdesenvolvimento.¹¹³

Nesse processo, a corrente pedagógica conhecida como “Escola Nova” era a grande referência em termos de avanços na educação brasileira, por contrapor-se a vários elementos e práticas de uma corrente pedagógica “tradicional”, há tempos era exercida na escolarização formal no Brasil.

Anísio Teixeira¹¹⁴ foi um expoente “escolanovista” que exerceu papel importante no processo de crescimento dessa corrente pedagógica no Brasil, que viveu seu auge após o fim do Estado Novo até meados da década de 1960.¹¹⁵

¹¹² Um fator interessante que pode ter contribuído para essa construção foi a criação no jornal Correio de Uberlândia a “Coluna de Ouro”. Seu objetivo era congratular estudantes esforçados de algumas escolas da cidade, sendo a principal delas o Colégio Estadual de Uberlândia. Nessa coluna citava-se o nome do estudante, de seus pais e as matérias que se destacaram. Nela a maioria das notas e nomes era do Colégio Estadual de Uberlândia. Citavam-se também, em menos número, estudantes de outras instituições da cidade, mas de caráter privado. Outras instituições escolares públicas também eram mencionadas, mas de forma mais geral, onde era noticiada a entrega de diplomas para alunos que concluíam o primário, sem citar nomes de estudantes ou de seus pais. Alunos que se destacam no Colégio Estadual de Uberlândia. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia 23 de agosto de 1950. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

¹¹³ No levantamento realizado na imprensa no Arquivo Público Municipal de Uberlândia (Acervo Jerônimo Arantes) em algumas edições do Jornal Estado de Goyas, pude perceber um fato curioso. Durante os primeiros anos de 1940, pelo menos uma vez na semana, a Escola Estadual de Uberlândia, que naquele momento era denominada Ginásio Mineiro de Uberlândia, tinha um espaço para leitura de poemas, crônicas e textos variados de professores e alunos no Microfone da Rádio PRC-6, no qual o jornal Estado de Goyas publica tal como fora transmitido na rádio. No Estado de Goyas essa publicação recebe o nome Hora Cultural do Ginásio Mineiro Local. Não é possível dizer ao certo por quantos anos foi publicada essa coluna no jornal já que suas edições não estão completas no acervo.

¹¹⁴ Nasceu em 1900 na Bahia e morreu em 1971, no Rio de Janeiro. Formado em Direito e um dos pensadores difusores da Escola Nova no Brasil, ao longo de sua vida ocupou vários cargos públicos. Em 1924, assumiu pela primeira vez responsabilidades públicas tornando-se inspetor geral de ensino da Bahia. Fez, em 1928, pós-graduação na Universidade de Columbia, em Nova York e conheceu o educador John Dewey. No Rio de Janeiro, em 1931, como secretário de educação, fez grandes reformas educacionais. Chegou a ser perseguido durante o Estado Novo, fato que o levou de volta a sua terra Natal, Caeté-BA. Em 1946 foi conselheiro da UNESCO e logo depois voltou a ser secretário de educação na Bahia. Em 1951 ocupou o cargo de secretário geral da CAPES e em seguida diretor do INEP (Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais) era a favor da implantação da Lei de Diretrizes e Bases e defensor da escola pública. Participou na década de 60, da fundação da Universidade de Brasília, chegando a ser reitor dessa instituição em 1963. Com o golpe militar de 64, acabou afastando-se desse cargo e lecionou em universidades americanas. De volta ao Brasil, em 1966 tornou-se consultor da Fundação Getúlio Vargas. Morreu de maneira misteriosa, sendo seu corpo encontrado em um fosso de elevador em um prédio de um amigo que havia visitado. Informações retiradas do site www.wikipedia.br podendo, então, serem refutáveis. Recentemente, em 2005, foi reeditada a coleção Anísio Teixeira contendo 12 volumes, pela editora da UFRJ, cada qual de um determinado período de sua vida publicou em 1928 *Aspectos Americanos da Educação*; *Educação Progressiva*: pequena introdução à filosofia da educação (1934); *Em marcha para a democracia*: introdução à administração educacional (1936); *Educação e a crise Brasileira* (1956); *Educação não é privilégio* (1957); *Educação é um direito* (1968); *Educação no Brasil* (1969); *Educação e o mundo moderno* (1969); Após a sua morte: *Ensino Superior no Brasil*: análise e interpretação de sua evolução até 1969. *Diálogo sobre a lógica do conhecimento* e por última Educação e Universidade (1998).

¹¹⁵ SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. 11ª Ed. ver. Campinas-SP; Autores Associados, 2013. p. 77.

Esse pensador escreveu e proferiu palestras que defendia uma visão de escola pública e educação que vinha ao encontro das novas configurações das relações capitalistas, conforme colocação do pesquisador Dermeval Saviani no livro “Escola e Democracia.”¹¹⁶

O propósito de citar Anísio Teixeira é fomentar ainda mais a percepção do processo histórico no qual a instituição escolar, o então Colégio Estadual de Uberlândia, teve sobre si a elaboração dessa memória de excelência. Ao ler alguns escritos de Anísio Teixeira, tem-se uma pequena noção da força do ideário que se constituía em torno do “desenvolvido” e do “subdesenvolvido” e do papel da educação e escolas públicas nessas relações.¹¹⁷

Na memória social discutida nesse capítulo e que, tendo em conta o discurso do Prof. Eurico Silva, ganhava suas primeiras formas já pelo menos nos anos 1950, talvez a qualificação de “excelência” tenha uma relação próxima com as instituições que acenavam com a noção do “desenvolvimento” na época.

Quando relacionamos o pensamento de Anísio Teixeira, enquanto representante de um movimento de mudanças em torno da educação no país, ao “Escorço Histórico” é possível perceber a construção de uma linha progressista na qual se inseria o Colégio Estadual de Uberlândia. Essa instituição colaboraria, segundo o discurso, com o desenvolvimento da cidade e do país. A partir da utilização do “Escorço Histórico” como fonte de pesquisa, sem a devida atenção para seus significados sociais e históricos, algumas produções acadêmicas acabam por construir significados que relaciona a escola à excelência educacional, que ajudou, por sua vez na “modernização” e no “desenvolvimento” de Uberlândia.

A Escola Estadual de Uberlândia tem sido objeto de estudo do campo de pesquisa em História e Historiografia das Instituições Escolares, pelos seus vários anos de existência,

¹¹⁶ O autor em questão é o criador da corrente pedagógica Histórico crítico-social, que surgiu como crítica à Crítico-reprodutivista dos anos de 1970, que por sua vez não entendia haver meios de criação e contestação à influência ideológica vinda das escolas. O autor considera que as correntes Crítico-reprodutivista e a Escola Nova em seus tempos tiveram funções importantes, mas precisava-se criar uma nova forma pedagógica. Sobre a Escola Nova, o autor entende que ela foi importante na questão da democratização da escola pública no Brasil, contudo Saviani pondera afirmando que as classes dominantes tinham interesses quando defendia a escola para todos, ocorrendo nesse processo um aprimoramento do ensino para as elites e um rebaixamento para as classes populares. Esses apontamentos estão em: SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 31ª Ed. Campinas-SP. Autores Associados. 1997.

¹¹⁷ A análise do autor é de que as nações mais ‘desenvolvidas’ que o Brasil passaram a entender que educação não poderia se dar por uma questão ligada às luzes, mas sim por que ela proporcionava resultados nas condições econômicas e “(...) de trabalho da civilização industrial e moderna, a quais países haviam chegado”. Um texto em que essa posição do autor fica clara é o: TEIXEIRA, Anísio. A educação que nos convém. In: A educação e a crise brasileira. Apresentação de Marcos César de Freitas e prefácio de Alberto Venâncio Filho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. (col. Anísio Teixeira; v. 5) p. 203 a 224. E também: TEIXEIRA, Anísio. A escola secundária em transformação. In: A educação e a crise brasileira. Apresentação de Marcos César de Freitas e prefácio de Alberto Venâncio Filho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. (col. Anísio Teixeira; v. 5) p. 141 a 162. E críticas sobre a posição de Anísio Teixeira, enquanto um representante do Movimento Escola Nova ver: SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 32ª ed. Campinas, SP. Ed. Autores Associados, 1999.

como discutido de forma geral na Introdução dessa tese. Nesse momento, chamo ao diálogo apenas uma autora da área de Educação para aprofundarmos nossas reflexões sobre a problemática da produção memória de excelência da escola e o desenvolvimento da cidade pelo uso da documentação histórica.¹¹⁸

A pesquisadora Giseli Gatti dedicou-se a pesquisar o passado da Escola Estadual de Uberlândia, de 1929 aos anos 1950, sendo que o “Escorço Histórico” aparece como referência bibliográfica em alguns de seus trabalhos.¹¹⁹ Entre essas produções está a tese “Tempo de Cidade, Lugar de escola: dimensões do ensino secundário no Gymnásio Mineiro de Uberlândia (1929-1950)”, que representa um acúmulo de pesquisas em torno da escola sobre as quais a pesquisadora vinha se dedicando desde o curso de Mestrado em Educação. Em outras palavras, o trabalho de Gatti demonstra, para nós, os esforços também de outros pesquisadores na busca pelo aprimoramento de referenciais teóricos e metodológicos na escrita da História envolvendo a Educação.¹²⁰

¹¹⁸ Ver GATTI, Giseli Cristina do Vale. **Tempo de Cidade, Lugar de escola: dimensões do ensino secundário no Gymnásio Mineiro de Uberlândia (1929-1950)**. 284f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2010. Além dessas duas produções acadêmicas existentes, foram encontrados artigos que são frutos desses estudos: GATTI, Giseli C. do Valle e INÁCIO FILHO, Geraldo. Cidade urbanizada e o espaço escolar do Gymnásio Mineiro de Uberlândia fins do século XIX e a primeira metade do século XX. **Cadernos de História da Educação**. (UFU, Impresso). V. 10, p. 93-121, 2011; GATTI, Giseli C. do Valle; INÁCIO FILHO, Geraldo. As práticas escolares e a formação cívico-patriótica no Ginásio Mineiro de Uberlândia em Minas Gerais. Brasil (1920-1970). **História da Educação**. (UFPel), V. 14, p. 37-69, 2010; GATTI, Giseli C. do Valle; INÁCIO FILHO, Geraldo; GATTI JÚNIOR, Décio. História de uma educação e sua cultura material: o Ginásio Mineiro de Uberlândia (1920-1960), **Educação e Filosofia** (UFU Impresso), V. 23, p. 119-144, 2009. GATTI, Giseli Cristina do Valle; INÁCIO FILHO, Geraldo. História das Representações Sociais da Escola Estadual de Uberlândia (1929-1950) **Revista Educação e Filosofia**. 2004, Uberlândia, V. n.º 18, p.69-104; GATTI, Giseli Cristina do Valle. A Escola Estadual de Uberlândia na Perspectivas das Representações Sociais (1929-1950). **Cadernos de História da Educação**. 2002. Uberlândia, UFU, V. 1 N.º1, 2002, p.55-58. GATTI, Giseli Cristina do Valle. A Escola Estadual de Uberlândia: Histórico e Representações Sociais. **Revista de Educação Pública**. Cuiabá, Ed. UFMT, V. 10, N.º 17, 2001, p.141-151. MACHADO, Flávia; GATTI JÚNIOR, Décio. A Escola Estadual de Uberlândia: anotações de pesquisa. **Cadernos de História da Educação**. Uberlândia, UFU, V.1, N.º 1, 2002, p.33-39. BORGES, Vera Lúcia Abrão. Modernização e Democratização no Brasil: o caso da Escola Estadual de Uberlândia. **Cadernos de História da Educação**. Uberlândia, UFU, V. 1, N.º1, p. 121-126.

¹¹⁹ A Escola Estadual de Uberlândia: anotações de pesquisa. **Cadernos de História da Educação**. Uberlândia, UFU, V.1, N.º 1, 2002, p.33-39. BORGES, Vera Lúcia Abrão. Modernização e Democratização no Brasil: o caso da Escola Estadual de Uberlândia. **Cadernos de História da Educação**. Uberlândia, UFU, V. 1, N.º1, p. 121-126

¹²⁰ A Linha História e Historiografia da Educação estão ligadas a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Ela foi criada em fins dos anos 90, e desde então vem construindo pesquisas dentro sobre escolas da cidade e de outras localidades, especificamente no âmbito da História das Instituições Escolares. Além da Dissertação de Mestrado e a Tese de Doutorado da pesquisadora Giseli C. do Valle Gatti teve a oportunidade de realizar a leitura dos seguintes trabalhos da Linha de Pesquisa História e Historiografia em Educação: SOBRINHO, Vicente Batista Moura. **A Massificação do ensino em Uberlândia-MG: a fala da imprensa 1940-1960**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002. GHANTHOUS, Daniella Soraya Resende Araújo. **Gymnásio Mineiro de Uberlândia: Processo de Disciplinarização do Espaço Escolar (1937-1945)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia. 2006. CARVALHO, Luciana B.B. de Oliveira. **A configuração do Grupo Escolar Júlio Bueno**

Nesse conjunto de estudos produzidos, no qual Giseli Gatti é uma expoente, evidenciam-se algumas noções sobre escola, cidade e sociedade que se diferenciam das que norteiam minha investigação. Essas noções aparecem em suas conclusões da seguinte forma:

O movimento de investigação permite afirmar que a instituição escolar examinada, *Gymnásio Mineiro de Uberlândia*, tinha centralidade no processo de escolarização em nível secundário na cidade de Uberlândia, sobretudo, no que se refere a formação de jovens do sexo masculino, ainda que mulheres também freqüentassem essa instituição escolar. Centralidade, mas, de modo algum, exclusividade, dado que outras instituições escolares atendessem esse mesmo nível de ensino. Algumas delas, como o Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, ocupavam-se sobretudo, da educação feminina. Porém, o *Gymnásio Mineiro de Uberlândia* era a escolha das famílias que se distinguiam das demais, pelas posses e pela posição social, com claro objetivo de manutenção de sua situação social, por meio de estudos propedêuticos consistentes que possibilitassem o ingresso ao ensino superior, em especial, no Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Assim, os alunos provenientes dessas poucas famílias com boas possibilidades financeiras, emprestavam esse caráter de distintivo que tinham em contraposição ao restante da população da cidade ao estabelecimento de ensino. Realidade que se cristaliza e torna-se importante para que as famílias remediadas também busquem na instituição escolar possibilidades de ascensão social, seja pela conclusão do ensino ginasial, com também pela continuidade dos estudos em nível superior. Sem dúvida, o arranjo institucional do *Gymnásio Mineiro de Uberlândia* no período de 1929 a 1950 contribuiu de forma marcante para a configuração de um ideário de modernização em Uberlândia, fomentando a escolarização em nível secundário como via de progresso individual na nova sociedade.¹²¹

A concepção que observamos relaciona “famílias ricas” com o fator “distinção”, que ao estudarem na escola “emprestavam” a ela tal valor; “famílias remediadas”, que estavam também nessa escola, se beneficiavam da possibilidade de uma “ascensão social”. Nessas relações, a escola teria contribuído para uma idéia de “modernização da cidade”.

A partir da relação desses elementos podemos inferir que a distinção social na escola e, também, na vida urbana de Uberlândia, aparentemente era importante para a produção de perspectivas de melhorias na sociedade. A diminuição da diferença entre pobres e ricos, que a autora amenizou utilizando os termos “remediadas” e “possibilidades financeiras boas”, seria a solução e a escola pública como um lugar que acenava para essa possibilidade.

Brandão no contexto republicano (Uberabinha 1911-1929). Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

¹²¹ É importante esclarecer ao leitor que a Escola Estadual de Uberlândia, ao longo de sua existência, teve várias denominações, essas mudanças aconteciam, principalmente, devido à legislação educacional. *Gymnásio Mineiro de Uberlândia*, de 1929 a 1943; nessa data acontece uma pequena mudança ortográfica: *Ginásio Mineiro de Uberlândia*. De 1944 até 1973 chamava-se *Colégio Estadual de Uberlândia*. Com a reforma da lei dos anos 70 passou então à *Escola Estadual de 1º e 2º graus de Uberlândia*. A pesquisadora utiliza em sua tese a denominação *Gymnásio Mineiro de Uberlândia*, pois segundo ela, no período investigado foi esse nome que perdurou mais tempo. GATTI, Giseli Cristina do Vale. **Tempo de Cidade, Lugar de escola**: dimensões do ensino secundário no *Gymnásio Mineiro de Uberlândia* (1929-1950).286f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2010. p. 8 e p. 265.

Partindo de minha leitura e interpretação, observo que há uma concepção de escola e vida em sociedade em que é possível perceber que a ascensão social parece ser a finalidade das instituições educacionais. Acontece, a meu ver, um fortalecimento da idéia da meritocracia nas relações sociais, que ainda percebo agir com intensidade na sociedade de nosso tempo, quando relacionamos escola, estudos e estudantes-trabalhadores.

O papel da escola pública deveria se pautar na promoção da ascensão social de indivíduos “mais capazes” na competição capitalista? Tanto hoje, quanto no passado e no futuro? Essa escola pública, como qualquer outra na cidade, era boa e de qualidade quando a distinção social se fazia presente?

As minhas concepções enquanto pesquisadora e professora foram se constituindo a partir da perspectiva materialista histórico-dialética, que não vê possibilidades de desvincular o trabalho historiográfico de perspectivas de sociedade. Pesquisas apontam conclusões. Entendo que cabe ao pesquisador apontar o seu posicionamento sobre as suas constatações. Não compreendo a distinção social como forma com a qual se possa valorizar o espaço escolar público. Como pensar a distinção social relacionada a uma escola pública?

O historiador E. P. Thompson, no ano de 1968, proferiu uma palestra intitulada “Educação e Experiência”, onde problematizou a finalidade da educação e suas relações com a ascensão social. Eram questões vividas por ele enquanto professor, mas que parecem ser ainda pertinentes para nós.¹²²

Para ele, as escolas, assim como a educação pública como um todo, não podem desconsiderar a experiência de seus estudantes. Estes não são simples tábuas em branco, agentes passivos nas práticas de estudo, tal como muitos consideravam e quando várias práticas educacionais partiam do princípio negador das culturas trazidas pelos estudantes, produzindo uma tensão entre a educação e a experiência. A solução, entretanto, não é rejeitar a cultura letrada e nem as culturas que não estão nesse campo de referência, compartilhadas pelos estudantes, mas a construção dialética de conhecimentos que possam conduzir a um caminho de igualitarismo cultural.¹²³

¹²² THOMPSON, Eduard Palmer. Educação e Experiência. In:_____. **Os Românticos: a Inglaterra na era revolucionária.** Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 2002. p. 13-47

¹²³ O termo igualitarismo cultural é associado por Thompson ao poeta inglês Wordsworth. THOMPSON, Eduard Palmer. Educação e Experiência. p. 42. In:_____. **Os Românticos: a Inglaterra na era revolucionária.** Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 2002. p. 13-47 Sobre essa prática social, entendo que a corrente pedagógica Crítico-Social dos Conteúdos possa ser articulado com a perspectiva que o historiador inglês colocou em debate. Conforme essa corrente pedagógica, as diferentes formas de conhecimentos são primordiais dentro da escola, mas não de maneira abstrata, mas sim vivas e concretas, associadas às realidades sociais. A escola, assim como conhecimento, tornam-se de grandes valores em um processo de ruptura, da geração de um saber que se faz na relação direta com a experiência do estudante. Nas discussões a cerca dessa perspectiva o pesquisador Dermeval

Ao discordar da avaliação social expressa nas produções acadêmicas como a tese discutida anteriormente, entendo que o estudo, o direito à escola pública não deve estar relacionado simplesmente a um anseio de mobilidade social, ou “subir na vida”, por mais que essa seja um valor e anseio mais recorrente em nossa sociedade. Valorizar o conhecimento e a escola por esse caminho não indica um caminho para relações mais justas e igualitárias em nossa sociedade.

Sobre essa perspectiva, a palestra de Thompson torna-se importante por expressar a colocação de um professor que trabalhou na educação de jovens e adultos e que reconhecia os prejuízos da sociedade aliar ascensão social à educação. O historiador realizou essa avaliação em um momento de ampliação do acesso à educação na Inglaterra:

(...) a educação passou a ser vista, em grande escala, e por muita gente da própria classe trabalhadora, simplesmente como um instrumento de mobilidade social seletiva. Além do mais, seja qual for o método de seleção, todo o sistema trabalha de modo a confundir certos tipos de capacidade (ou facilidade) intelectual com realização humana. A aprovação social do sucesso educacional é assinalada de uma centena de modos: o sucesso traz recompensa financeira, um estilo de vida profissional, prestígio social. Ela se apóia numa apologia completa da modernização, necessidade tecnológica, igualdade de oportunidades. Não é preciso trabalhar muito tempo dentro de uma universidade para se descobrir que até mesmo os membros mais humanos dos corpos docente e discente acham difícil não equiparar o progresso educacional a uma avaliação do mérito humano. E muitos dos que estão fora das universidades, dos que não conseguem provar a si mesmos serem suficientemente iguais para galgar os degraus da oportunidade, têm gravada sobre si mesmos, de maneiras opostas, uma sensação não de diferença, mas de fracasso humano.¹²⁴

Estabelecidas as diferenças de perspectivas de escola e educação pública, cabe ainda ressaltar que minha investigação não se faz no mesmo período das produções citadas. Porém, são os pressupostos teóricos e metodológicos que relacionam a Escola Estadual de Uberlândia à cidade que chamam a atenção; o fato de, através deles, ser possível perceber a presença da memória que dá a escola um sentido de “excelência” educacional e social.

Apesar disso, esse fator não impossibilita a construção de um diálogo com outros pesquisadores e áreas de conhecimento, por levantarem questões também importantes. O conjunto dos artigos e produções acadêmicas sobre a Escola Estadual de Uberlândia, especialmente a dissertação e a tese de Giseli Gatti, se deram dentro de uma periodização que não deixa de ser justificada: em 1929 a Escola tornava-se pública, pois anteriormente era uma

Saviani acumula discussões que defende essa prática pedagógica em nossas escolas. Mais informações ver: LUCKESI, Cipriano C. **Filosofia da Educação**. Editora Cortez. São Paulo. 2004. Coleção Magistério 2º grau. Série Formação do Professor. E: SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 17ª Edição. São Paulo. Editora Cortez/Autores Associados. 1988.

¹²⁴ THOMPSON, Eduard Palmer. Educação e Experiência. In: _____. **Os Românticos: a Inglaterra na era revolucionária**. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 2002. p. 42 e 43.

instituição privada. Quanto ao limite cronológico, Gatti constatou que a partir 1950 a escola dobrou o número de estudantes – e com isso muitas mudanças aconteceram – as quais ela não se propôs a analisar e investigar, mas destacou que a partir daquela data ocorria uma “massificação do ensino”.¹²⁵

Entendo que a expressão “massificação do ensino”, utilizada no âmbito de algumas pesquisas em Educação, poderia ser problematizada. Ela indica uma conjuntura histórica onde os trabalhadores da cidade passaram ter maior espaço nas escolas públicas, trazendo mudanças significativas em todas as dimensões das vidas e trabalho ligadas às instituições de ensino que mereceriam reflexão mais cuidadosa.¹²⁶

Para finalizar a discussão desse primeiro capítulo, espero ter deixado em relevo a complexidade das relações que constituíram e constituem a Escola Estadual de Uberlândia na cidade. Com isso busquei me desvencilhar da força e anseio exclusivista da memória de excelência, identificando-a, compreendendo-a e, com isso, abrindo caminho para nossa reflexão sobre outras possíveis histórias e memórias que compõem essa escola pública da cidade.

¹²⁵ Gatti apresenta um gráfico com a quantidade de estudantes que da escola entre os anos 1939 e 1966. Segundo os dados informados, que constam no acervo da escola, em 1939 havia 136 estudantes, em 1942 eram 400, em 1950 eram 800 e por fim 1966 chegou-se ao número de 2500. GATTI, Giseli Cristina do Vale. **Tempo de Cidade, Lugar de escola: dimensões do ensino secundário no Gymnásio Mineiro de Uberlândia (1929-1950)**. 286f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2010. p.13 e 198.

¹²⁶ Sobre Massificação de Ensino na cidade de Uberlândia consta a seguinte dissertação de Mestrado em Educação: SOBRINHO, Vicente Batista Moura. **A Massificação do Ensino em Uberlândia-MG: a fala da imprensa 1940-1960**. Dissertação (Mestrado em Educação). 2002. Universidade Federal de Uberlândia. Disponível no Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

CAPÍTULO 2

MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES DA ESCOLA ESTADUAL DE UBERLÂNDIA

Ao construir uma noção de patrimônio que leve em conta a existência de sentidos e valores variados (e conflituosos) por parte dos sujeitos sociais envolvidos no processo de construção de memórias e narrativas sobre o passado, direcionaremos agora a atenção a ex-estudantes de escolas públicas, em especial da Escola Estadual de Uberlândia. Buscaremos os sentidos atribuídos a suas memórias no intento da construção de algum conhecimento sobre uma realidade diversa e múltipla da cidade. As entrevistas produzidas com ex-estudantes permitiram problematizações sobre diferentes experiências sociais de estudo e a necessidade, ou não, de trabalhar.

A discussão neste capítulo está direcionada às experiências vividas dos mencionados ex-estudantes durante o processo de expansão da escola pública criado pela Ditadura Militar na cidade de Uberlândia. Vale salientar que foi de extrema relevância a elaboração de análises sobre memórias de estudantes-trabalhadores que não estudaram na Escola Estadual de Uberlândia para uma melhor apreensão do universo social.¹²⁷

Foi nesse período, privilegiando-se aqui a década de 1970, que estudantes-trabalhadores, ou estudantes filhos de trabalhadores, passaram a estudar em maior número nessa escola pública da cidade, sob uma política pública educacional que visava a formação para o trabalho. Isso significou uma mudança importante no quadro educacional não apenas em Uberlândia, mas em todo país.

Os entrevistados, ex-estudantes da Escola Estadual de Uberlândia e de outras escolas públicas da cidade são: Dona Dalva, costureira aposentada, sua irmã Zuleika, vendedora aposentada, Sr. Odival, jornalista e locutor esportivo aposentado, Cleuza, bancária, também aposentada. Esses entrevistados precisaram trabalhar quando ainda eram estudantes, em torno dos 11 e 12 anos de idade.

¹²⁷ Entre as muitas referências bibliográficas sobre o período da Ditadura Militar no Brasil que auxiliaram diretamente e indiretamente em compreensão mais geral sobre o período estão: FERREIRA, Jorge; Delgado, Lucília de Almeida Neves (orgs.) **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. 2º Ed. Vol.4. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 2007. Coleção Brasil Republicano; OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista: o ornitorrinco**. 3º Edição. São Paulo Boitempo Editorial. 2011. MENDONÇA, Sônia R. **Estado e Economia no Brasil: opções de desenvolvimento**. Rio de Janeiro. Editora Graal, 1986.

Entre esses trabalhadores, Dona Cleuza esteve na Escola Estadual de Uberlândia até a conclusão dos seus estudos, como estudante do noturno. Sr. Odival não estudou nesta escola, a principal instituição pública que frequentou foi a Escola Estadual Bueno Brandão; concluiu seus estudos entre idas e vindas, em escolas particulares e públicas da cidade, e cursou Geografia na Faculdade de Ciências Humanas, dirigida pelo Colégio Nossa Senhora, conhecido como “Colégio das Irmãs”.

Entre os trabalhadores entrevistados, Dona Dalva e sua irmã Dona Zuleika não completaram seus estudos. Dona Dalva esteve em várias escolas públicas da cidade, entre elas o então Colégio Estadual de Uberlândia, mas por apenas um ano, quando cursou a 5ª série do ginásio no turno da noite. Sua irmã Zuleika não esteve no Colégio Estadual de Uberlândia e também não concluiu seus estudos. Estudou na Escola Estadual Bueno Brandão, onde cursou até a 8ª série.

Para uma reflexão que abrangesse uma realidade múltipla e diversa considerei importante trazer para a análise entrevistas realizadas com sujeitos sociais que não precisaram trabalhar quando ainda eram estudantes. Os entrevistados são: Rogéria, professora de matemática aposentada e Maria Angélica, funcionária pública municipal.

Entre os trabalhadores entrevistados pude notar que Dona Dalva, Dona Zuleika, Sr. Odival e Dona Cleuza mostram trajetórias de vidas com várias semelhanças. Chegaram à cidade de Uberlândia egressos do campo e tiveram que trabalhar durante o período em que eram estudantes, situação diversa dos entrevistados Rogéria e Maria Angélica.

Uma característica marcante das entrevistas orais é a subjetividade que cada uma dessas pessoas traz em sua memória, que vai se materializando durante a entrevista. Entretanto, essa memória não é apenas individual. Alessandro Portelli chama nossa atenção para a fusão do individual e do social nas narrativas que ganham a forma de textos, que, por sua vez, tornam-se fatos.¹²⁸

O texto “A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas fontes orais” do pesquisador italiano, auxilia a compreensão dessas narrativas como evidências que agem na produção de um conhecimento histórico:

No plano textual, a representatividade das fontes orais e das memórias se mede pela capacidade de abrir e delinear o campo de possibilidades expressivas. No plano dos conteúdos, mede-se não tanto pela reconstrução da experiência concreta, mas pelo delinear da esfera subjetiva da experiência imaginável: não tanto o que acontece materialmente com as pessoas, mas o que as

¹²⁸ PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: Narração, Interpretação e Significado nas fontes orais. **Revista Tempo**. Rio de Janeiro. UFF. Vol. 1, n.º 2, p.50-72. 1996.

peças sabem ou imaginam que possa suceder. E é o complexo horizonte das possibilidades o que constrói o âmbito de uma subjetividade socialmente compartilhada.¹²⁹

A proximidade da realidade vivida através dessas narrativas constitui-se por meio da representatividade explicada por Portelli e indica-nos os horizontes de possibilidades e expectativas que marcavam a vida de tantos outros sujeitos históricos que constituíram aquela sociedade. É sobre essa perspectiva que entendemos que aquelas narrativas colaboram na escrita da história sobre o processo de expansão vivido das escolas públicas na cidade de Uberlândia, tendo como foco o Colégio Estadual de Uberlândia.

Na busca pela relação das trajetórias escolares e de vida na cidade, entendo ser necessário trazer para a discussão desse capítulo quem são esses trabalhadores – estudantes durante o processo de expansão da escola pública nos anos 70 – e quais são suas trajetórias de vida. Alguns viveram a necessidade de conciliar escola e trabalho, outros nem chegaram a concluir os estudos e outros puderam realizar cursos de graduação.

As famílias de Dona Dalva e Dona Zuleika, de Sr. Odival e de Dona Cleuza se mudaram para a cidade entre os anos 1960 e 70. Entre as muitas expectativas, traziam a vontade de estudar: “(...) viemos pra Uberlândia pra estudar, estudei em escolinha lá na fazenda, mas quando eu vim pra Uberlândia pra estudar eu tinha 13 anos, mas já conhecia escola.”¹³⁰

Dona Dalva e sua irmã Zuleika residem na mesma casa há mais de 35 anos. Moramos no mesmo bairro, o Martins, que fica próximo à Escola Estadual de Uberlândia. Contudo, eu as conhecia muito pouco e os primeiros momentos das entrevistas foram marcados por um sentimento de desconfiança, que foi desaparecendo frente a um diálogo em que tentei fundar em uma relação de mutualidade e intersecções de diferença. Para o pesquisador italiano Alessandro Portelli: “Somente a igualdade faz a entrevista aceitável, mas somente a diferença a faz relevante.”¹³¹ E foi nessa relação ambígua em que se dão as narrativas orais tentei construir um diálogo com Dona Dalva e sua irmã Zuleika.

¹²⁹ PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: Narração, Interpretação e Significado nas fontes orais. **Revista Tempo**. Rio de Janeiro. UFF. Vol. 1, n.º 2, p.50-72. 1996. p. 71.

¹³⁰ Ex-estudante Dona Dalva Martins. Entrevista realizada em 26 de junho de 2013. Dona Dalva é aposentada, tem 63 anos e trabalhou como costureira. Estudou no Colégio Estadual de Uberlândia no início dos anos de 1970, não concluiu seus estudos quando cursava a 5ª série.

¹³¹ PORTELLI, Alessandro. Forma e Significado na história oral: A pesquisa como um experimento em igualdade. In: **Revista Projeto História**. São Paulo. N.º14. p.7-24. Fev. de 1997.

Quando as entrevistei as ideias sobre a Escola Estadual de Uberlândia não estavam no centro da problemática, mas com o decorrer da entrevista elas mencionaram o “Estadual”.¹³² Dona Dalva expõe a trajetória de sua família com a cidade, afirmando seu saber escolar adquirido ainda quando vivia na fazenda. Sua narrativa é representativa de uma mulher trabalhadora em Uberlândia, que foi se constituindo como sujeito em um processo de relações travadas na cidade, de modo que sua experiência com a educação e a escola pública permitiu-a elaborar significados sobre a mesma – mesmo tendo passado pela necessidade de deixar a escola aos 12 anos de idade, quando estava na 5º série.

Com uma trajetória semelhante, Sr. Odival, jornalista esportivo aposentado, também conta que veio para Uberlândia ainda criança com sua família: “(...) então eu vi pra cá aos 11 anos e nunca mais sai. Era 1960, é... Eu já tinha feito o primeiro ano lá, tinha feito até o segundo aí interrompemos na mudança, perdi o resto do ano, em 61 eu fui estudar no Bueno Brandão.”¹³³

Conheci Sr. Odival no Arquivo Público Municipal realizando uma pesquisa sobre o Uberlândia Esporte Clube. Em uma conversa sobre trabalho, família e a vida na cidade. Ele me contou que havia estudado no Grupo Escolar Bueno Brandão, atualmente Escola Estadual Bueno Brandão. Sr. Odival disse sempre ter vocação para locutor esportivo, mas a profissão foi algo que surgiu em sua vida por acaso. Desde os doze anos trabalhava aprendendo alfaiataria, pela preocupação do pai em que o filho aprendesse uma profissão, porém começou a narrar jogos de futebol aos 18 anos.

Entendi que sua participação na pesquisa, através de uma entrevista, poderia ajudar a compreender as escolas públicas na cidade, através daqueles que não foram alunos da Escola Estadual de Uberlândia, como Dona Zuleika.

A bancária aposentada Cleuza se mudou para a cidade de Uberlândia também ainda bem jovem. Sua família trabalhava em fazendas na região quando decidiram que Cleuza viria morar com uma tia para estudar e trabalhar: “(...) Eu comecei a estudar assim..., eu fiquei um tempo sem estudar, tanto meus pais moravam na roça, aí eu fiquei parada lá, porque não tinha escola pra mim lá, aí eu fiquei fui e voltei, mas eu nunca repeti ano nenhum.”¹³⁴

¹³² Algumas pessoas se referiam a escola dessa maneira quando ela ainda se chamava Colégio Estadual de Uberlândia, e que mudou em decorrência Lei 5.692/71 para Escola Estadual de Uberlândia de 1º e 2º graus.

¹³³ Ex-estudante Sr. Odival Ferreira. Entrevista realizada no dia 20 de julho de 2013. Sr. Odival não foi estudante do Colégio Estadual de Uberlândia, tem 64 anos, é aposentado e trabalhou como locutor esportivo de rádio por muitos anos.

¹³⁴ Ex-estudante Dona Cleuza Martins da Silva. Entrevista realizada em 03 de abril de 2015. Dona Cleuza foi estudante do Colégio Estadual de Uberlândia, cursando da 5º série até o 3º colegial. Ela tem 60 anos é uma bancária aposentada.

Dona Cleuza, assim como Dona Dalva e Zuleika, também mora no bairro Martins, há muitos anos na mesma casa. Expliquei-a sobre a pesquisa e ela, de maneira extrovertida e surpresa, disse: “Ah você tá procurando uns velhinhos?”. Foi assim que ela me recebeu para a entrevista.

As trajetórias de Sr. Odival, Dona Dalva, Dona Zuleika e Dona Cleuza enquanto estudantes em Uberlândia, entre o final dos anos 60 e todos os anos 70, trazem uma condição semelhante em suas vidas; a necessidade de trabalhar ainda muito jovens e conciliar de alguma forma com os seus estudos. Sr. Odival e Dona Cleuza na confecção de roupas e Dona Zuleika e Cleuza no comércio.

Além desse ponto de semelhança, suas narrativas apontam para outro elemento que caracteriza a cidade de Uberlândia naquele momento, o crescimento populacional na cidade. Quando os ex-estudantes referem-se ao seu passado, acabam por indicar uma conjuntura vivida na cidade, aonde chegavam um contingente de famílias com variadas expectativas, entre elas o estudo.¹³⁵

Os números do IBGE confirmam que um alto contingente de famílias chegou à cidade naquele momento, mas eles expressam muito pouco a realidade vivida por essas pessoas. O desafio se concentra em construir uma análise que abranja os viveres para além dos dados estatísticos brutos, e para isso, acredito que as narrativas orais possam nos auxiliar na elaboração desse conhecimento.

O processo histórico que elevou a população urbana de algumas cidades brasileiras, como Uberlândia, tem ligações com as transformações nas relações capitalistas no Brasil. O campo deixou de ocupar uma posição de quase exclusividade na economia, estabelecendo-se novas formas de produção, com isso um grande número de trabalhadores foi levado às cidades. Quando não foram empregados diretamente no setor industrial, extraíram suas subsistências dos mais diferentes setores de serviços existentes em uma cidade.¹³⁶

¹³⁵ Alguns Censos Demográficos sobre a população urbana ajudam-nos a pensar a chegada de inúmeras famílias na cidade de Uberlândia: em 1940 somavam-se 22.123 habitantes enquanto que em 1970 esse número saltou para 111.466. Esses dados estão presentes em MARTINS, Humberto E. Paula. A formação da expansão urbana numa cidade de porte médio: a evolução espacial de Uberlândia-MG. In: **Anais do V Seminário de História da cidade e do Urbanismo**: Cidades: temporalidades em confronto. PUC-Campinas-SP. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. 2001.

¹³⁶ Conforme o estudo de Francisco de Oliveira, entre a indústria e agricultura no Brasil passou a existir uma “integração dialética”. A agricultura teve um papel quase que de sustentáculo à organização e expansão da indústria no Brasil, sendo que um elemento importante foi o fornecimento de contingentes de força de trabalho. O autor ainda destaca o setor terciário, o mais conhecido setor de oferta de serviços nas cidades que vão também crescer frente à essas mudanças. A referência em termos desse processo está em: OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista**: o ornitorrinco. 3ª Edição. São Paulo. Boitempo Editorial. 2011. p. 47

As trajetórias de vida do universo de trabalhadores entrevistados estão marcadas por esse processo. Suas narrativas trazem memórias sobre a vida na cidade e aquelas mudanças sociais e econômicas, que não deixam de relacionar-se à escola e a educação pública.¹³⁷

Referindo-se ao seu tempo de estudo na cidade, Sr. Odival coloca:

Era 1960, é... Eu já tinha feito primeiro ano lá [em Centralina – GO, onde nasceu], tinha feito até o segundo aí interrompemos na mudança, perdi o resto do ano, em 1961, eu fui estudar no Bueno Brandão (com 11 anos). Pra fazer o segundo ano, então minha primeira escola em Uberlândia foi o Bueno Brandão por coincidência a mais antiga da cidade, fundada em 1915, já tá quase completando centenário, mas naquela ocasião menino pobre, a grande preocupação era ter um ofício.¹³⁸

É possível reconhecer na narrativa do Sr. Odival que a relação entre a escola pública e a condição de jovem trabalhador mudou de maneira significativa com o tempo. Ele volta ao seu passado identificando uma norma social (“... a grande preocupação era ter um ofício...”) construída nas relações de classe, que era bem diferente do que vivenciamos hoje. A recordação sobre a condição histórica vivida expressa que, para um menino pobre, o limite-padrão das possibilidades sociais seria aprender um *ofício*, em seu caso, a alfaiataria.

Durante nosso diálogo, ao ser levado a narrar sobre sua condição de estudante de outra escola pública (foi explicitada aos entrevistados minha preocupação com a Escola Estadual de Uberlândia), Sr. Odival direciona sua narrativa ao fato de ter deixado os estudos para se dedicar ao trabalho, ou melhor, ao aprendizado de uma profissão.

Com 12 anos trabalhava e aprendia a profissão de alfaiate em um local chamado “Guanabara”, que ficava em uma sobreloja do Edifício Tubal Vilela, no centro da cidade. “Sai de lá quase um oficial e me especializei numa outra alfaiataria pra onde eu fui. E aos quatorze anos eu já fazia roupa sozinho, entendeu?”¹³⁹. Nesse processo de trabalho e aprendizagem, o jovem Odival deixava a escola em segundo plano, sofrendo as interpelações das condições de vida:

Então eu fui estudar no Bueno Brandão fiz o primário ali depois teve um... Uns intervalos como eu já tava te dizendo a grande preocupação naquele tempo era se ter um ofício, né? Para garantir o

¹³⁷ É importante citar que Uberlândia passou, a partir dos anos 60 e de maneira mais intensa nos anos 70, por muitas intervenções urbanas entre construções e demolições. Além de tentativas em expandir indústrias e fábricas na cidade. Isso pode ser percebido durante matérias jornalísticas na imprensa e a historiografia sobre a cidade também trazem e analisam essas mudanças. Para maiores detalhes sobre as intervenções urbanas e problematizações sobre projetos de “modernização” nesse período ver a seguinte Tese de Doutorado em História: CALVO, Célia Rocha. **Muitas Memórias e Histórias de uma cidade:** experiências e lembranças de viveres urbanos – 1938/1990. Tese (Doutorado em História). 291f. São Paulo. 2001. PUC/SP.

¹³⁸ Ex-estudante Sr. Odival Ferreira. Entrevista realizada no dia 20 de julho de 2013. Ele tem 64 anos é locutor aposentado e não estudou no Colégio Estadual de Uberlândia.

¹³⁹ Ex-estudante Sr. Odival Ferreira. Entrevista realizada no dia 20 de julho de 2013.

futuro. Houve umas paralisações, passei pelo colégio Tiradentes (escola particular) que teve vida curta. É um pequeno período no Colégio Cristo Rei, que era diocesano, ligado a Igreja Nossa Senhora Aparecida, ...é... e fui retornar então já de adolescente pra adulto quando conclui meus estudos médios quando eu comecei, que eu tava no rádio, fui pro rádio aos 18 anos. Era alfaiate dos 12 ao 17 anos. Dos 18... 18 é que eu deixei mesmo. Então eu tinha arrumado um ofício como queria meu pai, foi até uma escolha dele.¹⁴⁰

Estar na escola não significava a garantia de futuro para o “menino pobre”, termo reservado aos filhos dos trabalhadores. Lidar com tecidos, linhas, o trabalho de confeccionar ternos para o setor masculino na cidade era, na relação de experiências de seu pai, uma profissão que poderia garantir melhores condições de vida e trabalho naquele momento. Assim, podemos perceber que não haviam expectativas em relação a escola, a não ser o domínio mínimo necessário de letramento para que facilitasse o aprendizado do ofício da alfaiataria.

Ao construir essa narrativa, Sr. Odival avalia em sua memória que algumas mudanças aconteceram no mundo dos trabalhadores na relação com as escolas públicas. Ao destacar esses elementos sobre a realidade que viveu quando era estudante, avalia que as crianças e jovens filhos de trabalhadores estão mais presentes nas escolas públicas, entendendo que os direitos sociais, no que se diz respeito a essas instituições, estão sendo vividos de forma um pouco mais plena.

As constantes interrupções nos estudos são relacionadas por Sr. Odival à preocupação de garantir primeiramente um saber-fazer que pudesse proporcionar a sobrevivência de maneira digna e respeitosa no meio social, como nos indica ter sido a alfaiataria naquele momento. Deixar a escola para dedicar-se ao aprendizado de um trabalho fazia, para os “meninos pobres”, parte dos modos de viver na cidade.

Entendendo que os significados elaborados por Sr. Odival não desconsideram os conhecimentos escolares como menos importantes do que os apreendidos durante o tempo que trabalhou na alfaiataria. Investir nos estudos, na escola era uma prática que os trabalhadores cultivavam em suas vidas, mas com percalços e dificuldades.

A conclusão dos estudos só aconteceu quando passou a trabalhar no rádio e na televisão como locutor:

...é eu fui alfaiate, ao 18 anos então eu larguei a alfaiataria, fui ficar no rádio e comecei a pensar: aqui no rádio eu preciso ser mais que um homem que tem ofício. Eu preciso de um pouco de cultura. Foi quando eu comecei a pensar então em retornar os estudos, e quando eu tava... No

¹⁴⁰ Ex-estudante Sr. Odival Ferreira. Entrevista realizada no dia 20 de julho de 2013. Durante a entrevista ele conta que começou primeiro pelo rádio em 1967 e depois na televisão local, TV Integração, em 1973, quando estava com seus 24 anos.

ponto em que eu parei ali que eu tava entrando pra faculdade com 25, 26 anos não me lembro bem, acho que 25, eu tive um desentendimento com o chefe do jornalismo da TV Triângulo que ele queria mudar de horário, eu tinha ido pra televisão, eu já estava fazendo o pré-vestibular. Então me garantiu o diretor geral que é o mesmo de hoje, Dr. Tubal Siqueira Silva, ele me garantiu o período da tarde pra eu fazer meu cursinho, eu iria trabalhar então de manhã, depois que eu terminava a aula as cinco e meio eu voltava pra televisão. E o diretor que assumiu queria mudar meu horário, porque aí eu vou estudar de noite, tava contando que ia passar, né! Eu vou estudar a noite, aí eu fico o dia inteiro! Aí ele, não sei o quê! Teimou aí, numa de uma de nossas últimas conversas, aliás a última que nós tivemos ele me levou lá fora a Faculdade de Medicina tinha lá três ou quatro blocos só. Era só a medicina ali. Onde ali é o Campus Umarama, ele me levou até lá fora, me apontou com o dedo e falou: “Tá vendo aqueles carros parados? Aquilo lá, aqueles carros são de filhos de papai que podem fazer faculdade! Nós não temos esse direito não! Nós temos é que dar duro no trabalho mesmo!” Eu falei: “Escuta! Você pode me mandar embora agora. Mas até por uma questão de teimosia de minha parte que agora virou teimosia também, eu vou mudar de horário quando eu fizer vestibular! Se você não aceitar assim vai lá e manda o departamento pessoal me mandar embora”. Quer dizer então não vem de muito longe não esse negócio de o ensino ser democrático! Era uma coisa diferente! Então essa é mais ou menos a minha história com Uberlândia.¹⁴¹

Sr. Odival ao trazer essa experiência nos indica que parecia existir um padrão social, vinculado a valores, na qual um jovem trabalhador não poderia sequer carregar a vontade de estudar; sua condição social estava relacionada apenas ao trabalho. Por isso ele expressa, em sua percepção, que alguma coisa melhorou em relação ao seu passado vivido.

Os sujeitos sociais compartilham experiências, elaborações de sentidos e significados em um meio social dinâmico, conflituoso, nos processos históricos das relações humanas. Por esse caminho de análise é que a narrativa do Sr. Odival deixa de ser uma concepção simplista, que comporta apenas a opinião do jornalista aposentado, passando a assumir outro status na investigação sobre o passado que orienta sujeitos experimentando as pressões e limites da vida em sociedade.¹⁴²

De fato, ele traz em sua narrativa uma história marcada pela negação à escola, onde a desigualdade social não era só vista, mas vivida de tal forma que o levou a interpretá-la como humilhação, e que podemos entender a sua atitude de resistência frente à constatação de uma ideia preconceituosa, vigorosa no meio social, da qual “pobre” não tem que estudar. Estaria relegado a atividades menos qualificadas, sem qualquer direito à reflexão e criação frente ao seu trabalho. Nesse sentido, sua experiência social na relação de estudante-trabalhador se distancia do campo harmonioso e glorioso de uma memória de desenvolvimento e excelência, mas nos traz histórias marcadas pelas desigualdades sociais vividas na cidade.

¹⁴¹ Ex-estudante Sr. Odival Ferreira. Entrevista realizada no dia 20 de julho de 2013. Ele tem 64 anos é locutor aposentado e não estudou no Colégio Estadual de Uberlândia.

¹⁴² PORTELLI, Alessandro. Tentando apreender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Projeto História**. São Paulo PUC-SP (15), p.13-33. abr. 1997.

Em sua fala, Sr. Odival traz uma relação muito comum que os sujeitos sociais fazem entre escola e cultura “(...) larguei a alfaiataria, fui ficar no rádio e comecei a pensar: aqui no rádio eu preciso ser mais que um homem que tem um ofício. Eu preciso de um pouco de cultura. Foi quando comecei a pensar então a retomar meus estudos (...)” ¹⁴³ A noção compartilhada por Sr. Odival refere-se à cultura como conhecimentos que pudessem auxiliá-lo no seu trabalho na rádio, onde não poderia se expressar erroneamente, já que era um locutor e lidava com a comunicação.

A busca do Sr. Odival consistiu em garantir o respeito pelo trabalho que desenvolvia enquanto locutor. Estudar na vida do Sr. Odival foi uma prática elaborada a partir de experimentações de limites sociais impostos que se fundamentava na concepção que “menino, ou o jovem pobre” não poderia estudar, “teria que dar duro no trabalho mesmo”. Ele esteve em poucas escolas públicas e precisou procurar escolas particulares para finalizar seus estudos, como aconteceu também com o curso superior de Geografia, que iniciou em 1975.

A narrativa do Sr. Odival traz elementos da realidade de estudantes trabalhadores da cidade, e apresenta semelhanças com a trajetória de Dona Dalva, costureira aposentada, que foi estudante do “Estadual” no turno da noite. Também desde muito jovem teve que trabalhar e tentar conciliar os estudos com a busca pelo sustento.

Dona Dalva, ao narrar a sua trajetória, conta que: “(...) Quando eu tinha 13 anos que eu estudei no ‘Fé e Amor’ eu aprendi costurar, comecei a aprender costurar, me dediquei bastante na costura também e já trabalhei muito. (...) Trabalhei por conta, trabalhei em serviço fora também. Passei por vários cargos de costura da confecção.” ¹⁴⁴

A escola que ela se refere como “Fé e Amor” é uma entidade religiosa espírita, que ainda funciona no mesmo bairro e próximo sua residência. Foi possível perceber por meio de algumas cartas de alunos enviados à Câmara Municipal de Uberlândia, que a Prefeitura subvencionava na época com pagamento de salários de professores pelo menos duas entidades correlatas: o “Centro Espírita Fé e Amor”, que Dona Dalva menciona, e o “Centro Joana D’Arc”.

Tudo indica que essas instituições ofereciam o espaço físico para o funcionamento de aulas ou oficinas e o poder público realizava o pagamento de salários. Cartas indicam que eram poucas as turmas de alfabetização, e como Dona Dalva nos relata, ofereciam cursos,

¹⁴³ Ex-estudante Sr. Odival Ferreira. Entrevista realizada no dia 20 de julho de 2013. Ele tem 64 anos é locutor aposentado e não estudou no Colégio Estadual de Uberlândia

¹⁴⁴ Ex-estudante Dona Dalva Martins. Entrevista realizada em 26 de junho de 2013. Dona Dalva é aposentada, tem 63 anos e trabalhou como costureira. Estudou no Colégio Estadual de Uberlândia no início dos anos de 1970, não concluiu seus estudos quando cursava a 5ª série.

como de costura. Foi dessa forma que Dona Dalva aprendeu a costurar e fez desse conhecimento o seu trabalho, a sua sobrevivência.

Não encontrei informações sobre a escola mencionada por Dona Dalva que revelassem sua forma de funcionamento. É possível inferir, através de uma comparação, que, considerando o conjunto da cidade, sua atuação na Vila Martins era pouco expressiva em relação ao trabalho semelhante realizado pela entidade espírita “Joana D’Arc”, no bairro Brasil (denominado, naquele período, “Vila Operária”).

Sobre a escola administrada e organizada pelo Centro Espírita Joana D’Arc foi encontrada uma correspondência enviada à Câmara Municipal explicita um pouco de suas formas de atuação. Talvez, dado o caráter correlato de entidades filantrópicas kardecistas, podemos supor algumas semelhanças às atividades realizadas pelo Centro Espírita Fé e Amor, na Vila Martins, local onde Dona Dalva aprendeu a costurar.

A correspondência em questão, pleiteava recursos para o funcionamento das aulas no centro espírita da Vila Operária.

Escola Joana D’Arc estabelecimento de ensino destinado a dar instrução primária gratuita a nossa infância se compõe de duas amplas salas, recentemente construídas e, anexas, ao Centro Espírita Joana D’Arc, a prefeitura vem mantendo o estabelecimento com o fornecimento de material necessário, e nomeou duas professoras para compor o corpo docente da casa de ensino. (...) As classes do 2º e 3º ano estão reunidas em uma única sala com uma só professora porque não é suficiente para o funcionamento de três classes separadas, o número de professoras existentes na escola. (...) Apelamos para o espírito progressista dos senhores vereadores para que aprovem a criação de mais duas cadeiras, para o 3º e 4º ano primário da escola “Joana D’Arc” fazendo constar o pagamento das professoras que irão exercer os referidos cargos.¹⁴⁵

O cruzamento da correspondência acima com a narrativa de Dona Dalva nos aponta que as instituições religiosas apoiavam o Estado na promoção do ensino primário na cidade, além de agir na formação profissional de filhos de trabalhadores, como ocorreu com a entrevistada, que trabalhou como costureira até se aposentar. Em sua narrativa, Dona Dalva valoriza-se como trabalhadora, mesmo que não tenha completado os estudos. Ela enfatiza que isso ocorreu porque se dedicou muito ao trabalho com a costura – justificativa dada provavelmente por ter experimentado em suas relações cotidianas o pouco reconhecimento social sobre trabalhadores que não concluíram seus estudos. O conhecimento sobre costura a fez trabalhadora na cidade, por isso ela faz esse destaque em nossa entrevista.

¹⁴⁵ BUENO, Isabel. Diretora da Escola Joana D’Arc. **Correspondência enviada à Câmara Municipal de Uberlândia**. Uberlândia 15 de setembro de 1953. Fundo da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Arquivo público Municipal de Uberlândia. Diretora pede recursos à Câmara para escola Joana D’Arc.

Dona Dalva lembra que iniciou no 1º ano ginasial no Colégio Estadual de Uberlândia e refere-se a sua trajetória enquanto estudante com as seguintes palavras:

Eu morava perto do Cruzeiro dos Peixotos, depois a gente mudou pra Rio das Pedras (...) Por um tempo. E depois viemos pra Uberlândia pra estudar, estudei em escolinha lá na fazenda, mas quando eu vim pra Uberlândia pra estudar eu tinha 13 anos, mas já conhecia escola.

Janaína: Já sabia ler, escrever? Aí com 13 anos a senhora já foi pro Doutor Duarte?

Dalva: Não, eu comecei na Escola Municipal Fé e amor, foi em 60.

Janaína: O que a senhora lembra dessa época? Como que era a escola? Os professores?

Dalva: Ordem! Tinha muita ordem. Célia Reis Vieira era minha professora. Era muito... A escolinha era pequena, só tinha duas salas de aula. Eu fazia o terceiro ano, já fui fazer o terceiro ano. Tinha outra sala que era primeiro e segundo ano dividido cada horário. Depois da Escola Fé e Amor eu passei a estudar no Doutor Duarte, já foi uma escola bem melhor.

Janaína: Era melhor?

Dalva: aaah melhor!

Janaína: Como que era o Doutor Duarte naquela época? Era difícil conseguir vaga?

Dalva: Não, a gente até conseguia fácil. Eu me matriculei fácil lá, assim, na época eu era de menor aí meu pai que fez a matrícula, nos matriculou lá eu e minhas duas irmãs uma mais e velha e uma mais nova. Estudamos lá acho que foi um ano, depois parei um tempo, voltei pra fazenda e vai passando assim... Eu estudei no Doutor Duarte em 62 e depois falhei um ano e em 64 eu voltei novamente

Janaína: A senhora estudava a noite com 13... 14 anos?

Dalva: 14 anos. Com 14 anos depois com 15 anos eu parei de estudar

Janaína: Por que a senhora parou de estudar?

Dalva: Porque eu fui pra fazenda, motivo particular. (...) Depois eu parei de estudar mais um tempo, voltei. Prestei exame de admissão e em 70 eu passei no exame de admissão, fui começar a 5ª série no Museu.

Janaína: Como é que foi sair do Doutor Duarte e ir pro Museu?

Dalva: Bom !

Janaína: Porque o Museu?

Dalva: Porque era Estadual né?! Lá é chamado Museu né?

Janaína: Naquela época já não chamava Museu ainda não, chamava?

Dalva: Chamava. O povo falava é o Colégio Estadual perto do colégio Brasil Central. Em 70, o ano de 70 eu repeti o 3º e 4º ano, eu repeti o 4º ano no colégio Clarimundo Carneiro, eu passei por muitas escolas aqui. No Clarimundo Carneiro, foi lá que eu terminei o... no outro ano eu parei, em 64 eu parei no meio do ano no colégio Doutor Duarte aí em 68 eu voltei a estudar, fui parando e voltando. Em 70 eu voltei a estudar e fiz o 4º ano no Clarimundo Carneiro foi quando eu fui prestar o exame de admissão do colégio, fiz a inscrição pra fazer admissão, naquele tempo... Você já deve ter visto falar. Então eu e minha irmã Darlí passamos nesse exame de admissão e fomos fazer a 5ª série no colégio Museu. Eu sou estudei 1 ano lá e parei de estudar.

Janaína: Nisso a senhora já tinha 16 anos?

Dalva: Não, eu parei por uns tempos de 64 até 70 que eu tinha 14 anos em 64, e 70 eu voltei eu estava com 20 anos. E com 21 anos eu desisti da escola, não que eu não gostasse da escola, por motivo particular da minha vida mesmo. Resolvi, fui pra fazenda, achei contra mão pra eu ficar aqui.¹⁴⁶

Dona Dalva enfatiza que gostava da escola. Uma afirmação que pode indicar que em suas experiências sociais tenha compreendido ser acusada de falta de vontade ou gosto pela

¹⁴⁶ Ex-estudante Dona Dalva Martins. Entrevista realizada em 26 de junho de 2013. Dona Dalva é aposentada, tem 63 anos e trabalhou como costureira. Estudou no Colégio Estadual de Uberlândia no início dos anos de 1970, não concluiu seus estudos quando cursava a 5ª série.

escola uma pessoa que não concluiu os estudos. Acredito que a entrevista foi um momento aproveitado por ela para afirmar que o fato de não ter os estudos completos, não significa necessariamente desvalorizar as escolas públicas frequentadas.

A trajetória de Dona Dalva explicita algumas condições sociais que eram determinadas aos filhos dos trabalhadores. A frequência na escola não se dava de maneira contínua; interromper os estudos era algo comum, como aconteceu com Dona Dalva (e Sr. Odival) várias vezes ao longo de sua vida, pois o trabalho não permitia a dedicação e assiduidade dos estudantes. A escola era vista como uma instituição que significava muito mais que uma preparação para o trabalho, apesar de ter também essa proposição.

Dona Dalva e seus irmãos ajudavam os pais nas colheitas e plantações, alternando a morada na cidade com a da pequena fazenda, deixando claro que os recursos da manutenção da família provinham do trabalho na lida com a terra. Ir à escola era uma condição de quase privilégio; não eram em todos os momentos da sua vida que ela poderia estar lá. Contudo, Dalva se fez uma estudante, sendo uma trabalhadora na cidade e atribui o seguinte significado à escola pública, onde incluiu a Escola Estadual de Uberlândia:

Janaína: Mas o que a senhora já ouviu falar do ensino de lá do Bueno Brandão?

Dona Dalva: Bom

Janaína: Bom também?

Dona Dalva: Tenho boa informação do colégio, dos professores também.

Janaína: Qual escola que não era boa? Tinha alguma que não era? Dona Dalva: Não, nunca vi... É como eu disse pra você a pessoa que não interessa estudar não tem escola boa pra ele.

Janaína: Verdade

Dona Dalva: Mas todas as escolas sempre... Começando da direção, os professores sempre esforçam pra o aluno melhorar, eles tem interesse. Nunca ouvi falar mal de escola nenhuma aqui não, todas são boas. As escolas que eu frequentei eu gostei, não posso desabonar.¹⁴⁷

As escolas públicas em que esteve – e que não esteve, como a Escola Estadual Bueno Brandão – e a sua conduta como estudante aparecem em um mesmo conjunto de sentidos na narrativa de Dona Dalva, como muito boas. Colocando-se como uma pessoa que deu valor as escolas que frequentou, e por isso sempre foi uma estudante dedicada, mesmo que não tenha tido a possibilidade de estudar por muito tempo. Ela afirma em sua narrativa que não haviam escolas públicas ruins e acredito que a sua fala também diz respeito ao presente.

De forma semelhante a Sr. Odival e Dona Dalva, a bancária aposentada Cleuza Martins dos Santos, que foi estudante do, então, Colégio Estadual de Uberlândia até o fim do 2º Grau, hoje Ensino Médio, também desde muito jovem precisou conciliar os estudos com o

¹⁴⁷ Ex-estudante Dona Dalva Martins. Entrevista realizada em 26 de junho de 2013.

trabalho. Ela frequentou-a durante o processo de expansão da escola pública durante os anos de 1970 e lembra que:

Teve uma época que eu estudei de manhã, aí teve uma época que eu estudei a noite por causa de trabalhar? Quando eu comecei a trabalhar eu tinha 15 anos. Eu comecei mais nova, mas no comércio assim foi mais nova. Assim que era horário comercial, que era o horário que eu tinha que ir pra noite eu tinha 15 anos.

Janaína: E como que era trabalhar e estudar?

Cleuza: Meu Deus do céu! Era muito difícil. Porque a gente não podia chegar atrasado, não tinha ônibus, a empresa não pagava o transporte, os horários também! Os ônibus eram de hora em hora... E era muito complicado. E eu morava na rua Padre Pio lá embaixo e trabalhava lá na avenida Floriano Peixoto esquina com a Tenente Virmondes e estudava no Museu. Eu vinha a pé aqui por que eu tinha que vir em casa tomar banho e trocar o uniforme por que se não você não entrava. Você tá o dia inteirinho no serviço, você tem que vir em casa toma um banho! Descansa um pouco, porque isso aí dá um ânimo pra você agüentar até mais dez e meia no colégio. Catava um pão lá molhava lá com café e ia comendo pela rua correndo e aí tinha que ir a pé até lá!¹⁴⁸

Nesse processo vivido de conciliação entre estudo e trabalho talvez não seja possível uma aproximação do significado do ser “difícil”, expressado por Dona Cleuza em sua narrativa. Ela como uma jovem trabalhadora que estudava no Colégio Estadual de Uberlândia aponta que havia uma tensão entre sair do trabalho, ir para casa e estar na escola, pois poderia chegar atrasada, estar cansada e com isso não agüentar até o final das aulas. Era importante para Dona Cleuza ir para a escola com banho tomado, ela poderia sair do trabalho e ir direto para a escola, mas ir até sua casa antes da aula significava ganhar ânimo, ao contrário, do que seria se vestisse o uniforme logo após a saída do trabalho, mesmo que isso lhe tomasse tempo.

A sua fala abre espaço para entendermos que ela valorizava a escola, pelo modo como organizou o tempo, ao sair do trabalho e indo até em casa antes de se dirigir a escola com a intenção de ter mais forças para aproveitar melhor as aulas.

A sua narrativa ajuda a compreender que enquanto trabalhadora na cidade, ela conseguiu cumprir a regra de chegar e estar no horário exigido pela escola, estar atenta e animada até as últimas aulas do turno. Dona Cleuza valoriza o fato de que mesmo frente ao cansaço, as distâncias a serem percorridas e o curto período de tempo para fazê-lo, conseguiu estudar até completar todos os anos exigidos pela grade curricular.

A responsabilidade e o comprometimento são elementos presentes em sua memória quanto a seu modo de viver na relação com a escola, mesmo tendo necessidade de trabalhar. Foram com esses valores de jovem trabalhadora que Dona Cleuza lembrou-se de suas

¹⁴⁸ Ex-estudante Dona Cleuza Martins da Silva. Entrevista realizada em 03 de abril de 2015. Dona Cleuza foi estudante do Colégio Estadual de Uberlândia, cursando da 5ª série até o 3º colegial. Ela tem 60 anos e é uma bancária aposentada.

condições de estudante no ainda Colégio Estadual de Uberlândia. Lá, ela mesma precisou construir o seu direito à escola e a educação.

A memória de Dona Cleuza sobre sua prática social enquanto estudante nos anos 70 na cidade de Uberlândia, aponta questões fundamentais vividas no presente sobre a questão da educação e da escola pública como direitos. Miguel Arroyo realiza uma discussão importante sobre o assunto, que nos ajuda a pensar as relações entre o presente e o passado, narrados por Dona Cleuza através de sua memória.¹⁴⁹

A partir da perspectiva de Arroyo, podemos entender que Dona Cleuza construiu dentro dos limites impostos o seu direito à educação e a essa escola pública da cidade, pois esse direito não está pronto, nunca esteve, ainda mais tratando-se de tempos de ditadura militar. Para o autor, sobre trajetórias dos sujeitos e suas relações com a escola pública, é possível perceber que “(...) o direito à educação é também uma construção paciente, sofrida deles mesmo.”¹⁵⁰ Os nossos direitos não são concedidos e sim cotidianamente construídos.

Em sua percepção, Arroyo não entende que usufruimos de uma situação cômoda por vivermos em um Estado democrático de direito. Ao contrário dos tempos vividos por Dona Cleuza, as nossas crianças, jovens e adultos trabalhadores aprendem e vivem que o direito à educação, a escola pública estão em um “(...) permanente exercício de escolhas, renúncias, de liberdade condicionada.”¹⁵¹

A partir dessas análises, é possível compreender na trajetória de Dona Cleuza uma prática que construiu certa noção de direito à educação e a Escola Estadual de Uberlândia, mesmo em tempos antidemocráticos. Uma prática social que se fundava na responsabilidade e no comprometimento. A trajetória de Dona Cleuza, como uma representação de um campo social vividos por trabalhadores, é em si uma contradição devido à conjuntura política e social em que viveram os ex-estudantes entrevistados. Para a compreensão desse período da história do Brasil e suas intervenções legislativas no campo da Educação, minha referência foi o estudo de Otaíza Romanelli.¹⁵²

Vale ressaltar que essa obra chega em 2014 a sua 40ª edição, sendo, portanto valorizada e consultada em pesquisas que tratam da história da educação no Brasil. É notável no livro uma riqueza de informações sobre um período de intensas mudanças e debates na educação brasileira, contudo sua leitura precisa ser atenta devido às concepções da autora,

¹⁴⁹ ARROYO, Miguel G. **Imagens Quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. 8ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

¹⁵⁰ ARROYO, Miguel G. 2014. p. 111

¹⁵¹ Ibid., 2014. p. 112.

¹⁵² ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil** (1930/1973). 40ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes. 2014.

pois, ao construir suas análises, ela não deixa de projetar suas ideias sobre escola pública e educação, que possui divergências frente as concepções defendidas aqui.

De maneira sucinta, podemos afirmar que Romanelli creditava seus esforços de pesquisa na superação do subdesenvolvimento brasileiro. No seu entendimento, a educação e a escola pública teriam um papel importante na formação de “recursos humanos” para atingir o desenvolvimento do país.¹⁵³ A partir dessa visão, ao longo do livro, a autora procura entender as razões que levaram às falhas das diferentes políticas públicas nessa concepção de “desenvolvimento”/“subdesenvolvimento”, dando um foco importante ao período da Ditadura Militar, por escrever justamente no ano de 1973.

Para minha pesquisa, o trabalho de Romanelli traz um conjunto de informações de legislação e discussões de pedagogos sobre a educação no Brasil, embora não compartilhe de suas concepções de sociedade e educação.

De acordo com as colocações da autora, a educação e a escola pública naquele período tinha como um dos focos a formação de estudantes para o trabalho. Esse fator fica claro através da menção à Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971, que fixa o seguinte objetivo no seu primeiro artigo:

Art. 1º - O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral de proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de autorrealização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania.¹⁵⁴

Romanelli informa que o processo de industrialização implementado no país exigia a preparação de trabalhadores para a atuação nas fábricas.¹⁵⁵ Contudo cabe pensar por que atribuir essa função às nossas escolas públicas?

Proposições são construídas para esses espaços sociais em diferentes conjunturas, assim como foi na ditadura militar. No modo como entendo a escola pública, cabe refletirmos como instituímos nossas práticas dentro delas. Frente ao Artigo n.º1 desta lei de 1971, e também à atual legislação, Miguel Arroyo auxilia-nos pensar que nossas escolas públicas não deveriam assumir essa função de preparação para o trabalho.

Compartilho com a idéia de que a escola pública precisa ser um espaço mais humano, onde possamos socializar e construir valores e condutas que inspiram a dignidade e, acima de

¹⁵³ ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil** (1930/1973). 40ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes. 2014. A concepção da autora fica nítida na página 205

¹⁵⁴ ROMANELLI, O. 2014. p. 246.

¹⁵⁵ Ibid., p. 244.

tudo, a compreensão do que somos em nossa sociedade. Que ela possa ser um lugar onde nos entendemos enquanto sujeitos sociais. Não devendo estar comprometida com o mercado, vestibulares ou concursos. Nessa forma de compreensão de nossas escolas públicas, os estudantes assumiriam de fato esse território que lhes pertence.¹⁵⁶

Após a colocação desse posicionamento, volto-me a pensar sobre a organização da escola pública pelas políticas educacionais do governo militar, cujo princípio passava pela qualificação para o trabalho. Poderia Dona Cleuza, como trabalhadora, ter construído através da sua prática o direito à educação e a escola pública dentro de um período antidemocrático?

Ao analisar a sua narrativa, pode-se formular uma resposta positiva, pois em sua memória, as dificuldades surgiram ao mesmo tempo em que conotam um sentido de conquista. Ela precisou de responsabilidade e comprometimento, características valorizadas e presentes no seu modo de viver as relações na cidade, enquanto jovem trabalhadora.

Ao refletir sobre o direito à educação e a escola pública, Miguel Arroyo reforça que essa instituição social não oferece um produto pronto e acabado. Concordo que a educação nada mais é que “(...) uma construção pessoal, grupal, familiar, conflitiva. (...)”¹⁵⁷

Os significados, que se expressam na narrativa de Dona Cleuza, seriam, sobre o ponto de vista de Raymond Willians, “alternativos” a modos efetivos e dominantes, que nesta conjuntura histórica materializou-se na abertura da escola pública de grande ênfase na formação para o trabalho. Não se previa – ao menos não eram a preocupação das políticas do Estado – a valorização de estudantes-trabalhadores como Dona Cleuza. Para eles, a escola não foi construída para ser um espaço social humano gerador de um horizonte de expectativas, que possibilitasse a criação de determinados valores em relação a si mesma.

Raymond Willians, em uma análise mais fluida sobre as noções de “base e superestrutura” do pensamento marxista, constrói uma importante linha de entendimento sobre as culturas nas suas mais diferentes práticas, valores e significados existentes dentro “(...) de um sistema central de práticas, significados e valores que podemos chamar apropriadamente de dominante e eficaz.”¹⁵⁸ O pesquisador entende que existem dentro desse sistema central, modos de viver, práticas, significados e valores que são *acomodados e*

¹⁵⁶ ARROYO, Miguel G. **Imagens Quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. 8º Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 74. O autor expõe as dificuldades que temos nesse processo conflituoso, onde diferentes projetos políticos se colocam sobre nossas escolas públicas. A conjuntura vivida tenta colocar nossas escolas públicas a serviço do mercado, contudo o próprio Arroyo afirma que agir na materialização dos direitos humanos, não mantê-los na abstração, nunca foi algo fácil.

¹⁵⁷ ARROYO, Miguel G. 2014. p. 113.

¹⁵⁸ WILLIANS, Raymond. Base e Superestrutura na Teoria da Cultura Marxista. In:_____. **Cultura e Materialismo**. São Paulo; Editora UNESP, 2011. p. 53

tolerados, não estendendo para além dos limites constituídos pelas “(...) definições centrais efetivas e dominantes.”¹⁵⁹

São a partir dessas colocações de Willians, que entendo que Dona Cleuza, como estudante-trabalhadora, construiu dentro de certos limites um sentido de direito à escola pública naquela conjuntura política e econômica.

Quando buscamos o modo que as políticas públicas sobre a escola e a educação materializaram-se durante a ditadura militar, percebemos que a complexidade e a contradição das relações aumenta. Por que entendemos que dentro desse processo a trajetória de Dona Cleuza, como trabalhadora-estudante, não representa a realização direta dos objetivos da política educacional do governo militar? Dona Cleuza saiu do campo foi para viver na cidade. Lá estudou, finalizou o 2º grau e tornou-se bancária no Banco do Brasil, inserindo-se no setor de serviços terciários, que nesse período histórico cresceu intensamente devido ao crescimento econômico impulsionado pela indústria.

Dentro dessas circunstâncias, temos a análise de Francisco de Oliveira¹⁶⁰, que afirma que a industrialização entre os anos 60 e 70, exigiu das cidades brasileiras a criação de um forte setor de serviços que acabava por fomentar aquele ramo econômico, no qual era reformulada a função da escola pública. Sobre esses aspectos, que se concretizaram na vida cotidiana de sujeitos sociais, há a experiência do fazer-se de inúmeros trabalhadores brasileiros, incluindo Dona Cleuza.

Quando optei por buscar as pessoas e suas experiências nesse processo, acredito em uma maior compreensão das contradições que são vivenciadas e criadas dentro das pressões e limites pelos sujeitos sociais. Entretanto, não é possível deixar de analisar aquela conjuntura política e econômica, mas almejo entendê-la de outra forma em relação a algumas pesquisas discutidas aqui.

Destacando Dona Cleuza como representante de meio social de trabalhadores, sua vivência teria sido resultado daquela enorme conjunto de fatores econômicos, contudo há contradições nesse processo que permitem que ela valorize-se e valorize a escola, como trabalhadora na relação com aquela instituição pública, no caso, o Colégio Estadual de Uberlândia.

Iniciar-se no mundo trabalho foi uma condição que fez parte da vida das crianças e jovens filhos de trabalhadores, que naquele período era uma prática em que se começava com

¹⁵⁹ WILLIAMS, Raymond. Base e Superestrutura na Teoria da Cultura Marxista. In:_____. **Cultura e Materialismo**. São Paulo; Editora UNESP, 2011. p. 55

¹⁶⁰ OLIVEIRA, Francisco. **Crítica à Razão Dualista: o ornitorrinco**. São Paulo. Editora Boitempo Editorial. 2003. p. 56, 57 e 58.

pouca idade. Não só Dona Cleuza aponta que tal realidade foi de difícil sustentação, mas também Dalva, Zuleika e Odival, pois em diferentes momentos tiveram que interromper seus estudos, havendo a necessidade deixar a escola em segundo plano.

É possível, a partir das entrevistas realizadas, compreender que tanto homens, representados aqui por Sr. Odival, quanto mulheres tinham trajetórias semelhantes dentro das condições de vidas na relação entre trabalhar e estudar na cidade naquele momento. Tanto Sr. Odival quanto Dona Dalva experimentaram o abandono da escola face a necessidade de trabalhar. No universo de trabalhadores entrevistados, Dona Zuleika e Sr. Odival representam ainda aqueles que não estiveram como estudantes do Colégio Estadual de Uberlândia, apesar de elaborarem seu próprios significados para aquela instituição.

Dona Zuleika, 60 anos, que trabalhou no comércio até se aposentar, não foi estudante no Colégio Estadual de Uberlândia, mas não deixa de se referir a essa escola durante a entrevista: “Era assim muito bem classificado quem conseguia estudar no Estadual, que era Colégio principal, Colégio muito seguro, porque as pessoas eram reconhecidas que era um Colégio muito bem classificado.”¹⁶¹

Ela passou por várias escolas da cidade – a que estudou mais tempo foi a Escola Estadual Bueno Brandão – e disse que deixou de estudar entre os anos de 1977 e 1978, quando ainda não havia completado o 1º grau. Ao retomar a sua trajetória enquanto estudante e trabalhadora na cidade, ela faz a seguinte avaliação:

Trabalhava. Trabalhei muito tempo no comércio, em loja no centro da cidade, trabalhei em fábrica de quitanda fazia embalagem, trabalhei na Americana quando fazia pouco tempo que inaugurou a loja e assim foi, depois eu parei de estudar. Mas era legal, a gente estudava, e é uma coisa que não pode deixar nunca é parar uma parte da vida que devia ser concluída. É uma necessidade que a gente tem de vencer de concluir, manter uma cultura que ajuda, faz falta. Mas hoje pela idade a gente tem que aceitar e viver como da certo, pra tudo tem jeito a gente procura um meio de trabalho de qualquer coisa, de negócio que possa ajudar.¹⁶²

Dentro de uma rotina de estudo e trabalho, Dona Zuleika lamenta ter deixado de estudar, demonstrando através de sua elaboração que não era uma condição fácil de viver. O fato de não ter concluindo pode ter dificultado as relações na cidade, ainda mais por ter trabalhado muitos anos no comércio em contato diário com outras pessoas. São por essas

¹⁶¹ Entrevista realizada com Dona Zuleika Martins, 60 anos, aposentada. Foi estudante da Escola Estadual Bueno Brandão durante a década de 70. Trabalhou em diferentes estabelecimentos comerciais da cidade.

¹⁶² Ex-estudante Dona Zuleika Martins. Entrevista realizada em junho de 2013. Ela tem 60 anos, é vendedora aposentada. Não estudou na Escola Estadual de Uberlândia, ela foi estudante na Escola Estadual Bueno Brandão durante a década de 70. Trabalhou em diferentes estabelecimentos comerciais da cidade.

razões e com nítido pesar que ela se recorda do tempo em que trabalhava e estudava, e que acabou por desistir de seus estudos.

As narrativas destes estudantes da cidade no final dos anos 60 e 70 nos permitem avaliar que completar os estudos em escolas públicas da cidade, incluindo o Colégio Estadual de Uberlândia, esteve no horizonte de alguns trabalhadores-estudantes, como Dona Cleuza. Entretanto, mesmo entre aqueles que não conseguiram fazê-lo, ou que lá permaneceram pouco tempo, é perceptível em algumas situações certo respeito sobre o Colégio, mesmo quando tratavam-se de estudantes de outras escolas.

Estudar para Dona Dalva, Dona Cleuza e Dona Zuleika esteve, em boa parte de suas vidas como estudantes na cidade, condicionado ao período da noite. Frequentar a escola pela manhã não estava no horizonte de expectativas de alguns dos estudantes da cidade. Contudo, existiram estudantes filhos de trabalhadores que estudaram no período da manhã e que não viveram a necessidade de trabalhar tão jovens, como as entrevistadas Rogéria e Maria Angélica, que abordaremos mais a frente nesse capítulo.

Podemos, assim, apontar claramente a existência de limites vividos por esses filhos dos trabalhadores, mesmo em uma conjuntura que privilegiava a expansão da rede de escolas públicas. A trajetória escolar de Dona Dalva foi marcada pela busca pela sobrevivência, assim como a de Dona Cleuza, Sr. Odival e Dona Zuleika. Levar em consideração que para determinadas pessoas o estudo era prioridade significa pensar em distinções sociais na cidade.

Dona Dalva, ao elaborar a memória de que foi uma estudante dedicada, atribui valor a esses espaços sociais da cidade, apesar de ter trabalhado e deixado de frequentá-lo diversas vezes. É apenas aparentemente paradoxal valorizar os estudos e suas instituições quando as condições de vida em sociedade não lhe permitiam usufruí-los em sua plenitude.

Sr. Odival, como um trabalhador-estudante que não esteve no Colégio Estadual de Uberlândia, não se refere à mesma da mesma forma. Quando precisava interromper constantemente seus estudos para aprender um ofício sabia que estudar naquele local não era possível. Essa elaboração de significado aparece em sua narrativa ao ser perguntado sobre diferenças entre as escolas da cidade:

Tinha essa diferença por questão da distribuição da classe social na época. Quem é que morava em torno do Colégio Estadual? A gente granfina da cidade, né? Os ricos moravam ali naquela época. Então era natural que os meninos fossem frequentar aquela escola. Então o Cristovão Colombo que foi aberto ali na Rio Branco no meu tempo de menino, pra cá da Joaquim Cordeiro que é aquela que atravessa no viaduto ali, pra cá não tinha praticamente casa nenhuma era uma casa ali outra ali, era uma periferia mesmo, quem é que frequentava o Cristovão Colombo? Aquela gente ali, a escola era feita pra atender uma certa região. Doutor Duarte, quando foi construído não se

dizer quando, mas foi lá por trinta e qualquer coisa, quarenta e sei lá o que, ali era uma vila mesmo, era a vila Martins, né? Era por ali. Por isso quer dizer, então ficou a tradição e depois o Colégio Estadual tinha, ele sempre manteve a tradição de ter um ensino muito bom.¹⁶³

As diferenças sociais estavam impressas nas localidades, em todos os espaços da cidade e as escolas não eram instituições alheias a essas marcas; esses elementos não passaram despercebidos ao Sr. Odival. Não estava em suas expectativas estudar no Colégio Estadual de Uberlândia, tanto que em sua narrativa não expressou essa possibilidade. Mas o fato de não ter sido estudante nesta escola, não o impediu de elaborar significados sobre esse espaço social.

A existência dessas relações de segregações em algumas escolas não significava que eram espaços impenetráveis pelos trabalhadores, pois, como vimos, Dona Dalva, costureira aposentada, foi estudante, mesmo por um curto tempo, do Colégio Estadual de Uberlândia. Assim também foi com Dona Cleuza, que conseguiu finalizar seus estudos na escola.

A segregação da cidade envolvendo as escolas e os seus estudantes – como fora observada por Sr. Odival – é uma problemática analisada por Lefebvre.¹⁶⁴ No seu empenho em ajudar a buscar e pensar um novo homem e uma nova sociedade urbana, Henri Lefebvre detecta a segregação urbana como uma estratégia de classe que destitui os trabalhadores do direito à vida urbana.

O espaço segregado acaba por ser um aspecto resultante dessas relações no espaço urbano, porém não se configurando por vezes em algo altamente planejado e eficaz de forças dirigentes. A segregação pode, no entanto, representar de maneira paradoxal vontades e ações preparadas que tentam na verdade combater as próprias segregações.

Como característica, a segregação do espaço urbano acusa a falta de democracia e a existência, na verdade, de demagogia. Segundo o autor, a segregação fere qualquer projeção de vida urbana de uma sociedade mais justa, não podendo ser decretada publicamente, ela existe sem ser abertamente pronunciada ou oficializada.

A segregação que marcava o espaço da cidade e era vivida por Sr. Odival, levava-o acreditar que era “natural” os “meninos pobres” não serem estudantes do Colégio Estadual. Ao mesmo tempo ele faz a leitura das relações de classe na cidade e entende que as escolas para os pobres eram outras, as que estavam nas proximidades de sua casa em meio a “periferia”, lugares muitas vezes marcados pela carência de vários elementos necessários a uma vida mais digna.

¹⁶³ Ex-estudante Sr. Odival Ferreira. Entrevista realizada no dia 20 de julho de 2013. Ele tem 64 anos é locutor aposentado e não estudou no Colégio Estadual de Uberlândia.

¹⁶⁴ LEFEBVRE, Henry. **O Direito à cidade**. São Paulo. Ed. Moraes Ltda 1991.

O significado elaborado por Sr. Odival enquanto trabalhador-estudante na cidade relacionou espaços escolares às condições sociais de seus estudantes e, somando-se a essa norma, surge na narrativa de Sr. Odival outro elemento: “(...) e depois o Colégio Estadual tinha, ele sempre manteve a tradição de ter um ensino muito bom!”¹⁶⁵

A escola de gente “granfina” da cidade, o Colégio Estadual aparece em sua narrativa não só como o lugar social de estudo das classes abastadas, mas também como a instituição que proporciona o melhor ensino da cidade. A relação que Sr. Odival descreveu aparece nessa conjuntura de segregação, que não ocorre apenas como a ocupação de espaços sociais, mas, principalmente, o que tais espaços vêm a oferecer.

Sr. Odival, na condição de filho de trabalhador, aprendiz de alfaiate e estudante de escolas da “vila” não estudou no Colégio Estadual de Uberlândia. Esse é fato abre margem para refletir que, por mais que a escola já na década de 70 estivesse atendendo um número maior de estudantes, ainda significava um lugar que suscitava certas diferenciações na vida em sociedade.

Ao experimentar essas diferenciações, vivenciadas por crianças e jovens que conseguiam vagas em escolas e outros poucos com maior privilégio por conseguir estudar no Colégio Estadual de Uberlândia, tentei construir junto a Sr. Odival uma resposta para a seguinte questão: os estudantes da classe trabalhadora teriam vontade de estudar no Colégio Estadual?

(...) Ah eu acho que tinha até porque era chique né! Aluno do Museu, aliás, não chamava Museu não! Museu é coisa mais recente. Era Colégio Estadual, aluno do Colégio Estadual. Nas olimpíadas chegavam as equipes do Colégio Estadual era respeitadíssima, até porque era gente que tinha mais tempo para praticar, tinha sempre as melhores equipes em função disso. A guerra naquela época nas olimpíadas escolares era entre Estadual e Colégio Brasil Central era uma escola particular aqui no centro então quem conseguia vaga cá, lá, o papai pagava aí tinha também o famoso, né! Na guerra das torcidas era “esse aí é o papai pagou, passou”.¹⁶⁶

A narrativa de Sr. Odival parte de um campo social compartilhado, em que pelo menos algumas dimensões de seus anseios, valores e concepções de sociedade são observados, construídos como narrativa, por ele mesmo em diálogo com a pesquisadora. Em um primeiro momento, ser aluno no Colégio Estadual poderia ser ‘chique’, como ele diz, mas para um grupo ao qual não pertencia, por simples ostentação e exibicionismo não lhe interessava estudar nessa escola. Entretanto, a vontade de estudar lá parece mudar de tom em sua

¹⁶⁵ Ex-estudante Sr. Odival Ferreira. Entrevista realizada no dia 20 de julho de 2013. Ele tem 64 anos é locutor aposentado e não estudou no Colégio Estadual de Uberlândia.

¹⁶⁶ Ex-estudante Sr. Odival Ferreira. Entrevista realizada no dia 20 de julho de 2013.

narrativa ao mencionar as equipes esportivas do Colégio. Podemos lançar a conjectura da existência de um anseio de ter feito parte e usufruído de condições de vida que lhe proporcionasse a possibilidade de treinar e praticar para se tornar um esportista. A locução esportiva, com a qual Sr. Odival trabalhou por tantos anos no rádio e na TV, dá pista das suas afinidades com os esportes, que já se anunciava ao ver as equipes com jogadores com padrões de vida totalmente diferentes dos seus.

A vivência de Sr. Odival como estudante nos anos 1960 e 1970 fora do Colégio Estadual de Uberlândia nos permite considerar que um emaranhado de elaborações de sentidos formou-se pautado na desigualdade social, presente em todas as dimensões da vida, inclusive na educação escolar. Ser um trabalhador-estudante para Sr. Odival significou, entre muitos aspectos, não ter estudado no Colégio Estadual de Uberlândia e, na realidade, em quase nenhuma escola pública da cidade. A única entre essas foi o Grupo Escolar Bueno Brandão, onde cursou o primário; as demais citadas por ele foram a escola particular Tiradentes e o Ginásio Cristo Rei – escola particular confessional, localizada nos fundos da Igreja Nossa Senhora Aparecida, na Vila Operária (hoje bairro Aparecida).

Quando nos voltamos às trajetórias de ex-estudantes que precisaram trabalhar, percebemos que a Escola Estadual de Uberlândia teve em seu espaço muitas e diferentes experiências sociais de trabalhadores, mesmo quando ainda recebia matrículas de filhos das classes dominantes da cidade.

Dona Dalva que foi estudante do então Colégio Estadual de Uberlândia por apenas um ano, precisamente o ano de 1970, teve que fazer uma escolha entre os estudos e a família. Ela precisou acompanhar seus pais no trabalho na roça; sua mãe já estava muito doente, contou, e era necessário ajudar o pai com as tarefas mais pesadas. A família era mais importante para ela naquele momento, condizia a seu papel enquanto filha servir os pais em uma situação de necessidade. Negar ajuda, o que poderia significar optar por continuar na cidade e estudando, estava longe da seus valores, de seu dever moral como filha.

Janaína: E no Estadual o que a senhora jamais esquece? Coisa boa ou coisa ruim, o que a senhora jamais vai esquecer no Estadual? Já que a senhora passou por lá também, me interessa saber.

Dona Dalva: No decorrer de tempo de aula foi muitos bons momentos, hora de recreio era bom, mas colegas assim da sala mesmo as vezes até chamava pra gente sair, até matar o segundo horário, mas eu e minha irmã nunca quisemos. Estudava eu e a Darlir minha irmã mais nova que eu. Mas o que mais de marcou, que eu senti muita falta foi quando eu resolvi, eu decidi parar de estudar, naquele tempo que a gente passou no exame de admissão e começamos tão bem nas aulas, mas por motivo particular. Papai e a mamãe não queria que a gente parasse, eu achei difícil porque tava contra mão pra a mamãe morar aqui, ela já não tava muito bem de saúde e o papai ficava sozinho na fazenda. Eu analisei bem minha vida e falei “eu vou desistir de estudar, vou pra fazenda ficar com papai mais a mamãe” e a gente levava a vida pensando que talvez amanhã podia

tá melhor, mas tudo bem. Eu tinha força de vontade e inteligência, mas ela era muito mais que eu ela era um exemplo, o professor começava a explicar uma matéria ela já captava aquilo, parece que ela já sabia o que ele ia dizer e nós paramos de estudar, aí a gente foi lá no colégio, o colégio deu o uniforme pra nós, o tecido e nós fizemos a roupa, a blusa e a saia. Aí quando nós decidimos parar, porque a gente procura ser honesta né?! Fomos até a direção do colégio justificar se a gente deixava o uniforme lá pra eles passarem pra outra pessoa que fosse continuar estudando, o colégio havia dado o tecido como eu já falei, e eles não quiseram pegar. Falaram “não, pode ficar pra vocês”, eu não sei porquê, mas aquilo me emocionou muito, eu tive pena, deixei o colégio com saudades olhando pra trás.¹⁶⁷

No trecho acima Dona Dalva expressa vários significados importantes sobre a sua experiência como ex-estudante do, ainda, Colégio Estadual de Uberlândia. A sua narrativa constitui-se, em si, uma prática social, conforme as colocações de Yara Khoury em “Muitas Memórias e outras histórias: cultura e o sujeito na história”¹⁶⁸. Compreender uma narrativa como uma prática social significa buscar as suas relações com o social, que estão em constante movimento, pois “(...) tanto fatos como narrativas se constroem nas e pelas redes de relações em que estão inseridos”.¹⁶⁹

Nesse sentido, é preciso refletir sobre esse trecho da narrativa de Dona Dalva, porém corre-se o risco de interpretações que possam, muitas vezes, serem colocadas de formas paternalistas e autoritárias sobre os entrevistados. Essas são preocupações expressas de Khoury no texto acima e precisam ser levadas em consideração.

Diante as dificuldades que cercam a construção de análises, a procura dos significados elaborados pelos sujeitos face às experiências sociais vividas tem sido uma constante. Por esse caminho, as narrativas podem ser consideradas como “(...) fatos significativos que se forjam na consciência de cada um, ao viver a experiência, que é sempre social e compartilhada. (...)”¹⁷⁰ Com consciência desses desafios é que construo as interpretações sobre esse trecho da narrativa de Dona Dalva.

Como estudante do noturno, Dalva tem sua trajetória marcada pela necessidade da desistência dos seus estudos em favor do trabalho. Momento da sua vida que se lembra com grande pesar, ainda mais por ter passado antes pelo obstáculo seletivo dos exames de admissão.

¹⁶⁷ Ex-estudante Dona Dalva Martins. Entrevista realizada em 26 de junho de 2013. Dona Dalva é aposentada, tem 63 anos e trabalhou como costureira. Estudou no Colégio Estadual de Uberlândia no início dos anos de 1970, não concluiu seus estudos quando cursava a 5ª série.

¹⁶⁸ KHOURY, Yara A. *Muitas Memórias e Outras Histórias: história e o sujeito na história*. In: FENELON, Déa; MACIEL, Laura; ALMEIDA, Paulo; KHOURY, Yara (orgs) **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d'água. 2004. p.116-138.

¹⁶⁹ KHOURY, Yara. A. 2004. p.123

¹⁷⁰ Ibid., p.123

Apesar de esse sentimento vir à tona em sua fala, Dona Dalva elabora sentidos que a valorizam como estudante nessa escola da cidade. Lembrar que ela e sua irmã não burlavam as regras da escola, indica, ao mesmo tempo, um sentido de valorização e respeito à instituição e a suas próprias condições de estudantes, mostrando-se sempre como responsáveis.

Ela se caracteriza, assim como a sua irmã, como estudantes esforçadas e inteligentes e que por isso poderiam ter usufruído mais da escola; outro motivo para o descontentamento em relação à necessidade de interrupção dos estudos. A honestidade é outro valor que ela destaca em sua trajetória ao relatar a intenção de devolver o uniforme, pensando que outros estudantes, que como ela e sua irmã, poderiam continuar na escola e terminar os estudos. Através desse gesto, elas passavam simbolicamente suas vagas e anseios para outros, que, como elas, valorizassem os estudos, a si mesmos como estudantes e aquela escola.

O “olhar para vida” de Dona Dalva significou optar entre os estudos no Colégio Estadual de Uberlândia e a família que trabalhava na lida com a roça, com os pais que já não tinham condições físicas de continuar sozinhos. Escolher estar com a família na fazenda indica o sentimento de dever de filha em ajudar os pais nos momentos difíceis da vida.

Com isso, ao expressar sua trajetória, Dona Dalva defendeu sua posição enquanto trabalhadora que não pôde terminar os estudos. Ela indica-nos que os trabalhadores não deixam as escolas porque não gostam de estudar, ou por falta de responsabilidade, esforço e inteligência, mas por questões de necessidades ligadas às suas condições de vida, principalmente relacionadas ao trabalho.

Era uma expectativa de vida que se encerrava não em qualquer escola pública da cidade, mas sim no Colégio Estadual de Uberlândia, um lugar social que vivia na época o início de um processo de expansão. Encerrava-se sim, mas com marcas de um passado que proporcionam à Dona Dalva um significado de orgulho por ter sido uma estudante esforçada e dedicada em um lugar em que “(...) quem passava no exame de admissão era um privilégio. (...)”¹⁷¹. Mais do que isso, mesmo em sua trajetória muito curta e descontínua como estudante ela se sente reconhecida:

Dona Dalva: Graças a Deus tive elogios de professores também. O professor Celso ele era até grande e forte, ele visitava as salas também de vez em quando, ele classificou alguns alunos na sala que eram privilegiados. Então, eu e a minha irmã fomos incluídas

Janaína: Ah é, por que?

¹⁷¹ Ex-estudante Dona Dalva Martins. Entrevista realizada em 26 de junho de 2013. Dona Dalva é aposentada, tem 63 anos e trabalhou como costureira. Estudou no Colégio Estadual de Uberlândia no início dos anos de 1970, não concluiu seus estudos quando cursava a 5º série.

Dona Dalva: Por privilegio assim de aluno esforçado. De bom comportamento.

Janaína: Ele passava meio que elogiando alguns alunos da sala?

Dona Dalva: Classificava também

Janaína: Pela nota?

Dona Dalva: É, por quem era esforçado pra estudar, tinha bom comportamento em sala de aula. Eu e minha irmã fomos incluídas nos bons alunos.¹⁷²

Foram dentro dessas condições na cidade de Uberlândia que Dona Dalva foi constituindo sua vida de estudante, onde o sentido de estudar não aparece em relação direta com uma formação para o trabalho. Nesse processo, foi elaborando para si mesma a imagem de uma estudante que valorizou as escolas públicas, enquanto nelas pode ficar.

Importante refletir que os sentidos atribuídos ao seu passado de estudante não são de fracasso. Não há aspectos negativos em sua narrativa, pelo ao contrário, Dona Dalva constrói para si mesma a consciência de uma pessoa que soube estar e aproveitar aquilo que a escola lhe oferecia, mesmo que não tenha terminado os seus estudos e que em várias situações teve que deixar a escola.

Contudo, como insisto em salientar nessa tese, a realidade histórica sobre as trajetórias de vida de trabalhadores são múltiplas e diversas. As entrevistas da professora aposentada Rogéria e da funcionária pública municipal Maria Angélica nos permitem avançar na compreensão sobre as experiências de pessoas que estudaram no antigo Colégio Estadual de Uberlândia, mas mesmo sendo filhos de trabalhadores, não sem precisaram trabalhar durante os estudos.

Maria Angélica Pereira Mendes trabalha como assistente social na Prefeitura Municipal de Uberlândia. Cheguei até ela por meio de uma vizinha, que me falou da possibilidade de sua cunhada, Maria Angélica, ter sido estudante da Escola Estadual de Uberlândia. Assim, procurei-a e ela mostrou-se disposta a participar da pesquisa, me concedendo a entrevista.

Maria Angélica conta que estudou no turno da manhã e que durante esse período não precisou trabalhar, mesmo vinda de uma família de trabalhadores; relatou-me também que seus cinco irmãos também haviam estudado no, então, Colégio Estadual de Uberlândia:

Eu venho de uma família aqui de Uberlândia mesmo, somos daqui e de uma família de docentes né, uma família de muita área de educação, como eu te falei tem essa tia que é lá do colégio estadual, mas nos iniciamos aqui na escola do Doutor Duarte, era um grupo na época, grupo Doutor Duarte, então eu particularmente eu estudei no Doutor Duarte até 6º série, foi quando surgiu essa oportunidade de ir lá pro Colégio Estadual. Então assim eu vim de uma família de 5 irmãos, fizemos todos essa mesma trajetória, fomos pro Doutor Duarte e de lá fomos pro Colégio

¹⁷² Ex-estudante Dona Dalva Martins. Entrevista realizada em 26 de junho de 2013.

Estadual, todos fomos para essa escola e nessa ocasião do colégio Doutor Duarte nós passamos por uma seleção, naquela época a gente chamava de seleção, fazia uma prova, mais não sei não me lembro mais de que, talvez português, matemática né? Então fizemos essa prova e aí eu comecei lá na escola a gente chamava Colégio Estadual fazendo a 7º série e é isso, iniciamos como eu te falei numa coisa meio de família ia um iam todos tudo passando pela mesma escola.

Janaina: E já que você tocou no assunto do exame de admissão né? Eu tinha uma pergunta lá na frente, mas nós vamos antecipando. Esse exame de admissão os alunos a maioria passavam? Você se lembra? Seus coleguinhas, depois que você já tava na escola, que lembrança que você tem?

Maria Angélica: Aí Janaina... Me desculpa mais eu sou muito desligada, eu quando, olha eu sai de uma escola muito pequenininha, considerado uma escola de vila, naquela época nem era considerado bairro nós éramos considerado vila e fui pra uma escola que era considerada enorme, escola do centro da cidade, então da minha turma da minha escola foram pouquíssimas pessoas que tentaram essa seleção, então eu tava no meio de pessoas muito estranhas, eu não tenho como te responder essa pergunta. Sabe e eu passei, não sei te dizer se por mérito meu ou porque minha tia me ajudou confesso que eu não sei te dizer, né, e assim não me lembro das pessoas que fizeram a prova, porque era muita gente desconhecida pra mim, na minha escola eu não me lembro de pessoas participando. Muitos continuaram porque a escola ainda tinha assim o 7º ano e a cada ano foi abrindo mais um ano entendeu? Mais é e aí foi ficando e a minha mãe porque minha mãe trabalhava, minha mãe foi uma mulher que toda vida trabalhou, então assim aquela coisa de deixar a gente na escola aonde tinha uma irmã que era coordenadora pra ela era mais facilitador tipo assim eu vou dividir responsabilidade com alguém entendeu? E eu já via dessa outra escola que eu te falei também tia que era diretora de escola então sempre estudei em escola que tinha parente e tinha um vínculo na escola.¹⁷³

A narrativa de Maria Angélica quando cruzada com as memórias de Sr. Odival sobre a segregação social na cidade, apresenta-se como uma experiência de uma estudante filha de trabalhadores que rompia, a sua maneira, aquela divisão lembrada pelo locutor aposentado.

Ao situar-se como “uma menina de uma escola de vila” que estava se tornando aluna do Colégio Estadual de Uberlândia – relembrando, a partir de 1973 passou a chamar-se Escola Estadual de Uberlândia – uma escola grande e situada no centro, a segregação materializa-se em sua memória através de seus sentimentos de receios, e de perceber que aquele era um local *diferente* por não ter colegas, pessoas conhecidas. Tratava-se de um lugar em que ela passava a pertencer, mas que pouco tinha de semelhanças em relação ao Grupo Escolar Dr. Duarte.

Era uma filha de trabalhadores que passava a ser estudante do “Colégio Estadual” e que, conforme conta, não precisou trabalhar durante o tempo em que estudava. Maria Angélica lembra que sonhava cursar Odontologia, o que não foi realizado diante a necessidade de trabalhar quando finalizou o ensino de 2º grau: “(...) aí depois eu tinha que

¹⁷³ Ex-estudante Maria Angélica Pereira Mendes. Entrevista realizada em janeiro de 2014. Ela tem 50 anos, funcionária pública municipal. Estudou até a 6º série no Grupo Escolar Dr. Duarte Pimentel de Ulhôa, que fica no bairro Martins, em seguida foi para o Colégio Estadual de Uberlândia, em 1976, onde completou seus estudos até o 2º grau, no final dos anos de 1970 e início dos anos 80. Ela relata que sua vontade era cursar Odontologia, mas não foi aprovada em vestibulares, então precisou trabalhar, sendo, por muitos anos, bancária. Somente anos mais tarde, depois da conclusão do ensino de 2º grau resolveu cursar Assistência Social na Faculdade Integradas do Triângulo Mineiro, a FIT, instituição de ensino superior que existiu na cidade de Uberlândia.

trabalhar, realidade era outra não dava pra tentar fazer vestibular pra quem fazia cursinho a noite, essa realidade difícil de quem estuda a noite. (...)”¹⁷⁴

Ao retomar seus sonhos e realizações sobre a sua trajetória, Maria Angélica reconhece que a necessidade de aliar estudos e trabalho foi algo difícil, por criar limitações às aspirações na vida dos trabalhadores, no seu caso específico a cursar Odontologia. E ela se lembra dos limites que eram vividos por vários outros estudantes como ela:

Janaína: E você me disse que muitos alunos não deixavam de estudar não. Então você não se lembra dos estudantes deixarem de estudar?

Maria Angélica: Acho que o momento que eu vi alguém parar foi no vestibular, no colegial para o vestibular aí eu acho que foi o momento de uma barreira, mas assim até o colegial da minha geração muitos à maioria terminavam.

Janaína: Mais você entende pelo fato de ter que pagar um cursinho assim como?

Maria Angélica: Eu acho que chegou àquela fase assim que a idade aí você começa a trabalhar porque a gente veio de uma turma de classe social mais baixa assim e que tinha que trabalhar né então aí pra trabalhar se tinha que fazer cursinho a noite, aí pra você fazer cursinho a noite tem que tentar pré- vestibular era mais difícil e era uma bola de neve eu digo por mim, eu vivi isso!¹⁷⁵

Podemos dizer que a necessidade de conciliar estudo e trabalho na trajetória de Maria Angélica aconteceu tardiamente em relação às trajetórias de Dona Dalva, Cleuza, Zuleika e Sr. Odival. Sua lembrança se remete aos estudantes filhos de trabalhadores que estudavam no turno da manhã da Escola Estadual de Uberlândia. De acordo com as condições experimentadas por Maria Angélica, a possibilidade de se dedicar ao vestibular que passava a limitar os avanços nos estudos.

Com uma trajetória semelhante, a professora aposentada Rogéria de Fátima Silva recorda-se do tempo em que era estudante na cidade. Ela não precisou trabalhar antes dos seus 15 anos de idade, assim como Maria Angélica. Rogéria, filha de uma professora e um alfaiate, conta que iniciou sua carreira como professora da rede pública aos 17 anos, aposentando-se em 2011.

Rogéria e eu trabalhamos juntas por um ano na Escola Estadual Ignácio Paes Leme, localizada no bairro Martins. Ela era possuía um cargo efetivo na escola por muitos anos e eu era contratada; mesmo depois de ter deixado a escola quase sempre nos encontrávamos por morarmos no mesmo bairro. Portanto, quando a entrevistei para essa pesquisa já nos conhecíamos.

¹⁷⁴ Ex-estudante da Escola Estadual de Uberlândia Maria Angélica Pereira Mendes. Entrevista realizada em janeiro de 2014. Ela tem 50 anos trabalha como Assistente Social na Prefeitura Municipal de Uberlândia.

¹⁷⁵ Ex-estudante da Escola Estadual de Uberlândia Maria Angélica Pereira Mendes. Entrevista realizada em janeiro de 2014.

Suas memórias foram construídas com muitas intersecções entre uma Rogéria professora e estudante na cidade. Ao formar seu relato, ela elaborava seu passado de estudante com sentidos e observações através de comparações entre tempo em que estudava e o que trabalhou como professora.¹⁷⁶ Sua trajetória e condições de vida aproximam-se de Maria Angélica ao afirmar que o estudo sem a necessidade de trabalhar sempre fora sustentado com dificuldades pelos pais:

Rogéria: A minha época era.... Hoje eu fico pensando esse povo que estuda hoje? Deus do céu! A gente tinha aquelas régua grande, todos os tipos de régua a gente tinha.. Todo mundo tinha que ter a sua, ela não aceitava pedir emprestado.. Ninguém pedia emprestado. Ela exigia até a borracha própria pra apagar papel manteiga. O lápis, o número do lápis, tudo isso era exigido... e você tinha que levar e aí de você se você chegasse lá sem isso. Você ficava sem fazer no seu canto, sem fazer, entendeu?

Janaina: Então Rogéria eu to aqui pensando: todo mundo tinha que ter o seu material. Coisa que me veio aqui, e quem não tinha?

Rogéria: Ou mais naquela época todo mundo tinha. Você sabe porque eu nunca fui de classe A, meu pai era alfaiate, meu pai era alfaiate! Mas eram assim: a lista da escola chegava bem! Você pode ter certeza que ele fazia das tripas coração que ele comprava!¹⁷⁷

A memória da professora aposentada Rogéria sobre o tempo em que esteve como estudante indica que dentro do mundo dos trabalhadores, algumas famílias, com muitas dificuldades, conseguiam manter seus filhos na escola sem a necessidade de trabalharem, como aconteceu com Rogéria e Maria Angélica. Suas memórias, nesse sentido, apontam experiências sociais diferenciadas às vividas por estudantes do turno da noite, em que muitos precisaram conciliar estudos com o trabalho.

Durante as entrevistas busquei construir com elas algum elemento que tratasse de possíveis distinções entre estudantes “pobres” e “ricos” no interior da escola, por terem freqüentado um turno escolar aonde ainda existiam estudantes de famílias com certo poder econômico na cidade, provindos de fazendas e atividades comerciais variadas.

Janaína: É nessas questões que eu ia chegar agora! Dessa questão de diferença do aluno pobre do aluno rico, ali na sala de aula, no recreio... Como que se diferenciava aluno pobre e aluno rico, existia aluno pobre no museu?

Maria Angélica: Existia uai nós éramos os alunos pobres do Museu!

¹⁷⁶ O contato com Rogéria também se fortaleceu com a minha participação no Clube de Mães de uma instituição religiosa, que fica no bairro Martins. A participação nesse Clube de Mães aconteceu com intuito de conseguir entrevistas para minha pesquisa, pois entendi que era um bom lugar para conhecer pessoas que tivessem sido estudantes na cidade nas décadas de 1960 e 1970 e que pudesse me aproximar delas para conhecer um pouco mais sobre suas vidas.

¹⁷⁷ Ex-estudante da Escola Estadual de Uberlândia Rogéria de Fátima Silva. Entrevista realizada no dia 07 de abril de 2014. Ela tem 54 anos é professora aposentada da rede pública estadual. Rogéria estudou no prédio central da escola e também em seus anexos.

Janaína: É porque muitas pessoas me contam que o Museu era uma escola de elite, uma escola de gente rica.

Maria Angélica: Mais eu acho que a gente pegou meio que essa passagem né, eu não sei até quando ela foi escola de elite, eu acho que eu peguei mais ou menos essa passagem porque eu tive colegas de classe alta, mais eu tinha colegas, nós, não é?? Gente nós conseguíamos viver tão bem que é até difícil dizer se era maioria, eu acho que a gente tava meio que meio a meio ali viu, na minha época acho que a gente tava meio de igual pra igual. E conforme eu to te falando era tão interessante que de fato nos conseguíamos viver com harmonia na sala.

Janaína: Então existiam alunos pobres?

Maria Angélica: Existia igual eu, to te falando existia eu, existia Ronilda que era uma colega minha que vinha de ônibus mais não porque ela podia não isso era porque ela morava lá no Roosevelt, tinha uma outra menina que chamava Luisa essa menina também era uma menina muito simples, tinha a Márcia também que morava aqui perto hoje ela trabalha lá na prefeitura também, Márcia era extremamente uma menina simples e uma menina introvertida sair um oi da boca dela sabe? Também de uma família extremamente pobre então tinha, mais tinha as outras pessoas também que eu te falei tinha o Martinelli, tinha Zago que é tudo família de renome né e outros mais aí. Tinha um menino eu não me lembro o nome dele, não Evaldo oh como que veio rápido, eu não sei dizer o sobrenome dele ele é meio que dessa família Zago também ele morava ali onde hoje é a Unimed na João Pinheiro esquina com a Machado de Assis, mais na esquina mesmo. Uma casa belíssima! Menina era um charme! Então mais ele era um menino doce, simples me lembro que uma dessas não lembro se foi no final do terceiro ano nós fizemos uma festa e foi na casa dele, todo mundo abaixo na casa dele, foi tranquilo foi uma coisa muito gostosa foi lá que nós fizemos essa festa, então assim a gente consegui reunir todo mundo.

Janaína: Não tinha essa... não se tratava com diferença?

Maria Angélica: Bom eu não percebi, Se tratava eu não percebi e não fui discriminada, não me senti assim.¹⁷⁸

A narrativa de Maria Angélica abre um campo complexo nas relações entre estudantes de classes sociais diferentes nessa escola pública da cidade. Ela se lembra desse passado quase que como uma “grande harmonia”, resultado de uma boa convivência, onde não aparentava existir hostilidade. Essa versão que aparece na narrativa não deixa de ser uma construção do passado elaborada pela ex-estudante, que conforme os estudos do Grupo de Memória Popular: “(...) Memórias do passado são, como todas as formas de senso comum, construções singularmente complexas parecendo um tipo de geologia, sedimentação seletiva dos vestígios do passado”¹⁷⁹

É uma construção de memória em que o conflito, gerado pelas condições em que se vivia a sociedade, não é mencionado, lembrado ou citado. O pesquisador italiano Alessandro Portelli em “‘O momento da minha vida’: Funções do Tempo na História oral”¹⁸⁰, traz reflexões sobre a construção das narrativas e das memórias por seus narradores, afirmando

¹⁷⁸ Ex-estudante da Escola Estadual de Uberlândia Maria Angélica Pereira Mendes. Entrevista realizada em janeiro de 2014. Ela tem 50 anos trabalha como Assistente Social na Prefeitura Municipal de Uberlândia.

¹⁷⁹ GRUPO DE MEMÓRIA POPULAR. Memória Popular: Teoria, Política, Método. In: FENELON, Déa; MACIEL, Laura; ALMEIDA, Paulo; KHOURY, Yara (orgs) **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d’água. p. 282-295.

¹⁸⁰ PORTELLI, Alessandro. “O Momento da Minha vida”: Funções do Tempo na História Oral. In: FENELON, Déa; MACIEL, Laura; ALMEIDA, Paulo; KHOURY, Yara (orgs) **Muitas Memórias, Outras Histórias**. Editora Olho d’água. São Paulo. 2004. 296-313.

que elas são abertas e provisórias, com isso, nada mais são do que reflexos do momento em que estão vivendo. O autor aponta que: “(...) Às vezes, os historiadores podem estar interessados em falar com uma certa pessoa sobre um determinado evento, período ou tema específico; mas os narradores, freqüentemente e forçosamente, reintroduzem o tempo e os eventos que lhes interessam.”¹⁸¹

Há uma construção marcada por um saudosismo na narrativa de Maria Angélica, de tempos sem tensões nas relações com os colegas que tinham condições de vida melhores. Uma convivência que parecia ser comum em escolas públicas naquela conjuntura, e, por isso, talvez não fizesse diferença nas atividades que aconteciam dentro do espaço escolar. Há outra possibilidade nesse aspecto sobre o passado vivido por essas ex-estudantes, pois de maneira semelhante, Rogéria elabora alguns significados sobre sua experiência social enquanto ex-estudante do turno da manhã no Colégio Estadual de Uberlândia.

Janaína: Então você se lembra, pelo menos aparentemente, de ter muita criança, estudante, aluno da escola mais pobre? Assim?

Rogéria: Todo mundo era muito pobre, muito pobre assim... Era mais ou menos todo mundo de uma mesma classe social, sabe agora tinha muita gente rica, mas assim misturava muito com a gente sabe então, misturava muito e você não percebia que você era mais pobre que ele. Porque na minha época não tinha escola particular, então oh pra te falar uma coisa o sobrinho do Rondon Pacheco estudou na minha sala e ele já era governador. Você lembra da Gláucia, irmã do Homero Santos, ela foi diretora, as filhas estudava com a gente na sala entendeu? E não tinha diferença era todo mundo igual. E não tinha isso que tem hoje, na minha época não tinha o tal do bullying que falava que você é pobre, que você é feio... Entendeu? Não! Não tinha isso não era todo mundo igual. Eu me lembro de uma menina chamada Sônia, você sabe aquela casa bonita que tem em frente a praça Adolfo Fonseca lá do Museu e fica assim ela até já foi uma escola de inglês. Ela é enorme aquela casa, aquela menina era nossa amiga a gente fazia trabalho lá, a gente entrava lá. A casa dela nessa época era uma mansão! O dia de fazer trabalho na casa dela a gente achava uma maravilha porque primeiro a gente entrava ficava deslumbrado e tinha uma piscina no meio da casa, não sei se tem hoje, mas tinha uma piscina no meio da casa aquilo pra gente era a oitava maravilha do mundo. E você vê ela era nossa amiga, da nossa sala e não tinha diferença. Não tinha assim grupinho pra cá, grupinho pra lá! Todo mundo era amigo, todo mundo corria no meio do pátio junto. Todo mundo brincava de bola, todo mundo brincava... Ninguém era maltratado. Todo mundo era igual!¹⁸²

Rogéria não chega a usar a palavra *harmonia* como Maria Angélica, mas atribui um sentido ao passado que induz a interpretação da presença desse elemento nas relações entre os estudantes do turno da manhã da Escola Estadual de Uberlândia. Todavia, dentro do campo complexo e múltiplo dessas significações, não podemos negar a força social da instituição

¹⁸¹ PORTELLI, Alessandro. “O Momento da Minha vida”: Funções do Tempo na História Oral. In: FENELON, Déa; MACIEL, Laura; ALMEIDA, Paulo; KHOURY, Yara (orgs) **Muitas Memórias, Outras Histórias**. Editora Olho d’água. São Paulo. 2004. p. 300.

¹⁸² Ex-estudante da Escola Estadual de Uberlândia Rogéria de Fátima Silva. Entrevista realizada no dia 07 de abril de 2014. Ela tem 54 anos é professora aposentada da rede pública estadual. Rogéria estudou no prédio central da escola e também em seus anexos.

escolar, de uma forma geral, na formação e padronização do pensamento e comportamento dos estudantes, que pode ter influenciado em parte essa memória da professora aposentada Rogéria.

Mariano Fernandez Enguita em “A Face oculta da Escola: educação e trabalho no capitalismo”¹⁸³ permitem-nos compreender que as escolas como instituições agem na produção de uma padronização sobre os estudantes em seu interior, seja em termos de vestimentas ou comportamento, pois:

A escola não apenas pretende modelar suas dimensões cognitivas, mas também seu comportamento, seu caráter, sua relação com seu corpo, suas relações mútuas. Propõe-se a organizar seu cérebro, mas no mais amplo sentido: não apenas alimentar um recipiente, mas da forma ao núcleo de sua pessoa. (...) ¹⁸⁴

A partir dessas noções sobre as instituições escolares, podemos compreender que, de certa forma, elas agem no sentido de padronizar os estudantes, eliminando, pelo menos visualmente, algumas diferenças. É o que ficou marcado na memória da ex-estudante Rogéria, que criou a noção de uma igualdade no interior da escola.

O historiador Richard Hoggart em “As utilizações da Cultura 1: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora”¹⁸⁵, no capítulo “‘Nós’ e ‘Eles’”, inspira uma análise sobre as experiências sociais das ex-estudantes. A escola era um espaço em que a clivagem social não assumia grandes contornos e que a hostilidade não aparecia nas relações entre os estudantes.

Contudo, Rogéria e Maria Angélica não deixam de constituir noções de *grupos* em suas falas, principalmente quando se lembram das moradias de seus colegas. O deslumbramento com a mansão da colega que Rogéria se referiu possui um sentido em que a diferença se manifesta por estar em “um mundo deles”. A casa é considerada um lugar diferente daquilo que representa o seu. As distinções sociais eram desveladas quando estavam fora do ambiente escolar e acentuavam-se quando as moradias e os bairros dos estudantes surgiam em suas relações

O conflito não aparecia entre os estudantes de maneira hostil no interior da escola, mas estava nos modos de morar, de viver e de trabalhar de seus familiares, que eram desiguais e que marcaram suas elaborações e suas trajetórias de vida. Entretanto, o ambiente escolar no turno da manhã produzia uma velada igualdade.

¹⁸³ ENGUITA, Mariano Fernandez. **A Face Oculta da Escola: Educação e Trabalho no capitalismo**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1989.

¹⁸⁴ ENGUITA, Mariano Fernandez. 1989. p. 158

¹⁸⁵ HOGGART, Richard. **As utilizações da Cultura 1: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora**. Coleção Questões. Editorial Presença. Lisboa. 1973.

As experiências sociais de Rogéria e Maria Angélica como ex-estudantes da Escola Estadual de Uberlândia, filhas de trabalhadores, que não precisaram trabalhar representam a multiplicidade do campo social da cidade que tinham relações com essa escola pública, e que faziam parte do seu passado.

O estudo enquanto filhas de trabalhadores foi uma condição vivida diferente daqueles que, como Dalva, Cleuza, Zuleika e Odival, precisaram conciliar escola e trabalho.

Rogéria e Maria Angélica não podem ter suas trajetórias excluídas do mundo dos trabalhadores por não terem vivenciado a dificuldade em conciliar o estudar e o trabalho como ex-estudantes da Escola Estadual de Uberlândia. São várias as condições de vida e experiências que marcam esse universo e perceber sua multiplicidade significa nessa pesquisa a intenção de um maior entendimento sobre os trabalhadores e as suas relações com as classes dominantes.

As trajetórias dos ex-estudantes entrevistados analisadas nesse capítulo nos possibilitam afirmar que a Escola Estadual de Uberlândia teve, pelo menos desde os anos de 1970, muitos estudantes das classes trabalhadoras, inclusive no turno da manhã. Os ex-estudantes Dona Dalva, Zuleika e Odival viveram os tempos de estudantes entre idas e vindas da escola, isso devido a condição de trabalhadores, que desde muito jovem precisaram conciliar estudos e trabalhos.

Através da memória de Dona Dalva, pudemos pensar sobre os sentidos de valor sobre a escola e os tempos de estudantes-trabalhadores e sobre a não conclusão dos estudos. Sua narrativa nos permitiu aproximar da difícil situação vivida por tantos trabalhadores que tiveram que deixar suas escolas, devido à conciliação entre o estudar e a necessidade de trabalhar.

Porém, a sua trajetória de vida, assim como de sua irmã Zuleika, não nos possibilita mapear o mundo dos trabalhadores no que diz respeito às relações entre os estudos e a escolas de um modo geral. Por isso, as trajetórias de Maria Angélica e Rogéria, como filhas de trabalhadores da cidade, e que não precisaram conciliar estudos e trabalho ainda muito jovens, foram relevantes na constituição de um universo múltiplo de condições que trabalhadores viviam na relação com a escola e os estudos na cidade de Uberlândia.

Refletir sobre o “ser estudante e trabalhador” da Escola Estadual de Uberlândia, ou não, significou uma aproximação com essa multiplicidade e diversidade de condições vividas por filhos de trabalhadores, que nos permitiram compreender uma valorização sobre a escola pública em suas memórias e nas suas próprias culturas.

Conhecidas as suas trajetórias de conciliação entre estudo e trabalho, de maneira mais atenta, cabe focar nosso olhar para o processo de expansão da escola pública que eles viveram na cidade, promovido durante o governo militar.

CAPÍTULO 3

ESTUDANTES, PROFESSORES E A EXPANSÃO DA ESCOLA PÚBLICA

Após delinear uma parte do universo das trajetórias sociais de trabalhadores e suas relações entre estudo e trabalho, busco neste capítulo compreender como aqueles ex-estudantes e alguns professores da Escola Estadual de Uberlândia viveram as mudanças provocadas pela expansão da rede pública estadual. As referidas mudanças, vividas por aqueles sujeitos, compuseram os planos de políticas públicas dos governos da Ditadura Militar, que ganhou forma pela Lei 5.692 de 1971, que regulamentou o Ensino Básico no país.

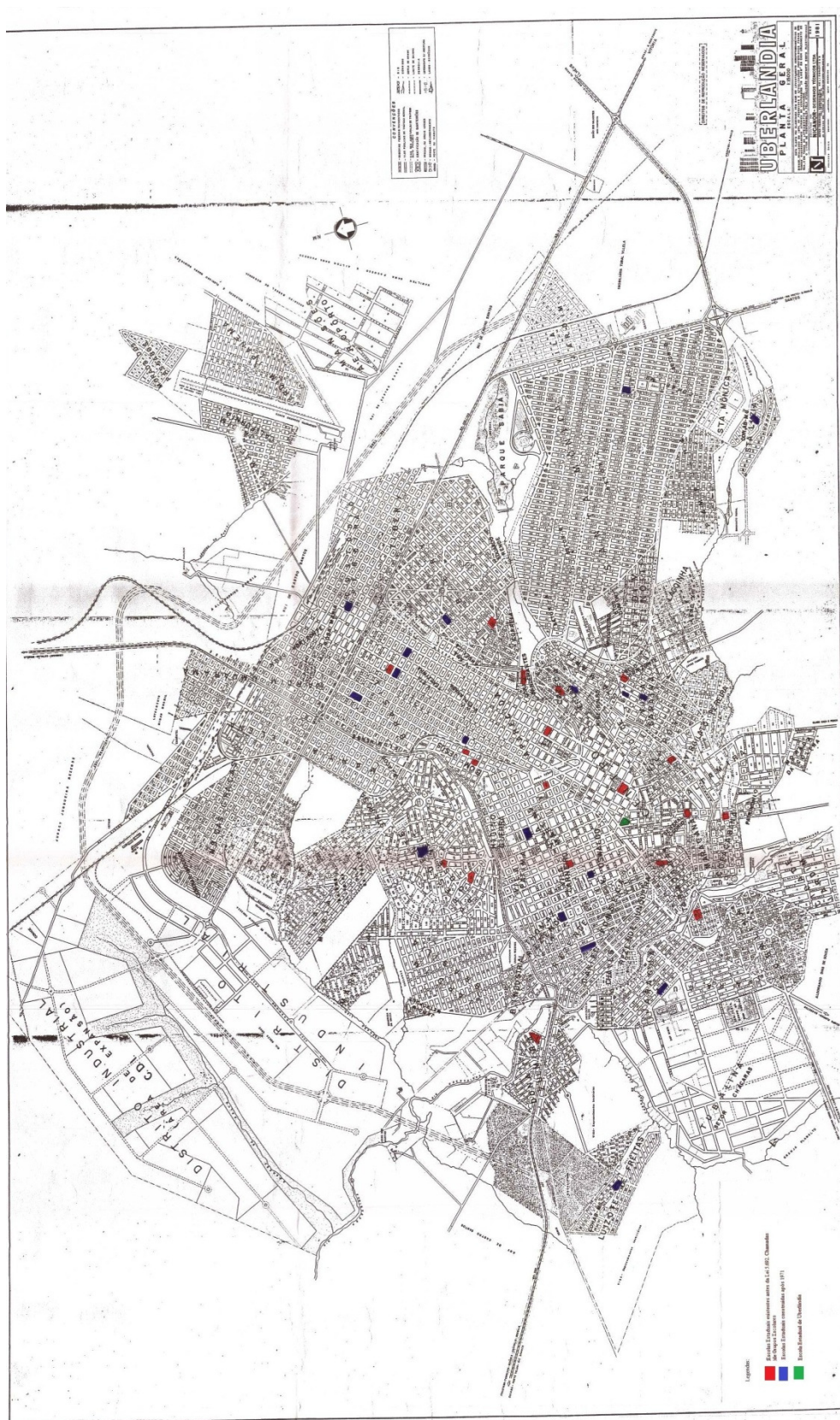
A Escola Estadual de Uberlândia era uma das poucas instituições escolares públicas da cidade existente décadas antes da Lei 5.692 de 1971, quer dizer, ela viveu o processo de expansão como uma transformação e não surgindo a partir dela, como muitas outras escolas na cidade. Até então sua organização, assim como de todas outras escolas públicas do país, seguia as regulamentações da legislação vigente, de 1961.¹⁸⁶

Ao longo do caminho de investigação dessa tese, foi se tornando notório que um número considerável de escolas públicas da rede estadual da cidade foi construído entre os anos de 1972 a 1982. Esse fato nos faz ponderar que aquelas instituições escolares de Uberlândia foram criadas no interior das políticas públicas de um governo militar ditatorial.

A planta da cidade de 1981 nos permite mapear as escolas e os locais onde foram construídas essas instituições durante o período citado, assim como localizar a Escola Estadual de Uberlândia. Podemos também visualizar as escolas que existiam antes da

¹⁸⁶ Conforme a Lei 4.024 de 1961, o ensino no país era dividido da seguinte forma: Ensino Pré-primário composto de escolas maternas e jardins de infância; Ensino Primário de 4 anos, Ensino Médio, subdividido e em dois ciclos o ginasial de 4 anos e o colegial de 3 anos. No seu Art. 30, previa-se que o ensino não era obrigatório quando comprovado o estado de pobreza do pai ou responsável, insuficiência de escolas, matrículas encerradas e doença ou anomalia da criança. Informações em: ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil** (1930/1973). 40ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes. 2014. p. 187. O Colégio Estadual de Uberlândia oferecia o curso ginasial com 4 anos e o colegial com 3 anos; ele era o único colégio público na cidade de Uberlândia, haviam escolas particulares como o confessional feminino Colégio Nossa Senhora, conhecido como “Colégio das Irmãs”. Além desses dos Grupos Escolares, que também faziam parte da rede pública estadual e que ofereciam o Ensino Primário de 4 anos. No ano de 1965 eram os seguintes Grupos Escolares em funcionamento: Bom Jesus, Bueno Brandão, Coronel Carneiro, Dr. Duarte Pimentel de Ulhôa, Cristovão Colombo, 13 de maio, 6 de Junho, Alda Mota Batista, Felisberto Carrijo, Amador Naves, Mario Forestan, Joaquim Saraiva, Honório Guimarães, Prof.^a Alice Paes e Sete de Setembro. Informações retiradas em: SILVA, Antonieta. Chefe do Agrupamento de Inspetorias. **Correspondência enviada à Câmara Municipal de Uberlândia**. 4 de Abril de 1965. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Fundo da Câmara Municipal de Uberlândia. Pasta Correspondências Recebidas.

implementação daquela política pública. Eram novos espaços públicos escolares que estavam sendo criados, acompanhemos essa conjuntura na seguinte planta:



A reforma na educação, que provocou mudanças na Escola Estadual de Uberlândia e promoveu essa expansão – mas não a democratização da escola pública, como pudemos começar a discutir nos capítulos anteriores – aconteceu pela Lei 5.692 de 1971. A cidade viu em poucos anos um grande número de escolas serem construídas.¹⁸⁷

Ao acompanhar reportagens do único órgão de imprensa de circulação em toda a cidade durante a Ditadura Militar, o jornal *Correio de Uberlândia*, foi possível realizar o seguinte balanço: das trinta e cinco escolas públicas da rede estadual que existiam até ano de 1975, há indícios de que onze já existiam na cidade, ou seja, vinte quatro novas escolas foram criadas nesse período.¹⁸⁸

Apesar disso, a oferta de matrículas para o 2º grau foi mínima nesse processo. Na cidade, no ano de 1974, somente a Escola Estadual de Uberlândia e a Escola Estadual José Ignácio de Souza ofereciam o 2º grau, ainda assim com o pré-requisito do exame de admissão, permitido por meio de um decreto do estado de Minas Gerais. Ainda através do levantamento

¹⁸⁷ Sobre as escolas públicas existentes uma reportagem de 1975 do *Jornal Correio* faz um levantamento importante. Acompanhem a relação: E.E Mario Porto, 1º grau, 210 alunos, 12 professores; E.E Maria Conceição Barbosa, 1º grau, 212 alunos – 10 professores; E.E Mário Forestan, 1º grau, 713 alunos – 28 professores; EE Éneas Vasconcelos; 1º grau, 660 alunos – 28 professores; EE Cel. José Teófilo Carneiro, 1º grau, 760 alunos- 46 professores; EE. Cristovão Colombo, 1º grau, 349 alunos – 21 professores; EE Bom Jesus, 1º grau, 585 alunos- 44 professores; EE Santa Mônica. 1º grau, 1.011 alunos - 26 professores; EE Felisberto Carrijo, 1º grau, 423 alunos – 28 professores; EE sete de setembro, 1º grau, 663 alunos – 28 professores; EE José Zacharias Junqueira, 1º grau, 563 alunos – 29 professores; EE Rotary, 1º grau, 950 alunos- 44 professores; EE Osvaldo Resende, 1º grau, 829 alunos- 46 professores; EE Alice Paes, 1º grau, 748 alunos – 36 professores; EE Ederlino Lannes Bernardes, 1º grau, 686 alunos – 27 professores; EE Seis de Junho, 1º grau, 886 alunos – 39 professores; EE Tubal Vilela, 1º grau, 80 alunos – 2 professores; EE Caiapó. 1º grau, 206 alunos – 7 professores; EE Marechal Castelo Branco, 1º grau, 161 alunos – 6 professores; EE Amador Naves, 1º grau, 542 alunos, 33 professores; EE Afonso Arinos, 1º grau, 423 alunos – 24 professores; EE Alda Mota batista, 1º grau, 472 alunos – 18 professores; EE Anexa a Estadual de Uberlândia, 1º grau, 470 alunos – 34 professores; EE Joaquim Saraiva, 1º grau, 732 alunos 56 professores; EE Américo Renee Giannetti, 1º grau, 1.180 alunos – 65 professores; EE Cidade Industrial, 1º grau, 651 alunos – 30 professores; EE Dr. Duarte Pimentel de Ulhoa, 1º grau, 855 alunos, 58 professores; EE Sérgio de Freitas, 1º grau, 1.079 alunos – 28 professores; EE Ignácio Paes Leme, 1º grau, 1.311 alunos – 61 professores; EE Honório Guimarães, 1º grau, 1.055 alunos – 49 professores; EE Treze de maio, 1º grau, 1.495 alunos – 62 professores; EE Clarimundo Carneiro, 1º grau, 1.650 alunos – 77 professores; EE Bueno Brandão, 1º grau, 3.300 alunos – 133 professores; EE de Uberlândia, 1º e 2º graus, 3.353 alunos -180 professores; EE José Ignácio de Souza, 1º e 2º graus, 2.127 alunos – 70 professores. In: *Uberlândia um dos maiores centros educacionais do Brasil. Jornal Correio de Uberlândia*. 23 de novembro de 1975. Grifo nosso para destacar as escolas públicas na cidade que ofereciam o 2º grau.

¹⁸⁸ Foi possível chegar a esses números através do cruzamento de dados com outra Correspondência, que em primeiro plano tinha como destino a Câmara de Deputados Federais, como destinatário o Deputado Rondon Pacheco, mas, de alguma forma, chegou à Câmara Municipal de Uberlândia. Antonieta Silva Chefia de Agrupamento de Inspeção. **Carta** -Serviço Público do Estado de Minas Gerais. Agrupamento de Inspeções Seccionais de Ensino. Uberlândia, 4 de Abril de 1965. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Fundo da Câmara Municipal de Uberlândia. Correspondências Enviadas. Nessa Correspondência existem os nomes das escolas públicas estaduais e os números de estudantes matriculados no curso primário entre os anos de 1960 a 1965. As instituições citadas na imprensa em 1975 e na Correspondência em 1965 são Grupo Escolar Bom Jesus, Grupo Escolar José Theófilo Carneiro, Grupo Escolar Cristovão Colombo, Grupo Escolar 13 de Maio, Grupo Escolar Alda Mota Batista, Grupo Escolar Amador Naves, Grupo Escolar Padre Mário Forestan, Grupo Escolar Alice Paes, Sete de Setembro, Grupo Escolar Bueno Brandão e Grupo Escolar Dr.º Duarte Pimentel de Ulhoa.

das evidências tornou-se possível perceber que a oferta de 2º grau na cidade aumentou após muitas reivindicações por meio das associações de bairros nos anos de 1980.

Ao considerar as relações entre a Escola Estadual de Uberlândia e esse processo que instituiu mudanças na educação pública na cidade, observamos que seus professores e estudantes experimentaram no dia-a-dia de suas atividades essa expansão da rede pública estadual na cidade. A partir disso esse capítulo tenta compreender as mudanças que marcaram as memórias de professores e estudantes. Como aqueles sujeitos construíram seus significados para essas mudanças?

Os ex-estudantes ao se voltarem as suas memórias sobre os anos em que eram alunos da escola, mencionavam e destacavam os exames de admissão. Mais uma vez, a narrativa de Dona Dalva, em um trecho já citado, torna-se relevante para a análise sobre suas elaborações de memórias quanto aos exames de admissão:

Janaína: E no Estadual o que a senhora jamais esquece? Coisa boa ou ruim, o que a senhora jamais vai esquecer no Estadual? Já que a Senhora passou por lá também, me interessa saber...

Dona Dalva: (...) Estudava eu e Darli, minha irmã mais nova, que eu. Mas o que mais me marcou, que eu senti muita falta, foi quando eu resolvi, eu decidi parar de estudar, naquele tempo que a gente passou no exame de admissão e começamos tão bem nas aulas, mas por motivo particular papai e mamãe não queria que parasse, eu achei difícil porque tava contra mão pra mamãe morar aqui, ela já não tava bem de saúde e o papai ficava sozinho na fazenda. (...) ¹⁸⁹

Dona Dalva, destaca a aprovação no exame de admissão como um fator que pesava na decisão ao deixar a escola. Sua elaboração indica que passar pela prova era uma grande conquista entre aqueles que gostariam de prosseguir os estudos. Referindo-se ao Colégio Estadual de Uberlândia, ela constrói um sentido de privilégio, que por sua vez, o relaciona aos exames de admissão. Dona Dalva se lembra que ser aprovado no exame de admissão era um privilégio. Não só ela traz esse elemento em sua narrativa, outros entrevistados também mencionaram as provas que aconteciam como pré-requisito para a obtenção da matrícula. Os exames de admissão eram aplicados aos estudantes que terminavam o primário, oferecido pelos Grupos Escolares (equivalente hoje aos cinco primeiros anos da Educação Básica).

Seu objetivo era selecionar alunos “aptos” a se matricularem no ciclo ginasial, que correspondem hoje do sexto ao nono ano, conseqüentemente, retiravam a oportunidade de estudar daqueles que não mostravam notas satisfatórias. Esses exames adaptavam o número de estudantes às vagas existentes nas escolas públicas, isentando o Estado do compromisso de

¹⁸⁹ Ex-estudante Dona Dalva Martins. Entrevista realizada em 26 de junho de 2013. Dona Dalva é aposentada, tem 63 anos e trabalhou como costureira. Estudou no Colégio Estadual de Uberlândia no início dos anos de 1970, não concluiu seus estudos quando cursava a 5º série.

garantir educação à sociedade de maneira plena. Haja vista ser um instrumento “meritocrático” e aparentemente “justo” de seleção, estava resguardado na Lei 4.024 de 1961, no Artigo 36, onde diz que a matrícula no ciclo Ginásial dependia da aprovação no exame de admissão que avaliava os conteúdos ministrados durante o Primário.

Os entrevistados, ao se referirem aos exames de admissão, levaram-me a buscar a Lei 5.692 de 1971, que previa o fim dessas provas. Dona Cleuza recorda-se dessa ocasião, valorizando o seu próprio desempenho: “(...) Então eu participei do último exame de admissão aí pra variar em português eu tirei em primeiro lugar eu ganhei um jogo da caneta, eu fiz o último e depois parou. Aí depois não existia mais (...)”¹⁹⁰

Com o processo de expansão, que exigia diversas mudanças no sistema educacional, tornou-se necessário o fim dos exames de admissão. A imprensa, no jornal *Correio de Uberlândia*, colocou-se como mais um agente para a instituição das novas medidas educacionais (ao abrir espaço de divulgação para certas informações e oferecer determinadas interpretações para elas), por isso foi possível perceber que o fim dos exames de admissão aconteceu de maneira lenta, por serem profundas e grandes mudanças que iriam gerar na rede de educação pública na cidade. Por exemplo, o prefeito naquele momento, Renato de Freitas, do partido ARENA, em 1973 utilizou aquele periódico para exigir que a lei fosse cumprida, mesmo passado dois anos de sua promulgação:

A Delegacia Regional de Ensino informou que os alunos pertencentes às escolas integradas ou as que obtiveram extensão das séries terão automaticamente asseguradas suas vagas para a quinta série em sua escola, não podendo se inscrever-se em nenhum dos postos. Mas os outros alunos terão que se submeter a um exame de seleção para as quais já estão abertas as inscrições. O prefeito Renato de Freitas falando à nossa reportagem demonstrou a sua insatisfação pelo encaminhamento do problema já que no seu entender esse tipo de exame é completamente ilegal, pois as crianças de 7 a 14 anos terão que ser obrigatoriamente matriculadas para o 1º grau. “(...) Que se abram as matrículas e se verifiquem quantos alunos teremos realmente e o total das vagas a serem preenchidas. Durante 3 anos nenhuma classe foi construída em nossa cidade através do Estado e Município. A Delegacia Regional de Ensino, concluiu o prefeito Renato de Freitas, deverá se informar sobre quantas salas de aulas necessitará para que, num levantamento que poderia ser feito após as férias, eu, na qualidade de prefeito pudesse ir buscar os meios de construí-las com recursos do Estado ou do Município num período de até 2 meses.” Esta é a posição do prefeito em relação ao problema. Sabemos que a verdade tem 2 faces e que as razões da Delegacia Regional de Ensino são também ponderáveis. A falta de um planejamento que deveria ter sido feito há 2 ou 3 anos atrás veio agora explodir em toda a sua rudeza: Temos mais estudantes do que carteiras a oferecer.¹⁹¹

¹⁹⁰ Ex-estudante Cleuza Martins da Silva. Entrevista realizada em 03 de abril de 2015. Ela tem 60 anos é bancária aposentada. Estudou no Colégio Estadual de Uberlândia entre os anos de 1968 a 1975, terminando o 1º grau e o 2º grau na escola.

¹⁹¹ Exames de Seleção devem ser evitados. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia 13 de dezembro de 1973. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Primeira Página.

A Delegacia Regional de Ensino representava a posição do governo de Minas (naquele momento, o governador do estado de Minas Gerais era Rondon Pacheco, do ARENA). A reportagem indica que as escolas públicas não estavam estruturalmente preparadas para receber uma quantidade grande de estudantes. Os exames de admissão foram realizados na cidade até a criação efetiva de um número maior de escolas públicas. Alguns ex-professores da Escola Estadual de Uberlândia se lembram que até meados dos anos de 1980 ainda se aplicavam esse tipo de provas, fato que mostra que o processo de expansão da escola pública foi lento e gerou tensões, ao ponto até mesmo de transgressão da lei.

Mesmo diante do fim paulatino dos exames de admissão, os entrevistados, principalmente aqueles que estiveram como estudantes no Colégio Estadual de Uberlândia, construíram memórias, criando significados sobre esse processo que alimentava expectativas e sonhos de alguns poucos estudantes. Dona Cleuza se recordou também do exame de admissão, assim como Dona Dalva, como um fator determinante em sua vida escolar:

Era como um vestibular pra nós aí a gente comprava um livro grosso a gente tinha que decorar aí a gente fazia prova era de português, matemática e conhecimentos gerais. Aquele básico lá do primário, se não alcançasse a média não tinha a vaga, aí você tinha que procurar outra escola particular.

Janaína: E tinha muitos que não passavam?

Cleuza: Isso aí eu não sei porque eu morava com as minhas tias, aí muito da roça não sei... aí não participava muito dessas informação não... Eu sabia aquilo que era relacionado comigo mesmo. E eu pra estudar escondia lá na casa da minha tia debaixo de uma cama pra não me achar... (risos) Eu tinha que passar, porque se não o que eu ia fazer? Voltar pra roça sem condição, eu era obrigada a passar no exame de admissão custe o que custar custe o que custar...

Janaína: Se você não passasse você tinha que voltar pra roça?

Cleuza: Eu ia tentar correr atrás de bolsa, não conseguia às vezes... Era difícil, era desse jeito...¹⁹²

Pensar no exame de admissão por meio das narrativas de Dona Cleuza e Dona Dalva significa relacioná-lo à pressão vivida pelos estudantes frente a seus sonhos e vontades de continuar os estudos. Dona Cleuza não se lembra de haver muitos estudantes reprovados no exame de admissão, mas diz: “era como um vestibular pra nós”. É uma comparação utilizada para mostrar que se tratava de algo difícil, desgastante e competitivo para um estudante; um marco na vida de cada um.

Filha de trabalhadores, a situação de Dona Cleuza tornava-se ainda mais tensa por significar uma possibilidade de mudança definitiva e radical em sua vida, pois deveria voltar

¹⁹² Ex-estudante Dona Cleuza Martins da Silva. Entrevista realizada em 03 de abril de 2015. Dona Cleuza foi estudante do Colégio Estadual de Uberlândia, cursando da 5ª série até o 3º colegial. Ela tem 60 anos e é uma bancária aposentada.

para junto dos seus pais na roça, onde dizia não existir escola para ela, ou então conseguir uma bolsa em uma escola particular da cidade, o que parecia ser algo incerto. A aprovação no exame de admissão foi um elemento definidor na vida de Dona Cleuza, assim como deve ter sido nas trajetórias de muitos outros estudantes.

O fim dos exames de admissão, no entanto, não foi uma medida tomada pelas autoridades visando exatamente uma maior justiça social. Junto a sua extinção acontecia uma reorganização nas escolas públicas brasileiras. Para isso foi promulgada pela Ditadura Militar a Lei 5.692 de 1971, composta com mais de 80 artigos, nos quais apenas alguns interessam essa discussão:

Art.1: O Ensino de 1º e 2º Graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de autorealização, qualificação para o trabalho e preparo o exercício da cidadania.

Art.4: Os currículos de ensino de 1º e 2º graus terão um núcleo comum, obrigatório em âmbito nacional, e uma parte diversificada para atender, conforme as necessidades e possibilidades concretas, as peculiaridades locais, e aos planos dos estabelecimentos e às diferenças individuais dos alunos.

§ 1º-A preparação para o trabalho, como elemento de formação integral do aluno, será obrigatória no ensino de 1º e 2º graus e constará nos planos curriculares dos estabelecimentos de ensino.

§ 2º - À preparação para o trabalho, no ensino de 2º grau, poderá ensejar habilitação profissional, a critério do estabelecimento de ensino.

Art. 20: O Ensino de 1º grau será obrigatório dos 7 aos 14 anos, cabendo aos municípios promover, anualmente, o levantamento da população que alcance a idade escolar e proceder a sua chamada para matrícula.¹⁹³

O governo ditatorial, através do Ministério da Educação e Cultura, fez um acordo com a *United States Agency for International Development* (USAID), que por meio de uma comissão gerenciou mudanças profundas em todos os níveis educacionais do Brasil. Os acordos previam formação de comissões que ofereciam treinamentos a órgãos e pessoas para a promoção do “desenvolvimento” da educação brasileira, que no caso do ensino de 1º e 2º graus, focalizava a formação para o trabalho.¹⁹⁴

O objetivo que merece destaque aqui é a relação que estava sendo construída entre escola e formação para o trabalho, o que era uma novidade através da promulgação dessa lei. A legislação anterior, Lei 4.026 de 1961, não faz menção à preparação para o trabalho no sistema oficial de escolas públicas.¹⁹⁵

¹⁹³ Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971. Informações retiradas: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm acesso em 09/12/ 2015.

¹⁹⁴ Maiores detalhes sobre os acordos ver as seguintes referências: ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil** (1930/1973). 40ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes. 2014. E também: GERMANO, José Willington. **O Estado Militar e Educação no Brasil (1964-1985)**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

¹⁹⁵ Maiores detalhes ver: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L4024.htm. Acesso em 10/10/2015. Se formos procurar mais sobre a questão da formação para o trabalho no Brasil, vamos encontrar as escolas Serviço

Os artigos citados apontam ainda outra novidade em termos de políticas públicas na educação: o ponto sobre a obrigatoriedade escolar dos 7 aos 14 anos. Ao encarregar a escola pública de uma formação para o trabalho, tornando-a obrigatória, o exame de admissão passava a ser um obstáculo dentro dos objetivos instituídos à instituição escolar pelo governo da Ditadura Militar.

Na forma como estavam sendo reorganizadas as escolas públicas, não fazia sentido selecionar e excluir seus estudantes. Era necessário expandir suas funções, de modo a alcançar seus objetivos, novamente, preparar para o trabalho. Dentro das análises de Otaíza Rommanelli, essa política pública tinha ainda a intenção de eliminar certa pressão por mais vagas no ensino superior, pois com a possibilidade de cursos profissionalizantes ainda no ensino de 2º grau um número grande de estudantes poderiam já partir para alguma atividade profissional.¹⁹⁶

É importante destacar que o governo, através do Conselho Federal de Educação, apresentou às instituições escolares do país uma lista de 130 tipos de habilitações dos quais fixou um conteúdo mínimo obrigatório. De acordo com as condições de cada escola de 2º grau, deveriam ser acrescentadas as matérias das habilitações oferecidas, conforme a Lei 5.692 de 1972.¹⁹⁷

Passava-se também a indicar as matérias, seus objetivos e conteúdos, dos núcleos comuns. De 1º a 5º séries eram indicadas as seguintes disciplinas: Comunicação e Expressão, Integração Social e Iniciação às Ciências, Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde. De 6º a 8º séries eram: Língua Portuguesa, Estudos Sociais, Matemática, Ciências, Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde. No 2º grau eram: Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, História,

Nacional de Aprendizagem - SENAI e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC a primeira foi criada por volta de 1942, e a segunda somente em 1946. Com a finalidade de um funcionamento em paralelo ao sistema oficial de ensino, elas ofereciam cursos para a formação para o trabalho. Seus recursos eram providos das Confederações das Indústrias e do Comércio. Informações em: ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil** (1930/1973). 40ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes. 2014. p. 171 a 173.

¹⁹⁶ ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil** (1930/1973). 40ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes. 2014. p. 244.

¹⁹⁷ Na cidade de Uberlândia existe ainda a Escola Estadual Américo Renê Giannetti, que ficou por alguns anos conhecida como “Escola Vocacional”. Durante a ditadura militar oferecia ensino técnico-profissionalizante com os seguintes cursos: Eletrônica, Eletrotécnica, Mecânica, Edificações, Economia doméstica e Secretariado. Em 1982, o governo federal retirou a obrigatoriedade da oferta desse tipo de ensino e a partir de 1990 a escola passou a oferecer o ensino regular. Informações retiradas da seguinte referência bibliográfica: SOUZA, Luciene Maria de. **Entre o ideal e o real: a construção do pensamento empresarial uberlandense e seus projetos educacionais para a formação dos trabalhadores**. .225f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia. 2012. Uberlândia

Geografia, Organização Social e Política Brasileira, Matemática, Ciências Físicas e Biológicas.¹⁹⁸

Em um dos regimentos pesquisados da Escola Estadual de Uberlândia consta que foram oferecidas dentro dessa formação técnica as habilitações de Auxiliar de Laboratórios de Análises Clínicas e Desenhista de Decoração. Este último curso foi fechado em 1977, segundo justificativas do Regimento porque não havia perspectiva de mercado de trabalho; o primeiro foi extinto em 1984.¹⁹⁹

Os exames de admissão, que eram anteriormente regulamentados pela Lei 4.024 de 1961, foram eliminados devido à união entre o antigo primário e o curso ginásial, que acabaram, juntos, por se tornar o chamado 1º Grau. A sua obrigatoriedade eliminou – pelo menos legalmente – a necessidade da prova seletiva, que tanto marcou as memórias dos ex-estudantes entrevistados.

A nosso ver, as políticas públicas de 1971 aparentam até certo ponto serem positivas por abolirem os exames de seleção, contudo quando analisamos o projeto político, torna-se possível compreender a dimensão de deformidade, face um anseio democrático e de maior igualdade social, que as escolas públicas estavam assumindo. Tratava-se de uma reorganização que as tornavam primariamente oficinas de formação para o trabalho.²⁰⁰

Quando analisamos o campo das legislações em uma relação com as vivências dos sujeitos, passamos a compreender as marcas que ela pode deixar na vida das pessoas, como apontou Dona Dalva. A ex-estudante Rogéria também se refere aos exames de admissão como um fator definidor dos estudos de qualquer estudante pertencente à população trabalhadora na cidade de Uberlândia por volta dos anos 1970.

(...) de primeira a quarta eu fiz lá no Clarimundo Carneiro e depois eu fiz exame de admissão. Nesse exame de admissão, você tinha que fazê, na minha época você tinha que fazer... Você não saía assim da quarta série primária aí ia pra quinta não! Você fazia exame, eu acho também que é

¹⁹⁸ Essas informações e citações estão presentes em: ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil** (1930/1973). 40ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes. 2014. p. 246- 250.

¹⁹⁹ Escola Estadual de Uberlândia. Regimento Interno. Uberlândia, ano 1985. Acervo da Escola Estadual de Uberlândia.

²⁰⁰ Sobre o Ensino do 1º Grau e as políticas públicas da Lei 5.692 de 1971, os autores Cunha e Góes pesquisaram os números do Governo Militar chegam à conclusão que os números de matrículas no 1º grau maquiavam de maneira a realidade, pelo fato da grande maioria dos estudantes estarem cursando as suas primeiras séries (1º a 4º Séries), o antigo primário, o que aumentava de maneira exorbitante o número de estudantes cursando o 1º grau, quando a ele correspondiam até a 8º série. Através de alguns números analisados criticamente, os autores entendem que as séries faziam cortes profundos, sendo o 2º grau altamente seletivo. “(...) 22,7 milhões de alunos do 1º grau, a grande maioria (16,1 milhões) está nas quatro primeiras séries, ou seja, no antigo primário. Depois de oito anos de determinada, por lei, a duplicação da escolaridade obrigatória, apenas 6,6 milhões de alunos frequentam o segmento do 1º grau (5º a 8º série) o antigo ginásio.”. Mais informações ver: CUNHA, Luiz Antônio; GÓES, Moacyr. **O golpe na educação**. Rio de Janeiro. Ed. Zahar. 1985. p. 61.

por causa de vaga também... as escolas eram muito cheias... Você tinha que fazer e você tinha que passar, se você tinha que ser bem classificado, porque se não você não tinha vaga não. Aí eu fui pro Museu. Eu me lembro ainda que o Museu era uma escola assim muito tradicional, todo mundo gostava, todo mundo queria estudar no Museu (...)²⁰¹

O estudante que quisesse continuar seus estudos para além da quarta série primária dependia da aprovação nesse exame de admissão, que os entrevistados tão bem se lembram. A relação constituída ao estudar no Colégio Estadual de Uberlândia ganhou um sentido de privilégio devido à exclusão que esse tipo de prova realizava entre estudantes. A memória de Dona Rogéria, assim como a de Dona Cleuza, relaciona os exames de admissão no Colégio Estadual de Uberlândia a uma tensão que os estudantes e suas famílias viviam entre o ser aprovado ou não.

Dona Rogéria, após quase trinta anos como professora em escolas públicas da cidade, ajuda-nos a refletir que o processo de expansão caminhou ao lado de outro processo conflituoso, que foi o da educação e da escola pública como direitos sociais. Em sua narrativa ela destaca “(...) Você não saía assim da quarta série primária aí ia pra quinta não! (...)”²⁰². Não havia garantias de direitos e em sua memória, ao se remeter a existência dos exames de admissão, valoriza as possibilidades de estudo que vivem os estudantes das gerações posteriores, dos quais ela foi professora.

As narrativas de Dona Rogéria, Dona Dalva e Dona Cleuza remetem-se às mudanças vividas pelos estudantes naquele período. É significativo lembrar-se da participação do último exame de admissão equiparando-o ao vestibular.

Podemos perceber que esse exame tinha a função de regular o direito a uma vaga na escola para aqueles que já eram “bons alunos”. Isso mesmo ainda após reforma da lei 5.692 de 1971, pois o exame, naquele momento, era usado diretamente com o propósito de selecionar alguns entre muitos para ocuparem as vagas.²⁰³ Essa forma de acesso à escola acabava por “solucionar” o problema de falta de vagas, direcionando a responsabilidade da

²⁰¹ Ex-estudante Rogéria de Fátima Silva. Entrevista realizada no dia 07 de abril de 2015. Ela tem 54 anos é professora de matemática da rede pública estadual aposentada. Foi estudante no Colégio Estadual de Uberlândia de 1971 a 1972. De 1972 a 1976, estudou na Escola Estadual Bueno Brandão, quando o Colégio Estadual de Uberlândia passou por uma grande reforma e precisou realocar suas turmas em outros prédios escolares da cidade. Em 1975 e 1976, estudou em turmas anexas instaladas na Escola Estadual Ângela Teixeira. E em 1977 voltou a fazer o terceiro ano do 2º grau no Colégio Estadual de Uberlândia.

²⁰² Ex-estudante Rogéria de Fátima Silva. Entrevista realizada no dia 07 de abril de 2015. Ela tem 54 anos e é professora da rede pública estadual aposentada.

²⁰³ A o acompanhar as reportagens pelo Jornal Correio de Uberlândia pude perceber que o exame de seleção continuou por alguns anos na cidade, só que mais direcionado para as vagas em escolas que ofereciam o 2º grau. Essa prática contava com a proteção de uma portaria da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, como consta na seguinte reportagem: 350 alunos fizeram seleção no Estadual José Ignácio. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia 26/27 de janeiro de 1974. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

não continuidade dos estudos sobre o estudante que não conseguia ser aprovado no exame de admissão.

Pensar essa questão significa aprofundar-nos no processo de expansão idealizado pelos militares, mas aproximando da realidade vivida pelos estudantes-trabalhadores em um processo mais amplo. É um problema que se relaciona às vagas nas escolas públicas que estavam sendo construídas na cidade e à memória que exaltava o bom ensino, as aprovações em vestibulares, ou, a “excelência” do então Colégio Estadual de Uberlândia.

O jornal *Correio de Uberlândia* destinou várias reportagens ao tema das vagas nas escolas públicas na cidade, citando e mostrando aos seus leitores as novas escolas construídas e apontando locais onde os estudantes poderiam conseguir matrículas, principalmente para a 5º série.

A conquista de matrículas na 5º série, vem obrigando a Delegacia Regional de Ensino a realizar um trabalho racional capaz de reunir condições de atender aos interessados. O exame seletivo foi o ponto de partida para que cerca de 1.700 vagas viessem a ser abertas no Colégio Estadual de Uberlândia. A repartição em conjunto com a direção do tradicional estabelecimento de ensino vem matriculando os classificados e vai procurando ainda conquistar outras vagas. (...) No Colégio Estadual foram matriculados alunos no Curso Normal porque existiam vagas (...) a um máximo de empenho da Delegacia Regional de Ensino de criar classes de 5º série nos grupos escolares Joaquim Saraiva, Dr. Duarte e Ignácio Paes Leme.(...) ²⁰⁴

O órgão de imprensa expõe informações nesse processo com a intenção declarada de esclarecer os fatos na cidade em torno da intensa procura por matrículas no Colégio Estadual de Uberlândia. Na tentativa de controlar a situação da falta de vagas, realizava-se o exame seletivo, o que era proibido conforme a legislação de 1971.

Podemos notar que existia uma procura sobre a escola – ainda referenciada como Colégio Estadual de Uberlândia, o “tradicional estabelecimento de ensino”. Nesse caso, considerado a referência em relação às novas instituições que estavam sendo construídas, ou as que estavam simplesmente criando novas séries do 1º grau.

Esse destaque nas notícias é reforçado quando o mesmo jornal, um mês depois, traz a seguinte reportagem:

A Delegacia Regional de Ensino está informando aos senhores pais e estudantes que ainda existem vagas nos diversos novos anexos. Aqueles que ainda desejam estudar neste ano letivo de 1973 poderão procurar as seguintes unidades escolares, no período noturno: Grupos Escolares Afonso Arinos, Joaquim Saraiva, Amador Naves, Ederlino Lannes Bernardes, Distrito Industrial e Polivalente. ²⁰⁵

²⁰⁴ Ensino local luta para oferecer mais vagas. **Jornal Correio de Uberlândia**. 15 de fevereiro de 1973. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. 1º Página.

²⁰⁵ Vagas nos novos anexos. **Jornal Correio de Uberlândia**. 17 de março de 1973. Arquivo Público Municipal.

Além de um agente a serviço da reorganização implementada pela ditadura militar na cidade, o jornal, por meio dessas reportagens, nos possibilita inferir que o Colégio Estadual de Uberlândia não tinha vagas suficientes. Tal fato é um indício que essa escola pública era preferida das pessoas frente àquelas citadas, que ainda disponibilizavam vagas. Ao nosso ver, há um fator que indica a existência de um sentido de passado em que ela referencia-se como a escola que oferecia o melhor ensino. Trata-se do que chamamos aqui “memória de excelência” sobre o Colégio, que estava relacionada ao processo de expansão.

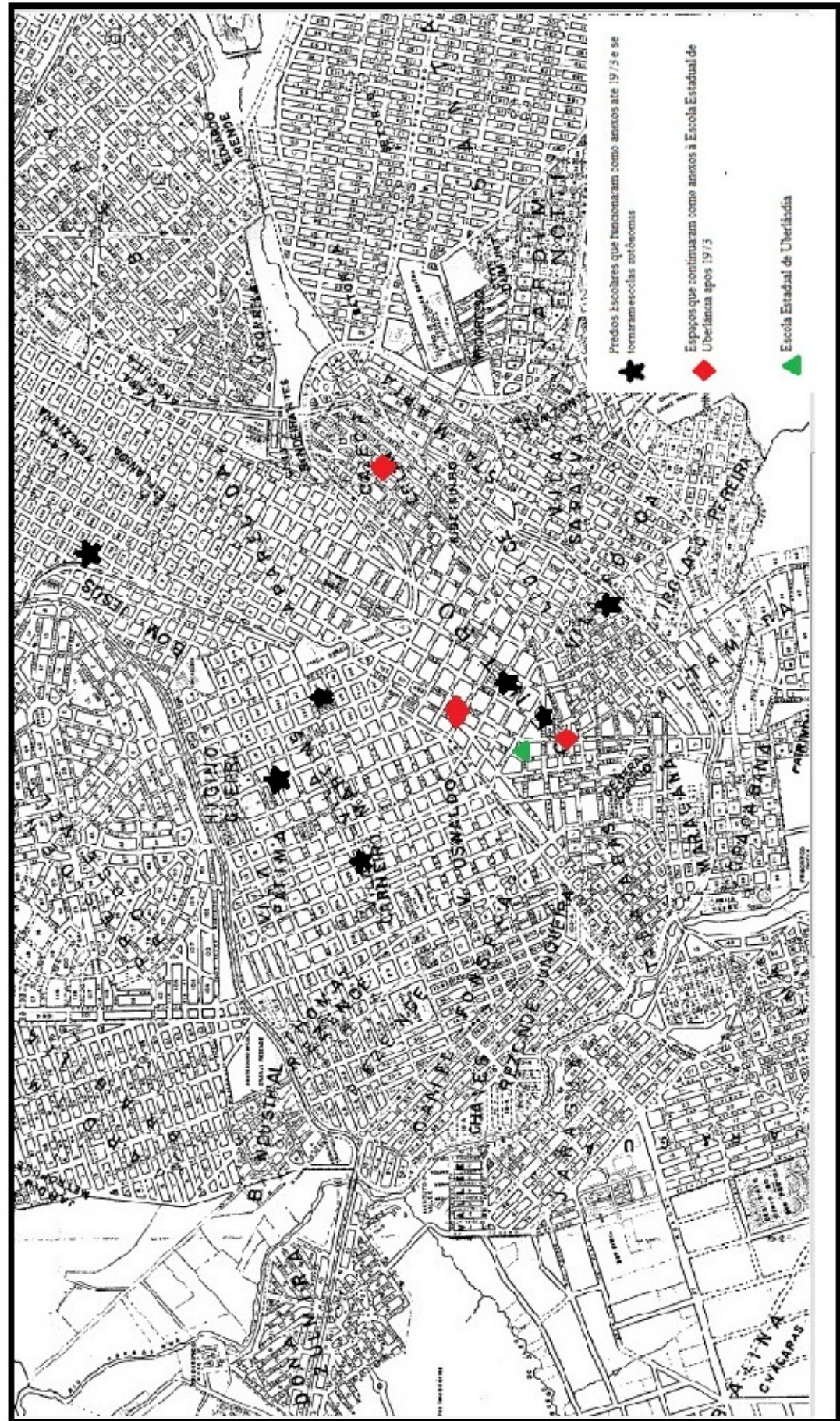
No princípio da expansão da rede as novas instituições escolares ganharam a denominação de “anexos”. Sob o nome do Colégio Estadual de Uberlândia se criaram classes e escolas em outros espaços escolares da cidade.

Em um regimento interno da Escola Estadual de Uberlândia, que compõe o acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia, consta que escola tinha, no ano de 1972, o total de 5.990 alunos e quatro prédios como anexos. Esses mantêm suas atividades escolares na cidade ainda hoje, mas como instituições independentes da Escola Estadual de Uberlândia: Escola Estadual de Antônio Luis Bastos, E. E. Inácio Paes Lemes, E. E. Treze de Maio e E. E. Honório Guimarães.

Além de prédios em si, o Colégio Estadual de Uberlândia mantinha turmas anexas nos Grupos Escolares Clarimundo Carneiro e Dr. Duarte. No ano citado, funcionava também como anexo o recém-construído Instituto de Educação, em atividade no prédio da atual Escola Estadual Bueno Brandão, localizado na Praça Tubal Vilela. O Colégio ainda mantinha outro anexo com 12 salas, localizado a dois quarteirões da escola, com o total de 12 salas de aulas.²⁰⁶

Podemos visualizar a localização dos anexos na planta da cidade abaixo:

²⁰⁶ Escola Estadual de Uberlândia. Regimento Interno. Uberlândia, ano 1985. Acervo da Escola Estadual de Uberlândia.



Essas novas escolas ganharam a denominação de anexos ao Colégio Estadual de Uberlândia nos anos de 1972 e 1973. O significado dessa medida pode ter tido questões meramente burocráticas, contudo pode haver o sentido daquelas turmas e prédios escolares ligarem-se àquele Colégio e carregarem, de alguma forma, a sua referência de escola de qualidade em meio ao processo de expansão da rede pública estadual de ensino.

Antes do período mencionado, primeiras turmas anexas ao “Estadual” surgiram durante os anos de 1960. É um indício de que um grande número de pessoas já procurava o Colégio Estadual de Uberlândia, mas suas vagas eram insuficientes. Através da reportagem abaixo, podemos inferir que essa procura era, com destaque, realizada por trabalhadores.

O crescimento da população escolar de Uberlândia teve sua solução nos grupos escolares que atualmente e atingem a solicitação de matrículas”, disse-nos o prof. Osvaldo Vieira Gonçalves, Reitor do Colégio Estadual de Uberlândia em uma entrevista. E prossegue Sr. Osvaldo “ O ensino secundário não tem acompanhado o crescimento da cidade, já que uma população de 90 mil habitantes. (...) A demanda de matrícula não atende as necessidades, não consegue localizar os alunos nas poucas vagas existentes. Basta citar aqui o nosso Colégio. Somente este ano recebemos 820 inscrições para os exames de admissão no momento em que constatamos ser vultoso o número de adolescentes que trabalha e necessitam estudar à noite.” Conclui o entrevistado. O diretor do Colégio com vistas voltadas para a solução do problema da falta de vagas não só em seu colégio, mas também nas particulares procurou o deputado Rondon Pacheco, expondo-lhe o que fez em Belo Horizonte quando o Governador Magalhães Pinto instituiu 8 anexos ao Colégio Mineiro, daquela capital. Houve a promoção de meios para a criação de anexos ao C.E.U – Colégio Estadual de Uberlândia – neste mesmo ano. Com a abertura das classes anexas, disse-nos nosso entrevistado, poderemos matricular mais 200 alunos. Uma delas funcionará no Grupo Clarimundo Carneiro na av. Fernando Vilela. E o outro no Grupo Dr. Duarte na av. Vasconcelos Costa. Primeiras e segundas séries entrarão com atividades imediatas quando o estudante for promovido para a terceira série, virá estudar aqui incorporando-se, desta maneira, aos demais alunos do Colégio. Os dois anexos ao Colégio com professores daqui e respeitadas todas as normas que regem este estabelecimento sob minha direção. E terão outra vantagem: evitarão ao aluno uma caminhada longa se ele reside nas proximidades de um dos grupos. Entende-se que as classes anexas funcionarão a noite, para atender, conforme frisei antes a extraordinária procura pelos estudantes que trabalham todo o dia.(...) ²⁰⁷

As aulas, ocorridas no turno da noite, e a localidade das escolas indicam que esses estudantes eram trabalhadores que estavam a procurar o Colégio em busca de estudos, de uma forma aparentemente nunca vista, conforme as colocações do então seu Reitor, Osvaldo Vieira Gonçalves. Um elemento ainda interessante nessa reportagem é que os melhores entre os novos estudantes teriam uma espécie de prêmio, que era “incorporar-se” como estudante ao Colégio Estadual de Uberlândia. Esse fato nos faz refletir: o estudante do anexo já não fazia

²⁰⁷ “Estadual” cria duas classes anexas. **Jornal Correio de Uberlândia**. 24 de fevereiro de 1963. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

parte do Colégio Estadual de Uberlândia? É uma questão ambígua, pois o “prêmio” da incorporação ao prédio central nos leva a entender que não.

A reportagem foi realizada com intuito principal de apontar o empenho e realizações de autoridades políticas da cidade que estavam em instâncias do poder estadual. Entretanto, para nosso interesse específico importa pensar a procura de matrículas no Colégio Estadual de Uberlândia e a necessidade de se imprimir o sentido de pertencimento das classes anexas ao Colégio Estadual de Uberlândia. As mesmas regras, diretor e professores são elementos que caracterizariam os anexos, independente de suas localizações do espaço. Criaram-se os anexos na cidade oficialmente como se fossem a mesma instituição.

Contudo, a narrativa da professora de Língua Portuguesa aposentada Sônia Guimarães expressa que essas classes anexas não guardavam tantas semelhanças ao “Estadual”. Dona Sônia tornou-se professora do Colégio Estadual de Uberlândia exatamente nessas primeiras classes anexas e seus estudantes marcaram sua memória:

Sônia: Foi assim, o Sr. Vadico ele trabalhava com língua portuguesa (...) Então ele era nosso professor nessa área e como haveria essa expansão na escola... Era, era meu professor lá no Colégio das Irmãs. Aí como haveria essa expansão da escola, os antigos os catedráticos não iam sair pra ir lá no grupo a noite. Pra você imaginar eu tinha o quê?! Eu tinha 19 anos, não sei se tinha algum aluno da minha idade, todo mundo era casado gente muito mais velha que eu, era desse jeito, mas fui eu queria ir, tinha feito a escolha pra ficar no magistério aí eu fui. A minha mãe tava preocupada quando eu falava que os alunos eram mais velhos que eu, sabe por que eu acho que ela ficava preocupada?! Se eu não ia arranjar algum namorado lá, ah era isso! E era também complicado ônibus em Uberlândia era muito difícil, não tinha ônibus toda hora, eu morava numa praça onde passava os ônibus. Eu me lembro que eu e Marli lá, a Darli e uma outra, éramos duas que fomos pra lá e outras duas que foram pra o Clarimundo Carneiro. (...) Então a gente ia a pé não tinha perigo, mas a minha mãe ficava preocupada com aquele negócio de lecionar a noite, ela perguntava como são esse meninos? Ela falava: “Não são meninos né?!”

Janaína: Eram adultos?

Sônia: É. Aí tinha um monte de gente casados com filhos porque aquilo foi uma expansão e depois no ano seguinte teve uma expansão diurna no anexo, ali perto do Correio da av. Getúlio Vargas, muitos alunos novatos também ficava ali na Duque de Caxias, hoje é o que alguma coisa ligada a saúde? Eu lembro que falava assim “anexo do correio” funcionava durante o dia. Mas por quê que nós não fomos parar lá? Porque depois que a gente ficou 2 anos lá a noite, essas salas foram extintas e criou-se as do correio e aí a gente já veio pro Museu, quem tava entrando entrou no anexo do correio e nós já éramos veteranos de 2 anos e viemos pro Museu, aí que eu passei a trabalhar no Museu.²⁰⁸

²⁰⁸ Professora aposentada Sônia Maria Guimarães de Oliveira. Entrevista realizada no dia 05 de novembro de 2013. Ela tem 72 anos e trabalhava com Língua Portuguesa. A professora Sônia estudou no Colégio Nossa Senhora, o “Colégio das Irmãs”, fez magistério nessa mesma instituição. Trabalhou em dois cargos na Escola Estadual de Uberlândia de 1963 até o ano de 1992, quando se aposentou. Depois trabalhou até o ano 2010 em diferentes escolas particulares na cidade. Ela ainda trabalha com aulas particulares de Língua Portuguesa em sua residência.

Os anexos constituíam-se em escolas com nítidas diferenças em relação à sede do Colégio Estadual de Uberlândia; diferenças não esperadas pela professora Sônia. Ser uma expansão, um anexo, em sua memória significou relacionar a estudantes mais velhos, casados e com filhos, ou seja, trabalhadores que procuravam realizar a vontade de estudar, ainda nos anos de 1960. Isso nos leva a entender que havia uma realidade totalmente diferente no interior do Colégio Estadual de Uberlândia. Relacionamos expansão, conforme a memória da professora, às condições de vida dos trabalhadores.

Por meio dessas evidências, é possível perceber que mesmo antes das políticas públicas ditatoriais no campo da educação, os estudantes-trabalhadores procuravam o Colégio Estadual de Uberlândia em um número maior que as vagas oferecidas. Para uma resolução parcial dessa situação criaram-se as turmas anexas ao Colégio, em um sentido ambíguo de pertencer, e ao mesmo tempo não, àquela escola pública da cidade.

Os anexos do Colégio Estadual de Uberlândia existiram até o ano de 1973. Naquele momento, conforme os avisos da imprensa, não aconteciam mais o preenchimento de todas as suas vagas. Passaram a ser comuns as matérias jornalísticas indicando às pessoas os locais a se procurar vagas, em uma possível tentativa de conter uma movimentação na sede do Colégio em buscas de matrículas. O prédio central do Colégio Estadual de Uberlândia encontrava-se em uma realidade diferente, onde nenhuma evidência expressa a existência de vagas ociosas.

A direção do Colégio Estadual de Uberlândia informou que não há vagas tanto para o curso ginásial como para o colegial porque a lotação se esgotou com a capacidade de matrícula no estabelecimento, fixada em 640 alunos preenchida pela aprovação nos exames de admissão no colégio central. No fim do mês serão abertas as inscrições de admissão para os anexos que funcionaram nos bairros da cidade. (...) ²⁰⁹

É perceptível o papel da imprensa de auxílio na dinâmica de procura de matrículas em escolas da cidade. Essa nota no jornal *Correio de Uberlândia* de 1971 destaca a existência de vagas ainda nas classes anexas, o que indica que as pessoas não precisavam procurar o Colégio no centro, pois ele estaria muito próximo na forma de seus anexos. As pessoas mostravam ter preferência em estarem enquanto estudantes no prédio principal, mostrando que a existência dos anexos não significava estar plenamente no Colégio Estadual de Uberlândia.

²⁰⁹ Estadual está sem vagas: anexos não. **Jornal Correio de Uberlândia**. 08 de janeiro de 1971. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

A criação das primeiras classes anexas, em 1963, nas quais Dona Sônia foi professora, ligou-se a uma considerável procura do Colégio Estadual de Uberlândia. Essa medida auxiliou o início do processo de expansão da escola pública dirigida pelos militares na cidade, contribuindo para a materialização e construção de outras instituições escolares, como eram previstas no projeto de expansão das escolas públicas no país.²¹⁰

O número de anexos cresceu entre os anos de 1971, 1972 e 1973. A narrativa do professor de matemática Sandoval Martins revela uma relação entre o prédio central do Colégio e seus anexos, indicando que tanto estudantes quanto seus professores mostravam preferências onde estudar e trabalhar.

Janaína: Quando é que o senhor se lembra desses anexos daqui do colégio?

Sandoval: Pra cima do correio ali tinha um. Ali era um anexo. Às vezes sobrava aluno mandava pra lá os professores eram os mesmos.

Janaína: Eram os mesmos, mais em algum momento eles vinham estudar aqui no prédio nesse prédio?

Sandoval: Não dos anexos era tudo do anexo pronto acabou.

Janaína: Ah mais será que eles não tinham vontade de estudar nesse prédio?

Sandoval: Sim, sim inclusive teve época que fazia classificação por nota pra onde é que o aluno ia. Lógico, fazia uma classificação das notas você foi... Foi classificado pra essa turma do museu, você foi classificado pro anexo tal então...

Janaína: Nossa existia isso então? Olha só, então aqui estudavam os melhores alunos?

Sandoval: A elite mesmo. A elite mesmo!

Janaína: Ai quem tirou notinha menor ficava lá no anexo?

Sandoval: É isso ai foi quando eu dava aula não era mais aluno. É que nem eu falei no início as salas são poucas, as turmas eram quantidades mínimas pra Uberlândia então eles criaram essa situação de anexo.

Janaína: Essa situação de anexo, então aluno morria de vontade de vim pra cá então?

Sandoval: Lógico, lógico, lógico inclusive os professores.

Janaína: Os professores também?

Sandoval: Às vezes tinha professores lá que não davam aulas aqui, e professores aqui que não davam aula lá. De jeito nenhum, eu fui um que não dei uma aula lá.

Janaína: Tinha os professores privilegiados então?

²¹⁰ A partir de reportagens da imprensa que destacavam a expansão das escolas públicas nos anos de 1970 e de uma correspondência enviada a Câmara Municipal de Uberlândia pode-se constatar que no ano de 1975 havia na cidade 34 escolas públicas, destas apenas duas ofereciam o ensino de 2º grau. Duas delas, a Escola Estadual de Uberlândia e a Escola Estadual José Ignácio de Souza, que fica no bairro Brasil. Podemos inferir que em 1975 havia-se quase completamente concluído o projeto da ditadura militar de expansão da rede pública na cidade de Uberlândia. As duas escolas que ofereciam o ensino de 2º grau puderam por meio de um decreto estadual realizar exames de admissão para aqueles estudantes que haviam terminado a 8ª série e se interessavam em continuar os estudos. Uberlândia um dos maiores centros educacionais do Brasil. **Jornal Correio de Uberlândia**. 23 de novembro de 1975. 350 alunos fizeram seleção no Estadual José Ignácio. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia 26/27 de janeiro de 1974. Arquivo Público Municipal. Delegacia Regional de Ensino. Relação de Escolas de 1º grau e 2º grau na cidade de Uberlândia/MG. **Correspondência enviada a Câmara Municipal de Uberlândia**. Ano 1978. Fundo da Câmara Municipal de Uberlândia. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Sandoval: Existia o problema da classificação como tem hoje é então de acordo com a classificação de tempo esses tem se podia escolher onde é que você queria trabalhar. Ai chegava minha vez eu pegava ou... Não queria outra coisa.²¹¹

Sr. Sandoval evidencia uma tensa relação entre os anexos e o prédio do Colégio apresentando sinais de que estudantes preferiam estudar no Central, assim como os próprios professores. O prédio do Colégio Estadual de Uberlândia possui uma importante ligação no espaço público para aquela memória. Para os sujeitos envolvidos, trabalhar e estudar nesse lugar específico ganhava significados diferentes do que nos anexos.

Devido à preferência de estudantes e professores ao prédio central do Colégio tornavam-se necessárias medidas de seleção. Sr Sandoval, assim como a professora Sônia, lembra que professores com maior tempo de serviço público optavam por estar no prédio principal, o que nos leva a entender que havia um sentido diferente estar nesse local, não nos seus anexos. Um sentimento de distinção de diversas formas, que os anexos não imprimiam sobre os sujeitos que estavam ali a estudar e trabalhar.

A ex-estudante Dona Cleuza, que esteve exatamente nesse período na instituição, demonstra que estar no anexo não era algo que a agradava enquanto estudante:

Cleuza: Turno da noite era assim esforçava pra ficar bem atento nas aulas e tinha uns tinha dia que tava pingando de sono... Chegava assim depois do recreio... Porque a gente saía 10:30 ou 10:45 alguma coisa assim era puxado....Eu to lembrando mais é do 2º ano que foi mais puxado, teve uma época que a gente saiu ali do Museu e veio ali pro anexo ali onde é o Correio enquanto reformava umas salas, aí eles aumentaram umas salas lá pro fundo, aí depois nos voltamos, algum tempo ali eu não lembro quanto tempo...

Janaína: Aí você disse que não gostava do anexo?

Cleuza: O anexo era ruim era apertadinho... Não gostava não... E na época eu fiquei meio triste por que é só até o ginásio, no colegial, o aluno tem que sair daqui. Tinha que ir pro Messias não sei... Tinha que ir pra outras escolas.²¹²

A narrativa de Cleuza expressa que para se sentir estudante do Colégio Estadual de Uberlândia precisava-se estar no prédio da escola e não em turmas funcionando em outros espaços. Esse sentimento permite-nos entender que a estrutura física da instituição era um fator importante dentro das relações entre o “ser estudante” do Colégio Estadual de Uberlândia naquele momento. Não bastava estudar sob a nomenclatura do Colégio, precisava-

²¹¹ Professor aposentado Sandoval Martins da Silva. Entrevista realizada em janeiro de 2014. Ele tem 73 anos trabalhava com Matemática. Desde 1969 começou a trabalhar como professor no Colégio Estadual de Uberlândia, deixando-o em 1976 para dedicar-se exclusivamente a Universidade Federal de Uberlândia, onde se aposentou em 1992. Após a sua aposentadoria continuou a trabalhar como professor na rede particular da cidade, em turmas de ensino médio e fundamental.

²¹² Ex-estudante Cleuza Martins da Silva. Entrevista realizada em 03 de abril de 2015. Ela tem 60 anos é bancária aposentada. Estudou no Colégio Estadual de Uberlândia entre os anos de 1968 a 1975, terminando o 1º grau e o 2º grau na escola

se estar em sua sede. Estar em outro espaço social que não fosse o prédio central do Colégio, ativava em suas memórias a reflexão sobre os processos vividos de diferenciação social.

A professora aposentada de matemática Marlene Dalti entende que a principal motivação para os professores e alunos desejarem estar no prédio central era o “status”: “Não, é claro que eles preferiam a Escola! Status! É a questão do status! Status sempre existiu! Quando eles estavam lá no Museu, Nossa Senhora! Aí quando eles vieram pra cá eles já ficaram meio.... ‘Ai eu falei: gente acalma!’ (...)”²¹³

As narrativas de Dona Marlene e Sr. Sandoval colocam que não só os alunos, mas mesmos os professores preferiam estar no prédio central. Ser professor há mais tempo na instituição permitia escolhas – aos novatos restavam os anexos. Estar como professor ou estudante do anexo produzia sentidos contraditórios, pois, em termos de legislação, estavam oficialmente ligados ao Colégio Estadual de Uberlândia, mas ao mesmo tempo não, por não estarem no prédio central.

As memórias construídas em torno dos anexos do Colégio Estadual de Uberlândia estão relacionadas à falta de vagas no prédio central situado a Praça Adolfo Fonseca. A narrativa da professora de matemática aposentada Marlene Dalti reforça que não haviam vagas ociosas.

Janaína: Aí lá no Estadual normalmente quem não conseguia vaga era porque, era quem não passava nos exames de admissão, ou não tinha vaga mesmo...?

Marlene: Às vezes, se tivesse vaga; nunca ficou vaga ociosa. Tá? Então aqueles que procuravam primeiro, tinha a fila, então geralmente quando a pessoa procurava deixava nome aquela coisa toda porque não havia vaga pra todo mundo e depois é que foi criado o Messias Pedreiro tá certo? O Bueno Brandão já estava funcionando...

Janaína: Depois da reconstrução...

Marlene: Depois da construção voltou tudo, e tudo foi caminhando de maneira melhor, depois já havia mais vaga o José Ignácio também foi criado que era uma escola muito boa aí a coisa foi... As escolas estaduais foram proliferando porque a população de Uberlândia cresceu rápido...²¹⁴

O modo como narra Dona Marlene aponta um primeiro momento de confusões e tensões para depois surgirem soluções: a construção de outras escolas, que foram adquirindo entre as pessoas sentidos de pertencimento e vínculo tão bons quanto na Escola Estadual de

²¹³ Professora aposentada Marlene Dalti. Entrevista realizada em 30 de outubro 73 anos. Começou a trabalhar como professora no Colégio Estadual de Uberlândia em 1965 e deixou a escola em 1980 para lecionar na Universidade Federal de Uberlândia. Aposentou-se pela universidade em 1990 e depois voltou a trabalhar na rede pública estadual de ensino, conseguindo aulas na Escola Estadual Honório Guimarães.

²¹⁴ Professora aposentada Marlene Dalti. Entrevista realizada em 30 de outubro 73 anos. Começou a trabalhar como professora no Colégio Estadual de Uberlândia em 1965 e deixou a escola em 1980 para lecionar na Universidade Federal de Uberlândia.

Uberlândia. Ela exemplifica com a Escola Estadual José Ignácio de Souza, que está localizada no bairro Brasil.

Dessa forma, podemos afirmar que estudantes da cidade buscavam o colégio ao ponto de transgredir o número de matrículas oferecidas. A motivação, muito provavelmente, está ligada à memória de excelência sobre o Colégio Estadual de Uberlândia. Esta também influenciou o processo de expansão da rede pública estadual na cidade, no princípio dos anos de 1970, através da construção de escolas e criação de vagas na forma de anexos, ligados àquela escola.

Considerar que a memória de excelência ocupou uma função importante nesse processo pode também ser justificado pelo próprio fim dos anexos do Colégio Estadual de Uberlândia. Uma matéria jornalística aponta que, determinada parcela das pessoas, os anexos quase agrediam a “excelência” do Colégio Estadual de Uberlândia; quase desqualificavam o seu caráter de boa escola.

Nesse processo, havia sobre o Colégio Estadual de Uberlândia um anseio de preservação diante tantas mudanças. Sobre essa questão, a imprensa anunciou uma medida que supostamente garantiria a “excelência” da escola e resguardaria a sua tradição de bom ensino na cidade:

O Governador Rondon Pacheco acaba de solucionar mais um problema da cidade de Uberlândia reestruturando de modo satisfatório o Colégio Estadual de Uberlândia, benefício este que veio aumentar a imensurável gama de serviços a nós prestados pelo ilustre filho desta terra. Sentindo os efeitos resultantes da “Crise de Crescimento”, vinha o tradicional e renomado educandário sofrendo nos últimos anos uma queda de rendimento escolar, lamentada por todos. Sensível a esta situação, o Governador Rondon Pacheco vem assinar o decreto 15.249 publicado no Minas do dia 10 corrente descentralizando o estabelecimento e transformando os Anexos em Unidades de Ensino Autônomas. As modificações criadas pelo decreto são, em resumo, as seguintes: 1- O Colégio Estadual de Uberlândia “Central” e o “Instituto” passarão a ser autônomos, com Diretoria, estrutura e regimentos próprios. 2- O Central da Praça Adolfo Fonseca, por ser mais antigo e tradicional, conservará a denominação de Colégio Estadual de Uberlândia, 3- o da praça Tubal Vilela “Instituto” passará a denominar-se Escola Estadual de 1º grau Bueno Brandão. Os anexos passarão a denominar-se: Escola Estadual de 1º grau Antônio Luis Bastos, Escola Estadual de 1º grau Clarimundo Carneiro, Escola Estadual de 1º grau Paes Leme, Escola Estadual de 1º grau 13 de maio e Escola Estadual de 1º grau Honório Guimarães. Como consequência ainda dessa reestruturação já esta sendo feita uma sondagem junto ao corpo docente das unidades recém-criadas para fim de escolhas de seus Diretores, cujo resultado será submetido à apreciação e decisão do Sr. Secretário de Educação e do Exmo. Sr. governador Rondon Pacheco. Completando a série de inovações em boa hora efetuada pelo governo do Estado, os cargos de Diretores e Secretários dos Estabelecimentos acima serão criados através da lei, já que esses cargos não existem legalmente, até agora no Estado. Cumpre ressaltar que essas medidas elogiáveis por todos os títulos e do mais lato sentido pedagógico educacional e administrativo contaram com a cuidadosa e persistente preparação do Delegado Regional de Ensino prof. Jose Maria Fenelon dos Anjos, que aliás vem de longa data desde que ocupou a Diretoria do Colégio Estadual de Uberlândia. Para tanto criou-se recentemente um grupo de trabalho composto por professores do CEU, os quais sob a presidência da Diretora Glaucia Santos Monteiro, puseram mãos a obra

imediatamente, apresentando em curto prazo um estudo que serviu de base para o projeto elaborado pela nossa Delegacia Regional de Ensino para essa descentralização. Deve-se ainda o êxito do trabalho realizado pelo prof. Fenelon ao seu inegável prestígio junto ao nosso governador e ao Secretário da Educação de Minas Gerais que jamais deixaram de atender às reais necessidades do nosso Bem Comum.²¹⁵

A caracterização dos anos de 1970 em que a cidade de Uberlândia estaria passando por uma “crise de crescimento” foi tratada por Calvo em sua Tese de Doutorado.²¹⁶

Ao refletir sobre os viveres urbanos através das narrativas orais, Célia Calvo compreende que a referência à dita “crise” é construída pelas classes dominantes para as mudanças que geravam a chegada de inúmeras famílias à cidade de Uberlândia. Para a solução desta “crise”, foi instalado sobre a cidade um projeto para torná-la uma metrópole, o que acabou interferir nos modos de viver dos trabalhadores, causando tensões e conflitos. A partir disso, essa “crise de crescimento” não podia deixar de também atingir o Colégio Estadual de Uberlândia.

O primeiro elemento que conota que a “excelência” da escola estaria sendo prejudicada foi quanto à denominação da instituição. Acreditava-se que manter o nome de Colégio Estadual de Uberlândia, pelo menos simbolicamente, preservaria a escola das mudanças. Apenas os anexos assumiriam a nomenclatura oficial, prevista com a reforma de 1º e 2º graus, tornando-se “Escolas Estaduais de 1º grau”.²¹⁷

A memória sobre a escola enquanto uma instituição que tinha os melhores professores e estudantes – por isso ser considerada excelência –, mantém uma relação mais forte com a denominação “Colégio Estadual de Uberlândia”, do que “Escola Estadual 1º e 2º graus de Uberlândia”, conforme as mudanças da reforma de ensino aplicadas pela Ditadura Militar. Assinalar que essa instituição permaneceria com o mesmo nome enquanto todas as outras

²¹⁵ Governador reestrutura Colégio Estadual de Uberlândia: medida educacional altamente positiva. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 16 de fevereiro de 1973. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Mesmo a partir desse Decreto a escola ainda manteve três anexos: um em prédio cedido pela Prefeitura Municipal de Uberlândia, na Avenida Duque de Caxias n.º 50 no Centro da cidade, outro no prédio que hoje se encontra instalada a Escola Estadual Enéas Guimarães, na Praça Dr. Duarte n.º 33 no bairro Fundinho e o terceiro na Unidade Escolar “Messias Pedreiro” antigo bairro Erlan, hoje denominado Cazeca. Essa Unidade ganhou a sua autonomia, como as instituições anteriores, tornando-se Escola Estadual Messias Pedreiro, aproximadamente em 1976.

²¹⁶ CALVO, Célia Rocha. *Muitas Memórias e Histórias de uma cidade: experiências e lembranças de viveres urbanos. Uberlândia 1938/1990*. 291f. Tese (Doutorado em História). São Paulo, PUC/SP. 2001

²¹⁷ A nova denominação “Escolas Estaduais de 1º e 2º graus” foi anunciada no *Jornal Correio de Uberlândia*. A pequena nota na imprensa explicava que as mudanças no ensino eram muitas e que elas expressavam “ações de um trabalho moderno e funcional” e por isso os conhecidos Grupos Escolares, que ofereciam o primário, passariam a ganhar a denominação de “Escolas de 1º Grau”. Informações retiradas: Grupos Escolares tem nova denominação. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 21 de fevereiro de 1973. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Essa medida não apreze diretamente na Lei 5.692 de 1971, podendo entender que foi uma resolução de níveis estaduais sobre a leitura da legislação.

assumiam a nova denominação oficial, explicita uma prática que visava a preservação dessa memória, que estamos chamando de excelência, por parte das autoridades.

Segundo a reportagem, a instituição considerada como tradicional enfrentava uma “crise”, uma degradação decorrente do número crescente de estudantes que a escola passava a ter, devido a chegada de famílias e à reorganização da escola pública. Instituiu-se uma realidade em torno do Colégio em que os anexos pareciam desagradar alguns grupos sociais da cidade, como indica a reportagem. Tanto que o próprio título da matéria tenta atribuir à medida política anunciada um sentido de resolução correta por parte das autoridades.

A partir dessa reportagem, a “crise do crescimento” pelo aumento do número de estudantes – filhos de trabalhadores que passavam a estudar no Colégio Estadual de Uberlândia – deixa a entender que aquelas não eram pessoas aplicadas e estudiosas, e que não saberiam manter “o renomado” e “tradicional” nome do colégio. Logo, esse fator reivindica a ligação da memória de excelência com um passado quando a escola atendera, quase exclusivamente, os filhos de grupos dominantes da cidade.

No diálogo construído com as evidências, foi possível perceber que a imprensa assumiu uma posição de apoio para a instituição da nova política educacional na cidade. O foco sobre as escolas públicas nas páginas do jornal *Correio de Uberlândia* aconteceu durante todos os anos 1970, divulgando, informando e gerenciando a procura das matrículas na cidade. No projeto de expansão da escola pública em Uberlândia, esse órgão teve um papel importante, no sentido de contribuir para a sua viabilização, agindo na construção de um convencimento sobre a positividade das mudanças.

Existiu grande número de reportagens publicadas pelo jornal *Correio* após a promulgação da Lei 5.692 de 1971 de Reforma de 1º e 2º grau.²¹⁸ Observando e acompanhando a prática desse periódico durante a ditadura militar, fica a questão do quanto esse veículo de comunicação em Uberlândia foi importante para o projeto de mudanças no sistema de ensino naquele período.²¹⁹

²¹⁸ Sobre a Coordenação da Reforma na cidade o próprio jornal noticiou o nome do Sr. Osvaldo Vieira Gonçalves, o Sr. Vadico, que foi diretor do Colégio Estadual de Uberlândia por 27 anos. A comissão coordenada por Sr. Vadico iria em reuniões na Capital Mineira sobre a reforma e em seguida repassaria as novas diretrizes na forma de cursos e debates. In: Professor Vadico convocado para importante missão. **Jornal Correio de Uberlândia**. 05 de maio de 1972. Uberlândia. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

²¹⁹ Entre os muitos indícios disso, posso citar uma campanha em que o jornal *Correio de Uberlândia* não mediu esforços para a sua consolidação. Trata-se do concurso “Nós Somos a Cidade Educativa” que Uberlândia concorreu e tinha como objetivo eleger a “cidade educativa” de Minas Gerais. O concurso se deu no ano de 1975. Tudo indica que havia uma premiação em dinheiro e a cidade vencedora iria sediar um seminário sobre Cidade Educativa, recebendo especialistas em educação de países da América do Norte e América Latina sob o apoio da Organização dos Estados Americanos, a OEA. O jornal *Correio de Uberlândia* acompanhou através de matérias jornalísticas todo andamento do concurso. Uberlândia tornou-se até uma das finalistas, mas não foi a

Na busca para se compreender os significados e sentidos elaborados por estudantes-trabalhadores para o Colégio Estadual de Uberlândia em suas vidas, relacionando escola pública e cidade, o diálogo com as evidências apontaram para elementos que poderiam passar despercebidos desse processo histórico de transformações. Compartilho das colocações sobre o caminho da pesquisa em História das autoras Maria do Rosário Peixoto, Yara Khoury e Maria do Pilar Vieira ao afirmarem que os registros nos perturbam positivamente, devendo nos levar a um constante processo de construção de nossas problematizações: “(...) Nesse sentido, não dá para fazer a seleção de fontes depois da problematização, como geralmente recomendam os manuais.”²²⁰

Por isso, as narrativas orais foram importantes nesse aspecto por explicitar elementos vividos pelos ex-estudantes. Novas práticas foram construídas a partir das contraditórias condições de expansão da escola pública, que visavam a formação para o trabalho, mas que possibilitaram um maior número de estudantes-trabalhadores e filhos de trabalhadores estarem no Colégio Estadual de Uberlândia. O uniforme escolar é um exemplo aparentemente banal de evidência, mas que foi elemento emblemático nesse processo. Alguns dos ex-estudantes entrevistados do Colégio Estadual de Uberlândia elaboraram sentidos específicos sobre a forma de se vestir para ir à escola, que expressavam relações com a vida em sociedade.

Na narrativa de Dona Rogéria, professora aposentada, a questão do uniforme escolar esteve presente como uma grande marca do processo de expansão da escola pública na cidade.

Aí depois lá no Bueno Brandão. No Museu me parece que a gente podia usa só saia, era essa saia verde, no Bueno Brandão parece que podia usa calça. Aí eu me lembro que no Bueno Brandão eu já podia usa calça. Não sei se azul ou preta. Aí já começou camiseta... Porque nessa época era tudo CAMISA bem... ERA CAMISA! Camisa branca.. De botão... Camisa de golinha... Camisa mesmo assim... Aí depois é que começou aparecer as camisetas. Aí parece que eu já usava camiseta... Aí no segundo grau aí já era camiseta.²²¹

vencedora. Uma pequena nota anunciava que as cidades vencedoras haviam sido Itaúna e Itabira. É possível que esse tipo de evento estivesse previsto dentro das dinâmicas de ação dos acordos MEC-USAID. Reportagens do jornal que tratam desse Concurso: Uberlândia concorre para ser Cidade Educativa. **Jornal Correio de Uberlândia**. Domingo, 23 de fevereiro de 1975. p. 2. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Uberlândia confia no trabalho de seus intelectuais. **Jornal Correio de Uberlândia**. Terça-Feira, 25 de fevereiro de 1975. Revista Veja comenta nossa participação em Concurso Cidade Educativa. **Jornal Correio de Uberlândia**, Quarta-Feira, 07 de março de 1975. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

²²⁰ VIEIRA, Maria do Pilar A.; PEIXOTO, Maria do Rosário da C.; KHOURY, Yara A. **A Pesquisa em História**. 5ª Edição. São Paulo. Editora Ática. São Paulo. 2007.p. 46.

²²¹ Ex-estudante Rogéria de Fátima Silva. Entrevista realizada no dia 07 de abril de 2015. Ela tem 54 anos é professora de matemática da rede pública estadual aposentada. Foi estudante no Colégio Estadual de Uberlândia de 1971 a 1972. De 1972 a 1976, na Escola Estadual Bueno Brandão, quando o Colégio Estadual de Uberlândia passou por uma grande reforma e precisou realocar suas turmas em outros prédios escolares da cidade. Em 1975 e 1976 estudou em turmas anexas instaladas na Escola Estadual Ângela Teixeira. Em 1977 voltou a fazer o terceiro ano do 2º grau no Colégio Estadual de Uberlândia.

Vestir uma camisa ou uma camiseta significava muita diferença. A narrativa da Dona Rogéria indica um sentido de se usar uma camisa como algo respeitável e que imprime no estudante a elegância e a importância ao ir para a escola. Sua fala dá margem para refletirmos sobre o cuidado que o estudante, ou mesmo seus familiares, expressavam por meio do uniforme à escola, na perspectiva de zelar pelo tecido de que é feita uma camisa, os botões que não poderiam estar faltando, estar bem passada e com a gola sempre limpa.

Valorizar a instituição de estudo passava pelo tipo de vestimenta usada. Utilizar uma camiseta trazia um sentido pouco admirável, que não exigia tanto da imagem e porte do estudante como em anos anteriores. Não se precisava de tantos cuidados para se lidar com uma camiseta tal como era necessário para uma camisa, saia, meias e sapato preto. Cuidados que mostrava o orgulho de ter peças tão estimadas. Há, assim, um sentido de lamento na narrativa de Dona Rogéria.

Os sentidos elaborados pela professora sobre a mudança dos uniformes escolares colocou-me reflexões sobre o que essa medida mudou nas relações dos estudantes com a escola pública. Não era apenas mais uma novidade do processo de expansão da escola, mas foi algo muito mais profundo por ter marcado as memórias de alguns de seus estudantes.

A troca da camisa pela camiseta aconteceu dentro do processo de mudanças geradas pela reforma da Lei 5.692 de 1971, mesmo que na lei federal não que houvesse um artigo específico sobre esse item. A imprensa imprimiu sobre essa mudança um sentido de positividade:

Um decreto já foi assinado, para que em nosso Estado, os alunos matriculados em nas escolas da rede oficial, venham a usar o uniforme padrão. Todos os estudantes que forem matriculados nos estabelecimentos de ensino mantidos pelo governo mineiro, terão que usar o uniforme padrão. Na redação do decreto, observamos que o objetivo não é onerar o chefe da família, pois cada colégio adotando um tipo de uniforme, num caso de transferência, haveria novo gasto para a conquista daquele determinado pela direção do estabelecimento de ensino. Nos próximos dias, as cores e os modelos do uniforme padrão serão fornecidos aos alunos matriculados nas escolas da rede oficial e já nos primeiros dias de março todos terão condições de assistirem às aulas uniformizados, dando um aspecto de elegância as classes. Por outro lado, todos os professores deverão ter também seu uniforme ministrando suas aulas com jaleco, participando assim da estética pessoal que deve existir nos colégios, pois alunos e mestres uniformizados, marcarão uma presença mais agradável nas salas e oferecerão aos visitantes um ambiente mais agradável e elegante, facilitando inclusive a funcionalidade do trabalho.²²²

A mudança para um uniforme mais amplamente padronizado proporciona mais força ao objetivo da escola pública estadual após a Lei 5.692 de 1971, que era a formação para o

²²² Uniforme Padrão, uma resolução acertada. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia 21 de fevereiro de 1975. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

trabalho. De acordo com as colocações de Mariano Fernandez Enguita em “A Face Oculta da Escola”²²³, compreendemos que as instituições escolares aumentaram seus mecanismos de regulação, não mais em uma ou outra escola em específico, mas em uma instância maior, que era rede estadual de ensino.

Adotar um uniforme único para uma rede de escolas aparenta contribuir na exteriorização, através de uma vestimenta, da formação atribuída a estudantes que segue um único objetivo: educar para o trabalho. Eram todas as escolas da rede agindo em um único sentido e construindo ainda uma noção de organização do ambiente e das pessoas dentro dessas instituições.²²⁴

A motivação para a padronização de uniformes sobre a questão dos custos, não foi satisfatoriamente justificada. Buscou-se o convencimento pela argumentação de que a adoção de um uniforme padronizado seria algo positivo, utilizando ainda a economia financeira como um forte elemento para ganhar a concordância da população estudantil. No entanto, a questão financeira não foi levantada por nenhum dos entrevistados sobre esse tópico específico.

Dona Rogéria, ao falar dos anos em que esteve no Colégio Estadual de Uberlândia, relata o quanto os estudantes eram exigidos em termos de aquisição materiais escolares e que sua compra acontecia mesmo diante das dificuldades (cito novamente esse trecho da entrevista):

Rogéria: A minha época era.... Hoje eu fico pensando esse povo que estuda hoje? Deus do céu! A gente tinha aquelas régua grande, todos os tipos de régua a gente tinha... Todo mundo tinha que ter a sua, ela não aceitava pedir emprestado... Ninguém pedia emprestado. Ela exigia até a borracha própria pra apagar papel manteiga. O lápis, o número do lápis, tudo isso era exigido... e você tinha que levar e aí de você se você chegasse lá sem isso. Você ficava sem fazer no seu canto, sem fazer, entendeu?

Janaina: Então Rogéria eu to aqui pensando: todo mundo tinha que ter o seu material. Coisa que me veio aqui, e quem não tinha?

²²³ ENGUITA, Mariano Fernandez. **A Face Oculta da Escola**: Educação e Trabalho no capitalismo. São Paulo. Ed. Artes Médicas. 1989.

²²⁴ Sobre o aspecto do exteriorizar, a pesquisadora Beatriz Sarlo no texto “*Cabezas Rapadas e Cintias Argentinas*” que compõe o livro “*La máquina cultural: maestras, traductores y vanguardistas*” traz uma discussão relevante na questão de hábitos higiênicos como uma forma de exteriorização física de bons costumes morais. Sarlo faz essa análise a partir do relato da professora Rosa Del Río ao expor, especificamente, a necessidade de raspar as cabeças contra parasitas dos alunos da escola na em que foi diretora. É uma análise que compreende as instituições escolares e as suas contradições geradas nos modos de viver e interpretar o mundo dos sujeitos. Maiores detalhes: SARLO, Beatriz. *Cabezas Rapadas y Cintas Argentinas*. In:_____. **La Máquina Cultural**: maestras, Traductores y vanguardistas. 3º Edição. Buenos Aires, Editora Seix Barral. 2007. p.13-74.

Rogéria: Ou mais naquela época todo mundo tinha. Você sabe porque eu nunca fui de classe A, meu pai era alfaiate, meu pai era alfaiate! Mas eram assim: a lista da escola chegava bem! Você pode ter certeza que ele fazia das tripas coração que ele comprava!²²⁵

Quando Dona Rogéria se lembra que seu pai não media esforços para conseguir os materiais escolares, abre-se a possibilidade de pensar se os estudantes-trabalhadores, ou filhos de trabalhadores, como Dona Rogéria, não se esforçariam para a aquisição dos uniformes, pois ele apareceu nas narrativas referenciando sempre com admiração e orgulho. O uniforme era um símbolo na relação entre aprovação e reprovação nos exames de admissão; através dele os estudantes eram reconhecidos nas relações vividas na cidade.

Dona Cleuza, depois de afirmar que foi aprovada no exame de admissão e que ganhou como prêmio da escola um conjunto de canetas tinteiro, traz em sua narrativa muitos detalhes sobre o uniforme do Colégio Estadual de Uberlândia.

Lá no Museu que a gente chamava assim, nos éramos os soldadinhos um uniforme verde, saia verde, camisa branca, sapato preto, tinha que usa a saia abaixo do joelho da gente. A gente saía da escola e a gente puxava mais pra cima um pouco. Aí tinha que ser a camisa branca, aí tinha o uniforme de educação física, aí tinha o shorts vermelho, mesmo quem trabalhava tinha que fazer educação física também, era obrigado a fazer a noite. (...) Você enchia a boca: “Eu estudo no Colégio Estadual de Uberlândia!” Tinha no emblema da blusa C.E.U aqui. Então assim qualquer coisa assim que o Colégio Estadual, a gente falava assim as periquitas assim lá do Colégio Estadual, porque nós tínhamos uniforme verde, comparava a gente como soldadinhos do quartel, agora os meninos a calça era cinza, camisa branca e sapato preto. E eles exigiam uniforme mesmo, eles não podiam, mesmo no noturno! Se você viesse do serviço, ou qualquer outro lugar você tinha quer chegar impecável.²²⁶

Sua fala iniciou justamente pelo uniforme, pois ser reconhecida nos espaços da cidade por seu uso era algo que trazia respeito, mesmo quando existiam comparações das estudantes como “periquitas”. Essa denominação não aparenta ter incomodado, sendo, ao contrário, motivo de satisfação por imprimir uma marca positiva sobre a sua pessoa.

O uniforme era um elemento que complementava a condição de estudante do Colégio Estadual de Uberlândia e que expressava a satisfação de estudar ali. A exigência e o rigor são relacionados na relação com o uniforme, mas não indicam que eram vistas como empecilho ou que havia contestação ou resistência. Pelo menos em sua memória, seguir as regras no interior da escola era algo que Dona Cleuza valorizava enquanto estudante.

²²⁵ Ex-estudante Rogéria de Fátima Silva. Entrevista realizada no dia 07 de abril de 2015. Ela tem 54 anos é professora de matemática da rede pública estadual aposentada.

²²⁶ Ex-estudante Cleuza Martins da Silva. Entrevista realizada em 03 de abril de 2015. Ela tem 60 anos é bancária aposentada. Estudou no Colégio Estadual de Uberlândia entre os anos de 1968 a 1975, terminando o 1º grau e o 2º grau na escola.

O uso do uniforme escolar tornou-se “uma expressão visual”, algo semelhante ao que Eric Hobsbawm notou sobre “o homem de boné” como um dos exemplos dentro de uma análise sobre trabalhadores ingleses.²²⁷ O historiador utiliza-o para explicar sua compreensão sobre o “fazer-se da classe operária” entre 1870 e 1914. O homem de boné a que se refere Hobsbawm foi o mineiro inglês Herbert Smith, que viveu entre 1862 e 1938 e que foi um dos trabalhadores que esteve à frente de algumas reivindicações e negociações para melhores condições de trabalho de sua categoria.

No processo de análise sobre a consciência de classe, Hobsbawm entende que Smith foi um dos muitos trabalhadores que expressavam essa consciência ao manter práticas e costumes dentro de determinadas condições de vida, que ganharam expressão no modo de vestir. Nesse ponto, o historiador aponta que o boné era usado como uma bandeira que carregava significados que unia Smith aos anseios e concepções de mundo de tantos outros trabalhadores das minas inglesas.²²⁸

As colocações do autor instigam e auxiliam na elaboração de uma compreensão sobre o uniforme do Colégio Estadual de Uberlândia que apontaram as Donas Cleuza e Rogéria. O uso do uniforme compunha uma parte importante da satisfação em ser estudante do Colégio Estadual de Uberlândia. Ter o prazer de dizer que era estudante, como Dona Cleuza, estava imbricada pelo carregar em seus corpos a vestimenta com as cores e emblemas, em um sentido de valor sobre essa escola pública da cidade.

Dona Rogéria, enquanto ex-estudante do Colégio Estadual de Uberlândia, revelou detalhes sobre o uniforme, em uma relação ambígua, em que a exigência aparece na sua fala como um elemento positivo na questão da valorização sobre a escola.

O uniforme do Museu era a coisa mais linda... Era uma saia verde de prega aqui assim, tinha duas pregas assim, saia verde, camisa branquinha, sapato preto e meia branca, aí se você chegasse na porta da escola sem a meia! Não entrava! Não entrava! Aí se você chegasse, se o sapato fosse de outra cor... não entrava.... tinha tudo isso, aí fui pro Museu. (...) No Clarimundo era uniforme de que toda escola tinha. Tinha duas faixas aqui na frente de saia de prega assim e a camisa branca por dentro só que esse uniforme assim tinha um peitinho assim, então eu acho que ele era mais infantil... Ai do Museu não se porque já era assim mais assim..., o do Museu chamava mais atenção, era mais bonito sabe? Era assim sabe?²²⁹

²²⁷ HOBBSAWM, Eric. O Fazer-se da Classe Operária 1870-1914. In: _____. **Mundos do Trabalho: Novos Estudos sobre História Operária**. 3º Ed. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra. Coleção Oficinas da História. 2000.

²²⁸ HOBBSAWM, Eric. p. 300.

²²⁹ Ex-estudante Rogéria de Fátima Silva. Entrevista realizada no dia 07 de abril de 2015. Ela tem 54 anos é professora de matemática da rede pública estadual aposentada. Clarimundo Carneiro é uma escola da rede estadual que está localizada no bairro Martins, qual Rogéria mora. De acordo com alguns registros, a escola parece ter sido fundada nos anos de 1950. Rogéria fez o primário nesta escola, e depois nos anos de 1990, voltou à essa instituição como professora ensinando matemática.

A satisfação em usar o uniforme acontecia pela distinção que proporcionava ao estudante, pois reconhecia que não era de qualquer escola da cidade, mas sim do Colégio Estadual de Uberlândia. Ao comparar os uniformes, Dona Rogéria diz que as outras escolas tinham uma vestimenta padrão, o que não ajudava no reconhecimento da escola por serem iguais, mas o do “Estadual” diferenciava os alunos. O vestir-se com uma determinada roupa, no caso o uniforme que as entrevistadas estão se referindo, trazia para o estudante a marca da escola. O que de fato o diferenciava nas relações vividas com os vizinhos, familiares e amigos.

Ao longo do caminho da pesquisa, percebi que a existência desse sentido de satisfação e orgulho levou os estudantes a utilizar uniformes não só no caminho da escola para casa, ou de casa para escola, mas também em outros lugares da cidade. Por algum motivo essa prática levou a um decreto de proibição sobre o uso da vestimenta em outros espaços além da escola:

A portaria que levou o n.º 3/71, baixada pelo Juiz de Direito e de menores, Sr. Osvaldo Bernardes da Silva estipulou um série de novas normas para o comportamento de estudantes menores. Considera o documento que “as normas do juízo é de prevenir, moral e materialmente, todos os menores da comarca e, portanto, visa a coibir os pontos de atrito onde tais menores se desencaminham”. O artigo 1º da portaria adverte: “ficam proibidos a todos menores freqüentarem recintos cinematográficos e radiofônicos estando uniformizadas com vestimentas pertencentes aos diversos grupos e “colégios da cidade”. No artigo segundo enfatiza que “estando igualmente uniformizados freqüentarem, no período noturno, bares, restaurantes, boites e congêneres não estando acompanhado por pais e responsáveis legais”. Finaliza o documento por informar que os infratores da presente portaria serão punidos de acordo com os artigos do Código Penal de Menores e Lei das Contravenções Penais. A Portaria dá poderes de fiscalização aos comissários credenciados e elementos do contingente da Polícia Militar.²³⁰

O fato de ser reconhecido na cidade pelo uso do uniforme implicava em se sentir respeitado e até mesmo admirado por ser estudante de determinada instituição escolar – mais ainda mais se tratando do Colégio Estadual de Uberlândia, como nos colocou Dona Cleuza e Dona Rogéria. Assim, essas narrativas aparecem carregadas com certo saudosismo ao falarem da mudança do uniforme para uma simples camiseta, como ficou marcado na memória de Dona Rogéria. Na expansão das escolas públicas, na qual o Colégio Estadual de Uberlândia se inseria, parecia haver uma razão para essa mudança no uniforme. Na busca para entender a motivação para essa mudança, a investigação nos leva a discutir a caixa escolar do Colégio.

O novo uniforme foi anunciado com a justificativa de que proporcionaria a redução de custos para as famílias dos escolares.

²³⁰ Estudante uniformizado não vai à diversões. **Jornal Correio de Uberlândia**. 01 de abril de 1971. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

As escolas do sistema educacional de ensino não poderão adotar indiscriminadamente livros didáticos e uniformes. (...) Está assim solucionado um dos mais angustiantes problemas que as famílias dos estudantes vinham enfrentando para atender as despesas com uniformes nem sempre baratos e as constantes mudanças de livros, cujos preços se elevam-se periodicamente. (...) Os uniformes serão adotados com base no grau de ensino a que se destinem e no poder aquisitivo médio da população atendida. São peças básicas deles, para uso diário a calça ou a saia, blusa e calçado. Peças complementares são: a de educação física, avental ou guarda-pó, quando seu uso for imprescindível para atividade. A obrigatoriedade do uso de uniformes escolares no 1º e 2º graus da rede estadual só atingirá as peças básicas e complementares mencionadas. Em hipótese alguma será obrigatório o uniforme de gala ou outros de representação para ocasiões especiais e muito menos a aquisição e uso de qualquer outros suplementos, como pastas, emblemas, distintivos, acessórios ou peças de vestiários especiais, (...) Para promover a padronização dos uniformes a serem adotados há orientadores especiais de um anexo e os estabelecimentos que não os tenham em uso deverão fazer modificações gradativas e as Caixas Escolares poderão receber dotações específicas com a finalidade de complementar as contribuições das famílias e da comunidade. As dotações beneficiarão de preferência às Caixas Escolares de unidades de ensino que atendem maior número de alunos carentes de recursos, e serão aplicadas total ou parcialmente na aquisição de uniformes para estes alunos.²³¹

Por que a preocupação em não onerar os chefes de família, já que estava previsto a colaboração das caixas escolares para estudantes que não tinham recursos financeiros? Os caixas escolares estariam sendo constantemente acionados para esse fim? E com uniforme mais “requintados”, como lembram Dona Cleuza e Rogéria, estariam os recursos das Caixas Escolares se esvaindo apenas com as vestimentas para os estudantes?

Com apenas a camiseta, a caixa escolar poderia gastar menos com uniformes para os estudantes que não tinham condições de comprá-los. Podemos inferir, assim, que a caixa escolar deveria atender outras demandas vividas nas escolas e seus administradores deveriam exigir menos recursos diretos das autoridades estaduais e federais.²³²

Sobre a questão de recursos para a educação durante a Ditadura Militar, José Willington Germano traz colocações importantes sobre os precários investimentos, apesar desse processo de expansão das escolas públicas. Germano chega à conclusão que a educação não teve prioridade dos militares e que as verbas para esse setor começaram a sofrer constantes decréscimos a partir de 1967, ao contrário do setor da Defesa Nacional e Segurança Pública que teve notórios investimentos.²³³

²³¹ Uma medida para o ensino de Minas que vai beneficiar os chefes de família. **Jornal Correio de Uberlândia**. 18/19 de janeiro de 1975. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

²³² GERMANO, José Willington. **Estado Militar e Educação no Brasil** (1964-1985). 3 ed. São Paulo. Editora Cortez, 2000.

²³³ Esse cenário agravou-se com o choque do petróleo em 1973 e Germano é categórico ao afirmar que a Ditadura Militar, além de diminuir as verbas para educação escolar pública e gratuita, acabou por incentivar e transferir recursos para a rede privada de ensino. O autor afirma ainda que além de ver os recursos diminuïrem na área da educação havia a prática de maquiar a destinação de verbas durante esse período. Ele explica que aconteciam alocações com dinheiro público como se fossem para o Ministério de Educação e Cultura, mas acabavam por serem destinadas à outros Ministérios. Ampliavam-se de maneira enganosa os recursos para

A partir desses elementos é possível afirmar que as caixas escolares foram importantes para a manutenção das escolas públicas durante esse processo de expansão sem tantos recursos do governo militar, como nos colocou Germano através de sua pesquisa.²³⁴ Logo, podemos entender que a troca do uniforme de camisa para camisetas e a padronização dos livros didáticos, diminuía os gastos das caixas escolares com esses itens básicos que eram destinados aos estudantes "carentes". Possivelmente essa economia permitia o uso dos recursos com outras necessidades de manutenção da escola.

A caixa escolar do Colégio Estadual de Uberlândia, durante primeiros anos de 1970, foi mencionada em algumas reportagens do jornal *Correio de Uberlândia*. As reportagens apareciam como uma prestação de contas dos materiais que a escola adquiria com seus recursos. Nessas reportagens, a caixa escolar é apresentada como um facilitador para os estudos dos mencionados alunos "carentes" e atender a escola em suplementos para a realização das aulas. Entre os anos de 1970 e 1971, divulgavam-se os seus benefícios, entre os quais são citados a aquisição de uniformes escolares e livros didáticos, além de merenda escolar, de até um gabinete dentário, consultas médicas, radiografias e aquisição de óculos de grau.²³⁵

Ao elaborar sua memória sobre os anos em que foi estudante do Colégio Estadual de Uberlândia e descrever o seu uniforme, Dona Cleuza destaca que foi "aluna da Caixa Escolar". Deste tema, ela expõe outros elementos que nos direciona a outras questões que se somam as do uniforme.

Eu era da caixa escolar, eu ganhava uniforme usado, ganhava livro emprestado aí no final do ano você devolvia, tinha que ter um atestado de pobreza pra poder pegar... É minha tia foi lá atestou que eu era filha de pessoa pobre, ela ia lá assinava que eu não tinha, que necessitava do apoio deles nesse termo, eu era da caixa escolar que a gente falava...

Janaína: E tinha muitos assim que era da caixa escolar?

Cleuza: Não, não! Tinham poucos. Agora assim na minha situação, porque o Colégio Estadual era pra quem precisava, porque não precisava parece que até pagava uma taxa para a caixa escolar, tinha um negocio assim, contribuía pra caixa. (...)

Educação, quando de fato não eram endereçados. Mais informações: GERMANO, José Willington. **Estado Militar e Educação no Brasil** (1964-1985). 3 ed. São Paulo. Editora Cortez, 2000. p. 200, 201 e 202.

²³⁴ É importante expor algumas apreensões de reportagens sobre caixas escolares: durante toda a década de 1970, esse tema não se restringiu apenas ao Colégio Estadual de Uberlândia. Cada instituição tinha a sua caixa escolar, que existia por doações das famílias de estudantes e que podiam contribuir. Já mais ao final dos anos de 1970, surgem algumas reportagens que indicam que o governo estadual destinava também recursos para as caixas escolares.

²³⁵ Sucesso de uma Instituição. **Jornal Correio de Uberlândia**. Coluna Opinião. Uberlândia 04 de junho de 1971. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. E também: Caixa Escolar do Colégio Estadual de Uberlândia lavra um tento inédito em Uberlândia, em matéria de assistência escolar. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 21 de junho de 1970. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Outra reportagem: Realizações da Caixa Escolar do Colégio Estadual de Uberlândia – ano letivo de 1970. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 09 de fevereiro de 1971. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Janaína: Você lá como aluna da caixa escolar você sentia preconceito? Sentia diferença?

Cleuza: Não!

Janaína: Ninguém tratava mal?

Cleuza: Pra você vê essas meninas essas minhas colegas; eu era da caixa e elas não! Eu usava saia dos outros, as pessoas saíam, passava no vestibular, aí deixava lá na escola, aí eu ia lá e pegava, aí minha tia ia lá deixava registrado que eu precisava que eu era da caixa, aí eu pegava e arrumava, as vezes tinha que apertar ou diminuir a barra, porque eu sou baixa, mas ninguém nunca de jeito nenhum... Eu ia pra fila pegava os livros tudo carimbado, nunca tive rejeição nenhuma. Pra você vê, pra você consegui, que não pode tem ajuda, quem pode ajuda. Então quem podia ajuda pagava o caixa, tinha a fichinha sabe? Pagava com maior gosto.²³⁶

Na memória de Dona Cleuza o orgulho de ter sido estudante nesta escola da cidade se sobressai a qualquer possível sentimento de vergonha por ter sido “aluna da caixa”. Ela não se importou em assumir essa condição em nossa entrevista e afirma que também não o fazia no passado. O que parecia ser mais importante era ser estudante daquela escola, não importava se ela fosse com uniformes usados ou com livros carimbados.

Dona Cleuza constrói a memória de uma escola que a ajudava. Ela nos fala de uma instituição benevolente, característica que se estende até aos colegas ao enfatizar que nunca sofrera discriminação de colegas por ter sido “aluna da caixa”. Afirma ainda que as pessoas que contribuíam para a caixa escolar mostravam-se satisfeitas por ajudarem a escola e a estudantes como ela.

Há, com tudo isso, a construção de uma memória positiva e harmoniosa sobre o passado dessa escola. Porque Dona Cleuza fala do passado dessa forma? Porque essa “visão de passado” específica?

Para a compreensão dessas questões, as discussões de Beatriz Sarlo em “Tempo Passado: Cultura da memória e Guinada Subjetiva”²³⁷. A primeira consideração se dá em entender o passado sempre como uma construção que mantém relações com o presente:

Fala-se do passado sem suspender o presente e, muitas vezes, implicando também o futuro. Lembra-se, narra-se ou se remete ao passado por um tipo de relato, de personagens, de relação entre suas ações voluntárias, abertas e secretas, definidas por objetivos ou inconscientes; os personagens articulam grupos que podem se apresentar como mais ou menos favoráveis à independência de fatores externos a seu domínio. Essas modalidades de discurso implicam uma concepção do social e, eventualmente, também da natureza. Introduzem um tom dominante nas “visões de passado”.²³⁸

²³⁶ Ex-estudante Cleuza Martins da Silva. Entrevista realizada em 03 de abril de 2015. Ela tem 60 anos é bancária aposentada. Estudou no Colégio Estadual de Uberlândia entre os anos de 1968 a 1975, terminando o 1º grau e o 2º grau na escola.

²³⁷ SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo. Editora Companhia das Letras, Belo Horizonte: UFMG, 2007.

²³⁸ SARLO, Beatriz. 2007. p. 12.

Levando em conta as colocações de Sarlo, penso que Dona Cleuza ao construir essa “visão de passado” marcada pela harmonia e orgulho da escola, expressa uma preocupação grande sobre a forma como têm sido entendidas e pensadas no presente as nossas escolas públicas.

A opção de não se lembrar dos possíveis conflitos com professores e outros estudantes, imprimindo um sentido de harmonia talvez tenha relação com a desvalorização que ela percebe agir de maneira forte sobre as escolas públicas atualmente. Ao se referir ao passado, Dona Cleuza mostra um posicionamento político de valorização dessa escola através do tempo em que foi estudante. Ela falou do passado de acordo com as questões que a preocupam nesse presente.

Dentro desses aspectos, cabe apontar que as preocupações de Dona Cleuza são extremamente relevantes: há uma noção de que as nossas escolas públicas precisam ser reconhecidas como espaços de trabalhadores, entendendo que somos responsáveis por elas. Sendo um dos espaços em que deve ser ocupado por nós e utilizado para a amplificação e socialização do conhecimento social humano; que pode nos possibilitar a compreensão de que somos seres sociais, vivendo em uma sociedade tão desumana.

Mais uma vez, Miguel Arroyo auxilia na definição do que significa uma escola pública ser legitimamente ocupada pelos seus verdadeiros “habitantes”. Elas precisam se efetivar enquanto espaços de construção de sociabilidades e de convívios, num sentido em que estudantes “criam seus territórios, ocupam espaços, onde deixam as marcas de sua presença”²³⁹. Acredito que as preocupações presentes de Dona Cleuza não a levaram a denunciar os castigos e a discriminação. O conflito explicitado na sua memória foi materializado nas práticas em vigor hoje, que pouco valorizam nossas escolas públicas.

As memórias de Dona Cleuza e Dona Rogéria sobre o processo de expansão das escolas públicas demonstram até certo entusiasmo. Um sentido de entusiasmo por serem estudantes e usarem uniformes que, para além das narrativas orais, foi algo também explícito na imprensa quando noticiava-se a expansão da rede pública estadual. Na imprensa, esse entusiasmo se materializou, ainda no início do governo dos militares, através de uma grande reforma no prédio do ainda Colégio Estadual de Uberlândia. Entendo que essa reforma imprimiu uma marca de entusiasmo na cidade sobre a nova política educacional, expressando por meio dessa intervenção um novo sentido para a educação em Uberlândia, que fazia parte do projeto político ditatorial.

²³⁹ ARROYO, Miguel G. **Imagens Quebradas**: Trajetórias e tempos de alunos e mestres. 8ª Edição, Petrópolis, RJ, Editora Vozes. 2014 p. 26.

Naquele momento, os estudantes do prédio central do Colégio Estadual de Uberlândia precisaram ser realocados no prédio recém-construído da, hoje, Escola Estadual Bueno Brandão (na época a imprensa denominou-a “Instituto de Educação”). A reforma daquela instituição pública se inseria entre as muitas ações de reestruturação urbana e arquitetônica executadas em Uberlândia, que, por sua vez, estava em sintonia com iniciativas de âmbito nacional.²⁴⁰

Podemos entender que a reforma foi uma das primeiras medidas no campo educacional da cidade, pois, ainda mesmo antes da Lei 5.692 vigorar, ela já era anunciada através de investimentos que o governo militar alocava no país.

O venerado casarão do Colégio Estadual de Uberlândia, localizado na antiga Praça D. Pedro II (atual Adolfo Fonseca), segundo o diretor Celso Corrêa dos Santos, será reformado e não demolido como se pensava antes. Sofrerá uma reforma completa através da CARPE de Belo Horizonte que ainda não marcou a data de início das obras de recuperação. Durante a reforma as aulas funcionarão em outro local escolhido. O prof. Celso Corrêa dos Santos informou mais que o total de alunos do Colégio Estadual de Uberlândia não tem condições de ser aumentado, pois os que entrarão na primeira série ginasial perfazem o mesmo número dos que passaram de ano ou saíram. Consequentemente não terá exames de seleção para séries ginais e colegial por absoluta falta de vagas.²⁴¹

O termo utilizado, “venerado casarão” dá mostra que o prédio em que funcionava a escola precisava, na visão de alguns setores da sociedade, ser preservado naquele momento de intensas reformas na educação.

A reforma do prédio, que durou de agosto de 1971 até maio de 1973, foi um fato que mexeu não só na sua estrutura física, mas com a expectativa de diferentes sujeitos e suas relações com essa escola pública da cidade. Tal foi considerada sua importância, que se

²⁴⁰ Esses elementos são expostos por Germano, que traz uma série de informações que colaboram para entender o período histórico do regime militar e suas contradições. O autor elenca vários elementos, aparentemente desconectados, que auxiliaram na produção de um clima de euforia e entusiasmo em parte da sociedade brasileira, tais como: em 1970 a seleção brasileira havia conquistado o terceiro campeonato mundial, construía-se a rodovia Transamazônica a ponte Rio - Niterói, criava o Mobral com objetivo de alfabetizar a população, além dos slogans e músicas que contribuíam de alguma forma na estratégia de grandiosidade do Brasil, só que à custa da repressão violenta. Mais detalhes ver: GERMANO, José Willington. **O Estado Militar e Educação no Brasil (1964-1985)**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 163.

²⁴¹ ESTADUAL VELHO NÃO SERÁ DEMOLIDO. **Jornal Correio de Uberlândia**. 12 de dezembro de 1970. A sigla CARPE significa Comissão de Ampliação, Reparação e Conservação dos Prédios Escolares do Estado de Minas Gerais que foi criada em 1968 e extinta em 1987. O órgão seguia um padrão único para a construção dos prédios escolares, que previa além da diminuição dos custos, e assim se estendesse à uma maior quantidade de municípios, um processo de construção mais fácil e racional. Informações da seguinte bibliografia: CAMISASSA, Maria M. S.; PORTUGAL, Josélia; RODRIGUES, Gabriela; LEITE, Marcelo. **A opção Governamental em Minas Gerais por uma padronização dos edifícios escolares nos anos 1960-70**. X Seminário Docomomo Brasil. Arquitetura Moderna e Internacional: Conexões brutalistas. 1955-1975. Curitiba. 15-18 outubro 2013. PUC-PR. Disponível em: http://www.docomomo.org.br/seminario%2010%20pdfs/CON_42.pdf. Acesso em 15 de abril de 2015.

produziu um álbum fotográfico de registros da festa de reinauguração, que aconteceu em junho de 1973. Esse álbum pertence atualmente ao acervo da Escola Estadual de Uberlândia.

Há, com esse registro, a produção de um sentido sobre a “nova” escola que estava sendo reinaugurada, assim como também sobre as mudanças mais gerais no campo educacional, ditada pelo governo, que aconteciam na cidade.

O foco central do álbum é o registro das autoridades presentes. Através dessas fotografias é possível perceber que a festa de reinauguração reuniu uma quantidade grande alunos e muitos realizaram apresentações de ginástica e dança para os convidados.²⁴² São nessas poucas fotografias que aparecem estudantes e que podemos perceber a dimensão da expectativa que se criou em torno da reforma no prédio da escola, dos ensaios em que estiveram envolvidos, da apresentação que realizaram e do simples fato de entrar em seu interior e saber como havia ficado a escola após a reforma.²⁴³

²⁴² A autoridade recebida com solenidade foi o Secretário de Educação de Minas Gerais, Ângelo Correia Viana, assim como a Diretora da escola, Gláucia Santos Monteiro, o seu irmão, o deputado federal Homero Santos, o deputado estadual Valdir Melgaço, o prefeito da cidade, Renato de Freitas, o Delegado Regional de Ensino, José Maria Fenelon dos Anjos e o ex-diretor Sr. Osvaldo Vieira Gonçalves. Essas pessoas foram reconhecidas pelo professores que entrevistei e que mostrei as fotografias, com a intenção de saber se elas tinham participado da festa de inauguração. Nenhum deles nem ano menos se lembram desse momento, apesar de falarem da reforma no prédio da escola.

²⁴³ Duas referências são importantes para o diálogo com a linguagem fotográfica e auxiliam na sua interpretação: KOSSOY, Boris. *Iconologia: caminhos de investigação*. In: **História e Fotografia**. 2 ed.. São Paulo. Ateliê Editorial, 2001. LEITE, Mirian Moreira. **Retratos de Família: leitura fotografia histórica**. 3 ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

Fotografia 1 - Apresentação de Ginástica no pátio da escola durante as comemorações da reinauguração (1973)



Fonte: Álbum fotográfico inauguração das novas instalações, junho de 1973. Acervo da Escola Estadual de Uberlândia.

Fotografia 2: Apresentação de dança na reinauguração 1973



Fonte: Álbum fotográfico inauguração das novas instalações, junho de 1973. Acervo da Escola Estadual de Uberlândia. Na primeira cadeira é possível identificar a então diretora Gláucia Santos Monteiro, que havia assumido a direção naquele ano, irmã do deputado federal Homero Santos.

Fotografia 3: Apresentação de ginástica dos estudantes durante a reinauguração (1973)



Fonte: Álbum fotográfico inauguração das novas instalações junho de 1973. Acervo da Escola Estadual de Uberlândia

Nesse momento, destaco a importância das considerações da pesquisadora Mirian Moreira Leite ao afirmar que as fotografias não devem receber um tratamento diferenciado de documentos escritos: ambos precisam ser “decifrados”. A investigação deve dar atenção também às imagens, não apenas as palavras; aquelas trazem uma mensagem não-dita e não podem ser usadas apenas como ilustração para a análise verbal.²⁴⁴

As fotografias que formam o álbum trazem uma narrativa linear e cronológica dos acontecimentos do dia 02-06-1973 e foram reproduzidas aqui as poucas fotografias do álbum em que os estudantes estão no foco da lente. A participação deles na festa de inauguração ficou resumida à condição de “plateia” e, uma minoria, de participantes nas apresentações. Entretanto, mesmo nesses lugares limitados que lhe foram reservados na festa, as fotografias nos permitem considerar a vontade que tinham em conhecer os resultados da reforma, ao percebê-los ao fundo, com uniformes da escola e em um sábado, em que aconteceu a reinauguração.

Os ânimos de, pelo menos, parte dos estudantes em relação à festa e à reabertura da escola estão expressos nessas lentes, o fato de se apresentarem às autoridades e aos outros estudantes, ou pelo menos de entrarem e ocuparem as salas e, das janelas apreciarem as atividades, nos indica que o resultado da reforma do prédio era aguardado com expectativas.

Dona Rogéria, em sua narrativa, expressa que a reforma foi importante para a continuidade da apreciação do prédio da escola na cidade.

Já tinha feito uma reforma boa! Quando eu voltei no 3º colegial já era outra coisa de quando eu fiz de 5º a 8º série, aí já tava assim, aí a gente falava que era até escola nova. (...) A fachada ali já tava tudo novinho e tal. (...) Eu acho que é por causa do prédio, do jeito que ele é. Ele já era antigo. Já era uma escola velha. Lembra que eu te falei, que depois teve uma reforma e tal, que aí a gente achou que ele ficou até muito lindo... Depois que reformou... Na minha época era uma escola velha. Que eu te falei lá do palco, lá do tablado, já era tábua assim já velha... Você via lá embaixo assim... Que faltava pedaço...²⁴⁵

A reforma do “venerado” prédio do Colégio Estadual de Uberlândia irradiou sobre a cidade um entusiasmo sobre as mudanças que estavam acontecendo sobre a educação pública brasileira. A materialização desse entusiasmo sobre a reforma do prédio abre caminho para estender nossa reflexão sobre como foi vivida a reforma como um todo, e, concomitantemente, o processo de expansão da escola pública.

²⁴⁴ LEITE, Mirian Moreira. **Retratos de Família: leitura fotografia histórica**. 3 ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 26.

²⁴⁵ Ex-estudante Rogéria de Fátima Silva. Entrevista realizada no dia 07 de abril de 2015. Ela tem 54 anos é professora de matemática da rede pública estadual aposentada.

A professora Marlene menciona em sua narrativa alguns sentidos vividos na escola com a reforma de 1º e 2º grau da Lei 5.692 de 1971. Na entrevista, ela se recordou rapidamente daquele momento, pois foi quando realizou o concurso que lhe proporcionou a vaga efetiva como professora na escola. Antes da efetivação, preocupação e incômodo eram constantes na vida dos professores:

(...) então era assim você entrava, alguém te indicava, às vezes precisava, aí você ia ficando, se você agradasse ficava, se não... Agradava no sentido profissional, você ficava, não é? Aí depois você ia, se na medida você não interessasse mais a escola, ou se você não estivesse fazendo aquilo que a escola te pedia, que era interesse da escola, então você era dispensado.²⁴⁶

Através do concurso, que se realizou em 1972 e permitiu à professora Marlene permanecer na escola sem o temor de ser dispensada, ela constrói uma ponte com aquele momento no passado a partir do sentido da autonomia que conseguiu como professora na escola. Segundo a professora, foi preciso ir à Belo Horizonte realizar provas, compostas inclusive por demonstrações de aulas. Sobre as relações entre a Lei 5.692/71 e a escola, Dona Marlene entende que:

Janaína: Aí eu fico pensando: a senhora se lembra desse momento assim? Como que os professores receberam essas mudanças? De 1º Grau? 2º Grau? Muda de nome deixa de chamar Colégio pra ser Escola?

Marlene: Não, a gente só ficou na expectativa que melhorasse tudo! Na carreira do professor, na existência do colégio, que viesse mais, mais... Mais verbas! Que o Estado tivesse mais interesse. Certo? Então a gente pensou na melhoria. O fato de ser Colégio ou Escola, não sei se isso aí influenciou no dia a dia não.(...) ²⁴⁷

Sob a perspectiva da professora Marlene, e do universo que representa, a mudança era esperada como algo positivo. Tanto foi na sua avaliação, por ter conseguido ser aprovada em concurso promovido naquela conjuntura. Segundo ela, havia vários anos que muitos dos professores viviam condições de instabilidade na carreira, sofrendo a pressão para trabalhar de um modo que agradasse apenas a direção da escola.

A narrativa da Dona Marlene parte de um lugar social que dá significado àquelas reformas como “boas” por ter gerado em sua vida como professora certa autonomia e, como disse, um momento em que passou a ter uma *carreira*. Os professores que viviam aquele processo, como a professora Marlene, tinham as melhores expectativas possíveis.

²⁴⁶ Professora de matemática aposentada Marlene Dalti. Entrevista realizada em 30 de outubro de 2014. Ela tem 73 anos, trabalhou entre 1965 a 1980 na Escola Estadual de Uberlândia.

²⁴⁷ Entrevista com a professora de matemática aposentada Marlene Dalti. Entrevista realizada em 30 de outubro de 2014.

Como não acreditar nessas reformas nesse momento no Brasil? Um número maior de pessoas estava chegando à escola, enquanto tantos prédios escolares estavam sendo construídos, professores passando a ter carreiras mais estáveis e meios de comunicação, como jornal *Correio de Uberlândia*, realizando intensa campanha na cidade em prol das reformas educacionais.

Foi somente no desenrolar do processo que as práticas foram assumindo suas posições e interesses políticos, mesmo porque não eram tempos democráticos, onde os pontos de divergências estavam em debate aberto e claro. Na medida em que os anos passavam, as condições e os efeitos da reforma foram se materializando na vida das pessoas, principalmente dos estudantes, quando percebiam que as escolas que estavam sendo construídas não eram suficientes para todos e mesmo quando eram aprovados nos exames de seleção não tinham como se matricular porque não existiam vagas. Cursar o 2º grau significava ultrapassar a imposição de limites, mesmo quando as políticas públicas o previam, teoricamente, para os estudantes-trabalhadores.

No momento em que se decidiu reformar o Colégio Estadual de Uberlândia, dentro da conjuntura da ditadura militar, foi escolhido seu ex-diretor Sr. Osvaldo Vieira Gonçalves – mais conhecido como Sr. Vadico – como a pessoa em Uberlândia para dirigir as transformações preconizadas pela Lei 5.692. Entendo que essas duas ações objetivavam conseguir a confiança da sociedade sobre os novos rumos da educação:

Acaba de ser designado pelo Secretário da Educação e Cultura do Estado de Minas Gerais, o professor Osvaldo Vieira Gonçalves, para ocupar o cargo de secretário executivo da Comissão Municipal para a implantação da reforma de Ensino, no município de Uberlândia. Falando está manhã com o Senhor Vadico, que por sinal assume tão importante cargo sem nada receber, fomos informados que a Comissão será formada pelas seguintes pessoas: Presidente de Honra: Prefeito Municipal; um dos nossos três juízes havendo a possibilidade de ser escolhido o Dr. Fábio Teixeira; O Secretário da Educação e Cultura do nosso município; representantes do legislativo municipal; classes empresariais, clubes de serviço, área do ensino particular e instituições religiosas. Essa comissão que vem sendo formada por Sr. Vadico deverá viajar para Belo Horizonte no próximo dia 07 para no período de 8 a 18 do corrente, participar de um Seminário para preparação das Comissões Municipais escolhidas e designadas e que estarão trabalhando na implantação da Reforma do Ensino, em vários municípios de Minas Gerais. (...) ²⁴⁸

Em 1972, Sr. Osvaldo Vieira Gonçalves não era mais diretor do Colégio Estadual de Uberlândia, contudo, o fato de ter ocupado esse cargo por muitos anos aponta que ele tinha confiança e respeito de autoridades políticas. Durante o longo período em que esteve na

²⁴⁸ Professor Vadico convocado para importante missão. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 05 de maio de 1972. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

direção não ocorria eleições para estar nesse cargo, mas nomeações por parte do poder executivo. A escolha para Sr. Osvaldo Vieira Gonçalves dirigir os trabalhos de reorganização do ensino público através da Lei 5.692 de 1971 na cidade de Uberlândia também ocorreu devido às relações que mantinha com as autoridades ligadas ao regime militar.

A partir de toda essa discussão, podemos destacar que as políticas públicas educacionais do governo militar trouxeram consideráveis mudanças à educação. Novas escolas foram construídas, assim como também foram modificadas aquelas que já existiam, como o Colégio Estadual de Uberlândia. Esse processo não deixou de ser vivido no cotidiano de seus estudantes e ex-professores.

Entre tantas possíveis dimensões da realidade, professores e ex-estudantes entrevistados trouxeram questões relevantes abordando os exames de admissão, os anexos, os uniformes e a reforma do prédio da escola. Minha observação fica para o fato de que todos esses pontos estão, de forma ou outra, relacionados à chegada de um maior número trabalhadores-estudantes a essa escola pública.

Foi a partir de medidas vindas de cima para baixo, de um governo ditatorial, que os trabalhadores conseguiram usufruir por mais tempo das escolas públicas, isso não quer dizer que não existiram anteriormente práticas que exigissem de alguma forma o direito a escola a educação pública. A criação das turmas anexas ao Colégio Estadual de Uberlândia ainda em 1963, como vimos, é um fato que nos aponta essa realidade.

A abertura de maneira mais efetiva do Colégio Estadual de Uberlândia dentro desse processo, seja para estudantes-trabalhadores ou para novos professores, aconteceu devido àquele projeto, que mudava os objetivos da escola pública, levando-a a adquirir o caráter de preparação para o trabalho, conforme as necessidades industriais e comerciais do momento. Contudo, isso não inviabilizou a construção de sentidos de orgulho e importância dessa escola na vida das pessoas entrevistadas, nem as impediu de atribuir valor a espaço público da cidade.

A valorização do Colégio Estadual de Uberlândia, elaborada pelos trabalhadores, estudantes e professores, torna-se um fator importante no processo de expansão da escola pública que ganhou mais força durante os anos de 1980 na cidade. Isso pode ser observado no sentido de se comemorar os 60 anos de fundação da Escola Estadual de Uberlândia como escola pública na cidade de Uberlândia, em 1989. Este será o tema problematizado em nosso próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

ESCOLA ESTADUAL DE UBERLÂNDIA: PROFESSORES E ESTUDANTES NA CONSTRUÇÃO DE UM DIREITO

Depois de uma aproximação sobre as experiências sociais vividas por professores e estudantes da Escola Estadual de Uberlândia durante o processo de expansão da rede pública estadual pela Lei 5.692 de 1971, observamos que estudantes-trabalhadores e filhos de trabalhadores passaram a estar em maior número nesta escola. Frente à consolidação dessas mudanças, outro processo ganhou forma nas relações vividas por professores e estudantes: o embate pela valorização da Escola Estadual de Uberlândia enquanto uma instituição pública da cidade que agora atendia, em sua maioria, filhos de trabalhadores.

A partir dessa consideração, procuro nesse capítulo compreender a multiplicidade dos sentidos elaborados por professores e estudantes da Escola Estadual de Uberlândia após o processo de expansão da rede pública.

Entre as muitas memórias existentes sobre a escola na sociedade, apontadas ao longo dessa discussão, a memória que caracteriza essa instituição como “a melhor da cidade”, por oferecer um bom ensino, os melhores professores e por ser onde estudavam os alunos mais dedicados, tornou-se importante na valorização da Escola Estadual de Uberlândia nas relações sociais construídas na cidade. Essa memória, que está nas narrativas de professores e estudantes, foi denominada aqui “memória de excelência”.

Para nos aprofundarmos na problematização proposta neste capítulo, o cruzamento de alguns registros permite-nos pontos de reflexão importantes.

A escola tem um número grande de fotografias, muitas delas organizadas em álbuns. A fotografia foi e é um recurso muito utilizado pela escola como registro de diferentes atividades, mas a circulação desse material restringe-se em grande parte à própria escola. Entre os álbuns existe um que me chamou a atenção por estar muito bem organizado, encadernado e guardado; ele retrata várias festividades de comemoração ao aniversário de 60 anos da Escola Estadual de Uberlândia, que aconteceu em 1989.

Esse álbum, e outras fotografias isoladas, foram levados para as entrevistas que realizei com professores, com o objetivo de auxiliar no processo de elaboração das memórias. Uma das professoras que entrevistei aparece em algumas das festividades retratadas nesse álbum e para a nossa entrevista entendi ser interessante levá-lo para que ela abordasse algo sobre aquela comemoração. Dona Jerônima esteve envolvida nas comemorações dos 60 anos

da escola, inclusive aparecendo em algumas fotografias realizando a leitura de um histórico sobre a Escola Estadual de Uberlândia. Durante nossa entrevista, ela avaliou e sentiu necessidade de justificar sua participação:

Janaina: E o quê que você lembra desse histórico do Museu? Acho que tem uma foto sua aqui lendo...

Jerônima: Olha todos professores tinham assim, um amor muito grande pelo Museu, todo mundo se envolvia muito. Em 80, a nossa diretora.... Era a Arlete que inclusive já faleceu, uma pessoa assim fantástica, a Arlete. Eu tenho assim uma admiração imensa pela Arlete, sabe? Então, ela procurou envolver todo mundo no aniversário, sabe? E foi muito bom! Muito bom mesmo!

Janaina: E que você se lembra desse histórico? Que você queria passar?

Jerônima: Aí contando a história do Museu. Veja bem, a gente tava passando..., eu lembro que foi, uma passagem mais do Museu, dentro de uma visão muito tradicionalista, sabe? Colocando só do sucesso, colocou muito sucesso dos alunos do Museu (...) ²⁴⁹

Ao mencionar que o teor da leitura relacionava o histórico da Escola Estadual de Uberlândia com “sucesso dos alunos”, há possibilidades de que tenha se fundamentado no “Escorço Histórico”, discutido no primeiro capítulo, redigido pelo professor Eurico Silva em 1954 para a comemoração dos 25 anos da escola. Isso se torna ainda mais provável por uma cópia desse documento estar, até hoje, no acervo da escola. ²⁵⁰

A professora aposentada Jerônima reconhece em sua narrativa a relação do “sucesso” com a história do “Museu” e explicita desconfiança em sua narrativa, entendendo que a Escola Estadual de Uberlândia não é feita somente da excelência de seus estudantes e professores. Porém, afirma que em alguns momentos tornou-se preciso destacá-los nas relações vividas em sociedade, como foi nos anos de 1980, na ocasião do aniversário da escola. Ao fazê-lo, Dona Jerônima valorizava a instituição, mas não eliminava as contradições de significados elaborados sobre esse espaço social da cidade.

Comemorar os 60 anos permite-nos inferir que havia uma proposta política por parte de alguns componentes do corpo docente da escola e nela, os estudantes foram os principais envolvidos, como conta com detalhes a professora Jerônima: “(...) Agora de 80, de 89, foi melhor, foi assim teve uma maior participação, eu li, a questão, um histórico sobre o Museu,

²⁴⁹ Professora de história aposentada Jerônima Augusta de Paula Menezes. Realizada no dia 23 de outubro de 2013. Ela começou a trabalhar na Escola Estadual de Uberlândia no ano de 1976 e aposentou-se em fevereiro de 2013. No momento da entrevista ela trabalhava na assessoria da Secretaria Municipal de Educação.

²⁵⁰ SILVA, Eurico. **Escorço Histórico do Colégio Estadual de Uberlândia**. 1954. Acervo Prof. Jerônimo Arantes. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

teve um série de celebrações durante todo o dia, teve uma missa muito bonita na Catedral Santa Terezinha, depois a festa foi no Uberlândia Clube ...”²⁵¹

A narrativa nos induz a levantar algumas questões, que podem ser esclarecidas quando observamos a elaboração de Dona Jerônima para sua trajetória. A professora, ao longo de sua vida profissional, conviveu e trabalhou com agentes que representavam os interesses dominantes, como sua ex-diretora Dona Gláucia Santos Monteiro, irmã do Deputado Estadual pelo PDS Homero Santos, que foi indicada para a direção da Escola Estadual de Uberlândia de 1972 a 1980.

A Dona Gláucia me conhecia assim, *en passant*, não tinha muito contato, mas 1976, embora não tivesse sindicato nem nada, eu já nasci de oposição! Então agente tinha assim uma série de discussões a respeito de partido, de posição política, nós estávamos em plena ditadura militar, a dona Gláucia era irmã do Homero Santos, então quer dizer que as nossas discussões se travavam a nível político, ideológico nada de pessoal, mas ela assim tinha algumas diferenças em relação a mim e eu em relação a ela.²⁵²

Identifica-se como “nascida de oposição” significa ali colocar-se como uma professora que questionava a ordem da ditadura militar, mas, por isso, professora Jerônima precisa construir uma justificativa ao se recordar do aniversário de 60 anos da escola, quando realizou a leitura de um histórico da instituição: “(...) Olha todos professores tinham assim, um amor muito grande pelo Museu, todo mundo se envolvia muito. (...) Aí contando a história do Museu. Veja bem, a gente tava passando..., eu lembro que foi, uma passagem mais do Museu, dentro de uma visão muito tradicionalista, sabe?(...)”²⁵³

Ao construirmos essa entrevista, Jerônima sabia da minha formação e me dizia o que representava para um professor de história ler sobre algo de uma visão tradicionalista nos finais dos anos 80, elegendo ações de alguns agentes no passado, transformando-os em “heróis”. Entretanto, firmar ter realizado tal ação, mesmo tendo conhecimento das críticas que poderia ter sofrido enquanto uma professora de história “que nasceu de oposição”. Assim, sentiu-se compelida a justificar-se através do amor que todos os professores tinham pelo “Museu”.

²⁵¹ Professora de história aposentada Jerônima Augusta de Paula Menezes. Realizada no dia 23 de outubro de 2013. Ela começou a trabalhar na Escola Estadual de Uberlândia no ano de 1976 e aposentou-se em fevereiro de 2013. No momento da entrevista ela trabalhava na assessoria da Secretaria Municipal de Educação

²⁵² Professora de história aposentada Jerônima Augusta de Paula Menezes. Realizada no dia 23 de outubro de 2013.

²⁵³ Professora de história aposentada Jerônima Augusta de Paula Menezes. Realizada no dia 23 de outubro de 2013.

Era preciso, na ocasião do evento, reafirmar a importância social da escola pública e a maneira possível naquela conjuntura – nas relações de conflito vivenciadas por ela – era colocar que aquela escola ainda tinha muito de suas origens, que ainda deveria ser considerada um lugar de excelência.

Fotografia 4: Professora Jerônima em discurso durante a festa de 60 anos da E.E de Uberlândia (1989)



Fonte: Álbum de Fotografias de 60 anos da Escola Estadual de Uberlândia. Acervo da Escola Estadual de Uberlândia

Fotografia 5: Alunos e professores no pátio da escola durante a comemoração de 60 anos da E.E de Uberlândia (1989)



Fonte: Álbum de Fotografias de 60 anos da Escola Estadual de Uberlândia. Acervo da Escola Estadual de Uberlândia.

Quando realizei a entrevista com Jerônima, em outubro de 2013, mostrei algumas outras fotografias que faziam parte do acervo da escola e que eu havia digitalizado, como as duas reproduzidas acima. Entretanto, só é possível perceber os significados de sua produção e manutenção no acervo da escola quando tomamos conhecimento dos outros álbuns que também fazem parte desse mesmo acervo.²⁵⁴

²⁵⁴O contato com essa documentação da escola aconteceu quando ainda era professora. Na ocasião em que elaborava o projeto de pesquisa, solicitei a diretora da escola para que conhecesse o acervo de fotos. Com uma quantidade expressiva de fotografias, tentei em um primeiro momento localizar as mais antigas, imaginando que encontraria registros de momentos primeiros da escola, já que a instituição hoje soma mais de 80 anos de funcionamento. Para a minha surpresa as mais antigas eram as que faziam parte do Álbum de comemorações da inauguração da reforma de 1973, quando foram registradas solenidades, principalmente com autoridades políticas da cidade e do governo do Estado, e depois organizadas em um álbum com 50 fotografias. A reforma de 1973 aparece nas falas de alguns professores como uma grande intervenção no prédio e é lembrada pelo momento em que houve a troca do piso da escola, que era em madeira, pelo atual, de concreto. Ao folhear esse álbum, que traz em sua contracapa informações em papel de A4 datilografada sobre o ano, os nomes das autoridades, como o governador, secretário de educação, prefeito da cidade e direção da escola. Perguntei a diretora onde poderiam estar outras fotografias mais antigas. Ela não soube confirmar se havia outras além daquelas e se existiram, possivelmente haviam sido levadas pelos diretores anteriores, que não entendiam as fotos como um patrimônio da escola, mas como propriedades particulares. Ações como essas vêm a demonstrar um descaso e falta de cuidado com materiais da instituição o que, de alguma forma, traz elementos do passado e são potencialmente fontes históricas que poderiam interessar pesquisas e demais estudos sobre a cidade. Apesar disso, o acervo de fotos ainda é grande, sem haver um controle da quantidade ou preocupação com identificação. As fotografias mais recentes estão organizadas por ano, não compondo álbuns e registram uma variedade muito grande de circunstâncias como feira de ciências, apresentações artísticas de alunos, reuniões de professores e outros. Tudo indica que essas fotografias foram realizadas pelos próprios funcionários da escola, devido à qualidade das fotografias e os ângulos escolhidos, que não demonstram uma profissionalização como aparenta as fotografias da década anterior. Os álbuns da década de 70 mostram que havia por parte da direção da escola uma maior preocupação com organização das fotos, aparentemente realizadas por fotógrafos profissionais, sendo

Ao conhecer esse acervo, percebo elementos conflitantes ao analisar fotografias anteriores a esse álbum de registro dos 60 anos da Escola Estadual de Uberlândia. Existe nos arquivos da escola registros fotográfico também das comemorações de 50 anos da escola e outro álbum que retratou a inauguração da escola após a reforma de 1973.

O álbum de 1973 ocupa-se principalmente do registro da presença de agentes representantes do governo em visita à escola. Já o álbum da comemoração de 60 anos mostra uma escola com professores em relação muito próxima aos estudantes, como nos indicou, de certa forma, as fotografias acima. Este ato indica que a festa só faria sentido se ocorresse junto aos alunos. A professora Jerônima fez sua leitura em uma festividade que era voltada aos seus estudantes e não a agentes externos à escola. Pelo menos em seus registros, o destaque dessa festa não foram as figuras de autoridade, como aconteceu em fotografias de anos anteriores.

Fotografia 6: Baile de estudantes durante a festa de 60 anos da E.E de Uberlândia (1989)



Fonte: Álbum de Fotografias de 60 anos da Escola Estadual de Uberlândia. Acervo da Escola Estadual de Uberlândia

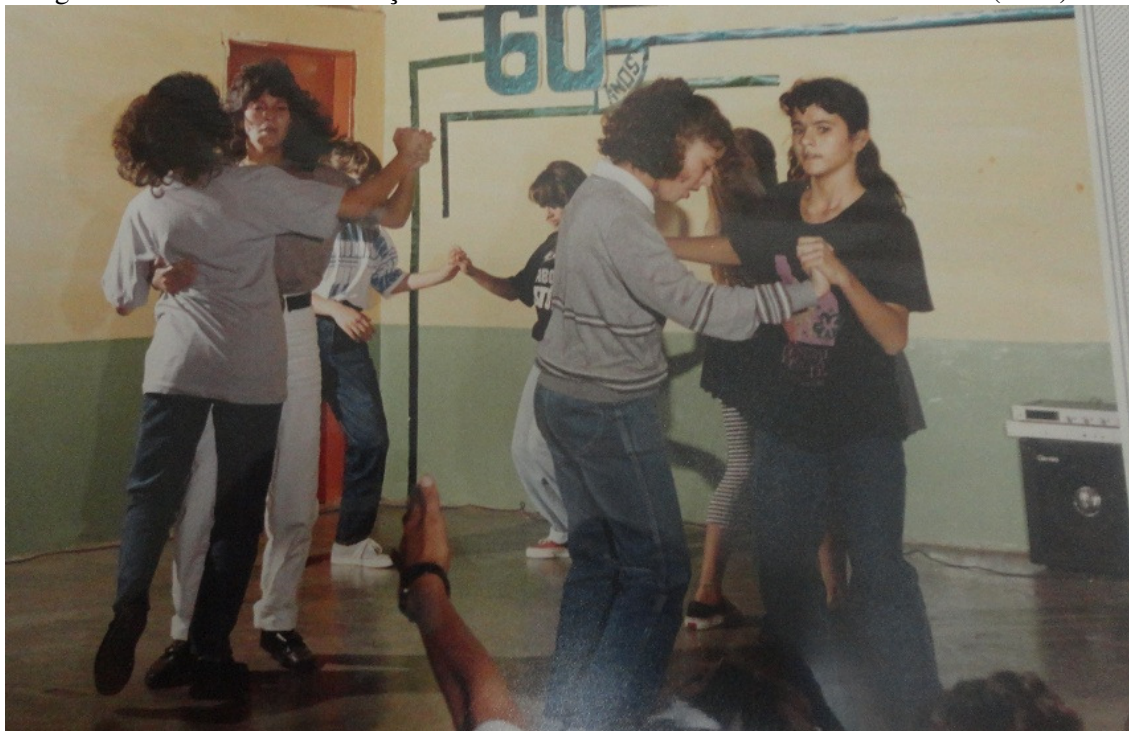
então um serviço contratado. Esses álbuns trazem registros de comemorações em geral como: formaturas, desfiles de sete de setembro, aniversários da escola e em meio a eles há o de Inauguração das Novas Instalações da Escola Estadual de Uberlândia de 1º e 2º graus.

Fotografia 7: Baile de estudantes durante a festa de 60 anos da E.E de Uberlândia (1989)



Fonte: Álbum de Fotografias de 60 anos da Escola Estadual de Uberlândia. Acervo da Escola Estadual de Uberlândia

Fotografia 8: Estudantes em dança durante a festa de 60 anos da E.E de Uberlândia (1989)



Fonte: Álbum de Fotografias de 60 anos da Escola Estadual de Uberlândia. Acervo da Escola Estadual de Uberlândia

Era com estudantes e para estudantes, seja através de apresentações de bandas ou concurso de dança, que o aniversário da escola se constituiu como um espaço de comemorar a existência dessa escola pública. Era para pessoas da escola, estudantes e funcionários, que a festa parece acontecer; com isso conseguiu marcar suas vidas, suas memórias, de estar em uma escola pública.

A narrativa da professora Jerônima nos indica que a Escola Estadual de Uberlândia naquela conjuntura precisava ser “amada”, sobretudo por seus professores. Os conflitos em torno das escolas públicas na cidade de Uberlândia imprimiam sobre ela outros valores e significados que colocavam em dúvida sua qualidade, exatamente por ser um espaço público.

São com essas condições que a professora aposentada afirma que as pessoas se “envolviam” muito quando o assunto era a escola, envolvimento que não podiam deixar de agregar a presença dos seus estudantes. Percebe-se essa necessidade através das fotografias pela presença significativa de alunos.

A professora Jerônima, na elaboração da sua narrativa, faz ainda uma observação que não deixa de ser importante ao se referir ao “Museu”. Ela destaca que ao citar a escola tornou-se comum vinculá-la ao sucesso de seus estudantes, entretanto a própria professora observa essa prática com crítica. Isso pode ser percebido no trecho da narrativa citada anteriormente:

Jerônima: Colocando só do sucesso, colocou muito sucesso dos alunos do Museu. Nós... colocamos sempre só o sucesso... O Museu sempre pecou por isso, eu sempre tentei colocar, assim nós não falamos do fracasso dos alunos, sabe? Então por exemplo, nós só falamos do sucesso dos alunos, nós não falamos do fracasso... nós só falamos do, pra você ver a própria Gercina que tem uma visão assim, não é tão assim tradicional, não é nada tradicional, ela falou do Dr. Domingos Pimentel, quantos alunos nossos nunca, muitos muitíssimos deram muito bem na vida são médicos de sucesso, políticos de sucesso. E as pessoas que não deram nada? Sabe? Aqueles que não conseguiram estudar? E aqueles que tem profissões subalternas ?

Janaina: Tinha alunos assim?

Jerônima: Tinha! Mas só que eles, Então assim, tinha! Sempre teve! Sempre teve, mas isso, nunca foi, e é falado. Entendeu? É muito mais melhor você lembra, falar do sucesso, do que dos fracassos, dos que saíram bem, e os que saíram mal. Eu falo assim a melhor coisa ser pai e mãe do Neymar! Que tem o sucesso fabuloso! Agora um jogador que nunca saiu de timinho pequeno? Não é a mesma coisa, não é?

Janaina: É verdade!²⁵⁵

São contradições sobre os sentidos dessa escola que a professora aposentada elaborou através de sua experiência ao observar a ação da memória de excelência na sociedade.

²⁵⁵ Professora de história aposentada Jerônima Augusta de Paula Menezes. Realizada no dia 23 de outubro de 2013. Ela começou a trabalhar na Escola Estadual de Uberlândia no ano de 1976 e aposentou-se em fevereiro de 2013. No momento da entrevista ela trabalhava na assessoria da Secretaria Municipal de Educação.

Os conflitos sobre a escola estão presentes na própria narrativa da professora aposentada: como não valorizar o próprio trabalho e a escola em que se trabalha? Mas como, ao mesmo tempo, reconhecer ou compreender as histórias que não conjugam a noção de excelência da escola? De alguma maneira, esta memória poderia agir a favor de reformulações e de avaliações positivas sobre a escola e o trabalho nela desenvolvido.

São sentimentos paradoxais que fazem parte do trabalho de professores, mas que na Escola Estadual de Uberlândia era vivido com certa pressão ao lidar com aqueles estudantes que não eram considerados “brilhantes”. Por outro lado, Dona Jerônima mostra que ao lembrar o “sucesso” dessa escola pública na conjuntura vivida nos anos 80, significava dar uma referência de qualidade a um lugar social que agora tinha como estudantes, em sua maioria, pessoas pertencentes à população trabalhadora.

A realidade social se mostra contraditória, principalmente, quando lidamos com as narrativas orais. A entrevista da professora aposentada Sônia Oliveira nos permite refletir sobre elaborações a respeito da comemoração dos 60 anos da escola, que divergem dos significados sociais representados aqui pela experiência da professora Jerônima.

A professora de Língua Portuguesa Sônia Oliveira, que trabalhava no mesmo momento que a professora Jerônima, se recorda de vários detalhes das comemorações de 50 anos da Escola Estadual de Uberlândia, em 1979. Ela, por sua vez, não se refere aos 60 anos, comemorados em 1989.

Sônia de Oliveira começou a trabalhar na escola quando ela ainda era chamada de Colégio Estadual de Uberlândia, em 1964. Aposentou-se como professora da rede pública na própria escola em 1992. Durante todos esses anos na escola lecionou em dois cargos, quer dizer, trabalhava como professora em dois turnos. Após sua aposentadoria, continuou a lecionar em escolas particulares da cidade, finalizando definitivamente sua relação com a sala de aula em 2007. No momento da entrevista, em novembro de 2013, ela ainda trabalhava, mas em sua própria casa com aulas particulares.

Interessante apontar que a professora Sônia, assim como Jerônima, e outros que entrevistei, se formaram como professores na cidade de Uberlândia no “Colégio das Irmãs”, o Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, que coordenou e dirigiu a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia, fundada nas dependências do Colégio em 1960.²⁵⁶

²⁵⁶ Segundo informações do Jornal Fundinho Cultural, a faculdade particular de Filosofia, Ciências e Letras iniciou as suas atividades primeiramente ofertando o curso de Letras Neo-Latinas, Letras Anglo-Germânicas e Pedagogia. Em seguida passaram a ser oferecidos o curso de História em 1964, geografia em 1971, Estudos Sociais em 1972, Matemática em 1972, Ciências Biológicas em 1973, Química em 1974 e Psicologia em 1975. Ver maiores detalhes: MOREIRA, Eduardo Henrique Rodrigues da Cunha. 2010: comemoração dos 50 anos de

A professora Sônia também teve contato com as fotografias durante a realização da entrevista e, concomitantemente a sua fala, buscava entre as fotografias uma que houvesse registrado um desfile pelas ruas da cidade, realizado pelos professores em comemoração aos 50 anos da escola. Esta fotografia, no entanto, não estava no conjunto e eu não me recordo de tê-la visto no acervo da instituição:

(...) Isso aí pode ser os 50 anos viu, isso aí deve ser o desfile de 50 anos (...) Tem um grupo de professores desfilando aí, tem um grupo só de professores, um conjunto só de professores. Foi um desfile lindo! Teve jantar, depois teve muitas festas neste dia, foi uma festa muito bonita dos 50 anos, foi na rua.(...) Assim detalhes do desfile eu não lembro. Mas lembro da festa, era a Gláucia que já estava na direção, tem um grupo aí que são todos os professores que estão desfilando e depois teve muita festa (...)²⁵⁷

A colocação de Dona Sônia nos aponta posições diferentes dos professores nas relações com a escola ao dar destaque aos 50 anos, em 1979, e não aos 60 anos, de 1989. A professora não mostrou marcas em sua memória sobre 1989; para ela a escola já não tinha muito que comemorar, mesmo que para outros professores, sim.

São valores distintos sobre a escola, que se relacionam a períodos históricos diferentes e que culminam em modos diferentes de construir a memória. A professora Jerônima afirmara que: “(...) Olha todos os professores tinham assim um amor muito grande pelo Museu todo mundo se envolvia muito (...)”²⁵⁸. Lembrar-se de desfilar pelas ruas em 1979, mesmo com poucos detalhes em suas lembranças, ainda sob o regime militar, foi para Sônia algo descrito como muito “bonito”.

As festividades dos 50 anos da escola aparecem na memória de Dona Jerônima com grande diferença. O ano de 1979 e o cinquentenário são marcados por um ano de greve, a primeira realizada pelos trabalhadores em educação no Estado de Minas Gerais desde a implantação da ditadura militar. Por isso, as comemorações em sua narrativa não ganham grande destaque, dando a entender que poucas pessoas participaram efetivamente, por estarem em greve e sendo essa mais importante do que a celebração da data:

Fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia. In: **Fundinho Cultural**. Número 16. Junho de 2010. Ano VII. Uberlândia. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

²⁵⁷ Professora aposentada Sônia Maria Guimarães de Oliveira. Entrevista realizada no dia 05 de novembro de 2013. Ela tem 72 anos e trabalhava com Língua Portuguesa. A professora Sônia estudou no Colégio Nossa Senhora, o “Colégio das Irmãs”, fez magistério nessa mesma instituição. Trabalhou em dois cargos na Escola Estadual de Uberlândia de 1963 até o ano de 1992, quando se aposentou. Depois trabalhou até o ano 2010 em diferentes escolas particulares na cidade. Ela ainda trabalha com aulas particulares de Língua Portuguesa em sua residência.

²⁵⁸ Professora de história aposentada Jerônima Augusta de Paula Menezes. Realizada no dia 23 de outubro de 2013.

Janaina: E você esteve presente nas comemorações de aniversário da escola?

Jerônima: Estive, estive em 60, 70, 80. Não de 60 não, de 70...

Janaina: De 60 anos, de 70 anos...

Jerônima: De 60 foi lá no Cajubá

Janaina: Isso! E como que você se lembra da preparação das comemorações?

Jerônima: Olha! Preparação na década de 70 não houve muita participação de professor porque primeiro a gente tava em greve...

Janaina: Ah é?

Jerônima: A nossa primeira greve foi em 79 e a festa foi em 79. Nós fizemos uma pausa na greve e fomos todos... Então eu me lembro só do jantar e não lembro de outra comemoração. Acho que não teve por causa da greve e tudo. Agora de 80, de 89, foi melhor, foi assim teve uma maior participação, eu li, a questão, um histórico sobre o Museu, teve um série de celebrações durante todo o dia, teve uma missa muito bonita na Catedral Santa Terezinha, depois a festa foi no Uberlândia Clube ...²⁵⁹

A narrativa de Dona Jerônima aponta que os seus colegas não estavam envolvidos com o aniversário, pois não havia sentido em comemorar naquelas circunstâncias. Entre os professores entrevistados, ela foi a trabalhadora que mais se reportou às greves dos trabalhadores em educação. Essa característica marcante em sua narrativa surgiu devido a seu envolvimento com a União dos Trabalhadores em Educação na cidade, auxiliando, inclusive, na criação do sindicato em Uberlândia em 1990.²⁶⁰

A primeira questão a se esclarecer sobre as comemorações de aniversário da escola é que elas não estavam fora das atividades escolares. A festa fazia parte do calendário escolar, portanto quando os professores estavam em greve, como lembra Jerônima, teria havido pouco envolvimento do corpo docente.

Para Dona Jerônima, quando os professores participavam da festa, esta era melhor. O envolvimento deles e dos estudantes fizeram da comemoração de 1989 algo especial, tanto que ficou marcada em sua memória. Naquela circunstância, pensar na escola como instituição de ensino de excelência significava valorizá-la. Comemorar uma escola pública em tempos pós-ditadura significou um momento de entusiasmo, participação e envolvimento, tanto que essas cenas são retratadas nas imagens do álbum. Além disso, as comemorações pareciam ser

²⁵⁹ Professora de história aposentada Jerônima Augusta de Paula Menezes. Realizada no dia 23 de outubro de 2013.

²⁶⁰ Em 1979 acontece a primeira greve da educação do Estado de Minas Gerais após o golpe militar de 1964, sendo em meio a esse movimento grevista que surgiu a União dos Trabalhadores em Educação, anos mais tarde tornou-se então o SINDUTE. Acontecendo no ano seguinte a segunda greve, mas lideranças foram presas pelo DOPS havendo forte repressão por parte do governo. A terceira greve acontece apenas em 1986. Mas entre 1982 a 1986, mesmo não havendo nenhuma manifestação grevista, a União dos Trabalhadores organizava-se internamente filiando-se a Central Única dos Trabalhadores e a Confederação dos Professores do Brasil e organizando Congressos. Durante o ano de 1986 aconteceu duas greves sobre o governo do PMDB, na gestão do então Hélio Garcia. Em 1989, a UTE comemorava 10 anos de existência. No ano seguinte após o total de sete greves, segundo a página da instituição, a UTE e demais organizações da educação sentiram a necessidade de se unirem formando assim o Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais. Informações que constam no seguinte endereço eletrônico:
<http://www.sindutemg.org.br/novosite/conteudo.php?LISTA=menu&MENU=24>

algo que também faziam parte do currículo da escola, com participações de muitos alunos, como os registros fotográficos nos permitiram inferir.

Os desfiles lembrados pela professora Sônia eram uma prática comum nas escolas da cidade antes mesmo da ditadura militar. Realizado especialmente em 7 de setembro, o ato de desfilar, repetido em 1979 como uma das formas de comemoração de 50 anos da escola, estava em conformidade com a condição política do país. Realizar algo muito diferente desse tipo de atividade não era algo que poderia ser esperado por parte da direção da escola.

A fotografia abaixo se reporta às comemorações a que professora Sônia se referiu – dos 50 anos da escola. Como podemos notar no detalhe da faixa ao fundo da imagem, o foco da imagem está sobre os estudantes, caminhando com passos organizados e ensaiados, quase como um desfile militar; provavelmente os professores estariam logo atrás dos estudantes:

Fotografia 8: Desfile de comemoração de 50 anos da Escola Estadual de Uberlândia. Consta atrás dessa fotografia a data de 07 de abril de 1979



Fonte: Acervo da Escola Estadual de Uberlândia. Álbum de fotografias de comemorações dos 50 anos.

Percebemos, então, como são diferentes as formas como os estudantes aparecem no álbum de 1989 e o de 1979, embora estivessem presentes nas duas comemorações. Na imagem acima, o registro é de um desfile pelas ruas, destinado a um público, onde os alunos portam roupas idênticas e bandeiras, muito diferente de uma festa como documentado no álbum de 1989.

O desfilar pelas ruas significa diferenciar o que está e não está na escola. As pessoas que assistem à comemoração apenas observam e estão fora daquele grupo. Fotografar esse momento significou a construção de uma memória que dá importância à escola no espaço social da cidade, conotando um sentido de ordenar e orientar jovens na vida em sociedade.

Além dos desfiles dos estudantes, as fotografias do acervo de 1979 trazem também uma solenidade com discursos de algumas autoridades. É possível reconhecer entre essas pessoas o Sr. Osvaldo Vieira Gonçalves e nota-se, na mesma foto, a pouca participação dos estudantes. É registrada nesse mesmo conjunto de imagens a inauguração de fotografias de ex-diretores da escola, fixadas na biblioteca – inclusive da diretora da ocasião, Gláucia Santos Monteiro. Eram formas de comemorar comuns naquele momento histórico, mas o que ficou marcado na memória da professora Sônia foi o desfile pelas ruas.

A atividade foi significativa para Dona Sônia por ela ter participado pessoalmente, colocando-se em público como uma professora da escola. É uma forma diversa de envolvimento e de colocar-se na escola que, por exemplo, a professora Jerônima. Ser “bonito” aponta o sentimento de satisfação que teve ao caminhar entre outros professores, mostrando-se a cidade e comemorando os 50 anos da escola.²⁶¹

A partir disso, podemos entender que a professora Sônia não relaciona o momento dos 60 anos da escola com o sentido de “excelência”, pelo ao contrário, em sua memória a instituição sofria com uma queda de rendimento. O motivo seriam os estudantes que estavam se matriculando na escola sem o processo de provas de admissão, que aconteceu na escola somente até meados de 80, salvaguardado por um Decreto.

A professora aposentada Sônia, ao ser questionada sobre o momento em que considerou mais difícil trabalhar na escola, indica os anos de 1980. Talvez por isso não fizesse referência a festa de comemoração de 60 anos em 1989. Como mencionado, segundo Dona Sônia as condições tornaram-se críticas quando se deixou de realizar exames de admissão, esse era um meio utilizado por algumas escolas para a formação de turmas do 1º colegial, hoje o 1º Ano do Ensino Médio:

²⁶¹ A imprensa no dia 3 de junho de 1979, através do Jornal Correio de Uberlândia, chegou a noticiar em primeira página questões referentes à greve e as férias de julho que deveriam ser comprometidas. Com um espaço exclusivo a questão ao Jubileu de Ouro da Escola Estadual de Uberlândia, o jornal anunciava que devido à greve, a diretoria Gláucia Santos Monteiro, irmã do então Deputado pelo PDS Homero Santos, suspendia as festividades de comemoração do aniversário. Greve dos Professores continua e estudantes pensam em não estudar nas férias. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, sábado e domingo 2 e 3 de junho de 1979. p. 1. e também: Greve suspende festividades. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, sábado e domingo 2 e 3 de junho de 1979. p. 1. Acervo Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Não, naquele tempo fazia-se exame de seleção, o exame de seleção tinha que ser no mesmo dia pra todas as escolas que tivessem o ensino médio, pra não ter aquilo assim “eu me inscrevo aqui, me inscrevo ali, me inscrevo lá”. Você fazia, ficava uma fila à noite lá pra se inscrever pro exame de seleção e tinha que escolher: “Eu vou fazer no Messias, eu vou fazer no...”. Tinha mais uma escola, tinha o José Inácio, todas que tinham ensino médio faziam o exame de seleção no mesmo dia, a prova não era a mesma, cada escola preparava a sua, era só português e matemática e tinha uma redação. Ficava aquela impressão de que o Messias aqui era elite, mas isso era porque tinha que selecionar aí quando entrou aquela delegada, que trabalhava na pedagogia na universidade, ela acabou com o exame de seleção na noite que ela entrou

Janaína: Década de 90, 80?

Sônia: Na década de 80. Ela trabalha na pedagogia ainda eu acho, porque quando a gente ia lá pra corrigir prova ela tava sempre lá. Ela entrou, porque delegada é um cargo político, eu me lembro que ela entrou e 1 ou 2 dias depois seria a seleção, quando nós chegamos de manhã, eu sei que a tardinha ela eliminou o exame de seleção e foi com o aval do Governador, não lembro qual era o governador, ela já tinha garantido que ia eliminar o exame de seleção, ela eliminou, quando nós chegamos de manhã tava a bomba lá na época da Sâmia no colégio e as provas prontas, “eliminado o exame de seleção” a bomba caiu na cidade. Então o quê que vai ser? Vai ser atestado de residência, nossa, mas foi polêmico aquilo porque tinha que levar um documento, uma conta e aí eles chegavam lá com conta de outro fulano quase virou caso de polícia. Quem dava informação errada depois a gente ficava sabendo, o primeiro ano foi uma confusão, hoje eu não sei ainda continua, né? ²⁶²

É possível perceber que a nova medida marcou a memória de Dona Sônia e que proporcionou muitas mudanças nas escolas, não apenas na Escola Estadual de Uberlândia, mas entre outras que ofereciam o Ensino de 2º Grau na cidade, como Escola Estadual José Ignácio de Souza e Escola Estadual Messias Pedreiro. Procurar outros critérios de seleção tornou-se necessário, o que Dona Sônia apontou como gerando dificuldade e a confusão, para distribuir as poucas vagas frente à grande procura.

Ao destacar esse ponto em sua narrativa, a professora Sônia deixa a entender que a escola deixava de ser um lugar “bom”, de excelência, com alunos homogêneos em termos de rendimento e assiduidade. Seu relato expressa uma facilidade em lidar com a aprendizagem dos estudantes e o fim dos exames de admissão trouxe dificuldades ao exercício de sua profissão.

Janaína: Momentos que você considerou mais difíceis de trabalhar na escola e por quê?

Sônia: Eu acho que depois que acabou a obrigatoriedade de fazer o exame de seleção, houve muita heterogeneidade. Quando havia o exame de seleção, na hora de formar as salas tinham o seguinte cuidado: Não colocar numa sala só os primeiros colocados. Então a gente fazia assim, os primeiros colocados, um pouquinho dos últimos e o meio. Todas as salas sempre tinham aquele perfil; primeiros, últimos e o meio. Quando acabou aquilo não tinha mais um parâmetro e tinha aquele fator amizade, o pai e a mãe iam lá e falava assim: “Ah, eu quero que fulano fique

²⁶² Entrevista com a professora aposentada Sônia M. G. de Oliveira, 70 anos professora de Língua Portuguesa aposentada. Começou a trabalhar na Escola Estadual de Uberlândia em 1963 e aposentou em 1992 da rede estadual. Trabalhou ainda na rede particular de ensino até o ano de 2010. Entrevista realizada no dia 05 de novembro de 2013.

com o meu filho”. Aí as diretoras tiveram muito trabalho, tinham que dividir a sala, no dia seguinte o pai falava assim: “Ah, troca a minha filha, passa pra cá”. Isso começou a gerar indisciplina, a amizade e a indisciplina. Os meninos já não tinham mais, talvez por isso, não sei se é por isso exatamente, os meninos não tinham mais aquela responsabilidade de cumprir as tarefas todo dia, copiava tarefa do outro. Chegou ao ponto que eu tinha que passar em cada carteira individualmente olhando os deveres e para isso dizem que tem professor que continua fazendo a mesma coisa. Eu punha um S do meu nome, porque eles eram capazes de trocar os cadernos pra eu ver os deveres. Eu acho que o pior momento começou a ficar difícil na escola quando os alunos perderam a noção do valor e da responsabilidade. A gente tem responsabilidade quando valoriza alguma coisa. Pode ser até culpa da gente também, lógico que nós não somos os deuses e eles os capetas, mas pode ser assim até atitudes da gente que geraram essa insatisfação deles, ou essa desvalorização não sei. A gente e a família, a família e os alunos, não sei. Eu acho que a partir do final dos anos 80 na entrada dos 90, eu fui tendo muita decepção em relação a valor de alunos. Os alunos não davam mais valor à coisas, eu planeja e ficava assim: “Ah, isso vai ser ótimo”, os alunos não davam o menor valor naquilo; fiquei um fim de semana inteiro imaginando o que eu ia fazer pra chegar na hora e: “Quanto que vale? É muito pouco!” Não era nem quanto que vale, é pelo o que aprender, pelo o que aquilo poderia proporcionar, mas a gente sempre punha uns pontinhos “é muito pouco professora, não, vou perder tempo com isso não”²⁶³

Para a professora Sônia, a escola estava sendo prejudicada em sua qualidade por passar a receber estudantes de todos os níveis de aprendizagem devido ao fim dos exames de admissão para turmas do 2º grau; isso afetava a memória de excelência e sua prática profissional cotidiana. Essa realidade configurava-se com a instalação de meios mais democráticos de matricular estudantes que poderiam não ser aprovados nos exames de admissão. Eram estudantes filhos de trabalhadores, que devido as suas condições sociais não traziam de maneira sólida saberes escolares e ficavam impossibilitados de serem aprovados nas provas de seleção.

Podemos entender a criação de significados diferentes em um mesmo campo de relações sociais sobre a escola naquela conjuntura histórica. Não havia uma uniformidade nas práticas e valores dos trabalhadores da instituição, mas ainda sim a escola como local de excelência educacional não deixou de aparecer na narrativa de Dona Sônia.

O fato da professora não explicitar um envolvimento, como Jerônima, com as comemorações de 60 anos da escola não deixa de caracterizar a excelência da Escola Estadual de Uberlândia em sua narrativa. Falar em escola pública, em específico o “Museu” durante os anos em 80, para a professora Sônia significava um local em que ela confiava muito:

É. A partir da 5ª série minhas filhas foram pra lá. Tinha o exame de seleção, eu levei elas pra lá, pra você ver a confiança que a gente tinha na escola. Tirei de escola particular pra ir pra lá porque os resultados nas universidades e em concursos apontavam sempre o Museu ganhando de todas as

²⁶³ Professora aposentada Sônia M. G. de Oliveira. Entrevista realizada em 05 de novembro de 2013. Ela tem 70 anos trabalhou com Língua Portuguesa. Começou a trabalhar na Escola Estadual de Uberlândia em 1963 e aposentou em 1992 da rede estadual. Trabalhou ainda na rede particular de ensino até o ano de 2010.

escolas. Aí surgiu na década de 70, eu acho que foi, o Messias. Daí o foi grande concorrente, era o estímulo né “Quem vai, o Messias ou o Museu?” Era aquele estímulo mais tarde só que existiu o ensino médio no Bueno Brandão. Mas uma escola também que fazia muito sucesso era aquele perto do conservatório o José Inácio! Ali tinha muito sucesso também tinha um colegial muito bom. Então, a gente assim, queria sempre mais pra escola. Eu vejo o pessoal daquele tempo como “apaixonado por dar aula” assim que eu falo, o pessoal do meu tempo era apaixonado.²⁶⁴

A memória que imprime aspectos de ensino de excelência à escola aparece na fala de Dona Sônia. As suas elaborações sobre essa escola no passado significou lembrar o quanto se confiava na escola pública, por entender que lá seria o melhor lugar para as suas filhas estudarem. Suas três filhas foram estudantes na instituição entre final dos anos 70 e início dos anos 80.

A professora Sônia, no entanto, traz esses elementos em sua narrativa para mostrar quanta mudança aconteceu. Referir-se à confiança como algo do passado significa que no presente esse sentimento não é o mesmo. A relação entre passado e presente no que concerne a esses espaços públicos aparece na narrativa da professora Sônia indicando lugares em que não se pode realizar projeções positivas. Seu relato expressa que nossas escolas públicas estão no foco dos conflitos gerados pelas relações sociais. São valores vividos e que, frente a eles, cabe a nós, sujeitos sociais dessa conjuntura, assumir posicionamentos.

Beatriz Sarlo, mais uma vez nos auxilia nessa reflexão. Ao mapear as condutas e ações dos intelectuais nos tempos atuais afirma categoricamente que “a prática intelectual encontra seu impulso na tomada de um partido. Seu terreno é o conflito de valores”.²⁶⁵

Essa colocação acontece frente à tônica da neutralidade que tem assumido grande espaço nos discursos de muitos intelectuais em nossa sociedade. A partir dessa preocupação, a pesquisadora chama a nossa atenção para a necessidade de nos posicionarmos frente às relações conflituosas de nossos tempos presentes.

Dentro desses conflitos de valores cabe a nós professores nos posicionar. Assim como fez Dona Jerônima, assumindo a memória de excelência nas comemorações dos 60 anos da escola – corroborando o discurso de uma história de sucesso de uma escola pública da cidade – em uma conjuntura social que mostrava conflitos em torno da qualidade da rede pública de ensino.

²⁶⁴ Professora aposentada Sônia M. G. de Oliveira. Entrevista realizada em 05 de novembro de 2013. Ela tem 70 anos trabalhou com Língua Portuguesa. Começou a trabalhar na Escola Estadual de Uberlândia em 1963 e aposentou em 1992 da rede estadual. Trabalhou ainda na rede particular de ensino até o ano de 2010.

²⁶⁵ SARLO, Beatriz. Os Intelectuais. In: _____ **Cenas da Vida Pós-Moderna:** intelectuais, arte e videocultura na Argentina. Tradução Sérgio Alcides. 5º Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. p. 213.

Por outro lado, a professora Sônia valoriza o seu trabalho afirmando que eram, ela e seus colegas de trabalho, apaixonados pelo que faziam: dar aulas. Essa colocação não deixa de estar relacionada à fala da professora de história Jerônima, que já foi citada anteriormente, e que acredito ser muito expressiva sobre a Escola Estadual de Uberlândia: “(...) que todos os professores tinham assim um amor muito grande pelo ‘Museu’ todo mundo se envolvia muito.”²⁶⁶

As elaborações da professora Sônia são de uma profissional que se dedicou os últimos 18 anos em que esteve trabalhando (1992 a 2010) à rede privada da cidade, não estando, portanto, atuando em um lugar público. Ela também experimentou condições diferentes de trabalho e vida de professores na rede pública, apontando que, no tempo em que esteve na escola pública, ela experimentou a confiança, a realização profissional e o reconhecimento em seu trabalho. Diferente das últimas experiências como professora na rede particular quando já estava prestes a completar 50 anos de carreira:

Sônia: Olha o que a gente fazia, a gente trabalhava às vezes graciosamente com o turno da noite e eles correspondiam ao seu anseio, falava assim: “Gente, olha, amanhã domingo eu venho, vou dar duas aulas pra vocês.” O Sandoval da biologia falava “Vou dar duas aulas”. A gente dividia os alunos, um pouco com ele, eu ficava de cá depois a gente trocava. Eles iam praticamente, todos, faltava um ou outro, mas iam todos num domingo de manhã, a gente não cobrava nada. A Sâmia falava: “Não, manda um suplente ficar aqui com vocês, abrir a escola.” Era um interesse das duas partes, eu não sei, pelo o que eu escuto hoje, de gente de dentro da escola mesmo, fala que se falar isso eles riem na sua cara porque não é no domingo que vocês vão dar aula pra eles e também ninguém vai se oferecer a ir lá pelo os riscos que corre também. Então você veja a mentalidade mudou muito, eles valorizam o professor. Hoje a figura do professor é indiferente, quando não reagem até agressivamente. Então eu falo, mas isso piorou na escola particular, por exemplo, eu imaginava ficar 50 anos no magistério

Janaína: Mesmo?

Sônia: 50 anos. Fiquei 47 na sala de aula, só 47. E eu me decepcionei com o quê? Trabalhava numa escola, gostava muito, excelente filosofia, uma escola séria e ela fazia constantemente reunião com os pais. Eu comecei a ouvir dos pais, eu sempre trabalhava com as series finais do segundo grau ou o colegial, hoje ensino médio. Eu ouvi de alguns pais “Ah não, meu filho não vai fazer recuperação não, na universidade tal ele vai pagar uma mensalidade menor do que a que ele paga aqui nessa escola. Já tá garantido que ele vai passar no vestibular, não vai fazer isso não”. Aí eu fiquei pensando, se o próprio pai não dá valor no meu trabalho de preparar o filho dele de uma forma melhor, meu filho não vai pagar nada vai fazer aqui as aulas de recuperação, o quê que eu tô fazendo aqui? Saio de casa, venho com a melhor das intenções de esse aluno melhorar e o pai fala pra mim “não, precisa não” então vou ficar na minha casa, não precisa pra quê que eu vou lá?! Foi aí que eu falei com minhas filhas, elas até falam assim: “Mãe você vai parar?” Eu falei: “Vou! Quero saber qual vai ser a melhor forma, se avisam pra os meninos que eu vou pedir a aposentadoria, se eu acompanho estes com os quais eu comecei”, porque eu tinha segundo e terceiro, eu pensei “Talvez os pais do segundo ano achem ruim trocar agora que eles estão indo pro terceiro”. Aí as irmãs também acharam melhor que no ano seguinte também não se comentasse a minha saída, só no fim do ano e que eu ficasse só com o terceiro, não pegasse alunos dos

²⁶⁶ Professora de história aposentada Jerônima Augusta de Paula Menezes. Realizada no dia 23 de outubro de 2013.

segundo. O do primeiro eu continuaria com eles, e assim foi feito. Eu fiquei, os alunos só souberam que eu ia sair às vésperas da formatura deles, ninguém comentou, nem os professores sabiam, só uma amiga minha que sabia. A minha aposentadoria saiu no mês de maio, aí as irmãs fizeram um contrato de prestação de serviço pra dar continuidade e não se comentava na escola que eu estava aposentada, continuou da mesma forma

Janaína: Isso foi recentemente?

Sônia: Foi três anos atrás. Então nesses últimos três anos que eu fiquei trabalhando aqui na minha casa, mas foi assim por decepção com os pais, porque eu tinha feito planos de ficar 50 anos, que seria esse último ano, eu fiz 70. Falei que ia ficar até os 70, daí eu vou descansar, mas não deu certo, fiquei muito decepcionada, não foi a primeira vez, mas foi acontecendo, um fala o outro fala... Aí o menino chegava e falava pra você: “Não professora...” Como é que ele fala assim, ele fala uma gíria tão engraçada, assim, “não se importa com isso não, meu pai acha que é melhor eu já ir pra uma faculdade” O menino falava, o outro falava, até que vários falavam aquilo e eu pensei: “Não é que eles pensam assim mesmo? E se eles pensam isso pagando caro numa escola particular eles pensam isso, que papel que tem o professor na sociedade? O que eu tô fazendo aqui? Brigando com esse povo, nem, nem, nem, vou embora!”²⁶⁷

Os conflitos vividos enquanto professora eram diferentes devido às mudanças nas condições de trabalho que teve ao longo de sua vida, seja na rede pública ou privada, e os lugares sociais a partir de onde fala marcam a narrativa, expressando a diferença. Lembrar-se do trabalho na Escola Estadual de Uberlândia durante a década de 80 significou valores contraditórios por apontar a escola como lugar de realização de um trabalho com educação, que lhe rendia a satisfação quando comparado ao momento em que se aposentou – mesmo com o fim definitivo dos exames de admissão durante meados dos anos de 1980 e a “queda da qualidade” dos estudantes.²⁶⁸

Dentro da complexidade das elaborações de memória, esse lugar social referido pela professora Sônia não se torna muito diferente da professora de história Jerônima. As condições de sua narrativa não aparecem isentas de projeções e expectativas sobre as nossas escolas públicas, como o fez a professora Sônia:

Janaina: Jerônima é isso! Não sei se você quer falar mais alguma coisa...?

Jerônima: Não! Assim só que a minha luta continua sendo por uma escola pública, gratuita e de qualidade. Que eu acho que eu vou morrer lutando por isso e outros virão hoje que agente precisa que já tem um grande números de escola. Hoje tem um grande número de pessoas na escola pública, de crianças na escola pública, a renda, a bolsa família vem ajudar demais, porque só recebe bolsa família quem tem filho na escola, hoje nós, então aquela quantidade do tempo em que a gente brigava pra ter todo mundo na escola, nós já alcançamos, mas não 100%. Porque ainda tem

²⁶⁷ Professora aposentada Sônia M. G. de Oliveira. Entrevista realizada em 05 de novembro de 2013. Ela tem 70 anos trabalhou com Língua Portuguesa. Começou a trabalhar na Escola Estadual de Uberlândia em 1963 e aposentou em 1992 da rede estadual. Trabalhou ainda na rede particular de ensino até o ano de 2010.

²⁶⁸ A professora Sônia ao longo de sua narrativa não marcou o tempo utilizando anos ou décadas, mas referia-se no tempo e a situações na escola mencionando os nomes dos Diretores. Por exemplo, o tempo em que fala de suas filhas na escola ela menciona a Gestão da Diretora Sâmia Mameri Ferreira, e do desfile escolar de 50 anos, o faz ligação com a Diretora Glaucia Santos Monteiro. Ao longo da década de 80 a escola teve as seguintes diretoras: Sâmia Mameri Ferreira e a Arlete Lopes Buiatti.

muito menino fora da escola, tem muito menino, mas hoje também nós precisamos não é quantidade é qualidade. Escolas que sejam muito boas! Também, a medida de ter direito a escola pública isso vai ajudar muito pra entrar nas universidades é preciso ter um bom ensino fundamental e médio, então a escola pública vai ter que se virar. Eu acho que tá precisando disso que traga com propostas que realmente melhore realmente a qualidade no ensino, pra isso é necessário acabar com segunda época, menino ser aprovado parcialmente ir pro ensino seguinte devendo matéria do ano anterior por que isso é uma bobagem; isso não tendo resultado nenhum. Eu acho que a qualidade.... Hoje todos nós devemos lutar só que, não é só na educação não é todo mundo lutar com a educação de qualidade é isso que a rede está querendo, a rede municipal. É chamar os parceiros que são as empresas, ONG's, associações pra juntos fazermos uma escola de qualidade.²⁶⁹

A intenção não é realizar comparações, mas sim analisar as diferenças nas experiências de um campo social compartilhado entre as professoras sobre a educação e a Escola Estadual de Uberlândia. Experiências que imprimem valores diferentes às comemorações realizadas em momentos históricos distintos.

Sobre essas construções de sentidos para a educação, não há como não expressar as minhas preferências enquanto professora que lança expectativas em favor de nossas escolas públicas. Deixar de confiar nesses espaços públicos da cidade significa desistir dos embates e dos conflitos que se geram em sua existência. A narrativa de Jerônima deixa para mim, uma professora que está muito longe de aposentar-se de suas atividades, maior vontade de enfrentar as dificuldades produzidas nos conflitos e divergências sobre as funções da escola pública.

Por outro lado, a professora Sônia, mesmo com uma avaliação de descrença sobre as condições atuais, mostra que se “apaixonar” pelo trabalho em uma escola pública foi algo experimentado por ela. Ela nos dá a possibilidade de vislumbrar um passado que nos serve como referência para os atuais conflitos, onde aquele sentimento foi possível e que nos cabe não deixar de acreditar que algo semelhante ainda pode fazer parte de nossas condições de trabalho.

Com tudo isso, percebe-se como o ato de comemorar os aniversários da Escola Estadual de Uberlândia está repleto dos mais diferentes sentidos. Pensar a comemoração de 60 anos de escola pública nessa conjuntura de conflitos entre escolas públicas e privadas na cidade de Uberlândia, colocou-se nessa pesquisa como um elemento instigador. Ainda mais por articular a memória de excelência a uma escola pública, que, como todas as outras, sofria com um intenso processo de desvalorização nos anos de 1980, após a expansão realizada pela ditadura militar.

²⁶⁹ Entrevista realizada com a professora de história aposentada Jerônima Augusta de Paula Menezes, no dia 23 de outubro de 2013.

A comemoração do aniversário de 60 anos da Escola Estadual de Uberlândia ganhou até uma reportagem em uma das edições do jornal *Correio do Triângulo*. Situação em que foi lembrada a memória de excelência sobre a escola.

Os funcionários, alunos e ex-alunos da Escola Estadual de Uberlândia comemoraram ontem os 60 anos de existência do velho prédio conhecido como “Museu”. Houve às 18 horas uma missa celebrada na Catedral Santa Terezinha e às 21hs um jantar, que reuniu alunos e docentes. O aniversário do prédio foi marcado por jogos e números artísticos dentro da escola na última quinta-feira. O “Museu” foi construído entre 1918 a 1921 porque as escolas da época estavam instaladas em prédios velhos sem uma adaptação própria. Atualmente situado à Praça Adolfo Fonseca, o antigo Ginásio de Uberabinha foi doado pela associação que o construiu ao Estado, a fim de instalar um Ginásio Oficial na cidade. Esse Ginásio Oficial foi concedido através do decreto 8958 de 3 janeiro de 1929, após a solicitação do deputado estadual (em 28), Camilo Rodrigo Chaves. Em 1944, o Ginásio Mineiro de Uberlândia passou a denominar-se Colégio Estadual de Uberlândia. Gradativamente o número de matrícula elevou-se, sendo que em 1940 era de 136 alunos, atingindo-se depois 2.600 em 1966. Criou-se também o primeiro curso normal noturno do Estado, que auxiliou na regularização de professores, que lecionavam nos grupos escolares sem uma adequada habilitação. Nas revoluções de 30 e 32, o prédio do Ginásio foi sede do Comando Geral das Forças Militares e Voluntárias do Município, quando passou por uma ampla reforma, sendo inaugurado novamente em julho de 1973. Hoje ‘o Museu’ que abriga 2.500 alunos entre os cursos de 1º grau, Magistério e Colegial guarda muita de suas origens, afirma a diretora Arlete Lopes Buiate.²⁷⁰

O órgão de comunicação comete um erro na sua primeira frase. Os trabalhadores da escola e estudantes não estavam comemorando a existência do “velho prédio conhecido como Museu”, eles festejavam em 1989, os 60 anos de existência dessa instituição pública. O prédio já existia quando a escola pública foi criada. Sua construção é do ano de 1921, tal como foi registrado no ponto mais alto da sua estrutura e o *Gymnásio Mineiro de Uberlândia* foi criado em 1929, logo percebemos que o prédio em 1989 tinha muito mais do que 60 anos. Entre o ano de 1921 a 1928, funcionou naquele local uma instituição escolar privada, depois ela foi estadualizada, tornando-se pública.

Não deslocou a reportagem a motivação das festividades? Do fato de ter tornado-se uma escola pública para a comemoração da existência do prédio? O que significa essa forma de abordagem? Apenas um erro, uma confusão?

²⁷⁰ “MUSEU” COMEMORA 60 ANOS COM ALUNOS E PROFESSORES. *Correio do Triângulo*. Uberlândia, sábado 17 de junho de 1989. Caderno Cidade/Polícia. p.5. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Em 1989, o *Correio de Uberlândia* passou a se denominar *Correio do Triângulo* almejando uma circulação em cidades da região, explicitando intenções da colocação da Uberlândia, por setores dominantes, como centro econômico e político do Triângulo Mineiro. Esse projeto para o jornal foi noticiado na seguinte edição: NACIF, Maurício. Lay-Out da página impressa. *Correio do Triângulo*. 03 de junho de 1989. p. 2. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Onde inclusive se diz: “(...) Procurou-se priorizar o nome *Correio*, pois é como o jornal é conhecido, considerando também a viabilidade de seu uso futuro em termos de um mercado regional mais amplo, não restrito a cidade de Uberlândia (...)”

A partir da minha leitura, entendo que a construção de memória nessa reportagem além de ter desqualificado o importante momento para os trabalhadores e estudantes da escola, tenta apontar que essa escola pública teve apenas relevância em um passado longínquo. Essa comemoração, que o jornal teve pouco cuidado em informar de maneira correta, só tinha sentido para aquelas pessoas ligadas aquele espaço, não dizia respeito à cidade.

É possível observar a então diretora, que destaca a importância da escola, se apoiando na memória de excelência: “(...) Hoje ‘o Museu’ que abriga 2.500 alunos entre os cursos de 1º grau, Magistério e Colegial guarda muito de suas origens, afirma a diretora Arlete Lopes Buiate.”²⁷¹

O quê significa, nessa reportagem, afirmar que essa escola pública ainda “guardava muito de suas origens”? Não estaria a diretora, mesmo através de uma pequena participação, dando outro sentido àquela memória de excelência sobre a escola, que na reportagem aparece como *origens*? Um sentido que a valoriza enquanto a escola pública enfrenta ações de projetos políticos que colocam dúvidas à credibilidade desse espaço público.

A fala da diretora diverge e cria um conflito entre todo conteúdo da reportagem produzida pela escrita e a imagem. Reivindicar ainda a “excelência” nesses tempos não significava uma forma de se colocar nos embates em defesa da escola pública? Uma relação complexa vai se constituindo com as elaborações em narrativas orais de professores da escola e um álbum de fotografias que registrou as comemorações daquele aniversário, que faz parte do acervo da escola.

São diferentes linguagens que nos auxiliam a refletir sobre essas memórias compartilhadas e fragmentadas sobre essa Escola Estadual, em uma conjuntura social de conflitos em torno da educação. A reportagem foi escrita através da construção de um passado que deixa a entender que a escola teve importância para a cidade, algo que não mais acontece atualmente. Este sentido não se dá apenas por meio do texto, mas, principalmente, na relação da construção de uma ideia entre a forma escrita e a imagem.

Junto à notícia, foi colocada uma fotografia da fachada do prédio, imagem que constrói uma narrativa de maior força quando se relaciona com o corpo do texto. Unidas em prol da instituição de um projeto político que lança elementos de desvalorização no meio social, englobando a Escola Estadual de Uberlândia.

²⁷¹ “MUSEU” COMEMORA 60 ANOS COM ALUNOS E PROFESSORES. **Correio do Triângulo**. Uberlândia, sábado 17 de junho de 1989. Caderno Cidade/Polícia. Pág.5. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Grifo nosso.

Fotografia 9: Fachada da Escola Estadual de Uberlândia com pichações publicada com a reportagem (1989)



Fonte: “MUSEU” COMEMORA 60 ANOS COM ALUNOS E PROFESSORES. **Correio do Triângulo**. Uberlândia, sábado 17 de junho de 1989. Caderno Cidade/Polícia. p.5. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia

A reportagem aparece em destaque na página número 5, no Caderno Cidade e que nessa edição veio junto ao Caderno de Polícia do jornal. Características que compõe a notícia de maneira sutil, mas que não deixam de propagar sentidos e expressar valores sobre essa escola pública e a cidade. Ao lermos a narrativa que se faz pela imagem e as palavras escritas, o que mais chama atenção são as pichações nas paredes mais próximas da calçada, ou seja, levam-nos a entender que os alunos eram os principais responsáveis pelo aspecto de sujeira e de deterioração da escola.²⁷²

A narrativa é entrelaçada pela palavra escrita e a imagem, que constroem o sentido de que essa escola pública mudou. As pichações, que são destacadas pelo fotógrafo, dão a indicação que se trata de uma mudança para pior. Ao lermos a notícia pelas palavras perceberemos a construção de uma memória que destaca uma importância da escola que ficou no passado da cidade, contudo a narrativa pela imagem a desvaloriza por estarem lá naquele momento estudantes e professores da população trabalhadora da cidade.

²⁷² Uma referência importante na questão das imagens e imprensa é a seguinte tese de doutoramento em História: BARBOSA, Marta Emília Jacinto. **Famintos do Ceará**: Imprensa e Fotografia entre o final do século XIX e o início do século XX. Tese (Doutorado em História) PUC/SP. São Paulo. 2004. A pesquisa traz como centro de discussão a construção de memória sobre os trabalhadores do Ceará, que se constituiu em tempos e espaços diferentes com fotografias que traziam imagens de pessoas debilitadas. Barbosa investigou o percurso, as redes de comunicação, dessas imagens ao longo do tempo tentando entender porque e em quais circunstâncias aquelas imagens eram utilizadas para se referirem aos habitantes do Ceará. Esse trabalho ensina que nós investigadores temos ter um intenso cuidado para não cairmos no ponto de vista organizado pelos jornalistas, jornais e revistas, para assim podermos construir uma escrita sobre a história que se aproxime da realidade vivida e dos projetos vencidos nas relações de conflito em nossa sociedade. Nesse sentido, essa produção ajuda na reflexão sobre a linguagem de imagens na imprensa e outros meios de comunicação, pois “(...) são práticas que definem visões de mundo, produzem opinião, divulgam projetos e constroem memórias.” p. 28.

Logo chegamos a um possível sentido na construção da memória pelo jornal através dessa reportagem: essas pessoas não valorizam a escola. Os estudantes por picharem suas paredes e os seus funcionários por não a conservarem de maneira adequada, sendo, portanto, incompetentes em suas atribuições. São por esses elementos estarem no centro da reportagem, que os editores do jornal não se atentaram ao fato da comemoração ser da escola ou de seu prédio.

A partir da forma como se noticiou os 60 anos da Escola Estadual de Uberlândia, é possível afirmar que havia um incentivo de preservação do órgão de comunicação sobre o prédio, mas não pela escola pública que lá funcionava, suas condições de estudo e trabalho – que não foram abordadas. Podemos observar a expressão de sentidos e valores no meio social através dessa notícia, que acabavam por desqualificar essa escola pública naquele momento para a sociedade como um todo. A excelência da escola é construída como algo que fez parte apenas do passado da escola. A Escola Estadual de Uberlândia, ainda segundo o mesmo jornal, passou ser como todas as outras escolas públicas que foram sendo construídas na cidade:

Uma fila de mais de 70 pessoas tinha se formado até as 15 horas de ontem para a matrícula na Escola Estadual de Uberlândia (Museu). Apesar das inscrições se iniciarem somente na quarta-feira, 13. “Eu cheguei às 6 horas da manhã e vou dormir aqui no portão da escola durante duas noites”, disse Marta Batista Machado, a primeira da fila, que pretende matricular a sua filha de 10 anos na quinta-série do primeiro grau. O “Museu” oferece 105 vagas para a quinta-série e o critério de seleção é por ordem de chegada, assim como das outras escolas públicas, que foram recentemente proibidas de fazer exames seletivos para facilitar o acesso ao ensino. “Mas não adianta foram abolidas as provas, mas agora a ‘burguesia uberlandense’ dá um jeito de utilizar o acesso à escola. Sei de gente que está recebendo até NCr\$400,00 para ficar na fila”, denunciou a delegada regional de ensino, Ângela Maria Gonçalves. Todas as pessoas que esperavam ontem na fila justificaram a abnegação de dormirem duas noites e esperarem três dias inteiros no portão da escola alegando “que esta escola oferece o melhor ensino de toda a rede estadual”, como afirmou Luciana Aparecida Cardoso que já estuda no ‘Museu’, mas está guardando vaga para uma colega. Ela recebeu a senha de número 21. A delegada de ensino, entretanto, disse que essa fila não tem sentido. “O ensino oferecido no Museu é o mesmo oferecido da Escola Estadual do (bairro) Luizote. Os professores são os mesmos, o salário que eles recebem também é o mesmo. A procura do Museu é maior simplesmente porque esta escola é vista com bons olhos pela burguesia uberlandense”, protestou. O “Museu” foi a primeira escola de ensino médio de Uberlândia por ela passaram os profissionais, políticos e empresários da bem sucedidos hoje na cidade. “Eu estudei aqui, assim como meu marido e meus dois filhos mais velhos. Como trabalho o dia todo, terei que pagar alguém para matricular meu filho mais novo, ou então terei que pagar uma escola particular”, reclamou Tiana Silveira Rosa, proprietária de uma confecção, quando chegou para se informar sobre as matrículas e deparou-se com a fila organizada pelos próprios pais. “A escola não tem nada haver com isso. A iniciativa é nossa”, disse Marta Machado, que ficou encarregada de distribuir as senhas por ordem de chegada.²⁷³

²⁷³ Matrículas atraem quase cem pessoas ao “Museu”. **Correio do Triângulo**. Uberlândia 11 de dezembro de 1989. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia. O momento em que essa reportagem aparece não pode ser desconsiderado. Em fins da década de 1980 houveram eleições presidenciais, a Constituição Federal havia acabado de ser implementada, o que

A afirmação categórica da notícia é que todas as escolas públicas são iguais. Pensar em algum tipo de excelência relacionada a esse espaço social da cidade ficou no passado. Mas o que traz a notícia? Filas, matrículas e, por fim, uma grande procura especificamente sobre a Escola Estadual de Uberlândia. Contudo, a forma mais adequada de pergunta a essa evidência seria: por que essa escola pública está representada dessa maneira? Ou seja, por que essa instituição escolar é mais procurada quando todas elas são *iguais*, como afirma a reportagem?

O jornal tratou da situação como uma prática bizarra e estranha, que se traduz em algo como: por que aquelas pessoas estariam em uma fila por dias na porta de uma escola pública atrás de vagas? Para esse órgão de comunicação essa prática não parecia ter sentido, ainda mais por considerar que todas as escolas públicas seriam iguais.

A fala da Delegada de Ensino como a autoridade sobre o assunto justifica a premissa de que “escola pública é tudo igual! O mesmo ensino, os mesmos professores, os mesmos salários!”. Visão que embasa a reportagem. Não existe diferença entre elas, talvez existisse na relação com as instituições particulares, ainda mais que uma das entrevistadas afirmou que se não conseguisse uma vaga para o filho mais novo teria que pagar uma escola particular.

A própria Delegada de Ensino coloca que a Escola Estadual de Uberlândia oferecia o mesmo ensino que a Escola Estadual do bairro Luizote de Freitas, conjunto habitacional de casas populares inaugurado no início dos anos oitenta, que fica a mais ou menos nove quilômetros do principal centro comercial da cidade. Para pensar esse depoimento ao jornal, a narrativa de uma das professoras entrevistadas auxilia na reflexão sobre uma realidade muito mais complexa quando o assunto era as novas escolas públicas e a Escola Estadual de Uberlândia nos anos de 1980.

A professora aposentada de matemática Rogéria trabalhou na Escola Estadual do bairro Luizote de Freitas, hoje chamada Juvenília dos Santos, acompanhando o início das atividades da escola. Ela coloca que as condições não eram exatamente como a Delegada apontava:

(...) Eu estava esperando pra tomar posse, aí quando eu tomei posse a vaga que tinha era lá no Juvenília que era escola lá no Luizote novinha, novinha, novinha, novinha.... Aí eu fui pra lá.... Escola novinha, novinha... O bairro novo, aquela distância... O Jardim Patrícia era um CERRADO! Não existia o Jardim Patrícia.

Janaína: Aí você ficou muito tempo no Juvenília?

Rogéria: 13 anos...

Janaína: Nossa, muito tempo! Ser professora no Museu, você se lembra desse desejo? Se tinha essa vontade?

Rogéria: Não, não no Museu na minha época não tinha não.... Professor do Museu era tudo efetivo no cargo há muitos anos... Não largava por nada nesse mundo! Assim nessa época que eu comecei a dar aula o professor do Museu já era assim um status! Quem era professor do Museu, bem....! Não largava de jeito nenhum! Só mesmo quem era assim... Quem era efetivo! Já tinha conseguido o cargo. Os contratados de muitos anos não largavam também. E naquela época exista muita coisa assim de diretora! De indicar... Tinha muita coisa por debaixo do pano! A diretora, por exemplo, se ela não quisesse você, ela fazia um jeitinho de você não pegar as aulas. Aula não aparecia na época certa... Ia aparecer depois... Entendeu? Então tinha tudo isso...²⁷⁴

A narrativa da professora Rogéria aponta uma realidade totalmente diferente da que a Delegada colocou na reportagem. Estar na Escola Estadual de Uberlândia, seja como professor ou estudante, parecia ter um sentido diferente nas relações vividas na cidade ainda nos anos de 1980. Um cargo no “Museu”, para a recém formada professora Rogéria naqueles anos, era algo inacessível, não estava em seu horizonte de expectativas. A Escola Estadual de Uberlândia era um lugar em que muitos professores gostariam de trabalhar e alunos de estudar, como podemos considerar através da reportagem.

Dona Rogéria aponta que haviam diferenças entre estar na Escola Estadual de Uberlândia e na Escola Estadual do bairro Luizote de Freitas. Essas diferenças não estavam circunscritas apenas a questão salarial ou ao fato de serem instituições de uma mesma rede pública de educação. Havia uma memória sobre a Escola Estadual de Uberlândia que fundamentava um sentido de status que Dona Rogéria mencionou.

A professora foi estudante na cidade durante os anos de 1970 e trabalhou em escolas públicas de Uberlândia entre os anos de 1980 e 2013. Trabalhamos juntas na Escola Estadual Ignácio Paes Leme, escola que fica no mesmo bairro que moramos, o Martins. Ela me recebeu em sua casa para a nossa entrevista e o fato de conhecê-la facilitou a construção de um diálogo.

O mais salutar em algumas entrevistas produzidas, como a de Rogéria, foi o fato de perceber como pouco conhecia as trajetórias de vida de colegas de trabalho e que com essa pesquisa pude perceber suas articulações com os processos históricos vividos na cidade. As

²⁷⁴ Professora Rogéria de Fátima Silva, que foi estudante da Escola Estadual de Uberlândia. Entrevista realizada dia 07 de abril de 2015. Nasceu em 1960 em Uberlândia-MG. Professora de Matemática aposentada. Iniciou a sua carreira no início dos anos de 1980 na Escola Estadual do bairro Luizote de Freitas, depois transferiu os seus dois cargos na rede estadual para as seguintes escolas: Escola Estadual Ignácio Paes Leme e Escola Estadual Clarimundo Carneiro. As duas escolas estão localizadas próximas a sua residência, que fica no bairro Martins. Na sua trajetória enquanto estudante na cidade ela foi ex-estudante do Colégio Estadual de Uberlândia de 1971 a 1972. De 1972 a 1976 no Bueno Brandão. 1975, 1976 estudou no anexo Ângela Teixeira. E em 1977 voltou a fazer o terceiro colegial no Colégio Estadual de Uberlândia.

relações entre os sujeitos e as histórias construídas na cidade ganharam forma ao longo dessa investigação.

A Delegada de Ensino na reportagem expõe os acontecimentos de um ponto de vista burocrático, não apreendendo a realidade vivida das pessoas. Isso acaba construindo uma memória que adjetiva suas práticas como irracionais, como a iniciativa das pessoas que estão em uma fila por mais de dois dias em busca de uma vaga em apenas uma escola pública da cidade.

A reportagem tenta imprimir uma “incompreensibilidade” sobre as práticas daquelas pessoas, quando a narrativa de Rogéria nos possibilita certa compreensão. Há uma tentativa de deslegitimar a expectativa das pessoas que estavam na fila em busca de escolas públicas de qualidade. Luciana Aparecida Cardoso, Tiana Silveira Rosa e Marta Machado, que estavam na porta da escola e foram entrevistadas pelo jornal, expressam que as escolas públicas precisam ser boas e que a população reconhece que nem todas elas tinham esse caráter.

O fato de pessoas se aglomerarem dias antes da abertura das matrículas indicava que elas buscavam e queriam o “melhor”: “(...) Todas as pessoas que esperavam ontem na fila justificaram a abnegação de dormirem duas noites e esperarem três dias inteiros no portão da escola alegando ‘que está escola oferece o melhor ensino de toda a rede estadual’, como afirmou Luciana Aparecida Cardoso que já estuda no ‘Museu’, mas está guardando vaga para uma colega. (...)”²⁷⁵ Dormir por duas ou três noites na espera de se conseguir uma vaga na Escola Estadual de Uberlândia estaria ligada a uma de suas memórias, que se refere ao bom ensino oferecido pelos professores da escola e os resultados alcançados em vestibulares e concursos por seus estudantes. Esses são elementos que compõe a excelência da escola.

O “melhor” nas falas das pessoas entrevistadas que aguardavam por três dias uma matrícula em uma fila, não aparece pelo fato da escola estar situado no centro da cidade, nem por estar próxima as suas residências e nem por terem mais equipamentos do que outras instituições escolares da cidade. A própria reportagem aponta a justificativa para a memória de excelência, mas instituindo certo descrédito a essa relação, por ter sido algo que ficou no passado, pois o órgão tenta instituir que todas as “escolas públicas são iguais!” Entendendo que há até mesmo uma desconstrução sobre a efetividade da memória de excelência, nessa reportagem.

A narrativa da Josefa Aparecida Silva, que foi estudante entre os anos de 1980 a 1983 da Escola Estadual de Uberlândia, constrói uma memória que aponta a grande procura da

²⁷⁵ Matrículas atraem quase cem pessoas ao ‘Museu’. **Correio do Triângulo**. Uberlândia 11 de dezembro de 1989. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

escola por estudantes de diferentes regiões da cidade. Mesmo não residindo a uma longa distância, a própria Dona Josefa ao terminar a antiga 8ª série, o atual 9º ano, na Escola Estadual Ignácio Paes Leme, localizada no bairro Martins, procurou o ensino de 2º grau no “Estadual”.

Janaína: E por que o Museu? Tinha outras escolas de ensino médio?

Josefa: Tinha, na época tinha o Messias. Já tinha varias escolas, tinha o René Giannetti, tinha o curso técnico, tinha o José Inácio aqui que também já existia... Então tinha várias escolas. Só que primeiro era mais perto da minha casa, o Museu. E segundo, era o que tinha depois do Messias Pedreiro, era o que tinha maior fama de ser uma ótima escola. Então, assim na época quando falava que estudava no Museu, nossa, era aquele... Porque você era considerada inteligente, se passasse então... Era essa visão que a gente tinha... Tinha respeito, sempre tinha essa coisa. Só que foi passando isso também... Eu estudei em 82, 80, 81, 82 até 83 eu terminei o 3º e acho que já tinha desmistificado aquela coisa, assim, da escola ser muito difícil de passar e aí quando você falava assim: “Ah estudo no Museu”. Aí era aquela coisa assim parece que mais elitizada, porque nós tínhamos saído da vila pro centro, então era uma coisa mais elitizada. Você falava que estudava no Estadual tinha um status.

Janaína: Esse exame de admissão da escola sempre existiu? O que você se lembra, era difícil? Quem passava? Como que era essa admissão do Museu.

Josefa: Da prova eu não lembro!

Janaína: Mas assim, era difícil?

Josefa: Era considerado difícil. Só que, o que eu pude observar que eu fiz a prova da turma da manhã e da noite. A turma da manhã era mais puxada a prova. E quem passava era considerado os Caxias, né?! Aquelas meninas que estudavam mais...

Janaína: E a maioria vinha de escolas dali... De onde vinham? Da cidade inteira, né?

Josefa: Era, tinha gente de todo lugar. Não era só do Ignácio Paes Leme, não! Porque na minha sala mesmo eu estudei com umas garotas do bairro industrial, ali do próprio Centro, do Saraiva. Então abarcava... a cidade inteira... Não tinha essa distinção não.

Janaína: Não tinha esse zoneamento que tem hoje em dia, né?

Josefa: Não, não tinha isso não. Pelo menos que eu lembre, assim, de ter que levar atestado de onde você mora, de água, luz, não tinha não.

Janaína: Igual hoje em dia!?

Josefa: Mas, por exemplo, minha sobrinha que foi estudar lá já na década de 90, já tinha o zoneamento, ela já teve de arrumar com um amigo do sócio do pai dela que morava ali bem no início da rua que corta com a com a Getúlio Vargas, pegou a conta de luz dele pra comprovar que morava ali perto.²⁷⁶

Josefa Aparecida Alves trabalha no Arquivo Público Municipal de Uberlândia, onde a conheci quando fazia o levantamento das evidências para essa pesquisa. Quando soube que ela havia sido estudante da Escola Estadual de Uberlândia perguntei se poderíamos gravar uma entrevista.

²⁷⁶ Ex-estudante Josefa Aparecida Alves. Entrevista realizada em setembro de 2013. Ela tem 49 anos e estudou na Escola Estadual de Uberlândia entre os anos de 1980 a 1983, cursando o ensino de 2º grau. Cursou de 5º a 8ª série do 1º grau na Escola Estadual Ignácio Paes Leme. As séries iniciais, ela se lembra que fez em algumas turmas que funcionavam na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, localizada no bairro Martins. Dona Josefa é funcionária pública pelo município de Uberlândia e reside atualmente no bairro Santa Mônica.

O “Museu”, como se refere Dona Josefa, era, em sua memória, uma das melhores escolas públicas da cidade. Ela tornou-se aluna no turno da noite, porque o período da manhã ficava reservado aos estudantes com melhores notas nos exames de admissão, que ainda aconteciam para as vagas do ensino de 2º grau.²⁷⁷

O fato que chama atenção em sua narrativa é a procura de estudantes que residiam a longas distâncias da escola, apontando que ela era procurada por pessoas de diversas regiões da cidade. Os estudantes que terminavam o ensino de 1º grau nas várias escolas públicas que existiam na cidade no início dos anos de 1980, como Dona Josefa, encontravam dificuldades para obter vagas no ensino de 2º grau em Uberlândia. Essa situação pode ser percebida nas correspondências enviadas à câmara municipal de Uberlândia por algumas associações de moradores da cidade, que reivindicavam a abertura de mais turmas de 2º grau.²⁷⁸

Com o fim dos exames de admissão, por volta dos anos de 1987 ou 1988, filas começaram a se formar na porta da Escola Estadual de Uberlândia. Elas marcaram a memória da professora Jerônima, a ponto de trazê-las em sua narrativa, expressando certo espanto sobre a intensa procura de vagas. Ela trouxe esse assunto com as seguintes palavras:

Jerônima: Até mil novecentos e oitenta e seis por aí... Sabe? Então quer dizer que era seleção, o pessoal chamava Vestibulinho, porque era uma prova de seleção muito dura com os meninos, a gente até ficava com dó com os meninos de 5º série, aqueles cacatauzinho...

Janaína: Vocês é que preparavam? Vocês professores?

Jerônima: Sim! A gente tinha toda uma preparação pra elaborar a prova, corrigir as provas, atender os meninos quando chegassem... Então quando acabou o exame de seleção passou assim, primeiro era os filhos de funcionário de professor ou funcionários públicos, tinha que levar contra-cheque... Pra provar e tudo certo? E aí depois era pros outros, aí fazia fila; aí era por fila. Aí era de quem chegasse primeiro. Então dormia, tinha aquelas filas quilométricas. Eu lembro teve um ano, eu não lembro ano, acho que foi na década de 80, que no natal, o pessoal passou o Natal na fila, então da noite do dia 24 pro dia 25, fizeram um jantarzinho alguma coisa, mas uma fila assim que era tão grande, que a diretora assim na época, a Dilma Segatto, ela abriu a escola colocou aqueles pais todos na quadra. Não tinha quantidade de vagas suficiente pra todo

²⁷⁷ A legislação 5.692 de 1971 previa o fim dos exames de admissão. Ele aconteceu principalmente para a formação de turmas de 5º série. Em 1974, para as escolas de 2º grau, entre elas a Escola Estadual de Uberlândia, passaram a realizar exames de admissão respaldados por um decreto do governo do estado de Minas Gerais. Em algumas entrevistas, professoras afirmam que o exame de admissão na escola acabou de maneira definitiva por volta de 1986, 1987. A partir de então, elas se lembram que o critério foi de dar preferência aos filhos de funcionários públicos e depois a comunidade, momento em que formavam as filas na porta da escola. Somente alguns anos depois é que foi adotado o zoneamento dos candidatos, dando preferência aos que residem próximo à escola.

²⁷⁸ Os bairros citados nas correspondências são: Presidente Roosevelt, Nossa Senhora das Graças, Santa Mônica além dos Distritos de Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos. In: MARRA, Eustáquio. Associação do Bairro Presidente Roosevelt. Correspondência enviada à Câmara Municipal de Uberlândia. 05 de janeiro de 1982. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Fundo da Câmara Municipal de Uberlândia. Série: Correspondências Recebidas; RIZZOTTO, Lutero. Associação do Bairro Santa Mônica. Correspondência enviada à Câmara Municipal de Uberlândia. 27 de maio de 1985. E na imprensa: Segismundo moradores pedem escola de 2º grau. **Correio do Triângulo**. Caderno Cidades. Uberlândia 02 de agosto de 1989. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

mundo! Por que veja bem! O estado de Minas Gerais sempre falava assim: “Isso é normal em toda rede”. A rede oferece para o aluno uma escola, não importa aonde, mas oferece uma escola estadual, mas acontece que os pais queriam o Enéas Vasconcelos e o Bom Jesus pro fundamental... depois Museu, Dr. Duarte, Bueno Brandão, algumas outras escolas pra ensino fundamental... De 5º a 8º, agora o Messias, não sei se ainda tem. Aí quando entrou o Messias com o ensino médio éramos Museu e o Messias Pedreiro. As filas quilométricas apareciam nessas duas escolas.²⁷⁹

A professora traz a memória da escola como um lugar bastante requisitado e procurado na cidade, tanto que ela avalia que uma vaga na Escola Estadual de Uberlândia parecia ter maior valor do que comemorar a festa natalina em suas casas e com seus familiares. Essa procura através das filas significava que uma das construções de memória social, que se refere à qualidade do ensino como “excelência”, auxiliava na valorização dessa escola. “Valorizar”, nesse caso, significa ser procurada por estudantes e suas famílias.

Alessandro Portelli, entre muitos de seus estudos, produziu um capítulo para um livro que foi fruto de uma de suas pesquisas na Itália, que muito instiga e inspira a minha investigação. O texto indica a complexidade do campo das memórias nas suas mais infinitas relações nas práticas humanas. Refiro-me ao capítulo “O Massacre de Civitella Val di Chiana” que compõe o livro “Usos e Abusos da História Oral”.²⁸⁰

Podemos aprender com esse estudo que ao trabalharmos com a memória não estamos lidando com algo “puro”, imutável e impenetrável; ao contrário, “(...) há uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas (...)”²⁸¹. Elas não apenas se opõem ou se dividem de uma maneira homogênea e bem delimitada. Além disso, destaca ainda Portelli, “(...) a memória não é um núcleo compacto e impenetrável para o pensamento e a linguagem, mas um processo moldado (‘elaborado’) no tempo histórico.”²⁸² As narrativas orais mostram-se ligadas às condições históricas vividas pelos sujeitos, tornando-se factíveis frente às mudanças sociais e expressam, sobretudo, valores e concepções sobre o mundo.

²⁷⁹ Professora de história aposentada Jerônima Augusta de Paula Menezes. Realizada no dia 23 de outubro de 2013. Ela começou a trabalhar na Escola Estadual de Uberlândia no ano de 1976 e aposentou-se em fevereiro de 2013. No momento da entrevista ela trabalhava na assessoria da Secretaria Municipal de Educação.

²⁸⁰ PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: Marieta de Moraes Ferreira e Janaina Amado (orgs). **Usos e Abusos da História Oral**. 5ª Edição. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas Editora. 2002. p. 100-130. A discussão sobre memórias tem como pano de fundo o “Massacre de Civitella Val di Chiana”, uma pequena cidade no interior da Itália onde foram assassinados 115 homens por tropas alemãs durante a Segunda Guerra Mundial. Considerando que nesse momento na Itália existia clandestinamente uma organização de resistência conhecida como *Partisans*, que se opunham às forças fascistas. O texto produzido por Portelli foi fruto de sua participação em uma Conferência Internacional, intitulada: “In Memoriam: por uma Memória Europeia dos Crimes Nazistas após o Fim da Guerra Fria” que aconteceu em Arezzo no ano de 1994.

²⁸¹ PORTELLI, Alessandro. 2002. p. 106

²⁸² Ibid., p.109.

Esses elementos ficaram nítidos nas considerações que Portelli construiu nesse estudo, quando aponta as relações entre os “fatos” e as “representações”, mostrando que essas últimas valem-se daqueles. Porém, as representações acabam se alegando fatos, emergindo como subjetividade não de um indivíduo em si, mas de sua relação com um meio social compartilhado. É sobre esse campo de complexidade das memórias que Portelli elaborou seus estudos e devemos considerar essas relações também ao refletirmos sobre as narrativas de professores da Escola Estadual de Uberlândia.

Para a professora Jerônima, a procura pela escola em fins dos anos 1980 tinha uma justificativa concreta: a aprovação de estudantes de seus alunos em vestibulares era grande, fazendo com que a escola e o trabalho de seus professores fossem valorizados. Isso em um momento, digamos, “pós-expansão” da rede pública de educação, que acabou sendo associado a uma degradação e desvalorização da mesma.

Olha o Museu antes ele era muito assim, como vou dizer,... Muito forte! Os alunos entravam na faculdade sem terminar o terceiro colegial e nós tínhamos uma grande aprovação em Medicina, nos cursos mais concorridos, era realmente... Uma escola assim, muito assim... Sempre se privilegiou o acadêmico, não tinha assim grandes saídas desse mundo não, assim não, esses projetos, muito acadêmico. Mas com muito bons resultados. Muito, muito. muito bons resultados. Ainda hoje tem, mas não é a mesma coisa.²⁸³

Quando nos detemos na questão do que significa “ser uma escola de excelência” um campo problemático vai sendo formado. Sobre isso, o trecho acima nos permite esclarecer alguns posicionamentos sobre essa complicada questão de aprovações e escolas públicas e, ao mesmo tempo, compreender a prática de Dona Jerônima – entendendo-a aqui como integrante de um campo social compartilhado por professores da Escola Estadual de Uberlândia.

De sua experiência como professora, Jerônima reconhece que a Escola Estadual de Uberlândia teve pouca atividade em outros focos e concepções de educação que não fosse a aprovação em vestibulares. A partir dessa avaliação, a fala da professora abre espaço para a reflexão sobre como uma escola pública torna-se importante para o seu meio social.

Uma escola pública e seus professores, para se sentirem valorizados, precisam relacionar-se em suas atividades a quais necessidades sociais? Prezar resultados em vestibulares e outros sistemas de avaliações faz parte da responsabilidade de nossas escolas públicas?

²⁸³ Professora de história aposentada Jerônima Augusta de Paula Menezes. Realizada no dia 23 de outubro de 2013.

Os “bons resultados” que Jerônima enfatiza talvez estejam ligados à necessidade que temos, enquanto professores, de vermos nossas escolas públicas admiradas e requisitadas. Contudo, há uma contradição nesse caminho. De um lado experimentamos o reconhecimento de nosso trabalho, tal como Jerônima vivenciou, mas ao mesmo tempo cria-se uma função para esses espaços sociais que não colabora diretamente com uma formação humana e social mais ampla de uma parcela da nossa sociedade.

É uma questão que se coloca de maneira complexa nas relações vividas por estudantes e professores, pois para cada sujeito social a escola produziu marcas, sentidos e significados que se tornaram importantes em suas vidas. Importância que ultrapassam, para alguns, até mesmo as aprovações em vestibulares e concursos.

A ex-estudante Josefa Aparecida Alves atribui valor para o tempo em que estudou na escola que não aparece ligado a qualquer relação com aprovação e que, em sua compreensão, atribui importância a essa instituição escolar: o estabelecimento de relações de amizade e sociabilidade:

Naquele período, geralmente a noite estudava quem trabalhava só que a turma que estudou comigo era poucos os que trabalhavam e estudavam a noite. Então assim, no primeiro ano eu fiquei um pouco afastada dos meus amigos que vieram comigo lá do Estadual, lá do Paes Lemes, porque eu fui estudar lá no anexo do Estadual onde hoje é o Enéias, porque lá era o anexo e a maioria das salas era de normalistas só que como abriram muitas vagas, muitas turmas, eles mandaram acho que foi umas três a quatro salas pra lá... Então eu ficava lá e a turma dos meus amigos lá no Estadual. Aí eu passava e ia embora. E as aulas iam por volta até de 11 horas da noite. Vinha de turma pra ir embora pra casa... Nós íamos na Cipriano del Favero, virava na Duque de Caxias, pegava a (...) e ali ia ficando cada um no seu caminho.

Janaína: Não tinha medo?

Josefa: Não, até porque nossa turminha ela era um pouco custosa. Tinha uma turma de menina que pulava o muro pra ir pro cinema, pra ir pra barzinho. Pulava o muro ali da escola pro lado da Teixeira Santana e ia. Então ficava uma turma distraindo as merendeiras. Eu lembro que tinha duas, a dona Irene e a dona Márcia que ficava no corredor vigiando a gente, então nós éramos muito amiga delas, às vezes um sentava no colo outro pegava ela pra dançar e ficava distraindo elas pra os outros irem embora, aí os outros pulavam o muro e iam pro cinema, pra pizzeria, pra barzinho. Nesse período quando a maioria ia pra os cinemas eu ia embora a pé, então eu ia muito a pé sozinha, porque eu particularmente nunca pulei o muro... Existia o bar do Bené ali na Fernando Vilela aí nós passávamos ali ainda comia o famoso bauru do Bené e pra depois chegar em casa. Assim, a minha mãe ela nunca foi de me proibir a fazer nada, mas ela sempre falava: “você avisa onde que você esta e com quem você esta”. Então eu não tinha esse problema, nós fazíamos muitas festas também...

Janaina: Na escola?

Josefa: Não, fora da escola com os colegas, na casa dos colegas. Então assim, ia a sala inteira, ia os colegas, os professores iam também

Janaína: Mesmo?

Josefa: Era. Eu lembro que tinha dentro da sala tinha o Fernandes, que era professor de matemática que a gente chamava ele de Fernandes. Quase toda semana ele entrava e dava um “rala” em nós, por conta da bagunça. Porque eu quando queria estudar ficava na parte da frente da sala, quando não, ia pro fundo. Aí no fundão era terrível, sempre teve essa discriminação. Eu lembro que teve

uma... Isso já foi no segundo colegial, eu já estava dentro do colégio. Eu lembro quando o ABRACEC foi reconhecido pelo governo, porque era... Como que fala?

Janaína: Particular?

Josefa: Porque era particular e não era aceito pelo MEC ainda. Então o governo assinou dando legitimidade. Lembro que ele chegou lá muito nervoso e isso assim o pessoal da ABRACEC tava fazendo passeata soltando foguete e aquela festa toda. E eu lembro que ele chegou indignado com esse reconhecimento e falando da decadência do ensino e isso era um marco que tava demonstrando assim a decadência pra onde o ensino estaria indo, isso ficou marcado.

Janaína: Por quê?

Josefa: Não sei, justamente por isso. Porque ele era uma pessoa que ele chegava na sala, era um excelente professor de matemática, eu gostava da matéria dele, nunca gostei de matemática fica registrado aí. Porque depois também veio a física né?! Que complicou tudo, ele sempre dava rala na gente, ele falava assim: “gente vocês estão estudando, vocês vão pra um vestibular e a vida profissional de vocês”. Então ele sempre dava uma chamada de realidade na gente, ele sempre dava um choque. Fazia efeitos 48 horas, depois acabava. Mas assim, foi legal, eu gostava muito da escola...²⁸⁴

O interessante nas colocações acima é que a escola não aparece relacionada à opressão ou repressão, mas a um espaço social em que os estudantes tinham o controle da situação por burlarem regras, ao deixarem a escola não pelo portão, mas sim pelo muro. A escola não é articulada na memória de Josefa com regras rígidas, mas nem por isso deixou de ser importante em sua vida.

Além disso, a narrativa de Dona Josefa traz as amizades como um dos maiores marcos do seu tempo enquanto estudante da escola. Elas eram o elemento que a faziam gostar da escola, por proporcionar momentos de descontração e os professores não são lembrados por seus conteúdos ou matérias, mas sim pelo seu posicionamento em defesa do ensino público e gratuito naquela conjuntura vivida. Como Dona Josefa recordou do professor de matemática Fernandes, por ter marcado o seu tempo de estudante como um profissional que construiu proximidade com seus estudantes.

A memória da ex-estudante abre uma pequena brecha para a existência de uma conjuntura de tensões sobre as escolas públicas, que foi expressa em sua narrativa ao lembrar-se de seu professor Fernandes e sua posição política colocada durante a aula, envolvendo escolas públicas e privadas. É uma questão que devemos nos aprofundar por ser extremamente atual.

No levantamento e no diálogo com as evidências foi possível perceber que existiu na cidade uma importante iniciativa de concessão de bolsas de estudo em escolas particulares por

²⁸⁴ Ex-estudante Josefa Aparecida Alves. Entrevista realizada em setembro de 2013. Ela tem 49 anos e estudou na Escola Estadual de Uberlândia entre os anos de 1980 a 1983, cursando o ensino de 2º grau. Cursou de 5º a 8º série do 1º grau na Escola Estadual Ignácio Paes Leme. Josefa é funcionária pública pelo município de Uberlândia e reside atualmente no bairro Santa Mônica.

parte do poder público.²⁸⁵ Era uma política de investimento prevista por lei desde 1959, mas ganhou força em 1969 com as reformas educacionais implementadas pela Ditadura Militar.²⁸⁶ Ao longo dos anos de 1970 as bolsas de estudo concedidas pela prefeitura existiam em Uberlândia, contudo foi no início dos anos 1980 que elas passaram a ter maiores recursos, tornando-se também mais questionadas por alguns setores da sociedade.²⁸⁷

À medida que esse dinheiro público era destinado a instituições privadas de ensino gerava-se uma desvalorização das escolas públicas como um todo. Mesmo a memória de excelência, nas formas adquiridas na narrativa de Dona Jerônima, por exemplo, ao reafirmar o valor e qualidade da Escola Estadual de Uberlândia, adquiriu um sentido de reação às tensões geradas em torno dos investimentos em escolas públicas ou privadas.

Nos debates daquela conjuntura, quando a postura do professor Fernandes ficou marcada na memória da estudante Josefa, a imprensa, especificamente o jornal *Correio do Triângulo*, foi um dos meios de propulsão e articulação em prol das bolsas de estudos. Era um momento em que as escolas públicas viviam um processo de expansão e de consolidação enquanto direito social; refletir sobre a posição do jornal na questão das bolsas de estudos significa considerar que esse órgão tentava difundir um projeto de desvalorização da escola

²⁸⁵ Na imprensa as seguintes reportagens: Inscrições para bolsas de estudos na concha acústica. **Correio de Uberlândia**. 17 de janeiro de 1974; Acertados os detalhes para a distribuição de bolsas. **Correio de Uberlândia**. 14 de novembro de 1979. Ambas fazem parte do Arquivo Público Municipal de Uberlândia. O Prefeito não pensa em dar Bolsas de Estudos e Cleto Gomes arrasa com presidente da UESU. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 01 de novembro de 1984. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. A ESCOLA PARTICULAR NASCEU. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia 07 de novembro de 1984. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. SILVA, José Henrique da. ESCOLA PARTICULAR: UM DIREITO DA FAMÍLIA. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia 14 de novembro de 1984. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

²⁸⁶ A Câmara Municipal de Uberlândia foi o palco de intensas discussões sobre a liberação ou não dos recursos públicos as escolas privadas: Vereador Pedro Matias. **Câmara Municipal de Uberlândia**. Ata da Primeira Sessão da Oitava Reunião Ordinária realizada em 15 de outubro de 1984. Segunda-Feira. Página 11. Fundo da Câmara Municipal. Série: Atas. Subsérie: Atas da Câmara Municipal. N.º 120. Data: 01/1984 a 09/1984. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Vereador Dorivaldo Alves do Nascimento. **Câmara Municipal de Uberlândia**. Ata da Quinta Sessão da Oitava Reunião Ordinária realizada em 19 de Outubro de 1984. Sexta-Feira. Página 7. Fundo da Câmara Municipal. Série: Atas. Subsérie: Atas da Câmara Municipal. N.º 120. Data: 01/1984 a 09/1984. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Estudante da Faculdade ABRASEC José Henrique. **Câmara Municipal de Uberlândia**. Ata da Primeira Sessão Ordinária realizada em 12 de novembro de 1984. Segunda-Feira. . Página 4. Fundo da Câmara Municipal. Série: Atas. Subsérie: Atas da Câmara Municipal. N.º 121. Data: 09/1984 a 12/1984.

²⁸⁷ Além de abaixo-assinados de diretoras escolares e cartas de associações de moradores, que chegavam como correspondências à Câmara Municipal de Uberlândia, aconteceu também em 1984 a formação da Comissão Municipal de Educação de Uberlândia que havia sido uma proposta do Congresso Mineiro de Educação realizado no ano anterior. Em Uberlândia, a Comissão era composta de um grupo variado de pessoas: Nilza Alves de Oliveira (vereadora), Edna Ferreira (Secretaria Municipal de Educação), Neidy Guimarães (Delegacia Regional de Ensino), Alcione Rodrigues (Associação de Docentes da UFU), Olinda Evangelista (Sindicato dos Professores), Silma do Carmo Nunes (União dos Trabalhadores do Ensino), Rosa Fátima de Souza (Diretório Central dos Estudantes), Delhi Silva (Conj. habitacional Cruzeiro do Sul), Álvaro Batista (bairro Santa Rosa), Rosane Bernardes (escolas do centro), Antônio Cunha (bairro Tibery) e representantes da UESU e Conselho Comunitário (a indicar). Informações: Empossada a Comunicação Municipal de Educação. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 26 de maio de 1984. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

pública ao divulgar reportagens que defendiam o direcionamento de investimentos públicos em instituições de ensino privadas.

Quando tratamos de escolas públicas e privadas nessa relação dicotômica, as considerações de Marilena Chauí tornam-se importantes. A autora não aborda especificamente o assunto em questão, mas constrói uma discussão que perpassa esses pontos. Conforme a filósofa a divisão dualista, presente sobre diversas formas em nossa sociedade, é uma marca do capitalismo. Uma sociedade de classes traz essa característica que se consolida e acaba por abranger instâncias diversas como, por exemplo, o fortalecimento de instituições escolares privadas, quando as escolas públicas poderiam suprimir a demanda da sociedade em termos de ensino.²⁸⁸

A autora nos faz refletir o quanto os espaços públicos são importantes em nosso meio social. A escola pública, entendida como um deles, torna-se imprescindível no processo de educação em nossa sociedade, pois são nos espaços públicos que os conflitos ganham força, permitindo assim a constituição de um processo democrático. Sobre essa ótica, a consolidação do espaço privado significa isolar ou até mesmo eliminar a noção de direito e abrir espaço para uma ampliação dos privilégios de classe, o que se torna algo antidemocrático.

Colocada essas questões, que ainda encontram fortes ressonâncias em nossas relações sociais, a narrativa da ex-estudante Josefa nos aponta ainda o quanto aquele espaço público foi importante em sua vida. Não por apenas compreender que precisava valorizá-lo através da posição política de seu professor, que marcou sua memória, mas porque a escola também é o lugar em que ela construiu outros significados e valores para sua vida.

Para Josefa, a escola fugiu ao sentido de seriedade, mas nem por isso deixou de expressar certa responsabilidade (“.... porque eu particularmente nunca pulei o muro...”). São relações de construção do passado marcadas por uma complexidade no que diz respeito à formação de seus estudantes. A Escola Estadual de Uberlândia foi importante na vida de Dona Josefa, contudo sem necessariamente passar pela questão das aprovações, tão destacadas pela professora aposentada Jerônima.

Outra trajetória de vida que se constitui na Escola Estadual de Uberlândia também chama atenção pela elaboração de um sentido que destoa da questão dos vestibulares e aprovações. Tal como a narrativa de Dona Josefa, este relato colocou a importância da escola em sua vida como algo peculiar. A narrativa da professora aposentada de inglês Maria Amélia está marcada, sobretudo, por um respeito à escola.

²⁸⁸ CHAUI, Marilena. **Cidadania Cultural**: o Direito à Cultura. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo. 1º Edição 2006. 2ª reimpressão 2010. São Paulo.

Dona Maria Amélia trabalhou na escola do ano de 1963 a 1987 e antes disso, seu pai, Leônidas de Castro, foi professor de história no mesmo local por vários anos. Ao entrevistar a professora descobri que ela era autora de uma pintura em tela figurativa do prédio da escola que está hoje fixada na sala da direção. Bem ao lado do quadro, também emoldurado, está também uma carta escrita por Dona Maria Amélia com os seguintes dizeres:

Tenho a alegria de dedicar essa obra ao “Museu” como gratidão e registro de parte de minha história. Comecei a pintar para me divertir e passar o tempo há três anos atrás. Gostei e resolvi retratar a nossa querida escola, tão carinhosamente chamada de “Museu”. Nela passei 25 anos da minha vida, meu pai Professor Leônidas, meu marido Professor Alaor e meus filhos Luciana, Luciano, Inácio e Liliana também passaram anos dentro desse “Museu” que tão preciosas lembranças nos trás sempre que o avistamos. Quantos amigos conquistados, quantos momentos de alegria e realização nos foram proporcionados neste majestoso edifício. A saudade bate fundo no coração ao me recordar daqueles que foram muito queridos e que não estão mais aqui. Quando por aqui passo, só tenho boas recordações e uma maneira que encontrei de imortalizá-las foi através da pintura, um modesto preito de amor e saudade por todos os momentos lindos que vivi entre estas paredes. Maria Amélia de Castro Alves, professora de inglês.²⁸⁹

Através de seu gesto, a professora demonstra que mesmo aposentada ainda existe um sentimento de pertencimento. Um sentido que foi se elaborando de que a escola tornou-se importante em sua vida, por ter sido o seu lugar de trabalho, de seu esposo e seu pai e estudo de seus filhos.

Antônio Arantes, em “Paisagens Paulistanas”, colabora na reflexão sobre os sentidos de pertencimento que são produzidos pelos sujeitos na vida em sociedade. Ao analisar as colocações da professora aposentada Maria Amélia, aproximo-me das formulações de Arantes por entender que ela compartilhou de um campo com outros sujeitos sociais onde valores e interesses “(...) em comum e sentimentos profundos de identificação (...)” se originaram, possibilitando assim a formulação de sentidos sobre esse espaço público que é a Escola Estadual de Uberlândia.²⁹⁰

Sua carta refere-se a um espaço público onde a alegria, a realização e a conquista de amizades foram marcantes na vida. Indica que o trabalho que realizava ali fazia da escola um lugar que não estava desconectado do restante de suas relações vividas em sociedade. Trabalhar vinte e cinco anos em um mesmo local significou fazer daquela escola uma extensão da sua casa, pois gerações de sua família tiveram ligações com a instituição, desde seu pai até seus filhos.

²⁸⁹ ALVES, Maria Amélia Castro. Carta sem Título. 15 de agosto de 2005. Acervo da Escola Estadual de Uberlândia.

²⁹⁰ ARANTES, Antonio Augusto Neto. **Paisagens Paulistanas**: transformações do espaço público. São Paulo/Campinas-SP, Editora da Unicamp, Imprensa Oficial, 2000.

Pensar se a importância de uma escola pública estaria relacionada apenas a vestibulares e aprovações ou a outras realizações ligadas às amizades, ao trabalho ou acolhimento é uma tensa questão para nós professores. Todas essas possibilidades tocam no tipo de reconhecimento que almejamos para nosso trabalho.

Ao voltamos a essas interrogações cruciais, o pesquisador Miguel Arroyo mais uma vez traz apontamentos que acredito serem relevantes. Nossas escolas públicas se fazem como um dos únicos espaços sociais em que os estudantes podem vislumbrar questões que vão ao encontro das suas trajetórias, construídas em uma sociedade tão desigual e inumana. É através da escola pública que podemos ver a consolidação do direito ao conhecimento do “(...) saber-se, entender-se, compreender com profundidade a condição social, histórica, humana.”²⁹¹ A escola pública deve ter compromissos sociais para além do treinamento e transmissão de conteúdos voltados à aprovação em vestibulares ou outros sistemas de avaliação.

Contudo, Arroyo acredita que as escolas públicas e os estudos “(...) estão indissoluvelmente atreladas às possibilidades e limites de ser aos horizontes do viver.”²⁹² O autor leva em consideração que o estudo e as escolas públicas aparecem, muitas vezes, ligados a abertura de possibilidades profissionais aos estudantes, mas questiona esse preceito como mais importante. Voltando sua atenção para a maioria dos educandos, que desde muito cedo em seus percursos escolares tiveram as suas possibilidades diminuídas, afirma:

Podemos esforça-nos como seus mestres para abrir-lhes horizontes, prometer-lhes que se estudarem suas trajetórias de vida serão melhores. Entretanto, seus percursos pessoais, familiares, de grupo social ou racial possivelmente lhes serão mais convincentes do que nossas promessas. Quando tudo são sombras não será fácil caminhar para a claridade que o estudar anuncia. A educação não é uma promessa abstrata. Sempre anda, colada a uma expectativa e a uma orientação de vida, minimamente possível.²⁹³

Esclarecidos esses pontos passamos a compreender que os estudantes não podem ter suas trajetórias de vida e escolar separadas; elas compõem e formam suas condutas e expectativas. Cabe frisar que a narrativa de Dona Jerônima sobre as filas na porta da Escola Estadual de Uberlândia e a sua ligação com as aprovações em vestibulares, produz um sentido de valorização dessa escola pública na cidade. Essa foi uma prática assumida naquele momento histórico, dentro de um campo de “importâncias” elaborado sobre a escola.

²⁹¹ ARROYO, Miguel. **Imagens Quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. 8ª edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014. Pág. 105.

²⁹² ARROYO, Miguel. 2014. p.103.

²⁹³ Ibid., p.103.

Contudo, cabe avaliar dentro de nossa atual conjuntura se as aprovações e vestibulares são ainda o caminho principal de nossas práticas enquanto professores em escolas públicas.

A questão das filas na porta da Escola Estadual de Uberlândia expressava o desejo da população de escolas públicas de qualidade, mesmo que naquele momento isso estivesse relacionada à aprovação em vestibulares. A excelência, que ganha forma nos “bons resultados” de diversos estudantes, como pontuou a professora Jerônima, justificou a possibilidade de aliar instituição escolar pública à qualidade. O significado dessa memória de excelência entre professores e estudantes da Escola Estadual de Uberlândia assumiu uma conotação importante para esse espaço após as mudanças do processo de expansão da rede pública de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desse trabalho não deixou de significar a expressão de uma angústia sobre as vivências e relações na cidade e as responsabilidades que nos são colocadas como professores. Nesse sentido, concordo inteiramente com Beatriz Sarlo ao refletir sobre nossos compromissos e práticas:

Longe da busca de uma ideia de origem, o que importa é rastrear as cicatrizes (além das feridas abertas) deixadas pelo passado no presente, as dívidas do presente perante as injustiças do passado, que traz inscritos os deveres, as obrigações e os direitos que o presente deve realizar. O presente não deveria olhar adiante com a liberdade de um Robinson que se sente o único homem da ilha. Tem que ser possível ouvir, nessa ilha temporal em que vivemos, as vozes que vêm do fundo; ninguém está isento de responsabilidade, e a responsabilidade não é praticada apenas diante de ações futuras. Somos tão responsáveis pelo passado quanto pelo presente, porque jazem no passado (como advertiu Walter Benjamin) as tarefas inconclusas e as injustiças indenizadas. A projeção exclusiva na tela do futuro é um hedonismo da temporalidade; quem quiser fazer a crítica do presente deve pensar no passado, que só é uma herança intolerável quando deixa de ser submetida a uma crítica radical.²⁹⁴

Foi diante das cicatrizes, dívidas, injustiças, deveres, passado, presente e futuro, mencionados por Beatriz Sarlo, que procurei, através dessa pesquisa, criar um espaço de discussão e reflexão sobre minha responsabilidade política como professora e sujeito na sociedade, especialmente em relação à escola pública.

Procurei tratar a Escola Estadual de Uberlândia como um espaço constituído por pessoas, seres humanos que a constituem em suas mais diferentes ações de ensinar e aprender. Minha intenção não foi tratar apenas da instituição, mas das relações sociais entre os sujeitos que a constituem como uma escola pública.

Meu caminho de investigação, intitulado *Memórias e Histórias de professores e estudantes da Escola Estadual de Uberlândia. Uberlândia/MG*, procurou discutir uma temporalidade em que as experiências e as memórias de professores e estudantes daquela escola pública da cidade estivessem no foco das reflexões. Os sentidos e os significados de trabalhar e estudar daqueles sujeitos, sempre em sua multiplicidade, foram buscados ao longo da escrita dessa pesquisa.

Vimos que em torno dessa escola pública uma memória se coloca com força na sociedade, ocultando a pluralidade de histórias e outras memórias. Professores e estudantes, em suas maneiras mais contraditórias de se lembrarem da escola, imprimiram sentidos de

²⁹⁴ SARLO, Beatriz. Os Intelectuais. In: _____. **Cenas da Vida pós-moderna**: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. Tradução Sérgio Alcides. 5º ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013. p. 224.

excelência, que afirmavam o “melhor” e “mais preparado” corpo docente da cidade e a ótima aprovação e “bons resultados” de seus estudantes. Uma escola onde muitos alcançaram “sucesso” em suas vidas no campo profissional, ocupando cargos de destaque político e econômico na região e até no país. Tentamos mostrar que essa construção de memória pode ter ganhado força através da imprensa e do próprio Dossiê de Tombamento da Escola Estadual de Uberlândia.

Durante a elaboração do projeto para essa pesquisa, por volta de 2011, essa memória sustentava as primeiras reflexões sobre a escola pública. Minhas ideias ancoravam-se nesse suposto passado “glorioso” da Escola Estadual de Uberlândia para refletir sobre uma “crise” nas escolas públicas em nossa atualidade. Inicialmente eu procurava as mudanças pelas quais passaram nossas instituições escolares, consideradas quase completamente falidas em suas funções. Uma longa trajetória de diálogos com as evidências, leituras e orientações foi necessária para as reformulações da problemática, até que eu compreendesse a necessidade de refletir as experiências, os sentidos e significados elaborados pelos sujeitos em suas memórias, vividos nesse processo.

Foi destacado também que essa “memória de excelência” é levada à condição de “verdade” quando a historiografia assume, sem o devido questionamento, essa memória como “fato”, destacando a escola e sua importância para a cidade por aquela ter produzido ex-alunos que elevaram o nome de Uberlândia, consagrando a sua condição de desenvolvimentista, como um “celeiro de personalidades”. Esses estudos acabam por desautorizar outras formas de atribuição de valor à escola, que são construídas nas vidas de muitas pessoas, sem sequer trabalhar ou estudar no local.

São por essas questões que esperamos que essa pesquisa tenha contribuído, mesmo que minimamente, com o direito à memória e ao passado, somando-se a um horizonte historiográfico que tem investido esforços nesse caminho.²⁹⁵ Busquei, mesmo com dificuldades, não isolar as “outras memórias”, que ficaram silenciadas frente à “memória de excelência”. Tentei refletir sobre elas em um campo relacional e social que lhes é próprio.

Com essa intenção, percebemos a desigualdade e as diferenças de sentidos e significados existentes nas memórias e histórias sobre a Escola Estadual de Uberlândia. O que fica mais evidente, quando tratamos as justificativas para tombá-la como patrimônio histórico-cultural do município, é a relação com o que chamei “memória de excelência”.

²⁹⁵ PAOLI, Maria Célia. MEMÓRIA, HISTÓRIA E CIDADANIA: o Direito ao Passado. In: **O Direito à Memória: patrimônio histórico e cidadania**. Departamento de Patrimônio Histórico. Secretaria Municipal de Cultura. Prefeitura Municipal de São Paulo. São Paulo 1992. p. 25-28

A escola é um patrimônio de muitos. Pudemos afirmá-lo através das memórias de professores sobre ex-estudantes-trabalhadores da escola, mais notadamente do noturno, que não estão marcadas pelo “sucesso”. Naquelas relações, o sentido mais evidenciado foi o de “esforço”, um valor ligado às formas de estudar elaboradas frente à difícil conciliação com a necessidade de trabalhar.

Para falar da pluralidade de sentidos sobre escola foi preciso chamar ao diálogo diferentes ex-estudantes. A diversidade foi sendo construída no universo de trabalhadores da cidade que foram entrevistados. As memórias sobre suas trajetórias indicaram que a Escola Estadual de Uberlândia foi também uma escola pública de estudantes-trabalhadores, mesmo que em menor número, já que tinham que passar pela seletividade social dos exames de admissão.

Mesmo no relativamente pequeno universo de ex-estudantes entrevistados existe uma rica pluralidade de trajetórias de trabalhadores. Tentei refletir sobre os sentidos atribuídos às suas experiências ao concluírem, ou não, seus estudos bem como sobre terem sido, ou não, estudantes da Escola Estadual de Uberlândia. Nesse caminho, eles trouxeram suas memórias sobre a vida, construída na relação com a escola e o trabalho, permitindo-nos ir além da concepção das instituições escolares como espaços projetores de hábitos e modos de viver sobre alunos passivos.

Muitos entrevistados traziam experiências em outros espaços escolares da cidade, que não foram tratados mais profundamente nessa tese – é um caminho ainda aberto para outras intenções de investigações. Trechos de algumas entrevistas de ex-estudantes indicam que parecia existir, pelo menos até os anos de 1970, uma segregação de territorialidades marcadas por uma oposição o centro e as “vilas” da cidade – com espaços educacionais denominados “Grupos Escolares”, onde os trabalhadores cumpriam os estudos que lhes pareciam ser destinados, o ensino primário. Traçar a existência desses espaços escolares em uma relação com os bairros e os seus trabalhadores-moradores é mais um caminho a ser pesquisado.

Vimos que estudantes e professores viveram um processo de ampliação da Escola Estadual de Uberlândia, que significou uma maior ocupação desse espaço por estudantes-trabalhadores e filhos de trabalhadores. Mais uma vez, porém, limitava-se os estudos dos trabalhadores ao ensino de 1º grau, selecionando estudantes para o 2º grau através de exames de admissão. Mesmo em uma escola que se abria aos trabalhadores com o projeto de apenas profissionalizá-los, os estudantes não deixaram de imprimir sentidos e valores a esse espaço escolar, mostrando quanto orgulho tinham de estudar na Escola Estadual de Uberlândia (como vimos com a questão dos uniformes e do estar no seu prédio central, não em seus anexos).

Naquele momento foram construídas muitas das escolas públicas estaduais que existem hoje na cidade de Uberlândia. Junto a esse processo de expansão da rede, os professores foram aos poucos deixando de ser apenas profissionais liberais; eles passavam a ser formados para educar, para serem professores, ainda dentro das políticas públicas da ditadura militar. Mereceria ser aprofundada a reflexão sobre os professores como trabalhadores em educação em seus embates naqueles espaços escolares construídos pelo governo militar na cidade, muitas vezes em bairros de trabalhadores. Problematicar as relações entre professores, escolas e outros bairros seria um caminho relevante na escrita da história da cidade.

Discutimos ainda nessa pesquisa como as políticas públicas do regime militar para a educação provocaram profundas mudanças na Escola Estadual de Uberlândia (e na educação formal como um todo). Classificar essa conjuntura apenas como “o período de massificação do ensino”, como tem feito algumas linhas investigativas, significa, a meu ver, deixar de compreender a educação, os professores e os estudantes que somos hoje e as implicações que deixaremos para o futuro.

As contradições sociais foram marcantes naquele momento, pois setores das classes trabalhadoras ocuparam de maneira plena a escola pública, quando muitos professores e estudantes buscam um espaço democrático e de direito. Pudemos discutir como alguns sujeitos atribuíram importância a essa escola pública através de sua memória de excelência, criando-se um sentido diferente sobre o passado para afirmar a importância da função social presente da escola.

Percebemos a possibilidade dessa prática entre professores durante os anos de 1980, quando as escolas públicas, de um modo geral, enfrentavam o fortalecimento do ensino da rede privada, que na cidade ficou marcado pela política da distribuição de recursos públicos em forma de bolsas de estudos. Essa é outro ponto que também merece investigações mais detalhadas, devido à promoção de medidas correlatas semelhantes a partir dos anos 2000, em especial nas esferas federal e estaduais.

Ao longo dessa tese procurei reafirmar que as escolas públicas são espaços de intensos embates e que nossas práticas como professores não são dotadas de pura neutralidade pedagógica. Compartilhamos da concepção de Miguel Arroyo, para quem nossas práticas são inteiramente políticas, principalmente nas escolas. Contudo, é preciso destacar que não vejo a escola pública como tendo sozinha a incumbência de mudar a sociedade; seria mais um enorme fardo sobre os ombros de nós professores e estudantes.

É preciso nos posicionarmos em prol de uma escola pública que preze pela formação humana em sua plenitude. Nas instituições escolares que temos e por meio do nosso trabalho através de nossas aulas, em seus corredores, nas reuniões de colegiado, conselhos de classes, de pais, e nas mais diversas relações cotidianas estabelecidas pelas pessoas que lá convivem, que construímos uma escola pública enquanto um direito social. Nossa conjuntura indica que essa iniciativa precisa ser clara em nossas práticas como professores. Voltemos então às nossas escolas e salas de aula.

ARQUIVOS, ACERVOS E FONTES

1- ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL

1.1- Mapas

CIDADE de Uberlândia. Planta. 1953. Coleção Jerônimo Arantes. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

1.2 – Imprensa

- **Fundinho Cultural** (Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia)

BORGES, Mariú Cerchi. Tributo Colégio Estadual: uma página da história. **Fundinho Cultural**. Uberlândia abr. de 2003. Ano 2, N.º 5. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia

MOREIRA, Eduardo Henrique Rodrigues da Cunha. 2010: comemoração dos 50 anos de Fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia. In: **Fundinho Cultural**. Número 16. Junho de 2010. Ano VII. Uberlândia. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Jornal Fundinho Cultural (2002 a 2011) (n.º 1 ao n.º 20), Biblioteca de Apoio do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

-Jornal Correio de Uberlândia

FERNANDES, Arthur. De “Museu” a patrimônio cultural. **Jornal Correio**. Uberlândia, 22 de junho de 2005.

Alunos que se destacam no Colégio Estadual de Uberlândia. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia 23 de agosto de 1950.

Uberlândia um dos maiores centros educacionais do Brasil. **Jornal Correio de Uberlândia**. 23 de novembro de 1975.

Exames de Seleção devem ser evitados. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia 13 de dezembro de 1973. Primeira Página.

350 alunos fizeram seleção no Estadual José Ignácio. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia 26/27 de janeiro de 1974

Ensino local luta para oferecer mais vagas. **Jornal Correio de Uberlândia**. 15 de fevereiro de 1973. 1º Página.

Vagas nos novos anexos. **Jornal Correio de Uberlândia**. 17 de março de 1973.

“Estadual” cria duas classes anexas. **Jornal Correio de Uberlândia**. 24 de fevereiro de 1963.

Estadual está sem vagas: anexos não. **Jornal Correio de Uberlândia**. 08 de janeiro de 1971.

Uberlândia um dos maiores centros educacionais do Brasil. **Jornal Correio de Uberlândia**. 23 de novembro de 1975.

350 alunos fizeram seleção no Estadual José Ignácio. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia 26/27 de janeiro de 1974.

Governador reestrutura Colégio Estadual de Uberlândia: medida educacional altamente positiva. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 16 de fevereiro de 1973

Grupos Escolares tem nova denominação. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 21 de fevereiro de 1973.

Professor Vadico convocado para importante missão. **Jornal Correio de Uberlândia**. 05 de maio de 1972. Uberlândia.

Uberlândia concorre para ser Cidade Educativa. **Jornal Correio de Uberlândia**. Domingo, 23 de fevereiro de 1975. p. 2.

Uberlândia confia no trabalho de seus intelectuais. **Jornal Correio de Uberlândia**. Terça-Feira, 25 de fevereiro de 1975.

Revista Veja comenta nossa participação em Concurso Cidade Educativa. **Jornal Correio de Uberlândia**, Quarta-Feira, 07 de março de 1975.

Uniforme Padrão, uma resolução acertada. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia 21 de fevereiro de 1975.

Estudante uniformizado não vai à diversões. **Jornal Correio de Uberlândia**. 01 de abril de 1971.

Uma medida para o ensino de Minas que vai beneficiar os chefes de família. **Jornal Correio de Uberlândia**. 18/19 de janeiro de 1975.

Sucesso de uma Instituição. **Jornal Correio de Uberlândia**. Coluna Opinião. Uberlândia 04 de junho de 1971.

Caixa Escolar do Colégio Estadual de Uberlândia lavra um tento inédito em Uberlândia, em matéria de assistência escolar. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 21 de junho de 1970.

Outra reportagem: Realizações da Caixa Escolar do Colégio Estadual de Uberlândia – ano letivo de 1970. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 09 de fevereiro de 1971.

Estadual velho não será demolido. **Jornal Correio de Uberlândia**. 12 de dezembro de 1970

Professor Vadico convocado para importante missão. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 05 de maio de 1972.

Greve dos Professores continua e estudantes pensam em não estudar nas férias. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, sábado e domingo 2 e 3 de junho de 1979. Pág. 1.

Greve suspende festividades. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, sábado e domingo 2 e 3 de junho de 1979. Pág. 1.

‘Museu’ comemora 60 anos com alunos e professores. **Correio do Triângulo**. Uberlândia, sábado 17 de junho de 1989. Caderno Cidade/Polícia. p.5.

NACIF, Maurício. Lay-Out da página impressa. **Correio do Triângulo**. 03 de junho de 1989. Pág. 2.

Matrículas atraem quase cem pessoas ao ‘Museu’. **Correio do Triângulo**. Uberlândia 11 de dezembro de 1989.

Segismundo moradores pedem escola de 2º grau. **Correio do Triângulo**. Caderno Cidades. Uberlândia 02 de agosto de 1989.

Inscrições para bolsas de estudos na concha acústica. **Correio de Uberlândia**. 17 de janeiro de 1974.

Acertados os detalhes para a distribuição de bolsas. **Correio de Uberlândia**. 14 de novembro de 1979.

Ambas fazem parte do Arquivo Público Municipal de Uberlândia. O Prefeito não pensa em dar Bolsas de Estudos e Cleto Gomes arrasa com presidente da UESU. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 01 de novembro de 1984.

A escola particular nasceu. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia 07 de novembro de 1984. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

SILVA, José Henrique da. Escola Particular: um Direito da Família. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia 14 de novembro de 1984.

Informações: Empossada a Comunicação Municipal de Educação. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 26 de maio de 1984.

Jornal Participação (1984-1987) Órgão de comunicação da Gestão Zaire Resende.

Jornal Primeira Hora (1982-1988)

1-3 Correspondências enviadas à Câmara Municipal de Uberlândia

BUENO, Isabel. Diretora da Escola Joana D’Arc. **Correspondência enviada à Câmara Municipal de Uberlândia**. Uberlândia 15 de setembro de 1953. Fundo da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Arquivo público Municipal de Uberlândia. Diretora pede recursos à Câmara para escola Joana D’Arc.

SILVA, Antonieta. Chefe do Agrupamento de Inspetorias. **Correspondência enviada à Câmara Municipal de Uberlândia**. 4 de Abril de 1965. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Fundo da Câmara Municipal de Uberlândia.

Delegacia Regional de Ensino. Relação de Escolas de 1º grau e 2º grau na cidade de Uberlândia/MG. **Correspondência enviada a Câmara Municipal de Uberlândia**. Ano 1978. Fundo da Câmara Municipal de Uberlândia. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

MARRA, Eustáquio. **Associação do Bairro Presidente Roosevelt**. Correspondência enviada à Câmara Municipal de Uberlândia. 05 de janeiro de 1982. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Fundo da Câmara Municipal de Uberlândia. Série: Correspondências Recebidas.

RIZZOTTO, Lutero. **Associação do Bairro Santa Mônica**. Correspondência enviada à Câmara Municipal de Uberlândia. 27 de maio de 1985. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Fundo da Câmara Municipal de Uberlândia. Série: Correspondências Recebidas.

1.4 Atas da Câmara Municipal de Uberlândia

Câmara Municipal de Uberlândia. Ata de sessão ordinária realizada em 15 de outubro de 1984. Segunda-Feira. Página 11. Fundo da Câmara Municipal. Série: Atas. Subsérie: Atas da Câmara Municipal. N.º 120. Data: 01/1984 a 09/1984. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Vereador Dorivaldo Alves do Nascimento.

Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Quinta Sessão da Oitava Reunião Ordinária realizada em 19 de Outubro de 1984. Sexta-Feira. Página 7. Fundo da Câmara Municipal. Série: Atas. Subsérie: Atas da Câmara Municipal. N.º 120. Data: 01/1984 a 09/1984. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Estudante da Faculdade ABRASEC José Henrique.

Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da Primeira Sessão Ordinária realizada em 12 de novembro de 1984. Segunda-Feira. . Página 4. Fundo da Câmara Municipal. Série: Atas. Subsérie: Atas da Câmara Municipal. N.º 121. Data: 09/1984 a 12/1984

1.5- Folhetos

SILVA, Eurico. **Escorço Histórico do Colégio Estadual de Uberlândia**. Comemoração de 25 anos do Colégio. 1954. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Coleção Jerônimo Arantes. Pasta Educação.

MACHADO, Maria Clara; Ana Paula R. Macedo. **Patrimônio Cultural: que bicho é esse?** Prefeitura de Uberlândia – Secretaria Municipal de Cultura – Diretoria de Memória e Patrimônio Histórico. Edição Atualizada. 2010. p. 07. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Acervo: Biblioteca de Apoio.

1.6- Projeto Uberlândia: Texto e Contexto. Prefeitura Municipal de Uberlândia. 2000.

Osvaldo Vieira Gonçalves. Uberlândia, 25 de jan. de 1990. Entrevista concedida a Creuza Rezende, Luiz Cláudio Oliveira e Maria José Mamede. Essa entrevista foi realizada dentro do Projeto Depoimentos da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Esse projeto foi desenvolvido pela Secretaria Municipal de Uberlândia sendo realizados depoimentos de alguns moradores da cidade.

1.7 - Documentos Prefeitura Municipal de Uberlândia

Dossiê de Tombamento Escola Dr. Duarte Pimentel de Uchoa. 2006. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Biblioteca de Apoio do Arquivo Público Municipal. Pasta Bens Tombados.

Dossiê de Tombamento Escola Estadual de Uberlândia. 2005. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Biblioteca de Apoio do Arquivo Público Municipal. Pasta Bens Tombados

Regimento Escolar da Escola Estadual de Uberlândia conforme resolução 146/72 de 22-06-72 do Conselho Estadual de Educação e Determinações da Lei 5.692 de 11/08/72 que fixa a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Biblioteca de Apoio do Arquivo Público Municipal. Pasta Escolas

2- ACERVO DA ESCOLA ESTADUAL DE UBERLÂNDIA

Álbuns Fotográficos da:

-Inauguração das novas instalações com a reforma do prédio 1973. Acervo da Escola Estadual de Uberlândia.

-Festa de Comemoração de 50 anos da escola 1979. Acervo da Escola Estadual de Uberlândia.

-Festa de Comemoração de 60 anos da escola 1989. Acervo da Escola Estadual de Uberlândia

3- ACERVO DO NÚCLEO DE PESQUISAS E ESTUDO EM HISTÓRIA, TRABALHO E CIDADE - UFU

CIDADE de Uberlândia. Planta Geral. Produzido por Nicanor - Desenhos técnicos. Ano de 1981.

4-PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

CIDADE De Uberlândia. Mapa. Secretaria de Planejamento Urbano. Ano 2014. Uberlândia.Disponível:http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/12239.pdf

5 – ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

BRASIL. **Lei 5.692 11 de agosto de 1971**. Novas Diretrizes para a educação básica no país. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm

BRASIL. **Decreto 8.530 02 de janeiro de 1946**. Organiza a educação no país após o fim do Estado Novo. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del8530.htm

BRASIL. **Lei 4.024 de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4024.htm

INVENTÁRIO. **Escola Estadual de Uberlândia**. Prefeitura Municipal de Uberlândia http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/5525.pdf

https://pt.wikipedia.org/wiki/Gilmar_Machado. Acesso em 06 de janeiro de 2016.

<http://www.selmovasconcellos.com.br/colunas/entrevistas/helvio-lima-entrevista-no-451> Acesso em 19/11/2014.

6- PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE A ESCOLA ESTADUAL DE UBERLÂNDIA

GATTI, Giseli. **Tempo de Cidade, Lugar de Escola**: dimensões do ensino secundário no Ginásio Mineiro de Uberlândia (1929-1950). 286f. Tese de Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Uberlândia. 2010.

GATTI, Giseli C. do Valle e INÁCIO FILHO, Geraldo. Cidade urbanizada e o espaço escolar do Ginásio Mineiro de Uberlândia fins do século XIX e a primeira metade do século XX. **Cadernos de História da Educação**. (UFU, Impresso). V. 10, p. 93-121, 2011;
GATTI, Giseli C. do Valle; INÁCIO FILHO, Geraldo. As práticas escolares e a formação cívico-patriótica no Ginásio Mineiro de Uberlândia em Minas Gerais. Brasil (1920-1970). **História da Educação**. (UFPel), V. 14, p. 37-69, 2010.

GATTI, Giseli C. do Valle; INÁCIO FILHO, Geraldo; GATTI JÚNIOR, Décio. História de uma educação e sua cultura material: o Ginásio Mineiro de Uberlândia (1920-1960), **Educação e Filosofia** (UFU Impresso), V. 23, p. 119-144, 2009.

GATTI, Giseli Cristina do Valle; INÁCIO FILHO, Geraldo. História das Representações Sociais da Escola Estadual de Uberlândia (1929-1950) **Revista Educação e Filosofia**. 2004, Uberlândia, V. n.º 18, p.69-104.

GATTI, Giseli Cristina do Valle. A Escola Estadual de Uberlândia na Perspectivas das Representações Sociais (1929-1950). **Cadernos de História da Educação**. 2002. Uberlândia, UFU, V. 1 N.º1, 2002, p.55-58.

GATTI, Giseli Cristina do Valle. A Escola Estadual de Uberlândia: Histórico e Representações Sociais. **Revista de Educação Pública**. Cuiabá, Ed. UFMT, V. 10, N.º 17, 2001, p.141-151.

MACHADO, Flávia; GATTI JÚNIOR, Décio. A Escola Estadual de Uberlândia: anotações de pesquisa. **Cadernos de História da Educação**. Uberlândia, UFU, V.1, N.º 1, 2002, p.33-39.

BORGES, Vera Lúcia Abrão. Modernização e Democratização no Brasil: o caso da Escola Estadual de Uberlândia. **Cadernos de História da Educação**. Uberlândia, UFU, V. 1, N.º1, p. 121-126.

BORGES, Vera Lúcia Abrão. Modernização e Democratização no Brasil: o caso da Escola Estadual de Uberlândia. **Cadernos de História da Educação**. Uberlândia, UFU, V. 1, N.º1, p. 121-126

GHANTHOUS, Daniela Soraya Resende Araújo. **Gymnásio Mineiro de Uberlândia: Processo de Disciplinarização do Espaço Escolar (1937-1945)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia. 2006.

7- ENTREVISTAS ORAIS

7.1 Professores da Escola Estadual de Uberlândia

Ilza (não quis dizer seu sobrenome) 65 anos, professora aposentada. Trabalhou em várias escolas da cidade como professora de história e uma delas foi a Escola Estadual de Uberlândia. Trabalhou na escola aproximadamente entre os anos de 1976 a 1987. Entrevista realizada em dezembro de 2013.

Sônia Maria Guimarães de Oliveira, 70 anos, professora aposentada. Começou como professora na Escola Estadual de Uberlândia em 1963 e aposentou em 1987, lecionando aulas de português. Entrevista realizada em novembro de 2013.

Jerônima Menzes de Paula, 55 anos, professora aposentada. Trabalhou na Escola Estadual de Uberlândia dando aulas de história desde 1976, esteve em algumas outras escolas da cidade por poucos períodos. Aposentou-se em fevereiro de 2013. Entrevista realizada em outubro de 2013.

Eleusa Maria Bernardes, 50 anos, professora de história da Escola Estadual de Uberlândia, Trabalha na Escola Estadual de Uberlândia desde meados da década de 90. Entrevista realizada em março de 2013.

Sandoval Martins da Silva, 70 anos, professor aposentado de matemática. Aposentou como professor da Universidade Federal de Uberlândia em início da década de 90. Trabalhou na Escola Estadual de Uberlândia de 1970 a 1976. Foi aluno da escola durante o colegial e lecionou em outras escolas da cidade. Entrevista realizada em janeiro de 2014.

Maria Amélia de Castro Alves, 77 anos, professora aposentada de inglês. Começou a trabalhar na escola em 1964 e aposentou-se em 1987. Seu pai, Leônidas de Castro Alves, que faleceu em 1972, foi professor também na mesma escola. Entrevista realizada em novembro de 2013.

Carmem Lídia Junqueira, 50 anos, professora de português. Começou a trabalhar na escola em 1982, foi aluna na década de 70. Esteve no momento da entrevista como uma das vice-diretora. Entrevista realizada em dezembro de 2013.

Maura de Fátima Resende Siceroli, 78 anos, professora aposentada de matemática. Começou a trabalhar na escola em meados de 1978 aposentou em 1987. Entrevista realizada dia 24 de janeiro de 2014.

Marlene Dalti, 74 anos, professora aposentada de matemática. Foi professora do Colégio Estadual de Uberlândia de 1969 a 1978. Deixou a escola para dar aulas no curso de Matemática da Universidade Federal de Uberlândia. Aposentou no início da década de 90, quando voltou à rede pública estadual até aposentar-se em 1998.

7.2 - Professores de outras escolas

Adimair Guedes, 70 anos, professora de Ciências aposentada. Não foi professora da Escola Estadual de Uberlândia. Trabalhou de 1973 a 2002 na Escola Estadual Bueno Brandão. Entrevista realizada 20 de julho de 2015.

7.3 - Estudantes da Escola Estadual de Uberlândia

Rogério Raniedo Tibery, 54 anos, publicitário. Ex-aluno do antigo ginásio da Escola Estadual de Uberlândia durante o final da década de 60 e início de 70. É o organizador do evento das Janelas Encantadas que tem a escola como palco para as festividades natalinas, que vem acontecendo desde 2004. Entrevista realizada em janeiro de 2014.

Dalva Martins, 64 anos, costureira aposentada. Foi aluna do 1º grau da Escola Estadual de Uberlândia durante a década de 70. Entrevista realizada em junho de 2013.

Josefa Aparecida Alves, 49 anos, servidora pública municipal. Coursou o 2º grau na Escola Estadual de Uberlândia nos finais dos anos 80. Entrevista realizada em setembro de 2013.

Maria Angélica Pereira Mendes, 44 anos, servidora publica municipal. Coursou o antigo 1º e 2º grau na Escola Estadual de Uberlândia, durante os finais da década de 70 e início da década de 80. Entrevista realizada em janeiro de 2014.

Rosa Maria Souza, 70 anos, secretária aposentada. Estudou o ginásio na Escola Estadual de Uberlândia nos finais dos anos 50 até meados dos anos 60. Entrevista realizada em janeiro de 2014.

Durval Teixeira, 83 anos, advogado aposentado. Estudou na Escola Estadual de Uberlândia entre os anos de 1945 a 1948. Entrevista realizada em agosto de 2013.

Rogéria de Fátima Silva. Ex-estudante do Colégio Estadual de Uberlândia de 1971 a 1972. De 1972 a 1976 no Bueno Brandão. 1975, 1976 estudou no anexo Ângela Teixeira. E em

1977 voltou a fazer o terceiro colegial no Colégio Estadual de Uberlândia. Entrevista realizada dia 07 de abril de 2015.

Cleuza Martins da Silva. Bancária aposentada, 60 anos. Estudou no Colégio Estadual de Uberlândia de 1968 a 1975. Entrevista realizada 03 de abril de 2015.

7.4- Estudantes de outras escolas

Odival Ferreira, 64 anos jornalista aposentado. Não estudou na Escola Estadual de Uberlândia. Ele foi aluno do Grupo Escolar Bueno Brandão nos anos de 1962 e 1963, e outras instituições escolares privadas. Entrevista realizada em julho de 2013.

Zuleika Martins, 60 anos, vendedora aposentada. É irmã de Dona Dalva. Foi aluna do 1º grau da Escola Estadual Bueno Brandão durante a década de 70. Entrevista realizada em junho de 2013.

7.5 – Trabalhadores ou não da Escola Estadual de Uberlândia

Maria Antônia dos Santos, 60 anos, assistente de serviços gerais. Começou a trabalhar na Escola Estadual de Uberlândia no ano 2000. Entrevista realizada 30 de outubro de 2014.

Dona Terezinha, 83 anos, aposentada. Começou a trabalhar na Escola Estadual de Uberlândia em 1963 como auxiliar de serviços gerais e aposentou na década de 90. Entrevista realizada em setembro de 2011.

Sr. Antônio Alves de Oliveira. Trabalhador do setor do comércio. Entrevista realizada em 10 de outubro de 2015. Tem 67 anos e trabalha com vendas em um quiosque de mercadorias variadas na Praça Adolfo Fonseca, que fica em frente à Escola Estadual de Uberlândia, no bairro Fundinho.

Joaquim da Silva Andrade. Jornaleiro tem 64 anos e a sua banca de revista fica na Praça Adolfo Fonseca, que fica em frente a Escola Estadual de Uberlândia. Entrevista realizada dia 10 de outubro de 2015

Referências

ARANTES, Antonio Augusto Neto. **Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público**. São Paulo/Campinas-SP, Editora da Unicamp, Imprensa Oficial, 2000.

ARROYO, Miguel. **Imagens Quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. 8º Edição. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2014

BARBOSA, Marta Emília Jacinto. **Famintos do Ceará: imprensa e fotografia entre o final do século XIX e início do século XX**. Tese de Doutorado em História. Programa de Pós-Graduação em História. PUC-SP. São Paulo. 2004.

BENJAMIN, Walter. “O Conceito de História”: In: **Obras Escolhidas. Magia e Técnica Arte e Política**. São Paulo, Brasiliense, 14ª edição, 2011.

CALVO, Célia Rocha. **Muitas Memórias e Histórias de uma cidade: experiências e lembranças de viveres urbanos – 1938/1990**. 2001. São Paulo. PUC/SP.

CAMISASSA, Maria M. S.; PORTUGAL, Josélia; RODRIGUES, Gabriela; LEITE, Marcelo. **A opção Governamental em Minas Gerais por uma padronização dos edifícios escolares nos anos 1960-70**. X Seminário Docomomo Brasil. Arquitetura Moderna e Internacional: Conexões brutalistas. 1955-1975. Curitiba. 15-18 outubro 2013. PUCPR. Disponível em: http://www.docomomo.org.br/seminario%2010%20pdfs/CON_4_2.pdf. Acesso em 15 de abril de 2015.

CUNHA, Luiz Antônio; GÓES, Moacyr. **O golpe na educação**. Rio de Janeiro. Ed. Zahar. 1985.

CHALHOUB, Sidney. **Visões de Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte**. São Paulo; Companhia das Letras, 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania Cultural: o Direito à Cultura**. 1º Ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

_____. **Simulacro e o Poder**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2010.

_____. O Discurso Competente. In: _____. **Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas**. 13 ed. Editora Cortez. São Paulo. 2011.

_____. Cultura do Povo e autoritarismo das elites. In: _____. **Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas**. 13 ed. Editora Cortez. São Paulo. 2011.

_____. Considerações sobre o nacional-popular. In: _____. **Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas**. 13 ed. Editora Cortez. São Paulo. 2011.

_____. **Brasil: o mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Ed. Perseu Abramo. 2007.

CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa.** In: Projeto História. São Paulo. PUC/SP. N.º 35. Dez. 2007.

_____. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana.** São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial – SP, 2000.

DUBET, François. O que é uma escola justa? In: **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo. V. 34. Número 123. p. 539-555. Set/dez. 2004.

_____. Escola e Exclusão. In: **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo. n.º 119. jul/2003. p. 29-45.

ENGUITA, Mariano Fernandez. **A Face Oculta da Escola: Educação e Trabalho no capitalismo.** Porto Alegre: Artes Médicas. 1989

FENELON, Déa; MACIEL, Laura A.; ALMEIDA, Paulo R.; KHOURY, Yara A. (orgs.) **Muitas Memórias e outras histórias.** São Paulo: Olho d' água, 2004.

_____. Introdução. In: **Cidades.** Pesquisa em História. Programa de Estudos Pós-Graduados em História PUC-SP. São Paulo. Olho d' água. 2000.

_____. “O historiador e a cultura popular: história de classe ou história de um povo?” In: **História & Perspectiva.** Universidade Federal de Uberlândia, n.º6, 1992.

FERREIRA, Valéria Milena Rohrich. **Tecendo uma cidade modelar: relações entre currículo, educação escolar e projeto da cidade de Curitiba na década de 1990.** Tese de Doutorado em Educação. PUC/SP. São Paulo. 2008.

FERREIRA, Jorge; Delgado, Lucilia de Almeida Neves (orgs.) **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX.** 2º Ed. Vol.4. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 2007. Coleção Brasil Republicano

FERNANDES, Andréa da Paixão. **Memórias e Representações Sociais de Jovens e Adultos: lembranças resignificadas da escola da infância e expectativas de retorno à escola.** Tese de Doutorado em Educação. Faculdade de Educação. UNICAMP. 2012. Campinas.

FRAGO, Antônio Vinão; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa.** 2ª Edição. Rio de Janeiro. Editora DP&A, 2001.

FREITAS, Sheille Soares. **Por falar em culturas...: histórias que marcam a cidade.** Uberlândia-MG. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2009. 290f.

FONSECA, Selva G. **Didática e Prática de Ensino em História.** São Paulo: Papirus, 2003.

_____. **Ser professor:** história oral de vida, Campinas, SP. Papirus, 1997. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

GENTILI, Pablo. Direito à educação e as Dinâmicas de exclusão na América Latina. **Revista Educação e Sociedade**. Vol.30, n. 109, p.1059-1079, set/dez. 2009.

GIGANTE, Moacir. Reformas Curriculares do Ensino de História no Estado de São Paulo: da resistência à Ditadura do refluxo conservador. In: **Educação:** Teoria e Prática, UNESP-SP, Rio Claro-SP, V. 5, n.º 8 e9, p.34-41, 1997

GERMANO, José Willington. **O Estado Militar e Educação no Brasil (1964-1985)**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GOFF, Jacques Le. Memória. In: **História e Memória**. 5ª Edição. Editora UNICAMP. Campinas-SP. 2005

GOULART, Maurício Guimarães. **Apenas uma fotografia na parede:** caminhos de preservação em Uberlândia. Universidade de Brasília. 2006. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

GRAMSCI, Antônio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1979.

HALBWACHS, Maurice. Memória Coletiva e Memória individual; Memória e Memória Histórica In: **A Memória Coletiva**. Editora Vértice; Revista dos Tribunais. São Paulo. 1990.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do Popular. In: **Da Diáspora:** Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. Significação, representação, ideologia: Althusser e os debates pós-estruturalistas. In: **Da Diáspora:** Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HOBBSBAWM, Eric. O Sentido do Passado. In: **Sobre a História**. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 1998.

_____. O Fazer-se da Classe Operária 1870-1914. In:_____. **Mundos do Trabalho:** Novos Estudos sobre História Operária. 3º Ed. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra. Coleção Oficinas da História. 2000.

_____. História operária e ideologia. In:_____. **Mundos do Trabalho:** Novos Estudos sobre História Operária. 3º Ed. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra. Coleção Oficinas da História. 2000.

_____. Notas sobre a consciência de classe. In: _____. **Mundos do Trabalho: Novos Estudos sobre História Operária**. 3º Ed. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra. Coleção Oficinas da História. 2000.

HOGGART, Richard. **As utilizações da Cultura 1**: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. 1957. Lisboa; Editorial Presença.

IGNATIEFF, Michael. Instituições Totais e Classes trabalhadoras: um balanço crítico. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. Vol. 7. N.º 14. p. 185-193. mar/ago. 1987.

KUENZER, Acacia Zeneida. As políticas de formação: A constituição da identidade do *professor sobrando*. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas-SP, Ano XX, n.º 68. 1999.p.163-183.

KOSSOY, Boris. Iconologia: caminhos de investigação. In: **História e Fotografia**. 2 ed.. São Paulo. Ateliê Editorial, 2001.

LANGARO, Jinai Fernando. **Quando o futuro é inscrito no passado: “Colonização” e “pioneirismo” nas memórias públicas de Toledo-PR (1950-2010)**. Tese de Doutorado em História. Programa de Pós-Graduação em História. PUC-SP. São Paulo. 2012. 472f.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. **História e Memória**. 5º ed. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2003.

_____. Memória. In: _____. **História e Memória**. 5º ed. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2003.

LEITE, Mirian Moreira. **Retratos de Família**: leitura fotografia histórica. 3 ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2001

LEFEBVRE, Henry. **O Direito à cidade**. Ed. Moraes Ltda. São Paulo, 1991.

LIMA, Soene Ozana de. **Visões e Concepções sobre Patrimônio Histórico em Uberlândia (1950-1988)**. Dissertação de Mestrado. 2007. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia

LUCKESI, Cipriano C. **Filosofia da Educação**. Editora Cortez. São Paulo. 2004. Coleção Magistério 2º grau. Série Formação do Professor

MACIEL, Laura A; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara A. **Outras Histórias**: memórias e linguagens. Ed. Olho d'água. São Paulo. 2006

MARTINS, Humberto Eduardo de Paula. **A forma da expansão urbana numa cidade de porte médio**: a evolução de Uberlândia-MG. PUC-Campinas. Anais V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo: Cidades em confronto. Vol. 5. N.º 5 (1998). Acesso em 06/04/2014 <http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/677>.

MENDONÇA, Sônia Regina de. **Estado e Economia no Brasil**: opções de desenvolvimento. Rio de Janeiro 3ª Edição. Editora Graal. 1986.

MORRETI, Rodrigo Camargo. **Fundinho, um novo antigo bairro**: sobre patrimônio e memória. Programa de Pós-Graduação em História. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Uberlândia. 2009.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo. N.º 10. Dez. 1993. p.7-29.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista o ornitorrinco**. Biomtempo Editorial. São Paulo. 3ª edição 2011.

PAOLI, Maria Célia. Memória, História e Cidadania. In: SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. **O Direito à Memória**. São Paulo, 1992.p. 25-28.

PAIM, Elison Antônio. **Memórias e Experiências do fazer-se professor**. Tese de Doutorado em Educação. Faculdade de Educação. UNICAMP. 2005. Campinas-SP.

PESSANHA, Eurize Caldas; ARRUDA, Ângelo M. V. A Arquitetura Escolar de 'Escolas Exemplares' em quatro cidades brasileiras: expressão de projeto de modernização e escolarização de 1880 a 1954. In: **Cadernos de História da Educação**. n.º 7. UFU. jan/dez. 2008. p. 59-71.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. Vol. 2. N.º 3. 1989. P. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. Tentando apreender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Projeto História**. São Paulo (15), abr. 1997. PUC-SP. São Paulo. Pág.13-33.

_____. História Oral e Memórias. Entrevista com Alessandro Portelli. In: **História e Perspectivas**. Uberlândia. N.º25 e 26 jul./dez. 2001/jan./jun. 2002. Universidade Federal de Uberlândia.

_____. Forma e Significado na História Oral: A pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História**. PUC-SP. N.º 14. Fevereiro, 1997. 7-24.

_____. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: **Usos e Abusos da História Oral**. Marieta de Moraes Ferreira e Janaina Amado (orgs.). 5ª Edição. Fundação Getúlio Vargas Editora. 2002. Rio de Janeiro. p.100-130.

_____. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**. São Paulo. PUC-SP, n.º 14. p. 25-39, fev. 1997.

_____. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. **Projeto História**. São Paulo, PUC-SP, n.º 10, p. 41-58, dez. 1993.

RAMA, Angel. **A Cidade das Letras**. São Paulo. Brasiliense. 1985.

ROCHA, Angélica Martins Pinho. **Grupo Escolar Prof.^a Alice Paes**: Trajetória dos egressos e currículo escolar (Uberlândia 1965-1971). Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2012.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil** (1930/1973). 40ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes. 2014

SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. **Pátria Amada Esquartejada**. Coordenação Júlio Assis Simões e Laura Antunes Maciel – São Paulo: DPH, 1992.

SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. **O Direito à Memória**. São Paulo, 1992.

SANTOS, Carlos J. Ferreira. **Nem tudo era italiano**: São Paulo e Pobreza (1890-1915). 3ª Edição. Ed. Annablume/Fapesp. 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: pensamento único à consciência universal. 20ª Ed. Record, Rio de Janeiro. 2011.

SARLO, Beatriz. **Cenas da Vida pós-moderna**: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. Tradução Sérgio Alcides. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

_____. Cabezas Rapadas y Cintas Argentinas. In: **La Máquina Cultural**: maestras, Traductores y vanguardistas. 3ª Edição. Editora Seix Barral. Buenos Aires. 2007.

_____. **Tempo Presente**: Notas sobre a mudança de uma cultura. Rio de Janeiro; Editora José Olímpio, 2005.

_____. Tempo Passado. In: **Tempo Passado**: cultura da memória e a guinada subjetiva. São Paulo; Companhia das Letras; Belo Horizonte; UFMG. 2007. p. 9-22.

_____. A História contra o esquecimento. In: **Paisagens Imaginárias**: intelectuais, arte e meios de comunicação. 1ª Ed. São Paulo; Ed. USP, 2005. (Ensaio Latino Americano).

_____. Um olhar político. In: **Paisagens Imaginárias**: intelectuais, arte e meios de comunicação. 1ª Ed. São Paulo; Ed. USP, 2005. (Ensaio Latino Americano).

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. 11ª Ed. ver. Campinas-SP; Autores Associados, 2013.

_____. **Escola e Democracia:** teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 31ª Ed. Campinas-SP. Autores Associados.1997

SEIXAS, Jacy Alves. Halbwachs e a memória – reconstrução do passado – memória coletiva e História. In: **História**. São Paulo, n.º 20: 93-108, ano 2001.

SILVA, Idalice Ribeiro. **“Flores do Mal” na Cidade-Jardim:** comunismo e anticomunismo em Uberlândia (1945-1954). Dissertação de Mestrado em História. 2000. Campinas. Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP. 445f

SILVA, Marco A. A cidade e seus patrimônios: texto, imagens e sons. **Projeto História**. São Paulo. n.º 13, jun. 1996. p.71-90.

_____. O trabalho da linguagem. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo. ANPUH, v.6, n.º 11, p.45-61, set. 1985/ fev. 1986.

SILVA, Janaína Ferreira. **‘Estamos transportando vidas!’:** trajetórias e experiências de motoristas e cobradores do transporte coletivo urbano de Uberlândia-MG. Programa de Pós-Graduação em História. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. 2008. Uberlândia.

SOUZA, Luciene Maria. **Entre o ideal e o real: a construção do pensamento empresarial uberlandense e seus projetos educacionais para a formação dos trabalhadores.** Tese de Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2012. 224 f.

SOBRINHO, Vicente Batista Moura. **A Massificação do ensino em Uberlândia-MG:** a fala da imprensa 1940-1960. 2002. Dissertação de Mestrado em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

TELLES, Vera da Silva. Direitos Sociais: afinal do que se trata? In: **Direitos Sociais:** Afinal do que se trata? Editora UFMG. Belo Horizonte. 1999.

TEIXEIRA, Anísio. A educação que nos convém. In: **A educação e a crise brasileira.** Apresentação de marcos César de Freitas e prefácio de Alberto Venâncio Filho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. (col. Anísio Teixeira; v. 5) p. 203 a 224.

_____. A escola secundária em transformação. In: **A educação e a crise brasileira.** Apresentação de marcos César de Freitas e prefácio de Alberto Venâncio Filho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. (col. Anísio Teixeira; v. 5) p. 141 a 162.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa: A árvore da liberdade. V.1.** Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra. 4º ed. 1987.

_____. **A Formação da Classe Operária Inglesa: A maldição de Adão. V. 2.** Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra. 4º Ed. 1987.

_____. **A Miséria da Teoria:** ou um planetário de erros. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1981.

_____. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** Antonio Luigi e Sergio Silva (orgs.). Campinas-SP, Ed. da Unicamp, 2001.

_____. Educação e Experiência. In:_____. **Os Românticos:** A Inglaterra na era revolucionária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 12-47.

_____. **Costumes em Comum:** estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo. Cia das Letras, 1998.

_____. **Senhores e Caçadores:** a origem da lei negra. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1987.

THOMSON, Alistair. Recompondo a memória: Questões sobre a História Oral e as Memórias. **Projeto História.** São Paulo. N.º 15. Abr. 1997.

VIEIRA, Maria do Pilar A.; PEIXOTO, Maria do Rosário da C.; KHOURY, Yara Maria A. **A Pesquisa em História.** 5º ed. São Paulo: Ática. 2007.

WILLIAMS, Raymond. Cultura. In:_____. **Marxismo e Literatura.** ZAHAR Editores. Rio de Janeiro. 1989.

_____. Tradições, Instituições e Formações. In:_____. **Marxismo e Literatura.** Rio de Janeiro: Zahar. 1977.

_____. Hegemonia. In: _____. **Marxismo e Literatura.** Rio de Janeiro: Zahar. 1977.

_____. Dominante, residual e emergente. In:_____. **Marxismo e Literatura.** Rio de Janeiro: Zahar. 1977.

_____. **Campo e Cidade:** na história e na literatura. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

_____. Base e Superestrutura. In:_____. **Cultura e Materialismo.** Tradução André Glaser. 2011. São Paulo; Editora Unesp.

_____. Meios de comunicação como meios de produção. In:_____. **Cultura e Materialismo.** Tradução André Glaser. 2011. São Paulo; Editora Unesp.

YOUNG, Michel. Para que servem as escolas? In: **Revista Educação e Sociedade.** Vol. 28, n.º 101, Campinas/SP. p.1287-1302, set.dez 2007.